



PLACAR

N.º 1060 JUNHO/1991 Cr\$ 900,00

GIL, VERÍSSIMO,
RUI CASTRO, JOELMIR
BETTING, BUSSUNDA
E OUTROS TORCEDORES
FAMOSOS CONTAM O
JOGO DE SUAS VIDAS



OS GRANDES CLÁSSICOS DO BRASIL



HISTÓRIAS E NÚMEROS DOS
MAIORES DUELOS DO PAÍS

Se você procura nas horas mais íntimas...



...um lugar onde o prazer,
a sensualidade e o luxo
fazem parte do ambiente,
você precisa conhecer
a novíssima suíte triplex
Vegas Imperial, muito
conforto e sofisticação.
Almoço executivo.



*Vegas
Motel*

AV. NAÇÕES UNIDAS, 16.091 - TEL.: (011) 522-9222 - SÃO PAULO - SP

Aceitamos cartão de crédito



Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretor-Presidente: Roberto Civita

Diretores: Angelo Rossi,
Edgard de Sílvia Faria, Ika Zarnati,
João Augusto Pinto Moreira, Luiz Fernando Furquim,
Plácido Loriggio, Raymond Cohen,
Roger Karmen, Thomaz Souto Corrêa

DIVISÃO REVISTAS

Diretor: Thomaz Souto Corrêa

Diretores de Área: Carlos Roberto Berlinck,
Júlio Bartolo, Miguel Sanches, Oswaldo de Almeida,
Ricardo Vieira de Moraes, Roberto Dimbério

PLACAR

Diretor-Gerente: Vanderlei Bueno

Diretor Editorial: Juca Kfourí
Diretor de Arte: Carlos Grassetti

REDAÇÃO

Redator-Chefe: Álvaro Almeida
Editor: Celso Unzelte

Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres

Repórter: Paulo Coelho

Editor de Arte: Afonso Grandjean, Walter Mazuchelli (colaboradores)

Diagramadoras: André Luiz Pereira da Silva e Mônica Ribeiro (colaboradores)

Assistente de Produção: Sebastião Silva e Wander Roberto de Oliveira

SERVIÇOS EDITORIAIS

Abel Press - Gerente: Judith Baroni

Escritório Nova York: Dorrit Harazin (gerente), Frances Furness (assistente)

Escritório Paris: Pedro de Souza (gerente), Álvaro Teixeira (assistente)

Buenos Aires: Odilio Licetti (correspondente)

Departamento de Documentação - Gerente: Susane Camargo

Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli

Automação Editorial - Gerente: Cícero Brandão

PUBLICIDADE

Diretor: Meyer Alberto Cohen

Assessor: Moacyr Guimarães

Gerentes: Adilson Colucci, Dario Castilho, Pedro Bonaldi, Roberto Nascimento (SP); Aidano Alves (RJ)

Representantes: Adriana Sandoval, Aldo S. Falco, Antonio Carlos Perreto, João Marcos Ali, Liliane Schwab, Luciana Hollo, Luiz Alberto Diegues, Luiz Marcos Perazza, Luiza Pantalea, Marcia Regina da Silva, Olavo Ferreira, Paulo Wenzel Lages, Renato Bertoni, Ronaldo Lipparelli, Selma Ferrez Souto, Sergio Rodrigues (SP), Andrea Veiga, Maria Luciene Lima (RJ)

Serviço de Marketing Publicitário - Supervisora: Marta de Moraes

Diretores Regionais: Angelo A. Costi (Região Centro); Elcenne Engel (Região Sul); Geraldo Nilton de Azevedo (Região Nordeste)

Escritórios Regionais: Verone Lopes Cançado (Belo Horizonte); Rogério Ponca de Leão (Brasília); Abel Augusto (Campinas); Lúcia Mazer (Curitiba); A. Simone R. Souto (Fortaleza); Rosângela Isoppo da Cunha (Porto Alegre); Silvano Provazz (Rio de Janeiro); Alfredo Guimarães Motta Netto (Salvador); Mauro Marchi (Santa Catarina)

Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermídia (Ribeirão Preto); Luz Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Vallemidia - Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO); Vitória Mídia (ES)

PLANEJAMENTO E MARKETING

Gerente de Planejamento e Controle: Carlos Hercúlio Avila

Gerente de Produto: Raynaldo Mina

ASSINATURAS

Diretor de Operações: Ignácio Santin

Diretora de Serviços ao Assinante: Rugânia Maria Pomi

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Torres

Diretor Responsável: Osvaldo Franco Domingues Jr.

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Valha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todas as direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. Serviço ao Assinante: (011) 623-6222

ANER

IMPR. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

PLACAR

A HORA DO TORCEDOR

Que paixão poderia unir Joelmir Betting, Luis Fernando Veríssimo, Ruy Castro, Gilberto Gil, Fernando Vannucci, Armando Nogueira, Éder Jofre e outras 25 personalidades de profissões e interesses tão diversos? O futebol, é claro. Mas os olhos destes torcedores ilustres brilham mesmo diante de um grande clássico, quando os rivais se vêm frente a frente e a vitória ou a derrota carregam, na certa, a euforia ou a depressão do dia seguinte. Este PLACAR reúne textos inéditos de jornalistas, músicos, escritores, que contam detalhes de clássicos inesquecíveis. Além de um levantamento de todos os resultados dos principais duelos do Brasil. No maior deles, o Fla-Flu, prestamos uma homenagem ao rubro-negro Mário Filho e ao tricolor Nelson Rodrigues. Suas crônicas deram a verdadeira dimensão para Flamengo x Fluminense. Divirta-se, torcedor, você se identificará com cada página desta edição.

ÁLVARO ALMEIDA



Rivais em campo: torcida em suspense

SUMÁRIO

Flamengo x Fluminense	4	Botafogo x Fluminense	40
Mário Filho, 6		Fernando Vannucci, 42	
Nelson Rodrigues, 7		Ronaldo Bôscoli, 43	
Corinthians x Palmeiras	8	Palmeiras x São Paulo	44
Lourenço Diaféria, 10		Giovanni Bruno, 46	
Joelmir Betting, 11		Neil Ferreira, 47	
Grêmio x Internacional	12	Botafogo x Flamengo	50
Paulo Sant'Ana, 14		Armando Nogueira, 52	
Luis Fernando Veríssimo, 15		Bussunda, 53	
Botafogo x Vasco	16	Corinthians x São Paulo	54
Régis Cardoso, 18		Gianfrancesco Guarnieri, 56	
Sérgio Cabral, 19		Éder Jofre, 57	
Santos x São Paulo	20	Atlético x Coritiba	58
Tonico Duarte, 22		Carlos Maranhão, 60	
Alexandre Machado, 23		Jairo Régis, 61	
Atlético x Cruzeiro	24	Fluminense x Vasco	62
Roberto Drummond, 26		João Máximo, 64	
Raul Plassmann, 27		Moacir Japiassu, 65	
Flamengo x Vasco	28	Palmeiras x Santos	66
Ruy Castro, 30		Roberto Avallone, 68	
Aldir Blanc, 31		Milton Neves, 69	
Corinthians x Santos	32	Os Jogoões	72
Juca Kfourí, 34		Bola de Prata	76
Plínio Marcos, 35		Tabela	77
Bahia x Vitória	36	Cartas	82
Gilberto Gil, 38			
João Ubaldo Ribeiro, 39			

A festa de cores em que o Maracanã se transforma a cada Flo-Fiu já bastaria para coroar-lo o rei dos clássicos do Brasil. Esta briga, porém, vem de antes, desde os tempos das regatas



DÀ-LHÉ, MENGÀOI

DA-LHE, MENGÃO!
Diante de um Maracanã lotado, o Flamengo conquista o Carioca de 1963: o rubro-negro Evaristo vence o tricolor Castilho



TOMA LÁ, DÁ CÁ

TOMA LÁ, DÁ CÁ
O Flamengo de Paulo César leva a melhor em 1972; o tricolor de Rivelino dá o troco no ano seguinte

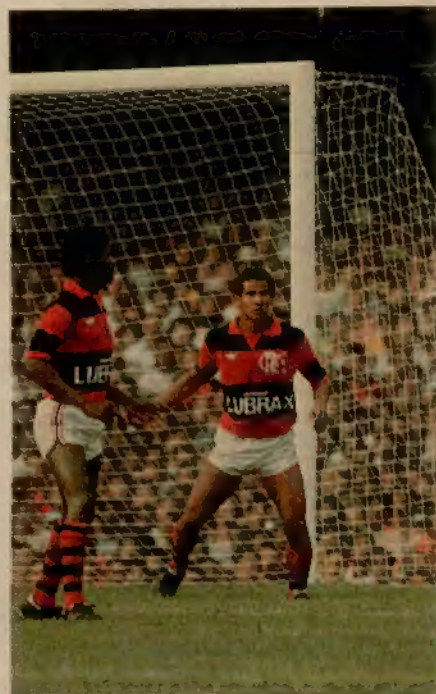


O MAIOR DE TODOS OS JOGOS

Flamengo e Fluminense ainda nem resolviam suas diferenças dentro de campo e já eram rivais. É que na virada do século as belas moças da sociedade carioca dividiam sua atenção entre os rapazes do futebol tricolor e os do remo rubro-negro. Ressentimentos também mortais alimentavam os nove jogadores do Fluminense que foram buscar abrigo no Flamengo e formar a base de seu primeiro time, em 1911. Tanto rancor só poderia transformar o Fla-Flu no mais importante clássico do Brasil.

Na primeira partida, no ano seguinte, os dois remanescentes do time titular tricolor garantiram a

sua vitória de 3 x 2. Desde então, Flamengo e Fluminense dominaram o futebol carioca. A partir de 1922, outros times — América, Vasco, Botafogo e até São Cristóvão — voltaram a conquistar títulos, mas a rivalidade se manteve e aumentou até o tricampeonato tricolor (1936/37/38), onde brilhavam Romeu, Tim e Hércules. Eles também estavam presentes em 1941 no memorável Fla-Flu da Lagoa. O Fluminense jogava pelo empate, tinha um time pior e o goleiro Batatais havia quebrado a clavícula. Para manter o 2 x 2, o time passou a chutar bolas para a Lagoa Rodrigo de Freitas por sobre o muro da Gávea. Ao longo da história, grandes craques desfilaram de lado a lado: Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Tim, Zizinho, Dida, Rivelino, Zico... Todos tiveram a honra de disputar o clássico que o jornalista Mário Filho imortalizou ao batizar de Fla-Flu.



TRÊS VEZES FLU
Embalado por Assis (foto) e Washington...



TETRA, NEM PENSAR
Zico barra a sequência de títulos em 1986



... o Flu bate o rival no Campeonato Carioca

NO RETROSPECTO, FLA VENCEU MAIS

FLA X FLU	FLA X FLU
07/07/12	2 x 3
27/10/12	4 x 0
03/08/13	6 x 3
09/11/13	3 x 0
11/06/14	2 x 0
26/07/14	3 x 2
15/11/14	2 x 1
09/05/15	5 x 0
22/08/15	1 x 1
13/05/16	4 x 1
30/07/16	2 x 2
15/08/16	0 x 0
08/10/16	1 x 3
27/05/17	0 x 2
15/11/17	3 x 3
23/12/17	2 x 2
23/06/18	0 x 3
06/10/18	2 x 2
24/08/19	1 x 3
21/12/19	0 x 4
23/05/20	2 x 1
19/12/20	2 x 2
09/05/21	4 x 3
07/08/21	1 x 1
13/05/22	0 x 1
25/06/22	1 x 1
13/05/23	1 x 1
14/07/23	2 x 2
15/06/24	1 x 1
21/09/24	4 x 2
14/06/25	1 x 3
08/11/25	1 x 1
20/06/26	1 x 1
19/09/26	2 x 0
12/06/27	1 x 0
21/08/27	1 x 1
27/05/28	1 x 4
23/09/28	3 x 2
09/06/29	0 x 1
06/10/29	0 x 1
01/06/30	0 x 1
23/11/30	0 x 2
27/09/31	1 x 2
20/12/31	1 x 0
03/07/32	4 x 0
02/10/32	1 x 1
01/06/33	2 x 1
10/06/33	3 x 1
17/09/33	0 x 2
08/04/34	3 x 1
10/06/34	2 x 2
13/06/34	2 x 3
26/08/34	0 x 2
23/09/34	2 x 0
21/10/34	2 x 1
10/02/35	2 x 1
23/06/35	0 x 0
21/07/35	2 x 2
01/09/35	1 x 3
13/10/35	1 x 2
15/11/35	1 x 2
22/05/36	2 x 2
16/08/36	2 x 2
13/09/36	1 x 1
20/09/36	1 x 0
11/10/36	2 x 0
28/10/36	1 x 2
22/11/36	1 x 1
20/12/36	2 x 2
23/12/36	1 x 4
27/12/36	1 x 1
27/06/37	3 x 4
27/07/37	1 x 4
27/11/37	0 x 1
26/01/38	1 x 1
08/05/38	0 x 1
10/07/38	0 x 3
11/09/38	0 x 2
20/11/38	5 x 2
14/05/39	2 x 2
06/08/39	2 x 1
05/11/39	2 x 1
02/06/40	2 x 1
03/08/40	1 x 2
30/10/40	2 x 1
23/01/41	2 x 3
20/04/41	1 x 1
25/05/41	3 x 1
27/07/41	4 x 1

FLA X FLU	FLA X FLU
19/10/41	2 x 1
23/11/41	2 x 2
12/03/42	0 x 0
07/06/42	1 x 2
09/08/42	1 x 0
11/10/42	1 x 1
15/11/42	1 x 1
24/03/43	1 x 5
04/04/43	1 x 0
08/05/43	1 x 3
11/07/43	2 x 0
12/09/43	2 x 2
12/03/44	3 x 1
17/06/44	0 x 1
20/08/44	0 x 0
22/10/44	6 x 1
11/04/45	0 x 4
11/05/45	7 x 0
09/09/45	2 x 1
11/11/45	1 x 1
17/03/46	2 x 3
15/06/46	1 x 3
01/09/46	5 x 2
10/11/46	2 x 5
16/11/46	1 x 1
07/12/46	1 x 4
01/06/47	2 x 1
13/07/47	1 x 1
21/09/47	3 x 3
07/12/47	1 x 1
23/05/48	1 x 1
29/08/48	1 x 1
27/11/48	2 x 1
06/01/49	2 x 5
08/01/49	5 x 0
05/05/49	1 x 1
18/05/49	3 x 0
11/09/49	1 x 2
04/11/49	1 x 1
24/01/50	2 x 1
23/10/50	1 x 2
13/01/51	5 x 2
14/10/51	0 x 1
25/11/51	0 x 1
19/03/52	2 x 3
05/10/52	3 x 0
17/01/53	1 x 1
20/01/53	3 x 1
16/08/53	2 x 3
06/12/53	2 x 1
22/12/53	2 x 1
23/06/54	0 x 1
24/10/54	0 x 0
18/12/54	0 x 3
30/01/55	3 x 3
14/04/55	1 x 3
11/09/55	1 x 2
18/12/55	6 x 1
29/02/56	2 x 3
16/09/56	1 x 0
09/12/56	1 x 0
01/05/57	4 x 1
16/05/57	1 x 2
08/09/57	1 x 3
08/12/57	1 x 2
27/03/58	1 x 0
28/09/58	2 x 1
03/11/58	1 x 1
23/04/59	2 x 0
23/08/59	0 x 0
22/11/59	0 x 2
06/04/60	2 x 1
11/09/60	1 x 1
20/11/60	3 x 1



Zinho e Renato, numa das guerras no Maracanã

FLA X FLU	FLA X FLU
16/03/61	0 x 2
20/08/61	3 x 4
01/10/61	0 x 0
02/12/61	4 x 1
15/02/62	1 x 0
29/07/62	1 x 0
28/10/62	1 x 0
14/03/63	2 x 0
22/09/63	0 x 0
15/12/63	0 x 0
22/04/64	1 x 1
02/08/64	0 x 1
18/10/64	3 x 3
17/03/65	1 x 0
29/04/65	0 x 0
08/08/65	0 x 0
23/10/65	0 x 0
12/12/65	2 x 1
20/03/66	4 x 1
12/06/66	3 x 2
26/06/66	2 x 2
07/09/66	1 x 3
23/10/66	2 x 0
27/11/66	1 x 1
13/05/67	1 x 1
04/08/67	2 x 1
29/10/67	3 x 1
16/12/67	4 x 1
20/04/68	4 x 2
05/05/68	1 x 0
11/08/68	2 x 1
13/10/68	0 x 1
01/05/69	0 x 0
14/09/69	2 x 3
27/07/69	2 x 1
10/08/69	0 x 0
28/09/69	1 x 4
19/04/70	1 x 0
31/05/70	1 x 1
02/08/70	0 x 2
06/09/70	0 x 2
22/11/70	1 x 1
04/04/71	0 x 0
15/05/71	1 x 1
20/06/71	0 x 2
01/08/71	1 x 3
10/10/71	0 x 1
28/11/71	0 x 0
12/12/71	1 x 4
23/04/72	5 x 2
03/07/72	0 x 1
27/08/72	0 x 0
07/09/72	2 x 1
29/10/72	0 x 1
01/05/73	2 x 1
15/07/73	0 x 0

RETROSPECTO

289 jogos
106 vitórias do Flamengo
89 vitórias do Fluminense
94 empates
424 gols do Flamengo
369 gols do Fluminense

O Fla-Flu da Lagoa

Trecho da crônica de Mário Filho, extroído do livro *Fla-Flu*... *E as Multidões Despertaram*, coletânea organizada por Oscar Maron Filho e Renato Ferreira

...Quando o Flamengo marcou o segundo gol, antes mesmo que o garoto do placar colocasse o dois ao lado do nome Flamengo, a gente olhou para o relógio: faltavam seis minutos. Começou uma voz gritando faltam seis minutos e aí o Flamengo foi para cima do Fluminense. Para o Fluminense bastava o empate, para o Flamengo era preciso a vitória. O Flamengo atacava, o Fluminense jogava a bola na Lagoa. Não se tratava do recurso da bola fora. Bola fora não adiantava ao Fluminense. Noutro campo, a história desse Fla-Flu seria diferente. Bola fora volta logo, na Lagoa demorava. E o Flamengo jogou n'água guarnições incircas de remo para apanhar a bola na Lagoa. Parecia que essas guarnições disputavam um campeonato de remo. Apanhavam a bola, mandavam-na de novo para o campo e ficavam n'água, os remos suspensos, os músculos retesados, prontos para quarenta remadas por minuto. Que outra

bola havia de vir, e rápida. Enquanto o Fluminense pudesse jogar bolas na Lagoa não faria outra coisa.

Era ainda no tempo do cronometrista. O juiz não mandava no tempo, quem mandava era o cronometrista. E lá estava o cronometrista. A bola caía na Lagoa. O cronometrista travava o cronômetro. E o tempo parava. O Flamengo queria que o cronômetro parasse, o Fluminense queria que corresse. Eram duas concepções de tempo que se chocavam, irreconciliáveis. Não é possível, o cronômetro não anda. E andava, bem que andava. Para o Flamengo, corria. A angústia fazia com que para o Fluminense o tempo parasse; e corresse, descombestado, para o Flamengo. Nem o Fluminense compreendia que ele custasse tanto a passar nem o Flamengo que ele corresse tanto. Então foi um homem do Fluminense para junto do cronometrista, acompanhado logo por outro do Flamengo. E o cronômetro parava e o cronômetro andava.

Com um pouco a gente olhava para o relógio e não entendia mais nada.

Só se sabia de uma coisa: que quando o Flamengo empatou faltavam seis minutos. E agora? Agora ninguém sabia. O Flamengo mandava buscar todas as bolas que tinha. Eram bolas de treino, pesadas, duras, enchidas a pressa, estourando de ar. Caía uma bola na Lagoa e as bolas do Flamengo eram chutadas para campo. Lembro-me que Batatais, uma vez, fez cera escolhendo uma entre as muitas bolas do Flamengo. Apertava uma, não servia, batia com outra no chão, não servia, como que pesava outra numa mão estendida feito prato de balança, não servia. E lá vinha o Flamengo para cima do juiz que era Juca da Praia. Seu Juca, olha a cera. Na mesa do cronometrista, o homem do Fluminense exigia aos berros que o cronômetro andasse. Finalmente Batatais escolhia uma bola, ajeitava para Renganeschi, Renganeschi enchia o pé, bola na Lagoa...



Mário Filho foi o principal cronista esportivo da sua época. Morreu em 1966, aos 58 anos, e era declaradamente rubro-negro. Deu seu nome ao Estádio da Maracanã.



SOFRIMENTO NA GÁVEA
O Flamengo bem que tentou, mas o Fluminense (foto) conseguiu segurar o 2 x 2 e levar o título

Ah, o primeiro clássico

Texto de Nélson Rodrigues, também retirado do livro *Fla-Flu... E as Multidões Despertaram*, publicado em 1987, com o apoio da Xerox do Brasil S.A.

Eu estou imaginando o campo, as duas torcidas e os times. Mas para visualizar a partida temos de inseri-la no velho Rio, o Rio machadiano, o Rio que era uma abundante paisagem de gordas.

Na *belle époque*, as mulheres iam para o futebol como se fossem para uma recepção no Itamaraty. E elas desmaiavam, vejam vocês, ainda tinham ataques. De vez em quando, faço a mim mesmo esta pergunta: "Há quanto tempo não vejo uma mulher com ataque?" Elas matam e se matam, elas se atiram do sétimo andar, elas devoram um tubo de comprimidos. Mas não têm ataques, nem desmaiam. Ah, naquele tempo era lindo "ser histérica". E, no futebol, quando entrava um gol, as mulheres desfaleciam, pareciam

morrer em estertores. Os homens achavam sublime.

O primeiro Fla-Flu não era Fla-Flu. Só muito mais tarde é que Mário Filho inventou e promoveu a abreviação. O Flamengo fez tudo, tudo para ganhar esse primeiro jogo. Outro dia, conversei com um velho torcedor, mais velho que o século. E ele, falando fino e baixinho (como uma criança que baixa numa tenda espírita), contou o que foi o nascimento do maior clássico do futebol brasileiro. O Flamengo

O PRIMEIRO DE TODOS OS GRANDES DUELOS

O Flamengo tinha levado quase todo o time titular do Fluminense, mas, jogando nas Laranjeiras (foto maior), as reservas do tricolor garantiram a vitória no primeiro confronto (abaixo)

era o time campeão do Fluminense, sem Oswaldo Gomes.

Parece que, na partida, o futebol era um detalhe irrelevante ou mesmo nulo. Os dois times davam a sensação de que jogavam de navalha na liga. E, no entanto, houve um cínico e deslavado milagre: ninguém saiu de maca, ninguém saiu de rabeção. Mas nunca se vira, em campo de futebol, ferocidade tamanha. E o Fluminense venceu.

Vejam como, histórica e psicologicamente, esse primeiro resultado seria decisivo. Se o Flamengo tivesse ganho, a rivalidade morreria, ali, de estalo. Mas a vitória tricolor gravou-se na carne e na alma flamenguistas.

E sempre que os dois se encontram é como se o fizessem pela primeira vez.



REPRODUÇÃO DO LIVRO FLA-FLU



O dramaturgo Nélson Rodrigues faleceu em 1990, aos 68 anos, traído por seu coração tricolor.

Corinthians X Palmeiras

Mais que craques, gols ou títulos, corinthians e palmeirenses só exigem uma coisa na vida: a vitória no Derby. É dela que, há 74 anos, se alimenta esta rivalidade

O CLÁSSICO QUE VALE UM CAMPEONATO

E ternos rivais, corinthians e palmeirenses concordam em um ponto: vencer o Derby — como convencionou-se chamar o clássico entre eles a partir dos anos 40 — tornou-se algo tão desejado quanto ganhar o próprio campeonato. Assim é desde 1917, quando o Palestra, fundado por ex-corinthians de origem italiana, ganhou os dois primeiros confrontos (3 x 0 e 3 x 1). As duas vitórias dos *traditori* (traidores), como os italianos que ficaram no Corinthians se referiam aos dissidentes, foram o bastante para acender a rivalidade.

E, se vencer o inimigo é tão bom quanto ser campeão, imagine quando as duas coisas vêm juntas. Como em 1933, quando o Palestra levantou o bi exibindo em seu currículo sonoros 5 x 1 e 8 x 0 no Timão. Ou em 1979 e 1983, com os corinthians campeões, despachando o arquiinimigo nas duas semifinais, em dois 1 x 0. Também estão vivos na memória alvinegra dois outros jogos: o que decidiu o Campeonato do IV Centenário, em que a igualdade (1 x 1) valeu o título; e um incrível 4 x 3, em 1971, com o Corinthians virando um jogo quase perdido. Naquele ano, como acontecia desde 1934, não foi possível



FAZENDO O IMPOSSÍVEL

Adãozinho, Tião e Mirandinha viram um jogo perdido de 3 x 2 para 4 x 3

ser campeão. Mas, depois de tal virada, quem se preocupava com isso?

Chance mesmo para quebrar o jejum só em 1974, contra o próprio Palmeiras. Deu Verdão — 1 x 0 — e a festa ficou para 1977. Aí começou também o martírio do alviverde. Para os mais fanáticos, a dor de perder o título de 1986 para a Inter foi compensada pelos categóricos 3 x 0 impostos ao Timão, dias antes. Se o Corinthians tem hoje mais títulos paulistas (20 a 18), é do Palmeiras a vantagem nos confrontos. Uma diferença posta à prova a cada encontro, como se valesse mesmo por todo o campeonato.



A ERA SÓCRATES

Graças ao Doutor, o Timão vai à final em 1983



FESTA EM DOBRO

Na final de 1954, um ingrediente adicional: foi contra o Palmeiras



CALANDO 100 MIL

Os corinthians lotaram o Morumbi, em ...



TIMÃO CAIU DE CINCO
Vagner e Carlos na mais recente goleada



SABOR DE TÍTULO
O gol olímpico de Éder leva o Verdão à final



... 1974, mas a festa foi do Verdão, com gol de Ronaldo

MAIS VITÓRIAS E GOLS PARA O VERDÃO

	COR	X	PAL
06/05/17	0	x	3
19/17	1	x	3
24/03/18	2	x	4
13/05/18	3	x	3
03/05/19	1	x	2
20/07/19	0	x	1
09/11/19	1	x	0
15/04/20	4	x	4
25/04/20	0	x	3
05/09/20	2	x	1
04/09/21	1	x	3
25/12/21	0	x	3
08/01/22	0	x	0
23/04/22	2	x	2
24/12/22	2	x	3
15/04/23	0	x	1
08/07/23	4	x	1
04/11/23	2	x	5
17/05/25	3	x	0
11/07/25	2	x	1
21/11/25	0	x	0
15/08/26	2	x	3
08/12/26	1	x	0
06/02/27	1	x	0
21/09/27	1	x	3
25/09/27	3	x	2
16/02/28	0	x	0
11/03/28	3	x	1
25/03/28	0	x	1
23/09/28	3	x	0
16/12/28	0	x	0
23/12/28	1	x	3
27/01/29	1	x	1
01/12/29	4	x	1
29/07/30	2	x	3
24/08/30	0	x	4
07/09/31	1	x	3
17/11/31	2	x	3
1932	0	x	3
07/05/33	1	x	5
05/11/33	0	x	8
1935	1	x	3
24/11/35	1	x	2
04/08/35	4	x	1
24/11/35	1	x	2
26/04/36	2	x	1
28/02/37	1	x	1
25/04/37	0	x	1
02/05/37	0	x	0
09/05/37	1	x	2
07/08/37	1	x	0
13/05/38	2	x	2
25/05/38	1	x	4
03/07/38	0	x	0
21/08/38	0	x	0
18/09/38	1	x	4
04/05/39	3	x	3
17/09/39	1	x	0
21/04/40	2	x	1
05/05/40	2	x	2
18/08/40	2	x	0
01/12/40	1	x	1
12/03/41	2	x	1
22/06/41	1	x	1
12/10/41	0	x	2
25/03/42	4	x	1
26/06/42	1	x	1
15/07/42	4	x	2
04/10/42	3	x	1
23/05/43	0	x	2
01/07/43	3	x	1
19/09/43	1	x	3
05/03/44	4	x	1
30/04/44	1	x	4
27/08/44	2	x	1
18/03/45	1	x	1
10/06/45	2	x	2
02/09/45	2	x	1
13/10/45	1	x	3
30/12/45	3	x	3
10/03/46	1	x	4
30/06/46	1	x	0
20/10/46	4	x	3
07/05/47	1	x	2
20/07/47	1	x	3
23/11/47	2	x	0
25/04/48	0	x	6
08/05/48	1	x	1
05/09/48	1	x	1



Desta vez, ninguém levou o melhor: 0 x 0

	COR	X	PAL		COR	X	PAL		COR	X	PAL
22/09/48	1	x	2	03/11/60	1	x	1	18/11/73	1	x	2
26/12/48	2	x	1	07/04/61	3	x	3	17/03/74	0	x	0
09/01/49	3	x	2	13/09/61	1	x	1	18/08/74	3	x	1
14/05/49	4	x	3	26/10/61	1	x	1	15/12/74	1	x	4
14/08/49	1	x	0	22/02/62	0	x	3	18/12/74	1	x	1
19/11/49	1	x	1	30/09/62	3	x	1	22/12/74	0	x	1
14/01/50	3	x	1	09/12/62	3	x	0	23/02/75	0	x	0
18/05/50	1	x	1	23/02/63	0	x	1	11/05/75	1	x	2
24/09/50	2	x	2	15/08/63	0	x	2	15/08/75	2	x	0
07/01/51	3	x	1	04/12/63	2	x	5	07/08/75	2	x	1
24/03/51	3	x	0	18/04/64	1	x	2	21/09/75	1	x	1
08/04/51	2	x	3	13/08/64	1	x	0	30/11/75	1	x	0
11/04/51	1	x	3	29/11/84	1	x	4	21/01/76	1	x	1
07/10/51	2	x	3	24/02/65	2	x	2	20/06/76	1	x	1
27/01/52	3	x	1	05/05/65	0	x	1	22/08/76	1	x	2
02/02/52	1	x	2	23/05/65	2	x	3	07/11/76	0	x	0
06/07/52	1	x	1	12/09/65	0	x	0	08/05/77	0	x	0
27/08/52	5	x	1	05/12/65	0	x	1	24/07/77	2	x	4
02/11/52	2	x	1	21/03/66	1	x	2	07/08/77	2	x	0
15/01/53	6	x	4	02/10/66	1	x	0	31/08/77	1	x	0
08/03/53	1	x	0	11/12/66	1	x	0	18/09/77	2	x	0
26/05/53	3	x	3	09/03/67	1	x	2	22/03/78	1	x	2
10/10/53	2	x	2	24/05/67	2	x	2	24/09/78	0	x	2
16/10/53	4	x	2	04/06/67	0	x	1	12/11/78	3	x	0
17/01/54	2	x	1	29/07/67	2	x	1	18/02/79	0	x	0
10/07/54	1	x	0	19/11/67	0	x	2	20/05/79	0	x	2
21/07/54	3	x	0	10/03/68	2	x	1	19/09/79	1	x	3
29/08/54	0	x	1	21/05/68	2	x	2	21/10/79	1	x	1
31/10/54	3	x	2	18/11/68	0	x	2	27/01/80	1	x	1
06/02/55	1	x	1	30/03/69	2	x	0	30/01/80	1	x	0
30/04/55	1	x	2	11/05/69	9	x	2	29/07/80	0	x	1
20/06/55	2	x	1	22/06/69	2	x	3	07/08/80	2	x	1
16/10/55	4	x	2	15/11/69	0	x	1	21/09/81	1	x	2
15/01/56	2	x	0	30/11/69	0	x	0	08/08/81	0	x	1
15/04/56	2	x	1	15/03/70	2	x	2	11/10/81	0	x	0
27/05/56	0	x	1	04/04/70	1	x	3	04/05/82	1	x	1
13/08/56	1	x	0	11/04/70	0	x	0	23/05/82	0	x	1
07/10/56	4	x	4	26/07/70	2	x	1	01/08/82	5	x	1
22/06/57	1	x	1	18/08/70	0	x	1	31/10/82	0	x	0
17/11/57	1	x	0	22/11/70	1	x	1	26/06/83	1	x	2
27/11/57	3	x	1	25/04/71	4	x	3	25/09/83	1	x	1
16/03/58	2	x	1	13/06/71	0	x	0	04/12/83	1	x	1
21/08/58	0	x	4	15/08/71	0	x	0	08/12/83	1	x	0
05/01/59	1	x	2	27/01/72	1	x	1	18/08/84	2	x	0
24/03/59	3	x	3	23/04/72	1	x	1	04/11/84	2	x	1
10/06/59	1	x	2	30/07/72	0	x	0	18/08/85	1	x	0
16/08/59	1	x	1	01/11/72	1	x	0	13/10/85	0	x	3
25/11/59	0	x	3	03/03/73	2	x	1	27/04/86	0	x	2
13/04/60	1	x	0	04/04/73	1	x	1	03/08/86	1	x	5
08/05/60	2	x	1	25/05/73	0	x	1	24/08/86	1	x	0
17/08/60	2	x	1	05/08/73	1	x	1	27/08/86	0	x	3

RETROSPECTO

256 jogos

88 vitórias do Corinthians

92 vitórias do Palmeiras

76 empates

345 gols do Corinthians

379 gols do Palmeiras

Na dúvida, deu Corinthians

Brandão, o preto, foi meu primeiro ídolo. Depois é que vim a descobrir Cláudio, Luizinho, Orecó, Bino, Touguinha, Rafael, Rivelino, Marcelo, Casagrande e Neto

Não lembro quase nada do meu jogo inesquecível. Só não o esqueci completamente porque naquela tarde eu cabulei a aula e certas culpas a pessoa carrega o resto da vida.

Contudo valeu a pena, o pretexto foi razoável. Faltar à aula para ver um Corinthians x Palmeiras compensa, apesar que hoje, não sei bem quantos anos depois, não estou certo nem mesmo se foi o Corinthians ou o Palmeiras que ganhou a partida.

Mas *in dubio*, manda a justiça que se dê a vitória ao Corinthians, de preferência com uma diferença de três gols. O que sei bem é que jogava na intermediária o Brandão, aquele majestoso preto alvinegro que depois, quando ele tinha pendurado as chancas, conheci frequentando o 9.º Tabelionato de Notas, ele como auxiliar de despachante e eu como auxiliar de office-boy de cartório.

É curioso como se consegue guardar na retina da memória pedaços minúsculos e insignificantes de episódios maiores e importantes que são apagados com o tempo, ao passo que os fiapos permanecem vivos e intensos. Foi assim aquele jogo: não me lembra a escalação dos dois times, não me lembra quem era o árbitro — e nem mesmo se esse jogo teve árbitro —, não me lembra se havia nuvens no céu, no entanto a concha acústica, que tinha o formato de uma concha e tinha acústica, o gramado, e Brandão tomando conta da concha, da acústica, da multidão e do gramado, jamais me saíram dos ouvidos e dos olhos.

Creio que esse foi meu jogo inesquecível — apesar da inexistência dos pormenores — porque esse foi o primeiro jogo a que assisti de corpo presente, montado num morrinho que sobrepujava os muros altos do Estádio do Pacaembu. Portanto não paguei ingresso. Foi a única vez que me dei a esse luxo. Daí em diante des-

cobri que, além do morrinho dos pobres e duros cidadãos cabuladores de aula da cidade, havia as duras e confortáveis arquibancadas de concreto armado, e foi aí que me instalei para sempre para ver outros Corinthians e outros Palmeiras. Mas nenhum tão emocionante como o primeiro Corinthians x Palmeiras, porque até ali o futebol me chegava na voz dos locutores naqueles rádios que tinham um olho mágico na testa — o olho verde da válvula da sintonia.

Brandão, o preto, foi meu primeiro craque da redonda, meu primeiro ídolo. Depois é que vim a saber que havia existido um Neco. E depois é que vim a descobrir Cláudio, Luizinho, Orecó, Bino, Touguinha, Rafael, Rivelino, Marcelo, Casagrande e Neto.

Foi naquele primeiro jogo inesquecível que se levantou a ponta do novelo de uma história onde nascia o Palestra de uma dissidência da italianada da Rua Caetano Pinto que não se dava com a espanholada da Rua Carneiro Leão, e enquanto uma turma inventava o Corinthians lançando os jogadores do Botafogo da Rua Paula Souza, na várzea do Tamanduateí, a outra turma ia

se valer dos jogadores do Ruggerone, da várzea da Lapa, para formar, na sede do Matarazzo, o time do Palestra. Mas eles, os palestrinos, precisaram vir comer milho na mão do Corinthians, e, de joelhos, arrastaram o nosso Bianco, nosso grande corintiano Bianco, e o levaram para o inferno-verde, e esse Bianco é que, como capitão eterno do time esmeraldino, maldito seja, deu espinha dorsal e omoplatas àquela cambada. Quando nós, do Parque São Jorge, falamos isso, os palestrinos têm vontade de morrer. Arrá! Mas é a verdade.

Agora, tem o seguinte: não há nada melhor no mundo do que ver, ao vivo, um Corinthians e um Palestra cara a cara, frente a frente, esgrimindo chuteiras. É um doce. Corinthians x Palmeiras é sempre um jogo inesquecível. Independente de escalação, juiz, placar, e essas coisas secundárias do futebol.

P.S. - Geralmente quando um corintiano imparcial como eu mexe nas câries palmeirenses, sempre algum chia e invoca o além-túmulo, trazendo à baila uma certa goleada palmeirense de 8 x 0. De fato, foi um dia aziago. O Corinthians jogou com um goleiro chamado Onça, e isso faz tanto tempo, mas tanto tempo, foi em 1933, que eu mal tinha nascido. Assim não vale.

UMA VITÓRIA COM BRANDÃO
Em 1941, nem o Palestra resistiu ao esquadrão corintiano, que tinha Brandão entre seus craques



Lourenço Diaféria, 57 anos, é cronista e está concluindo um livro sobre a história do Corinthians para a Fundação Nestlé de Cultura.

Palmeiras 1 x Corinthians 1 (26/10/61)

O gol de Romeiro foi o suficiente para transformar uma partida comum em uma verdadeira guerra. Possei a distribuir bananas e xingar os alvinegros próximos a mim. Tive que deixar o estádio escondido e abandonar a carreira

Mais do que mexer com meus sentimentos, o clássico entre Corinthians e Palmeiras transformou a minha vida profissional. Embora nem todos saibam, iniciei minha carreira no jornalismo trabalhando na área esportiva. Procurava esconder ao máximo minha paixão pelo Palmeiras, pois qualquer um que fizesse o contrário era tido como mau profissional, na época. Naquela tarde do Pacaembu, no entanto, foi impossível me conter.

O Corinthians começou vencendo por 1 x 0, se não me enganar com um gol de Rafael. Foi quando surgiu uma falta próxima à linha de fundo, que não representava qualquer perigo para o goleiro corintiano. Para a cobrança, porém, preparou-se o incrível Romeiro, o mesmo que dois anos antes havia marcado contra o Santos, dando o supercampeonato paulista ao Palmeiras. À minha frente, uma série de torcedores adversários, que já me incomodavam há algum tempo, gozavam os palmeirenses.

A cobrança de Romeiro fez uma trajetória incomum e entrou na meta corintiana. Foi o sufi-

ciente para transformar uma partida aparentemente comum — as duas equipes não tinham mais chances de conquistar o título — em uma guerra entre os torcedores do Corinthians e um palmeirense em particular: eu. Tudo porque passei a distribuir bananas e xingar os alvinegros próximos a mim. Foi minha desgraça. Eu não estava simplesmente no estádio, mas na tribuna de imprensa, que foi cercada de corinthianos irados.

Tive que ser socorrido por dois colegas que ocupavam cargos de diretoria da Associação dos Cronistas Esportivos — Wálter Lacerda e Milton Galdão — e fui obrigado a deixar o estádio escondido no carro do Mário Moraes, um dos maiores comentaristas brasileiros da história e então trabalhando na Rádio Panamericana. No dia seguinte não tive nenhuma dúvida: pedi demissão do jornal *O Esporte*, onde trabalhava, e abandonei não apenas a crônica esportiva como o jornalismo. Só retornei à profissão cinco anos depois, em 1966, já na área econômica.

O curioso é que meu compor-

tamento profissional até aquela partida era absolutamente normal. Naquele dia, no entanto, talvez por se tratar de um clássico contra o Corinthians, me descontrolei completamente. É verdade que como torcedor nunca fui muito tranquilo. Em 1951, na final da Copa Rio, em que o Palmeiras empatou em 2 x 2 com a Juventus de Turim e conquistou o título, tive um ataque de apendicite ouvindo a transmissão de Geraldo José de Almeida pelo rádio. Até hoje, não consigo assistir a partidas da Seleção Brasileira pela Copa do Mundo. Simplesmente não vejo o jogo, tamanho o nervosismo.

Com relação ao Palmeiras, minha paixão era tão grande a ponto de tentar inutilmente recuperar um periquito de bronze que tinha em um carro que possui há muito tempo. Meu irmão vendeu o automóvel e nunca mais vi a estatueta. Sobre aquele 1 x 1, só me resta o consolo de ter obtido sucesso como jornalista econômico e poder me lembrar daquele dia apenas com a saudade de um tempo em que o Palmeiras ainda conquistava títulos.



Joelmir Betting, 53 anos, é editor de Economia da TV Globo e colunista de vários jornais. Acompanha o Palmeiras desde sua infância, em Tambau (SP).



NINGUÉM PODE COM ROMEIRO
O ponta do Palmeiras marcou um gol impossível e deu início à confusão

Rivais desde o primeiro jogo, os dois grandes times gaúchos conseguem dividir o Estado cada vez que se encontram. Croques ou pernas-de-pau, todos põem a alma em jogo

NO GRE-NAL JAMAIS HÁ FAVORITOS

Gre-Nal é Gre-Nal. Assim os gaúchos definem com simplicidade o seu clássico. Indo além do óbvio, o ditado procura expressar o quanto de paixão está em jogo quando Grêmio e Internacional se encontram: ninguém é favorito, só existe superação e rivalidade. Desde os tempos dos românticos campos da Baixada e dos Eucaliptos até os imponentes Olímpico e Beira-Rio, toda partida é uma guerra e divide o Rio Grande do Sul em duas facções.

Quando o jogo é em território gremista, a torcida adversária sempre recebe o pior e o menor espaço. Quando o encontro é em solo colorado, são os tricolores quem sofrem. Invariavelmente os visitantes partem logo para a provocação aos gritos de "Chiqueiro! Chiqueiro!" Em Gre-Nais, não há lugar para a simpatia ou a diplomacia. Afinal, esta rivalidade já começou na origem do Internacional, em 1909: seus fundadores tinham sido rejeitados como sócios do Grêmio.

Seis anos mais velho, o tricolor levou ampla vantagem nos primeiros clássicos, e chegou a aplicar a estrondosa goleada de 10 x 0 logo de cara. Com o passar do tempo, porém, o Inter se fortaleceu e conseguiu suas primeiras vitórias. Hoje, os torcedores gaúchos alimentam outra lenda: a da "gangorra". Quando um dos rivais está bem (por cima), o outro está mal (por baixo). As longas séries de conquistas alternadas reforçam a tese e o mito. Mas nenhuma má fase conta na hora do clássico. Pois todos sabem que Gre-Nal é Gre-Nal.



FESTA QUENTE

Na inauguração do Beira-Rio, em 1969, colorados e gremistas armam uma pancadaria



DELÍRIO TRICOLOR

O Inter era octa, mas André Catimba marca o gol do título de 1977 e voa para a consagração



GRE-NAL DO SÉCULO

Assim foi chamada pelos gaúchos. O Inter venceu por 2 x 1, de virada, e com dez



DESFILE ÚNICO

O colorado estreia e aposenta o uniforme em 1977. Motivo: 4 x 0 Grêmio



BAITA EMPATE!

No 3 x 3 de 1988, um jogo cheio de emoção



INTER AINDA MANTÉM VANTAGEM

GRÊMIO X MAL	GRÊMIO X MAL	GRÊMIO X MAL			
18/07/09	10 x 0	05/05/46	0 x 1	14/04/63	1 x 2
17/07/10	5 x 0	23/06/48	4 x 3	01/05/63	4 x 1
18/06/11	10 x 1	14/07/48	0 x 1	29/09/63	1 x 0
23/08/12	8 x 0	15/09/48	2 x 1	14/12/63	1 x 0
15/09/12	2 x 1	01/05/47	0 x 4	19/04/64	0 x 1
08/06/13	2 x 1	20/07/47	0 x 3	23/04/64	3 x 0
31/10/15	1 x 4	10/08/47	1 x 2	28/07/64	0 x 0
30/07/16	1 x 6	05/10/47	1 x 2	20/08/64	0 x 2
29/10/16	2 x 3	26/10/47	0 x 3	01/11/64	3 x 0
19/05/18	3 x 5	23/11/47	2 x 2	21/11/64	0 x 1
04/06/18	1 x 0	30/05/48	0 x 0	10/12/64	1 x 2
20/07/19	0 x 2	29/08/48	1 x 1	21/03/65	0 x 0
14/09/19	3 x 2	18/07/48	2 x 6	29/08/65	2 x 1
02/05/20	4 x 1	22/08/48	2 x 3	12/12/65	1 x 0
22/08/20	2 x 1	17/09/48	0 x 7	02/10/66	1 x 0
23/09/23	2 x 2	14/02/49	0 x 2	17/12/66	0 x 1
01/11/23	1 x 0	01/05/49	2 x 2	05/03/67	0 x 2
27/04/24	4 x 3	29/05/49	2 x 4	24/05/67	1 x 1
12/11/24	1 x 2	29/08/49	1 x 1	04/06/67	0 x 0
24/05/25	3 x 3	07/09/49	0 x 2	17/08/67	0 x 1
11/10/25	2 x 2	30/10/49	1 x 0	17/12/67	0 x 1
27/06/26	4 x 1	14/03/50	0 x 2	12/05/68	1 x 1
14/11/26	4 x 3	23/03/50	3 x 0	02/06/68	4 x 0
08/05/27	2 x 3	01/04/50	1 x 1	24/11/68	0 x 0
12/08/27	1 x 3	25/06/50	1 x 0	20/04/69	0 x 0
10/08/28	3 x 2	27/08/50	0 x 1	22/06/69	0 x 0
26/08/28	2 x 2	26/10/50	0 x 0	21/08/69	0 x 1
19/11/28	2 x 0	24/12/50	0 x 0	17/12/69	0 x 0
26/05/29	2 x 1	27/12/50	3 x 4	09/05/70	0 x 0
14/07/29	2 x 4	30/12/50	0 x 1	09/08/70	0 x 0
10/11/29	2 x 1	03/01/51	0 x 3	20/09/70	1 x 2
04/05/30	3 x 1	27/05/51	0 x 0	28/10/70	0 x 0
14/09/30	1 x 1	20/06/51	2 x 1	24/03/71	2 x 0
04/05/30	0 x 3	26/08/51	1 x 1	30/05/71	1 x 1
28/04/31	0 x 1	02/12/51	2 x 2	27/06/71	0 x 0
29/07/31	2 x 0	08/02/52	1 x 1	04/08/71	3 x 1
18/10/31	2 x 1	13/07/52	2 x 1	17/10/71	0 x 1
10/07/32	2 x 0	17/08/52	1 x 1	02/03/72	1 x 1
30/10/32	1 x 0	12/10/52	0 x 0	05/03/72	1 x 1
09/04/33	5 x 3	07/12/52	1 x 5	28/03/72	0 x 0
13/08/33	3 x 2	05/07/53	1 x 1	21/05/72	2 x 2
24/08/34	3 x 4	01/11/53	0 x 2	06/08/72	0 x 1
21/10/34	1 x 2	11/02/54	2 x 3	20/08/72	0 x 1
21/07/35	1 x 1	18/07/54	1 x 3	30/08/72	0 x 2
21/09/35	2 x 0	25/07/54	0 x 4	20/09/72	0 x 1
15/03/36	1 x 1	28/09/54	2 x 6	20/05/73	1 x 1
30/08/36	2 x 3	31/10/54	1 x 1	05/08/73	0 x 0
08/11/36	0 x 2	09/01/55	1 x 2	11/11/73	1 x 1
31/10/37	2 x 1	24/07/55	2 x 1	24/03/74	1 x 2
21/11/37	2 x 0	06/11/55	1 x 3	29/09/74	0 x 1
12/12/37	4 x 3	02/09/56	2 x 1	01/12/74	0 x 1
08/05/38	3 x 1	12/12/56	0 x 1	01/05/75	0 x 2
06/06/38	4 x 4	28/07/57	1 x 1	13/07/75	1 x 2
02/10/38	4 x 0	01/12/57	5 x 3	23/07/75	3 x 1
01/11/38	0 x 6	22/12/57	1 x 2	06/08/75	1 x 1
02/04/39	1 x 1	17/08/58	2 x 1	10/08/75	0 x 1
28/05/39	2 x 3	21/12/58	0 x 1	07/09/75	1 x 1
20/07/39	3 x 3	05/02/59	2 x 2	23/11/75	0 x 1
13/08/39	2 x 5	26/04/59	2 x 1	25/07/76	0 x 2
08/10/39	3 x 2	17/08/59	2 x 1	28/07/76	2 x 0
12/10/39	1 x 2	29/11/59	4 x 1	09/08/76	0 x 1
04/01/40	1 x 6	05/01/60	2 x 3	18/08/76	1 x 1
13/02/40	4 x 2	21/04/60	3 x 0	22/06/76	0 x 2
28/04/40	2 x 3	21/06/60	5 x 1	07/09/76	1 x 3
07/07/40	5 x 2	20/11/60	1 x 1	17/04/77	3 x 0
20/10/40	3 x 4	23/12/60	1 x 2	06/05/77	0 x 1
18/05/41	2 x 2	10/09/61	1 x 2	29/05/77	0 x 1
25/05/41	2 x 3	10/12/61	3 x 2	01/06/77	0 x 0
17/08/41	0 x 3	13/02/62	1 x 1	14/08/77	2 x 1
19/10/41	2 x 1	11/03/62	2 x 1	18/09/77	2 x 0
11/01/42	1 x 1	12/08/62	0 x 0	25/09/77	1 x 0
19/04/42	1 x 1	07/09/62	2 x 1	06/11/77	4 x 0
12/07/42	2 x 4	09/09/62	1 x 1	23/04/78	3 x 2
30/08/42	2 x 4	18/12/62	2 x 0	20/08/78	2 x 1
28/02/43	1 x 6	07/02/63	4 x 2	07/09/78	0 x 1
11/03/43	1 x 5				
06/06/43	3 x 3				
11/07/43	0 x 3				
19/09/43	0 x 1				
13/02/44	2 x 3				
30/04/44	2 x 4				
29/06/44	2 x 7				
13/08/44	4 x 3				
06/10/44	1 x 2				
08/02/45	0 x 2				
23/02/45	1 x 1				
08/04/45	2 x 3				
24/06/45	1 x 4				
30/09/45	2 x 4				

RETROSPECTO

306 jogos

97 vitórias do Grêmio

119 vitórias do Internacional

90 empates

434 gols do Grêmio

467 gols do Internacional



Grêmio hexa:
4 x 1 na final

	GRE X MAL
10/09/78	2 x 2
13/09/78	0 x 1
05/11/78	1 x 1
08/11/78	1 x 2
26/11/78	0 x 0
13/12/78	2 x 2
17/12/78	1 x 2
13/05/79	0 x 0
22/07/79	1 x 1
26/08/79	2 x 1
20/09/79	1 x 1
07/10/79	1 x 2
24/04/80	2 x 2
19/10/80	0 x 1
05/11/80	0 x 0
23/11/80	0 x 0
26/07/81	0 x 0
07/10/81	0 x 0
04/11/81	1 x 2
28/11/81	1 x 1
03/08/82	2 x 0
10/10/82	2 x 2
07/11/82	1 x 3
26/11/82	0 x 2
30/07/83	0 x 1
02/10/83	1 x 1
02/11/83	0 x 0
27/11/83	2 x 2
28/01/84	4 x 2
23/09/84	0 x 2
08/11/84	1 x 2
25/11/84	0 x 2
10/02/85	2 x 0
24/03/85	1 x 0
20/10/85	0 x 2
08/12/85	2 x 1
23/03/86	1 x 0
11/05/86	1 x 3
09/07/86	2 x 2
20/07/86	1 x 0
16/03/87	2 x 2
29/03/87	2 x 1
05/04/87	1 x 0
10/05/87	0 x 1
31/05/87	1 x 1
14/06/87	3 x 0
18/06/87	0 x 0
28/06/87	0 x 0
19/07/87	3 x 2
12/10/87	1 x 0
12/03/88	1 x 0
26/04/88	3 x 1
22/05/88	0 x 0
19/06/88	3 x 3
04/09/88	1 x 0
09/02/89	0 x 0
12/02/89	1 x 2
19/03/89	1 x 1
28/05/89	3 x 1
18/06/89	0 x 0
29/11/89	0 x 2
21/03/90	0 x 1
03/06/90	0 x 1
15/07/90	1 x 0
29/07/90	4 x 1
26/08/90	1 x 0
18/02/91	0 x 0

RETROSPECTO

306 jogos
97 vitórias do Grêmio
119 vitórias do Internacional
80 empates
434 gols do Grêmio
467 gols do Internacional

Grêmio 3 x Internacional 2 (10/12/1961)

Juarez cabeceou, vencendo o goleiro Silveira. Era inacreditável: o Grêmio praticava uma das maiores viradas da história do Gre-Nal, 3 x 2

Era quente aquela tarde de dezembro de 1961. O Internacional já tinha sido dias antes declarado campeão, mas a tabela marcava como último jogo do Campeonato Gaúcho o Gre-Nal. E naquele tempo o último Gre-Nal decidia nos costumes do povo de que cor seria o Papai Noel, vermelho ou azul. Hoje me espanto que isso pudesse ter importância, mas tinha. Haveria de ser o Gre-Nal mais emocionante de minha vida. E, pelo seu desenvolvimento, creio que para tanta gente que o assistiu foi um jogo inesquecível.

Ali pelos 20 minutos do primeiro tempo o Internacional já vencia por 1 x 0. Altemir, lateral-direito do Grêmio, era expulso ainda na primeira etapa. Contra dez homens, não foi difícil o Internacional fazer os 2 x 0, ambos de autoria de Alfeu, escoré dos primeiros 45 minutos.

Lá pelos 18 do segundo tempo, houve uma falta contra o Inter e o Nadir, que havia entrado no lugar do Elton, cobrou-a com chute forte, que bateu na barreira e entrou no canto. 2 x 1. Dez minutos depois, Marino empatou o jogo, numa cruzada do Milton. Parecia incrível, mas estávamos a poucos minutos do final e podíamos até ganhar um Gre-Nal já perdido, com inferioridade numérica gremista em campo.

Até que o inesquecível Vieira, da ponta-esquerda, cinco minutos antes de terminar a partida, cruzou uma bola alta para a área pequena. Juarez cabeceou livre, com o goleiro Silveira batido. Era inacreditável. O Grêmio praticava uma das maiores viradas da história do Gre-Nal: 3 x 2. A torcida gremista festejava aquele gol como se fosse um título. Havia desânimo e pranto entre os torcedores colorados. Silveira, o goleiro colorado, desmaiou após o gol espetacular de Juarez. Cargado na maca, foi substituído por Cestari.

Faltava entrar em campo, com

o jogo findado, o Papai Noel Azul. Sabem quem tinha sido escalado? Exatamente este que está recordando o fato. Tinha eu então 22 anos e fui convidado para a façanha. Dias antes, prepararam-me uma vestimenta de seda azul, com gorro de pompom e tudo. E fiquei eu no vestiário durante todo o tempo, já dentro da indumentária, esperando apenas para calçar as botas, que eram de número 39, enquanto eu calçava 41.

Quando o Internacional fez 2 x 0, tirei a quente roupa de Papai Noel e coloquei-a em uma sacola. Nada mais havia que fazer, ainda mais com a desvantagem de dez homens em campo. Mas, à medida que o escoré ia se modificando, eu ia pondo as calças, a blusa, o chapéu, na expectativa de entrar no gramado. Quando explodiu o terceiro gol, de Juarez, o massagista Biscardi passava sabonete em meus pés, com o objetivo de fazer entrar neles as botas apertadas.

A gente ficava naquele vestiário da cancha de basquete. Havia uma porta de ferro e tela separando-o da quadra. Quando o árbitro terminou a partida, atirei-me contra ela, procurando ultrapassá-la. Policiais e funcionários da Federação tentaram impedir à

força minha entrada. Os dirigentes e jogadores reservas do Grêmio empurravam-me. Consegui passar aquela barreira, mas percebi que não havia mais pompom no meu chapéu, nem a barba branca postica no meu queixo, que haviam sido arrancados no sururu. Mesmo assim, entrei correndo em campo, sob os vivas da torcida gremista. Fui levantado pelos jogadores tricolores e levado até as sociais coloradas, que assistiam arrasadas ao meu desfile triunfante.

Cumpria-se uma tradição de todos os anos. Fui para o centro da cidade, cercado por duas loiras espetaculares. Era o carnaval gremista que se espraiava pelas ruas. Daí a pouco, na Borges de Medeiros, o mais numeroso carnaval colorado vinha em direção contrária, afinal o Internacional tinha sido campeão. E nem a vitória gremista conseguira arrefecer-lhes por inteiro o ânimo. Quando aquela massa vermelha cruzou por nós, eles me atacaram. Subi num bonde-gaiola e eles entraram nele, perseguindo-me. Levei uma boa surra e minha roupa de Papai Noel foi inteiramente esfrangalhada.

Nunca mais vou esquecer aquela impossível vitória. Nem os riscos que corri para apenas afirmar uma invalidade que continua séria mas tinha muito mais imaginário e pitoresco que nos dias de hoje.

PAPAI NOEL É AZUL
O centroavante Juarez define a virada gremista no último clássico de 1961



Paulo Sant'Ana, 57 anos, é cronista do jornal Zero Hora. Comentará a partida do Rodri. Gaúcho é gremista desde os 7 anos

Internacional 0 x Grêmio 0 (17/12/1969)

Com o empate, o colorado conquista o primeiro título do octacampeonato e pendura o escalpo do inimigo na porta do seu recém-inaugurado Beira-Rio

Eu ia dizer que meu Gre-Nal inesquecível foi o primeiro que vi, mas acabo de desaproveitar uma teoria, a gente esquece, sim, a primeira vez. Eu tinha uns 9 anos e posso dar todo o time do Internacional naquele dia de cor — Ivo, Alfeu e Nena; Viana, Ávila e Abigail, que tinha quase o nome da minha avó; Tesourinha, Villalba, Adãozinho, Eliseu e Carlitos. Eu só conhecia futebol profissional do rádio e lembro que a minha primeira grande impressão foi o cheiro da grama. Futebol ao vivo e com cheiro! Mas o resto é uma bruma. Sei que o goleiro do Grêmio era o Júlio, que eles tinham o Clarel na zaga, um possível Detefon numa ponta, talvez o Geada no meio do ataque. Para efeitos literários, seria melhor que fosse Geada o centroavante. Porque Geada era o anti-Adãozinho. Era um alemão comprido, enquanto Adãozinho, como o nome está dizendo, era um preto baixinho e driblador, e os dois simbolizavam uma das diferenças entre os clubes, que hoje não existe mais. O Grêmio não aceitava preto no time. A maioria do time do Inter era preta. Não me lembro se o jogo foi no campo do Grêmio, a Baixada, ou no do Internacional, os Eucaliptos. Não

me lembro do resultado. O Internacional da época era o Rolo Compressor, normalmente ganhava do Grêmio, mas aquele pode não ter sido um dia normal. É como não posso citar um jogo do qual mal me lembro como inesquecível, escolho um Gre-Nal mais recente. O que decidiu o Campeonato Gaúcho de 1969. Sim, crianças, estou naquela idade em que há 22 anos foi ontem. O Grêmio era campeão gaúcho há, sei lá, sete anos. O Internacional tinha acabado de inaugurar o Estádio Beira-Rio, o marco de uma nova era na história do clube depois de anos de frustração diante do poderio gremista. Mas a nova era precisava começar com o sacrifício ritual do inimigo. De nada nos adiantaria o novo e grande estádio se não pudessemos pregar o escalpo do Grêmio em cima da porta. Assim, aquele não foi necessariamente o melhor Gre-Nal da minha vida, mas não me lembro de outro que tenha significado tanto. Já tínhamos vencido o Grêmio naquele ano, dentro do Beira-Rio, mas pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa, o Robertão, precursor do Campeonato Brasileiro. Agora seria pelo Campeonato Gaúcho. Agora valia o mundo.

Noite de 17 de dezembro de 1969. O Internacional estava um ponto na frente. Se empatasse, seria campeão. Se fosse campeão, não apenas terminava de inaugurar o Beira-Rio como impedia o Grêmio de conquistar seu oitavo campeonato seguido, feito que nem o Rolo Compressor conseguira. O juiz era um honrado cidadão, mas com notória simpatia pelo Grêmio, e quando ele anulou um gol legítimo do Valdomiro uma premonição de garfada passou pela torcida colorada como um arrepião. Ibsen Pinheiro, hoje presidente da Câmara Federal e na época dirigente do Internacional, aproveitou uma confusão em campo e dirigiu-se, tão naturalmente que o policiamento pensou que fosse cooper, para o centro do campo e deu uma palavrinha com o juiz. Até hoje ninguém sabe o que foi dito nesse encontro. O Ibsen garante que conversaram sobre o tempo e, genericamente, sobre a precariedade da existência humana sobre a Terra. O fato é que, se tinha alguma intenção de prejudicar o Inter, o juiz esqueceu-a e comportou-se com correção monástica até o fim do jogo, que terminou 0 x 0. Tínhamos o nosso escalpo. O Inter foi campeão naquele ano e nos próximos sete.



Luis Fernando Verissimo, 54 anos, cronista humanista jornalista e como se não bastasse, torcedor do Internacional



A PRIMEIRA CONFUSÃO
Na primeira final no Beira-Rio, o estádio começou a se acostumar à rivalidade

Botafogo X Vasco

Poucos clássicos tiveram tantos craques ao longo dos anos quanto Botafogo x Vasco. Por isso, mesmo quando os dois times não estão bem, as duas torcidas sabem, ir ao Maracanã em dia de jogo entre os alvinegros é certeza de bom espetáculo e muitos gols

TRIBUTO À QUALIDADE ALVINEGRA

Assistir a um jogo entre Botafogo e Vasco é prestar um tributo ao bom futebol. Por mais que as camisas alvinegras das duas equipes mostrem o contrário, a história desse clássico nunca se passou em branco e preto. Afinal, talvez tenham sido exatamente de botafoguenses e vascaínos dois dos melhores times que já passaram pelos estádios cariocas: o de Garrincha na década de 60 e o famoso Expresso da Vitória vascaíno dos anos 40

Nessa época, foi do Botafogo a glória de vencer a única decisão perdida pela equipe de Ademir, Jair e Chico. Mesmo usando métodos pouco recomendáveis — deram um banho de pó-de-mico nos adversários —, os botafoguenses deram um show, fizeram 3 x 1 e acabaram com a pose do melhor time do Brasil na época.

A vitória do Botafogo, porém, não ficaria sem volta. Em 1970, após perder outra final para o ri-



FIM MOLETA

O 3 x 3 de 1988: Botafogo deu trabalho em um ano de título vascaíno

val em 1968, o Vasco deu o primeiro sinal de que o reinado do Glorioso nos anos 60 havia chegado ao fim. Com os 2 x 1 que lhes deram o Campeonato Carioca, os vascaínos não apenas quebraram um jejum de doze anos sem títulos como passaram a praga

para o adversário — os botafoguenses passariam mais dezoito anos sem conquistas.

Mesmo nessas épocas de vacas magras dos dois lados, os craques e o bom futebol estiveram presentes. Nada mais lógico para um jogo que já contou com jogadores como Didi, Garrincha, Roberto Dinamite e Ademir de Menezes. Um privilégio que apenas quem teve a sorte de nascer alvinegro pode ter.



"JOÕES" VASCAÍNOS

Garrincha prepara a fila: mais uma jogada de craque no clássico



FIM EM FOLHA

O Bota vence a final de 1948, a única...



IONACO TEIXEIRA

GOLEADA INESPERADA
O Bota surpreende: 4 x 1 em 1982



PAULA NERI

VASCO CAMPEÃO
Em 1970, o fim do jejum vascoino



AGÊNCIA JB

Colagem desenhada da Expressão do Vozinho

NÚMEROS REVELAM UM MASSACRE DO VASCO

	NOTA	X	VAS
01.07.23	2	x	3
10.05.25	2	x	2
11.10.25	2	x	4
06.05.26	2	x	3
01.08.26	2	x	4
17.08.27	1	x	0
26.06.27	3	x	3
24.07.27	1	x	1
21.10.27	3	x	1
16.06.29	0	x	2
22.09.29	1	x	2
22.09.29	2	x	2
22.09.29	2	x	1
30.11.30	0	x	2
27.09.31	1	x	1
20.12.31	3	x	0
27.03.32	1	x	3
10.07.32	1	x	0
01.07.32	0	x	0
01.07.32	1	x	1
30.12.34	1	x	1
06.06.35	1	x	2
23.06.35	0	x	4
15.09.35	1	x	1
08.10.35	1	x	0
26.07.36	0	x	3
01.11.36	0	x	1
11.04.37	0	x	2
01.10.37	2	x	2
10.07.38	1	x	2
10.07.38	5	x	2
07.12.38	2	x	2
07.12.38	0	x	0
11.12.38	2	x	1
18.05.39	0	x	1
18.05.39	2	x	0
18.05.39	2	x	2
18.05.39	0	x	3
18.05.39	4	x	3
13.10.40	2	x	2
08.06.41	3	x	5
10.08.41	1	x	1
19.10.41	0	x	4
24.11.41	2	x	2
07.06.42	3	x	3
09.08.42	5	x	1
11.10.42	4	x	1
14.03.43	1	x	2
24.07.43	1	x	3
15.03.44	0	x	3
10.06.44	0	x	2
14.10.44	0	x	1
31.03.45	1	x	2
12.06.45	0	x	1
14.10.45	2	x	2
27.03.46	4	x	8
04.08.46	1	x	1
13.03.46	0	x	3
13.03.46	1	x	1
31.05.47	4	x	0
21.09.47	0	x	2
07.12.47	0	x	0
12.12.48	2	x	2
12.12.48	2	x	1
12.12.48	3	x	1
18.09.49	2	x	2
11.12.49	0	x	2
05.09.50	2	x	3
14.01.51	1	x	0
29.09.51	1	x	1
08.03.52	1	x	2
11.05.52	4	x	1
11.10.52	1	x	1
30.11.52	0	x	1
15.08.53	1	x	4
27.12.53	1	x	2
19.05.54	3	x	5
19.09.54	1	x	2



MAYALALALAL

Mazinho e cercado pelos botafoguenses: disputa palmo a palmo

	NOTA	X	VAS
02.02.55	1	x	1
25.10.66	2	x	1
18.12.66	1	x	2
28.04.68	0	x	2
09.06.68	4	x	0
26.07.68	1	x	1
06.10.68	1	x	2
04.06.69	0	x	2
06.07.69	0	x	3
21.04.70	0	x	0
31.05.70	1	x	1
17.09.70	1	x	2
21.06.81	1	x	1
13.09.81	0	x	0
11.10.81	3	x	1
06.07.71	0	x	0
31.10.71	0	x	1
05.09.82	0	x	1
07.11.82	4	x	1
16.08.72	0	x	0
15.10.72	0	x	0
14.07.73	2	x	3
10.11.85	0	x	1
06.04.86	2	x	0
27.04.86	2	x	3
15.03.87	0	x	0
28.03.88	3	x	4
01.12.88	0	x	3
12.03.89	0	x	0
14.05.89	1	x	1
28.05.89	1	x	1
19.07.90	1	x	0
02.12.90	2	x	2
14.04.91	0	x	3

RETROSPECTO

223 jogos
55 vitórias do Botafogo
96 vitórias do Vasco
70 empates
283 gols do Botafogo
344 gols do Vasco

Botafogo 1 x Vasco 0 (19/7/1990)

Onze homens, vestidos com a camisa do Vasco, apanham uma caravela de brinquedo, daquelas vendidas em feiras, e correm feito bobos. Mas é o Fogão o campeão

Ah! (bocejo) Que fastio. Bicampeão. Toda hora esse esforço... Gritando... Suando... Torcendo... Chega de títulos! Já estou até com saudade do tempo em que o Botafogo não ganhava nada. Lembram-se? Tucã... Fischer... Puruca. Mas aí então me perguntam: qual foi, na sua opinião, o grande Botafogo x Vasco? Eu poderia falar (ou escrever) aqui mais de uma página (ou horas) das nossas vitórias. Mas existe uma que, por obra dos "canastrões" — (E.T.) (canastrão é o ator que não interpreta nunca um papel a contento, ou seja, um ator muito fraco) — quase nos subtrai o bicampeonato de 1990. Foi a partida vencida gloriosamente por 1 x 0, gol de Carlos Alberto Dias. Bem, nesse dia... Ah! Espera um pouco, como diz o Costinha, antes de falar desse jogo eu quero aproveitar essa oportunidade rara para tornar pública mais uma interpretação dos "canastrões", abaixo da crítica. Fluminense x Botafogo. O jogo do "alambrado". Eu estava lá. Vi e ouvi tudo. Segundo tempo do jogo, o alambrado, colocado próximo à torcida do Botafogo, cai. O meu amigo e juiz Roberto Wright (Zé) vem em direção ao chefe do policiamento. E aí ele pergunta: "Dá pra continuar? Você garante?" "Sim", diz o chefe do policiamento. "Tudo sob controle. Pode reiniciar a partida." Mas, enquanto conversavam ali próximo ao alambrado caído, uma facção da torcida tricolor avançou em direção à torcida botafoguense, derrubando a outra parte do alambrado, fazendo com que os botafoguenses, inclusive crianças, não tendo para onde correr, viessem para o meio do campo. Sendo assim, José Roberto Wright foi obrigado a suspender a partida. Bem, amigo leitor, essas são as pistas. Aí estão os fatos. De quem é a culpa? Do arquiteto, que foi obrigado a cortar um pedaço do campo do Flumi-

nense para que passasse a avenida que vai para o Palácio do Governo? Ou foi do senhor Emílio, que comprou do sr. Francisco Aguiar, segundo os jornais, 8 000 ingressos? A culpa? Ora, minha senhora (ou senhor), foi dos "canastrões". Eurico Miranda, Francisco Aguiar e o presidente Caixa-D'Água sempre interpretam mal. Sempre inclinam a verdade para o seu lado mais vantajoso. Mas voltemos ao passado mais longe, para o mais importante Botafogo e Vasco que eu presenciei

Onze homens, vestidos com a camisa do tradicional Vasco da Gama, não tendo o que fazer, apanham uma caravela de brinquedo, daquelas que são vendidas em feiras (talvez na de São Cristóvão), e, por ser um santo dos caminhoneiros, engrenam uma primeira e correm feito bobos. Pra nada. Todos viram, todos leram, todos haviam interpretado o regulamento. Menos os

homens do Vasco. É evidente. Perdendo como perderam, queriam eles se agarrar na prorrogação. Gottardo, o valente capitão, após demorada conversa com o árbitro, colocou-se à disposição de sua senhoria para qualquer coisa, menos para continuar uma partida terminada, segundo a interpretação real do regulamento. E lá foram eles... Senhores. Chefes de família... Craques internacionais desfilando mais rápido do que a Mocidade Independente de Padre Miguel. Rápido, porque estavam com vergonha. Mas os "canastrões" mandaram, o que vamos fazer? O verdadeiro campeão daquela tarde-noite, não tendo mais o que fazer a não ser receber aplausos dos seus fãs, recebeu a taça oferecida por um canal de televisão e foi ao encontro da ovação final

Ricardo Cruz, Paulo Roberto, Gottardo, Gonçalves e Renato; Carlos Alberto Santos, Luisinho, Djair e Gustavo; Donizete, Valdeir e Carlos Alberto Dias: eis o BICAMPEÃO. Mas... pasmem. Só seis meses depois é que oficialmente a Federação chegou à conclusão de que o campeão de 1990 era o Botafogo.

SER CAMPEÃO VIROU ROTINA
Wilson Gottardo comemora com Luisinho (8) o gol de Carlos Alberto Dias que garantiu o bicampeonato de 1990



Régis Cardoso, 56 anos, é diretor de TV e um botafoguense. Frequentemente via seu time ser bicampeão duas vezes contra o Vasco, em 1968 e 1990

Vasco 2 x Botafogo 0 (14/1/1951)

Base da Seleção derrotada em pleno Maracanã, o Vasco era tido como acabado. Mas a vitória ainda válida pelo retorno de 1950 provou o contrário

Campeão invicto de 1949, o Vasco não começou bem o campeonato de 1950. Era natural, pois o time fora a base da Seleção Brasileira, responsável pela maior decepção já sofrida pelo nosso futebol, a perda da Copa do Mundo de 1950, em pleno Maracanã. O São Paulo, que dividia com o Vasco o orgulho de fornecer um grande número de jogadores à Seleção, também pagou por aquela derrota. Tanto que, vindo de um bicampeonato estadual — 1948/49 —, só voltaria a ganhar o Campeonato Paulista em 1953, já com o time inteiramente modificado. O Vasco sofreu três derrotas no turno de 1950, para o América (3 x 2), para o Botafogo (1 x 0) e para o Fluminense (2 x 1). Nenhum time que deseja ser campeão pode perder três vezes num turno só. Já se dizia que o extraordinário elenco vascaíno chegara ao fim, pois jogadores como Barbosa, Augusto, Danilo, Ademir e Chico atingiram os 30 anos e já não eram os mesmos (todos eles haviam sido titulares da Seleção Brasileira na Copa do Mundo). Mas o técnico Flávio Costa conhecia bem o elenco e sabia que ele tinha fôlego para a recuperação. Tratou de utilizar alguns jovens reservas — e a solução deu certo. Botou Laerte na zaga central, deslocou Alfredo para a ponta-direita (no lugar do grande Tesourinha, contundido), fixou Ademir no centro do ataque, decidiu que Ipojucan seria titular da meia-esquerda e escalou na ponta-esquerda, barrando e legendário Chico, um jovem de 18 anos chamado Djair, um incrível driblador (melhor do que ele, só vi um Garrincha).

E começou a reação. O Vasco venceu o Flamengo, o Madureira (9 x 1), o Bonsucesso, o Canto do Rio (7 x 0), o São Cristóvão (6 x 0), o América (então, líder do campeonato), o Bangu e foi enfrentar pela segunda vez o Botafogo. Lembro-me bem desse

jogo. Na época, com 13 anos de idade, meu lugar era na geral do Maracanã. O Botafogo fazia, naquele domingo, possivelmente, a sua melhor exibição no campeonato. Na defesa, um zagueiro argentino chamado Basso dava um show de bola. Que belo zagueiro aquele Basso. Tão bom que conservo a firme convicção de que foi um dos três maiores beques que vi em toda a minha vida. E, na frente, o Botafogo brilhava através da atuação do meia Neco, que infernizava a defesa vascaína. Que jogo duro, que sofrimento! É claro que poderia escolher vários outros Vasco x Botafogo para falar desse clássico, pois o Botafogo tem o saboroso hábito de perder para o Vasco. É um velho e incorrigível freguês. Mas optei por aquela partida do retorno de 1950, exatamente porque os alvinegros jogaram um bolão.

Honestamente, confesso que contribuiu muito para a vitória vascaína uma contusão sofrida

pelo meia Neco (aquele mesmo que, anos depois, ficaria famoso com a sua escolinha de futebol, através da qual revelou vários craques para o Botafogo e para a Seleção Brasileira). Foi uma vitória conquistada no segundo tempo, 2 x 0 sendo um dos gols marcado por Ademir, o artilheiro do campeonato. Poucas vezes senti um alívio tão grande quanto os proporcionados pelos gols vascaínos, naquele dia. E, depois dos dois gols, o Vasco passou a trocar bolas, Maneca para Ipojucan, este para Danilo, que passava para Ademir, que entregava a Djair. E Djair parava, chamava o seu marcador e bailava como um mestre-sala de escola de samba, deixando a defesa botafoguense tonta, parecendo o gato perseguindo o rato no desenho animado. Uma festa, uma alegria, ilustrada pelo toque de Ramalho, na arquibancada, tirando sons incríveis de um talo de mamão.

Voltei para casa, feliz. Valeu a pena viver aquele domingo. Tenho a impressão de que nem no céu encontrarei um domingo igual.

P.S. — O Vasco foi campeão de 1950. Ou melhor: bicampeão.

ARTILHEIRO E BICAMPEÃO

O centroavante Ademir Menezes marca o seu gol nos 2 x 0 sobre o Botafogo: festa vascaína



Sérgio Cabral, 54 anos, é jornalista, escritor e vereador no Rio pelo PSDB além de vascaíno

Santos X São Paulo

Mais que em qualquer jogo, no San-São não há lógica. Pelé & Cia. já fugiram de campo contra um time de jogadores medianos, o Peixe já foi campeão mesmo perdendo e, não raro, ganha quem está pior. São alguns ingredientes de um clássico, antes de tudo, imprevisível



JOSE PINTO

JUARY ROUBA A FESTA

Na volta de Serginho, após longa ausência por suspensão, quem brilha é o outro camisa 9, na goleada de 4 x 1

A FORÇA IMPREVISÍVEL DO SAN-SÃO

Tão antigo quanto o futebol profissional — um jogo entre o Peixe e o antigo São Paulo da Floresta marca o fim do amadorismo no Brasil —, o confronto Santos x São Paulo envolve decisões dramáticas e às vezes desiguais. Não faltam histórias de suborno e nem sempre o vencedor sai campeão.

A mais antiga delas foi em 1956. Para não deixar escapar o bicampeonato que nunca havia conseguido, o Santos sacou do time o goleiro Manga e os zagueiros Hélio e Ivan, acusados de suborno. A tática deu certo, e os 4 x 2, de virada, trouxeram o campeonato.

Nem na década de 60, quando o Santos tornou-se bicampeão mundial enquanto o São Paulo montava equipes medianas a fim de concentrar esforços na construção do Morumbi, houve desequilíbrio. Buscando forças em suas limitações, o tricolor era capaz de proezas inima-

gináveis, como fazer 4 x 1 e obrigar o Santos a fugir de campo, em 1963. Do lado do alvinegro, naquele dia, estavam Pelé e Coutinho. Do São Paulo, Faustino e Sabino.

Mas até milagres como este tinham limites, e na decisão de 1967 não foi mesmo possível ao São Paulo segurar o Peixe, que venceu

por 2 x 1. A situação só mudaria a favor do tricolor em 1980, quando arrancou para o título de campeão da década vencendo o Peixe por 1 x 0. Em 1978, é certo, ganhou o terceiro jogo das finais, mas só empatou na prorrogação. No fim, Peixe campeão — mostrando que, em jogos equilibrados como o San-São, toda vantagem é bem-vinda.



ENFIM, VITÓRIA!

Os gols de Serginho deram ao São Paulo um título que ele nunca havia conseguido: ...



RONALDO KOTSCHO

NÃO BASTA VENCER
Empate na prorrogação e Santos campeão



SERGIO BEREZOVSKI

MANTENDO A TRADIÇÃO
Em 84, o São Paulo enfia 4 x 1 no Peixe



ABRIL

... a vitória, numa final, contra o Santos

APESAR DE PELÉ, TRICOLOR ESTÁ NA FRENTE

	SAN	X	SP
25.04.36	2	x	0
01.11.36	4	x	0
20.02.37	3	x	1
25.04.37	3	x	2
12.09.37	4	x	1
27.11.38	0	x	5
09.07.39	1	x	0
22.10.39	2	x	3
18.08.40	5	x	1
14.12.40	1	x	6
18.05.41	2	x	4
14.08.41	3	x	3
31.05.42	2	x	4
02.08.42	1	x	5
24.01.43	0	x	2
17.02.43	1	x	2
16.05.43	1	x	6
12.06.43	1	x	4
18.08.44	1	x	3
08.08.44	0	x	1
21.10.44	1	x	2
25.10.44	1	x	2
13.05.45	1	x	1
19.08.45	0	x	4
14.07.46	2	x	3
31.08.46	0	x	2
09.04.47	1	x	6
22.07.47	1	x	1
28.09.47	1	x	1
05.09.48	2	x	3
03.10.48	2	x	1
25.05.49	2	x	0
14.08.49	1	x	0
20.11.49	1	x	3
19.04.50	0	x	4
03.09.50	3	x	2
21.01.51	2	x	1
24.05.51	1	x	2
12.08.51	3	x	0
02.12.51	2	x	1
26.03.52	2	x	1
03.06.52	1	x	0
07.06.52	0	x	2
30.07.52	0	x	1
26.10.52	0	x	3
15.01.53	0	x	1
17.05.53	0	x	2
10.07.53	0	x	1
17.10.53	1	x	4
24.01.54	1	x	3
02.06.54	1	x	2
05.08.54	1	x	1
10.12.54	0	x	2
06.04.55	2	x	0
07.09.55	3	x	1
27.11.55	1	x	3
21.01.56	4	x	1
08.03.56	6	x	4
29.04.56	3	x	5
06.06.56	3	x	0
12.08.56	1	x	0
28.10.56	2	x	0
09.11.56	1	x	3
03.01.57	4	x	2
26.04.57	3	x	1
15.09.57	2	x	3
17.11.57	2	x	6
03.12.57	2	x	2
16.03.58	2	x	4
24.04.58	2	x	1
17.08.58	1	x	0
18.12.58	2	x	2
05.04.59	4	x	1
26.04.59	4	x	3
27.09.59	1	x	2
13.12.59	4	x	3
21.04.60	1	x	1
31.08.60	3	x	1
11.12.60	1	x	2
15.03.61	1	x	0
03.08.61	6	x	3
16.12.61	4	x	1
02.09.62	3	x	3
05.12.62	5	x	2
07.03.63	6	x	2
15.08.63	1	x	4
27.11.63	1	x	1
19.04.64	4	x	1
19.07.64	5	x	1



NESON COELHO

No último clássico, nova surpresa: Santos 2 x 1, de virada

	SAN	X	SP		SAN	X	SP		SAN	X	SP
11/10/64	3	x	2	28/09/72	1	x	0	29/07/78	0	x	1
27/03/65	1	x	3	27/01/73	1	x	1	28/10/78	3	x	0
01/08/65	1	x	1	25/03/73	2	x	2	19/07/80	2	x	2
16/10/65	0	x	0	29/07/73	0	x	0	19/10/80	1	x	1
26/02/66	2	x	3	17/12/73	1	x	0	16/11/80	0	x	1
28/09/66	1	x	0	29/01/74	1	x	2	16/11/80	0	x	1
30/10/66	1	x	2	02/06/74	1	x	1	08/04/81	0	x	2
01/04/67	1	x	1	15/09/74	1	x	1	12/04/81	1	x	2
16/08/67	0	x	0	27/10/74	1	x	1	13/06/81	0	x	3
15/10/67	2	x	2	04/05/75	0	x	2	18/10/81	2	x	3
21.12.67	2	x	1	29/06/75	0	x	1	17/04/82	0	x	2
27/03/68	5	x	2	07/08/75	2	x	1	02/05/82	0	x	1
01/06/68	3	x	1	28/09/75	0	x	1	25/05/82	0	x	1
20.10.68	0	x	0	12/02/76	3	x	3	08/09/82	1	x	1
08/03/69	3	x	0	27/06/76	0	x	0	03.10.82	0	x	0
21.05.69	1	x	0	30/10/76	1	x	0	19/06/83	0	x	3
21.08.69	0	x	0	07.11.76	0	x	1	01/11/83	2	x	1
09.11.69	1	x	1	11.12.76	2	x	1	03.12.83	1	x	2
21.03/70	4	x	0	01.05/77	0	x	2	07/12/83	1	x	1
15/04/70	12	x	1	03/07/77	0	x	3	02/09/84	1	x	4
12/07/70	2	x	3	14/09/77	0	x	2	11/11/84	0	x	0
09/08/70	2	x	3	01.10.78	3	x	1	07/07/85	1	x	1
29/11/70	2	x	2	11/11/78	0	x	0	27/10/85	0	x	3
21.04/71	2	x	0	28/01/78	4	x	1	30/03/86	1	x	3
16.05.71	0	x	0	12/05/78	1	x	2	13/07/86	1	x	2
14.08/71	3	x	1	20/06/79	2	x	1	09/08/86	1	x	0
16.04/72	1	x	3	24/08/79	1	x	1	19.10.86	0	x	2
23/07/72	0	x	2	28/06/79	0	x	2	23/11/86	0	x	0
								19/04/87	3	x	2
								02/08/87	0	x	1
								24.10.87	1	x	3
								22/05/88	3	x	0
								29/06/88	0	x	2
								13/07/88	1	x	1
								02/10/88	0	x	1
								18/05/89	2	x	3
								11/11/89	0	x	3
								23/03/90	0	x	1
								29/08/90	1	x	0
								24/11/90	0	x	1
								02/12/90	1	x	1
								17/02/91	2	x	1

RETROSPECTO

187 jogos

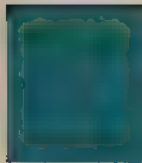
65 vitórias do Santos

61 vitórias do São Paulo

41 empates

275 gols do Santos

317 gols do São Paulo



Santos 2 x São Paulo 1 (21/12/1967)

Os são-paulinos acreditavam na mística de seu uniforme número dois, com o qual haviam conquistado seu derradeiro campeonato, dez anos antes. No entanto, vestiram as camisas listradas e não saíram por aí

Chamava-se Tribal de Albatroz. Foi, provavelmente, a primeira torcida organizada do moderno Santos. Pequena mas apaixonada, tinha como integrantes três alunos do velho Colégio Canadá. Nas horas vagas, o Tribal seguia a trilha do Jimi Hendrix Experience, fazendo marinheiros nórdicos sacudir o esqueleto nas boates da Boca. Seguiu também a trilha do Peixe. Foi a menor, mas certamente a mais lisérgica das galeiras santistas

No começo da noite de 21 de dezembro de 1967, uma quinta-feira, o Tribal subiu a serra, rumo à final do Campeonato Paulista. Santos e São Paulo fariam a decisão no Pacaembu, então chamado de Próprio da Municipalidade. Era uma partida extra, já que o tricolor, com dez anos de jejum nas costas, passara quase todo certame à frente do alvinegro. Mas coube ao Corinthians — logo aquele time! —, na última rodada, fazer com que os dois times terminassem empatados. O Tribal estava agradecido ao centroavante Benê, que, quatro dias antes, faltando 30 segundos para o fim do jogo, empatara em 1 x 1 o clássico Corinthians x São Paulo, colocando os são-paulinos na boca do tubarão

Ali começava o último dos tricampeonatos do Santos. Talvez para disfarçar o nervosismo, alguns tricolores mais afoitos partiram para provocações. "Eles estão receosos porque o São Paulo sempre foi seu maior rival", apostara o grande zagueiro Roberto Dias, considerado então um dos grandes marcadores do Rei. Os são-paulinos também acreditavam na mística de seu uniforme número dois, com o qual haviam conquistado seu derradeiro campeonato, dez anos antes. Mas vestiram as camisas listradas e não saíram por aí.

Chovia no Pacaembu. O Santos entrou em campo com Cláudio, Carlos Alberto, Ramos Del-

gado, Joel e Rildo; Clodoaldo e Buglê; Wilson Tergal, Toninho, Sua Majestade e Edu. O falecido Sílvio Pinlo armou o São Paulo com Picasso; Renato, Belini, Dias e Edilson. Nenê e Lourival. Válder, Dejair, Babá e Paraná. Armando Marques no apito. O Tribal na arquibancada, entre 43 627 pessoas.

Menos uma grande decisão, mais uma brincadeira de gato e rato. Em menos de um quarto de hora, o Santos já vencia por 2 x 0, gols de Edu, aos 9 minutos, e Toninho Guerreiro, aos 12. Babá entra para a história como autor do gol de honra do São Paulo, aos 43 do segundo tempo, quando o título já era ponto em caixa. "Arrepiei muito o Babá naquela partida", confessaria o argentino José Manuel Ramos Delgado, anos mais tarde, a um amigo, ex-integrante do Tribal.

Fora uma semana estranhamente tensa na Vila Belmiro. Na antevéspera da decisão, durante um racha entre brancos e crioulos, o zagueiro Oriando Peçanha de Carvalho e o ponta Wilson Tergal haviam se estranhado. O técnico santista Antoninho Fernandes, divino meia-direita da década de 40, mandou os brigões para o chuveiro. "Deixem passar

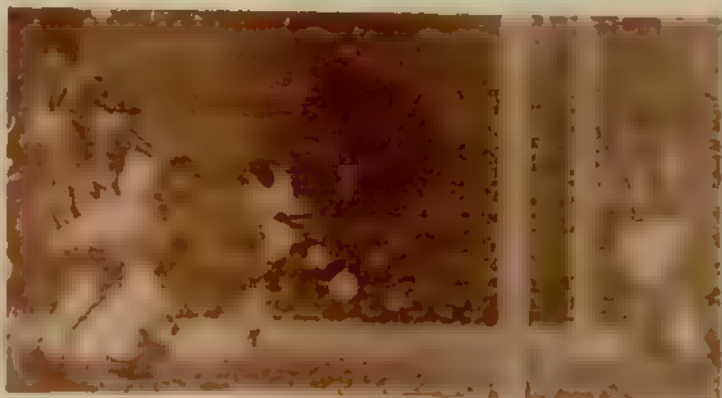
a decisão", ordenou. "Depois vocês se pegam na praia."

Começa o jogo, a tranquilidade baixa sobre os uniformes brancos. O primeiro gol foi uma pintura: teve como origem uma tabela entre Pelé e Edu. Também o Rei faria o passe para que Toninho marcasse o segundo, na saída de Picasso. Divino Toninho Guerreiro, hoje um dos centroavantes da Seleção do Céu. Naquele tempo não havia motor-rádio, mas ele deixaria o campo como o melhor entre os 22.

São-paulinos têm memória curta. Gostam de lembrar os 4 x 1 de 1963, quando, humilhado, o Peixe apodreceu num cai-cai e fugiu de campo. Esquecem, porém, que, naquele mesmo ano, com um ataque reserva formado por Peixinho, Batista, Gonçalo e Noriva, o Santos lhes impôs uma goleada de 5 x 1. Quatro anos se passaram e eles acabaram na goela do grande tubarão branco

Naquele noite de dezembro de 1967, o Tribal de Albatroz desceu a serra em êxtase. Foi direto para a boate Suomi, na Rua General Câmara. Guitarras ligadas, embalou marinheiros & putas ao som do clássico "Purple Haze", do gênio Jimi. Velhos lobos-domar acabaram chacoalhando ao sabor de um som desconhecido para eles. Era a versão alucinada e elétrica de uma canção cujos versos iniciais diziam: "Agora quem dá bola é o Santos..."

CAMPEÃO MAIS UMA VEZ
Edu marca o primeiro do Santos na final de 1967. Para o tricolor, mais um ano na fila



Tônico Duarte, repórter especial de O Estado de S.Paulo, é ex-guitarrista do Tribal de Albatroz, que tinha Heio Nunes no contrabaixo e Marcos Munhoz na bateria

São Paulo 4 x Santos 1 (15/8/1963)

Nós que gostávamos das jogadas de Pelé e Coutinho fomos obrigados a incentivar por anos nossos cabeças-de-bagre.

Até que, num determinado dia, os nossos Sabino e Cecílio Martinez colocaram o Santos na roda

As minhas primeiras lembranças futebolísticas não remetem ao São Paulo, mas ao Palmeiras; aliás, remetem ao modesto salão de trabalho de um sapateiro próximo a minha casa. Dominando as primeiras letras consegui decifrar os nomes de alguns atletas cujas fotos, já desbotadas, apareciam num quadro pendurado na parede. O-berdan, Pa-lan-te, Tur-ção...

A emoção da leitura guardo até hoje. Mas o meu coração de amante do futebol foi tocado por outras emoções. O São Paulo do final da década de 40, que tanto ouvi falar mas a que nunca assisti, transmitia pelas ondas do rádio e páginas de *A Gazeta Esportiva* o carisma de um time vencedor, goleador, forte e inspirado. Leônidas da Silva e suas bicicletas, a imponência de Bauer e Rui, a categoria de dom Antonio Sastre encantavam quem se encantava com a arte. Fiz-me são-paulino.

Este espírito artístico continuou a manifestar-se aqui e ali na década de 50. Poy, De Sordi e Mauro; Pé-de-Valsa, Bauer e Alfredo, em 1953, ou Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoto, em 1957. Zizinho e Canhoto — basta redigir esses dois nomes para me sentir tomado pelas melhores alegrias que um torcedor pode fruir.

Até aí tudo corria bem. O surgimento de Pelé e as vitórias santistas no começo não doíam. Mas veio a construção do Morumbi e os torcedores do futebol-arte de Leônidas, Mauro, Zizinho e Canhoto tiveram de se contentar durante anos com um exército de pernas-de-pau. Dinheiro só para tijolo, jogador só se for muito baratinho. Deste período heróico, guardo na cabeça um rol de nomes de rapazes esforçados que tiveram a ventura de jogar pelo São Paulo; ao invés de Mário ou Poy, tínhamos Suli; ao invés de De Sordi, Deleu; ao invés de Mauro, Gildásio; ao invés de Maurinho, Nondas.

Nós que gostávamos mesmo das jogadas de Pelé, Coutinho, Zito e Pepe fomos obrigados a incentivar, por anos, nossos cabeças-de-bagre. Até que, num determinado dia, tocados por alguma graça superior e orientados pelo magistral Pagão, que defendeu no São Paulo uns últimos trocados em seu final de carreira, os nossos Sabino e Cecílio Martinez colocaram o Santos na roda.

O Sabino, vindo do Internacional de Bebedouro, carregava o apelido de Pelé II (a semelhança era só física). Naquela tarde,

no Pacaembu, Pelé II barbarizou e o baixinho Cecílio Martinez jogou tanto quanto no dia em que foi descoberto, lá no Paraguai, para o São Paulo. E esguio, já meio careca, tão maravilhoso como sempre, mas um pouco mais lerdo, evoluía Pagão. O mesmo Pagão que deu vida ao ainda pequenino Santos ao lado de Tite, Jair da Rosa Pinto, Del Vecchio e o menino Pelé fez o São Paulo se vingar do genial Santos com a melhor moeda daqueles que apreciavam o futebol-arte: show de bola, olé e 4 x 1 no placar. E pôs o Peixe para correr.

A VINGANÇA DE PAGÃO

Embora já em fim de carreira, o centroavante ajudou o São Paulo a golear seu ex-time



ABRIL



Alexandre Machado, 46 anos, jornalista, apresenta o programa *Vamos Sair da Crise*, da TV Gazeta (SP). No futebol, não tem crise: torce para o São Paulo

Se o Galo e a Raposa estão em campo, não há lugar para a tradicional cautela mineira. A paixão das duas torcidas fala mais alto, em um clássico que chegou até a tirar o emprego de goleiros e provocar a mudança no nome de um rival após a derrota

QUANDO OS MINEIROS SÃO EXTREMADOS

Gontam os antigos que, quando o clássico era marcado para o campo do Atlético, os jogadores do Cruzeiro saíam a pé, já uniformizados, pelas ruas de Belo Horizonte, só para não precisarem usar o vestiário do inimigo. Prova de que basta começar a falar em futebol para a conhecida cautela mineira ser esquecida. Uma rivalidade acirrada a partir do final dos anos 20, quando o então Palestra Itália — primeiro nome cruzeirense — conquistou o tricampeonato (1928/29/30). Antes disso, os atleticanos estavam mais preocupados com o América, vencedor dos dez primeiros estaduais.

Mas foi na década de 40 que a briga esquentou. Por causa da aliança entre Alemanha e Itália, na Segunda Guerra Mundial, o Palestra tratou de mudar de nome: passou a se chamar Ipiranga. Só que a derrota por 1 x 0 no primeiro confronto com o Atlético veio como um presságio, e ninguém hesitou em rebatizar o clube. O encontro entre Cruzeiro e Atlético logo ganhou o apelido de Derby — o mesmo utilizado no clássico Corinthians x Palmeiras —, surgiram os símbolos do Galo atlético e da Raposa cruzeirense e cada partida se tornou uma questão de vida ou morte.

Derrotas no clássico custaram o emprego de muitos jogadores, em especial de dois goleiros alvi-negros: Hélio, em 1967 (veja textos de Raul Plassman e Roberto Drumond), e Ortiz, em 1977. Decisões apaixonadas que não deixam margem a acomodações, a concessões ou ao silêncio. Dentro de campo, ser mineiro é amar o seu time e odiar o rival até as últimas consequências



FIM DA DOR

O Atlético de Reinoldo vence e interrompe a série do Cruzeiro em 1976



MAIOR GOLEADA

Aplicar 9 x 2 no Palestra Itália, em 1927, é a glória que os atleticanos ainda guardam



VOA, KAFUNGA!

Ídolo atlético, o goleiro Kafunga não pôde evitar a vitória do rival em 1941



ALBERTO CARLOS



ABRIL

AMIGOS, AMIGOS...
Guara e Caieira pouco antes de esquecerem a amizade



ARMÊNIO ABASCA

SURPRESA
Tostão leva o Cruzeiro ao título de 1984

OS NÚMEROS FAVORECEM O GALO



NELO RODRIGUES

Edson, da Cruzeiro, enfrenta o torço do Galo

ATL. X CRU	
15-05-21	2 x 1
11-09-21	1 x 1
12-03-22	2 x 1
21-05-22	0 x 1
11-08-22	1 x 0
11-11-22	2 x 0
31-12-22	2 x 0
08-05-23	1 x 1
12-08-23	2 x 0
20-09-23	3 x 5
27-09-23	1 x 0
14-08-27	4 x 2
27-11-27	0 x 2
01-04-28	2 x 2
02-09-28	2 x 0
16-12-28	2 x 2
09-05-29	1 x 3
17-11-29	2 x 5
01-08-30	1 x 2
22-02-31	0 x 2
01-03-31	3 x 3
22-03-31	3 x 0
21-06-31	3 x 2
18-10-31	2 x 3
30-10-31	2 x 1
21-11-31	2 x 3
22-11-31	3 x 0
29-11-31	2 x 1
27-12-31	1 x 1
30-12-31	2 x 2
01-01-82	2 x 2
29-04-33	4 x 0
28-05-33	1 x 2
06-08-33	1 x 2
22-10-33	2 x 1
08-02-34	1 x 2
21-04-34	1 x 3
03-06-34	2 x 2
15-07-34	2 x 3
26-08-34	2 x 0
02-12-34	0 x 0
09-12-34	3 x 4
13-01-35	2 x 2
13-04-35	4 x 2
05-05-36	4 x 2
07-07-36	2 x 3
04-08-36	3 x 2
18-08-36	4 x 2
27-10-36	2 x 1
05-01-36	2 x 3
02-02-36	4 x 3
22-03-36	0 x 0
25-06-36	6 x 1
25-10-36	2 x 0
29-08-37	1 x 2
12-09-37	3 x 3
14-11-37	0 x 0
09-01-38	3 x 1
30-01-38	1 x 1
08-04-38	2 x 1
21-04-38	3 x 0
05-06-38	1 x 0
24-07-38	4 x 1
18-09-38	1 x 0
08-01-39	2 x 2
05-02-39	0 x 4
28-03-39	0 x 1
23-04-39	3 x 0
04-06-39	1 x 0
13-08-39	2 x 0
18-02-40	0 x 2
24-03-40	0 x 3
23-06-40	2 x 2
28-07-40	1 x 1
25-08-40	1 x 2
01-09-40	1 x 3
29-12-40	1 x 3
05-01-41	2 x 1
12-01-41	0 x 2
28-01-41	2 x 5
14-02-41	2 x 2
27-07-41	2 x 1
19-10-41	0 x 1
14-12-41	2 x 2
01-02-42	1 x 0
27-05-42	6 x 1
09-08-42	2 x 0
20-09-42	1 x 0
04-10-42	2 x 1

ATL. X CRU	
25-12-42	1 x 3
03-01-43	2 x 1
10-01-43	1 x 3
30-05-43	3 x 1
10-08-43	0 x 2
03-10-43	0 x 1
05-04-44	0 x 2
18-04-44	1 x 1
15-06-44	1 x 2
18-03-45	2 x 1
23-03-45	1 x 2
05-04-45	1 x 0
20-05-45	3 x 4
13-08-45	2 x 4
16-09-45	2 x 3
23-10-45	3 x 0
30-10-45	3 x 0
23-12-45	3 x 1
12-05-46	2 x 0
04-08-46	2 x 2
20-08-46	2 x 2
22-09-46	2 x 0
15-11-46	2 x 0
28-11-46	1 x 0
15-01-47	2 x 2
23-02-47	0 x 2
02-03-47	3 x 1
23-03-47	2 x 1
21-04-47	2 x 1
15-06-47	1 x 0
19-07-47	1 x 1
28-07-47	1 x 0
19-10-47	3 x 1
02-12-47	0 x 2
08-04-48	2 x 2
13-04-48	5 x 1
20-06-48	1 x 2
21-06-48	0 x 1
14-11-48	2 x 1
20-01-49	0 x 0
05-02-49	2 x 1
26-05-49	5 x 2
05-06-49	3 x 1
03-07-49	1 x 3
31-07-49	1 x 2
04-09-49	4 x 2
08-11-49	1 x 1
18-05-50	1 x 3
29-05-50	0 x 2
30-07-50	2 x 0
19-10-50	2 x 1
01-03-51	3 x 0
02-04-51	1 x 2
13-05-51	1 x 1
29-05-51	4 x 1
08-07-51	2 x 1
16-09-51	3 x 1
30-12-51	2 x 1
16-03-52	4 x 3
19-03-52	2 x 4
22-05-52	0 x 3
01-06-52	2 x 1
24-06-52	0 x 4
12-10-52	4 x 0
06-11-52	2 x 2
07-12-52	1 x 0
21-06-53	5 x 0
08-07-53	2 x 2
30-08-53	2 x 2
27-02-54	3 x 3
25-03-54	0 x 1
25-07-54	1 x 0
05-09-54	1 x 0
12-09-54	1 x 1
14-09-54	1 x 0

ATL. X CRU	
04-12-54	1 x 0
09-12-54	2 x 1
12-12-54	1 x 3
19-12-54	0 x 0
30-01-55	0 x 1
17-04-55	2 x 0
21-04-55	3 x 0
24-04-55	1 x 1
01-05-55	2 x 0
12-05-55	2 x 0
07-08-55	2 x 1
25-11-55	2 x 2
29-06-56	1 x 1
05-07-56	0 x 0
18-09-56	2 x 0
14-10-56	0 x 2
18-10-56	1 x 0
21-10-56	3 x 2
10-01-57	0 x 0
21-04-57	1 x 3
23-05-57	1 x 1
26-05-57	0 x 0
02-08-57	1 x 0
25-08-57	0 x 1
23-11-57	1 x 0
19-01-58	0 x 1
21-01-58	0 x 2
30-03-58	2 x 2
29-06-58	5 x 2
07-12-58	3 x 0
01-03-59	0 x 1
03-05-59	3 x 0
18-08-59	0 x 1
04-10-59	3 x 1
25-10-59	0 x 1
24-01-60	1 x 2
21-02-60	2 x 3
12-06-60	1 x 1
18-06-60	2 x 2
25-09-60	2 x 0
23-12-60	4 x 0
22-01-61	0 x 0
12-03-61	2 x 2
25-04-61	1 x 1
21-05-61	2 x 1
08-06-61	1 x 1
25-06-61	0 x 2
13-08-61	2 x 0
26-10-61	2 x 1
21-12-61	0 x 2
25-05-62	0 x 2
21-04-62	3 x 0
08-08-62	2 x 0

ATL. X CRU	
09-09-62	2 x 0
16-12-62	1 x 0
10-02-63	0 x 1
13-02-63	2 x 1
15-02-63	2 x 1
23-06-63	1 x 0
15-09-63	1 x 0
01-12-63	1 x 1
02-02-64	1 x 3
24-05-64	0 x 0
02-08-64	1 x 0
15-11-64	0 x 1
21-04-65	0 x 1
09-05-65	2 x 3
20-06-65	1 x 3
24-10-65	0 x 1
16-12-65	0 x 2
09-02-66	1 x 2
25-06-66	3 x 2
29-06-66	0 x 0
18-09-66	0 x 2
11-12-66	1 x 1
05-03-67	0 x 4
10-05-67	0 x 0
26-11-67	3 x 3
14-01-68	1 x 3
21-01-68	0 x 3
02-06-68	1 x 2
08-09-68	1 x 1
27-10-68	1 x 0
04-05-69	0 x 1
06-05-69	0 x 1
28-08-69	1 x 2
01-02-70	2 x 1
31-05-70	2 x 2
02-08-70	2 x 1
20-09-70	1 x 1
25-10-70	1 x 1
13-12-70	1 x 1
07-03-71	0 x 0
02-05-71	1 x 0
27-06-71	1 x 0
10-10-71	1 x 1
06-02-72	1 x 3
12-03-72	0 x 0
21-05-72	1 x 1
06-08-72	0 x 1
20-08-72	0 x 0
03-09-72	1 x 1
07-09-72	1 x 2
12-11-72	0 x 0
25-02-73	1 x 0
18-03-73	0 x 2
25-03-73	1 x 3
20-05-73	2 x 0
17-08-73	0 x 1
05-08-73	0 x 1
19-08-73	0 x 1
11-11-73	0 x 0
03-03-74	3 x 1
24-03-74	2 x 1
08-09-74	1 x 1
29-09-74	0 x 1
10-11-74	0 x 0
15-12-74	1 x 2
20-04-75	2 x 2
25-07-75	1 x 0

ATL. X CRU	
07-09-75	2 x 2
18-01-76	2 x 1
25-01-76	2 x 1
08-02-76	0 x 1
22-02-76	0 x 1
23-04-76	2 x 1
04-07-76	1 x 0
25-07-76	1 x 1
27-03-77	2 x 0
03-04-77	2 x 0
23-05-77	3 x 0
07-06-77	0 x 0
26-09-77	1 x 0
02-10-77	2 x 3
09-10-77	1 x 3
08-11-77	1 x 0
29-01-78	2 x 1
23-04-78	0 x 2
27-05-78	0 x 0
22-10-78	1 x 1
17-12-78	0 x 0
18-02-79	2 x 1
18-03-79	0 x 0
27-05-79	0 x 0
22-07-79	0 x 1
29-07-79	0 x 1
01-08-79	1 x 1
05-08-79	1 x 0
28-08-79	3 x 0
09-09-79	0 x 0
07-10-79	1 x 1
02-12-79	0 x 0
28-10-80	1 x 0
30-11-80	2 x 0
28-08-81	0 x 0
11-10-81	0 x 1
08-11-81	1 x 1
29-11-81	2 x 0
02-05-82	2 x 2
23-05-82	0 x 0
05-08-82	0 x 0
17-10-82	2 x 1
07-11-82	0 x 1
06-12-82	2 x 1
24-07-83	0 x 0
02-10-83	2 x 2
09-10-83	0 x 1
12-10-83	2 x 0
18-10-83	4 x 0
13-11-83	3 x 2
11-12-83	1 x 4
15-04-84	2 x 4
29-07-84	0 x 1
11-11-84	1 x 1
06-12-84	0 x 4
09-12-84	1 x 0
03-03-85	2 x 0
10-04-85	2 x 3
01-09-85	3 x 1
15-09-85	1 x 1
25-09-85	0 x 0
27-10-85	1 x 1
17-11-85	0 x 0
01-12-85	3 x 1
08-12-85	0 x 0
11-12-85	2 x 2
15-12-85	1 x 0
02-03-86	2 x 0
27-04-86	1 x 0
08-02-87	0 x 0
11-02-87	1 x 1
03-05-87	0 x 1
10-05-87	3 x 2
05-07-87	1 x 2
29-07-87	0 x 0
02-08-87	0 x 2
11-10-87	0 x 0
03-04-88	1 x 2
10-07-88	1 x 0
04-09-88	0 x 0
23-04-89	0 x 1
11-08-89	1 x 0
09-07-89	3 x 0
10-12-89	0 x 1
01-04-90	1 x 3
30-05-90	2 x 1
03-06-90	0 x 1
30-09-90	2 x 0
17-02-91	2 x 2

RETROSPECTO

373 jogos
159 vitórias do Atlético
117 vitórias do Cruzeiro
97 empates
542 gols do Atlético
443 gols do Cruzeiro

Atlético 3 x Cruzeiro 3 (26/11/1967)

Atlético 3,
Cruzeiro 2.
Ao lado do
Sempre, eu o vi

estranha oração:
"Poi Nosso que
estais no céu,
fazei as mulheres
do mundo
abandonarem
este pecador,
mas não deixei
que o Cruzeiro
empate o jogo"

O horóscopo do sagitariano José Flores de Jesus, conhecido como Sempre, chefe histórico da torcida atlética, anunciava mau tempo amoroso para aquele domingo, 26 de novembro de 1967. Em compensação, prometia alegrias esportivas para o Sempre. O que o levou a dizer: "É hoje!"

Pois que naquele domingo o Atlético ia jogar no Mineirão contra seu arquiinimigo, o Cruzeiro do goleiro da camisa amarela, Raul, onde brilhavam as estrelas de Tostão, Piazza e Dirceu Lopes. O Mineirão estava lotado. O Sempre foi o primeiro a chegar. Encorajado pelo horóscopo e vigiado por este cronista (que ia escrever sobre ele), o Sempre puxou os assovios para o goleiro Raul. Era um ritual: Raul encaminhava-se para o gol que cabia ao Cruzeiro por sorteio debaixo dos assovios da torcida atlética. Quando tocava as traves com as mãos, os assovios aumentavam. Depois vinham os gritos comandados a Raul que o Sempre mais uma vez comandava naquela tarde de domingo:

— Wanderléia! Wanderléia!

Quando a bola começou a rolar no Mineirão, tudo parecia confirmar o horóscopo do Sempre. O atacante atlético Lacy, a Borboleta Negra, fez a bola beijar a rede de Raul duas vezes seguidas. Logo o ponta direita Ronaldo aumentava o placar: Atlético 3, Cruzeiro 0. E, como a mostrar que a tarde ia ser mesmo de alegrias esportivas para o Sempre, o zagueiro cruzeirense Procópio foi expulso. Pouco depois, a estrela do time, Tostão, deixou o gramado com uma contusão. O Sempre cantava fazendo coro com a torcida do Atlético, em meio aos gritos de mais um, mais um!

Mas nem o Sempre, nem o Atlético, nem o professor Yurk, autor do horóscopo prevendo alegrias esportivas, contavam com um imprevisto: um certo Wilson

Piazza. Aconteceu que Piazza, para esfriar o Atlético, começou a prender a bola. Prendia a bola como se estivesse feliz por perder por 3 x 0. Mas foi assim, ritmando o jogo e fazendo uma exibição histórica, que Piazza comandou a reação do Cruzeiro.

O ponta-direita Natal, o Flecha Loura, fez o primeiro gol do Cruzeiro. Agora, Atlético 3, Cruzeiro 1. O Sempre não deixou de cantar. Eis que o Flecha Loura fez outro gol: Atlético 3, Cruzeiro 2. Ao lado do Sempre, na arquibancada atlética, eu o ouvi rezar uma estranha oração. "Pai Nosso que estás no Céu, fazei as mulheres do mundo abandonarem este pecador, mas não deixei que o Cruzeiro empate o jogo, Senhor".

Por via das dúvidas, após rezar, o Sempre gritava:

— Marquem o Piazza! Marquem o Piazza!

Não ouviram o Sempre nem Deus ouviu sua prece. E coube

exatamente ao herói do jogo, Wilson da Silva Piazza, obrigar o goleiro Hélio a ir buscar a bola no fundo da rede. Era o terceiro gol do Cruzeiro, o gol do empate. Quando Piazza marcou, o goleiro Hélio cometeu o pecado de sorrir. Na verdade, sorria de seu próprio azar. Mas os fotógrafos o surpreenderam sorrindo e ele foi acusado (injustamente) de ter se vendido ao Cruzeiro. Após o terceiro gol cruzeirense, o de Piazza, a torcida atlética gritava para Hélio:

— Vendido! Vendido! Vendido!

Mas o Sempre não gritava: o Sempre chorava, consolado por este cronista. Eu contei tudo que aconteceu numa crônica publicada na época. Omiti apenas um detalhe, que só agora revelo: quando Piazza empatou o jogo e eu vi o Sempre chorar, não pude evitar — chorei também. Eu, que me julgava um cronista isento e acima das paixões, chorei como no tempo de criança



Roberto Drummond, 51 anos, é cronista, romancista, jornalista e atlético desde os tempos em que seu time não conseguia vencer o Cruzeiro



ARREPIANDO
O ataque do Atlético arrasou no primeiro tempo: a goleada parecia certa, mas Sempre teve que rezar

Cruzeiro 3 x Atlético 3 (26/11/1967)

De repente, Natal, Evaldo, Zé Carlos, Piazza e Dirceu Lopes deram um show. Logo vieram os gols: 3 x 1, 3 x 2 e finalmente 3 x 3. O Cruzeiro jogou naqueles 25 minutos como nunca em sua história

Era um domingo, 26 de novembro de 1967. Local: Estádio Magalhães Pinto, o Mineirão. Tempo feio, muita chuva e gramado pesado; perigoso para goleiros, mas eu estava lá, de camisa amarela e tudo. Era o meu quarto Cruzeiro x Atlético. O clima, como sempre, estava tenso, cheio de expectativa, dava aquele friozinho na barriga antes de entrar em campo, mas fazia parte do show. 130 mil torcedores que se dividiam entre cruzeirenses e atleticanos, tudo isso para ver Tostão & Cia. enfrentarem o novo ídolo alvinegro Lacy, um crioulinho esperto, arisco e muito habilidoso. O jogo começa, o nosso time era melhor, só que no clássico o favoritismo deixa de existir quando se entra em campo.

O Galo saiu arrebatando, fez logo de cara 2 x 0, Lacy e Ronaldo. O Cruzeiro não se achava e, para complicar mais ainda nossa situação, Tostão se machuca e sai, enquanto Procópio é expulso de campo. Zé Carlos entra no lugar do Bode (este era o apelido de

Tostão). Depois de ter tomado dois gols, o que mais eu poderia fazer senão rezar para o primeiro tempo acabar? Para bater aquele papo no vestiário e consertar a casa (leia-se defesa), que estava derrubando o nosso time. Dentro de campo era impossível, o Atlético não deixava o Cruzeiro respirar.

Veio o final do primeiro tempo, fomos para o vestiário, conversamos e voltamos para saber se o Galo tinha gás e o mesmo entusiasmo. Tinha, tomamos o terceiro rapidinho, Lacy de novo. Só dava ele, estava cansado de vê-lo na minha cara. A galera atleticana parecia que ia descer das arquibancadas para comemorar junto aos jogadores. Estava feia a coisa, aliás, continuava. De repente, como se o Cruzeiro decidisse jogar, o time acertou, ou acordou. Natal, Evaldo, Zé Carlos, Piazza e Dirceu Lopes deram um show. Logo vieram os gols: 3 x 1, 3 x 2 e finalmente 3 x 3. O Cruzeiro jogou naqueles 25 minutos como nunca em sua história. A festa agora era azul e com cinco estrelas no peito. A torcida

parecia não acreditar, era muito gostosa a virada.

Como todo clássico, aos 44 minutos a emoção ainda não tinha acabado: Dirceu sofre falta na meia-lua da grande área e o Zelão (Zé Carlos) cobra, a bola vai alta, goleiro Hélio batido, a bendita se choca no ângulo esquerdo. Se esta bola entra, teríamos alguns enfartes no Mineirão, de ambos os lados da torcida, é claro. Não morreu ninguém no estádio naquele dia; ao contrário, nasceu: o Cruzeiro, que virou um jogo praticamente perdido, e uma menina, no lado atleticano das arquibancadas. Fruto da relação entre marido e mulher, e do jogo mais incrível entre os dois rivais.

É muito comum hoje, em Belô, se perguntar aos mais velhos: qual foi o clássico que mais emocionou? A resposta vem na lata: aquele 3 x 3. E não é preciso nem falar o ano; só existe um 3 x 3 que arrepiou. Aquele de 26 de novembro de 1967, naquele domingo feio, cinzento e chuvoso, mas de muita emoção para 130 mil torcedores e pouco mais de 22 jogadores.



PARA A HISTÓRIA
O Cruzeiro perdia por 3 x 0, mas reagiu e empatou. Um jogo que ficou marcado para sempre na memória



Raul Plassmann, 46 anos, comentarista da Rede Globo, foi goleiro do Cruzeiro durante 13 anos, de 1965 a 1978

Flamengo X Vasco

Os times mais populares do Rio fazem a cidade tremer a cada jogo, reforçando as diferenças e as marcas que os dois clubes carregam. vitórias inesquecíveis e até trocas inesperadas de ídolos estão no histórico deste clássico dos grandes públicos



MARACANÁ EM SUSPENSE

O título de 1977 só foi decidido na cobrança de pênaltis: Vasco campeão



DEUS DA RAÇA

Aos 44 minutos do segundo tempo...



CRACKS DE BOMBA

O Fla pressiona, mas o Vasco vence o campeonato de 1958



IDOLO OU VILÃO?

Bebeto brilhou no Flamengo antes de ir para o Vasco

ONDE AS MULTIDÕES SE ENCONTRAM

No final da década de 20, o *Jornal do Brasil* criou a Taça Salutaris (marca de uma água mineral) para dar ao clube mais popular do Brasil. Depois da apuração e da vitória do Flamengo, centenas de votos vascaínos foram encontrados nas privadas e no poço do elevador do próprio jornal. Pronto. A rivalidade estava oficializada. Os rubro-negros acusavam os adver-

sários (mais ricos) de comprarem votos. Os vascaínos se enfureciam com a fraude flamenguista.

Times mais populares do Rio de Janeiro, Vasco e Flamengo levaram para o gramado uma briga que começou nas regatas de remo. Assim, se o Fla-Flu é o clássico carioca de maior tradição, o confronto entre vascaínos e rubro-negros sempre arrastou mais torcedores aos estádios. Afinal, se o Flamengo cresceu cantado pelo povo, o Vasco foi o primeiro a aceitar um jogador negro em seu time.

O clássico, que já lotava a Gávea e São Januário, ganharia sua verdadeira dimensão depois

da inauguração do Maracanã, em 1950. Ali, as duas multidões se encontravam e davam início a espetáculos inesquecíveis. Como o de 1951, quando o Flamengo interrompeu com um 2 x 1 a série de sete anos sem vitória sobre o rival no Campeonato Carioca. Logo se tornou o Clássico dos Milhões. Mais recentes, os duelos entre o Flamengo de Zico e o Vasco de Roberto Dinamite, nos anos 70, fizeram história. E alimentaram uma rivalidade que ficou exposta quando o atacante flamenguista Bebeto vestiu a camisa vascaína. Quem amava passou a detestar, quem odiava ficou apaixonado. Pois assim são as rivalidades.



...Rondinelli da o campeonato de 1978 ao Fla



BONS DE BOLA
Chico, Vevê e Djalma: craques de 1944



VINGANÇA
O lateral Cocada marca o gol que eliminou o Fla

A VANTAGEM RUBRO-NEGRA, JOGO A JOGO



Jogo derro: o empate de 1 x 1 em março de 1990

FLA X VAS	
29.04.23	1 x 3
08.07.23	2 x 3
28.06.25	2 x 0
25.11.25	0 x 0
13.06.26	2 x 2
24.06.28	2 x 1
11.07.26	3 x 3
12.09.28	1 x 2
15.05.27	1 x 3
19.06.27	3 x 0
04.09.27	2 x 1
02.05.28	2 x 3
01.06.28	0 x 3
30.09.28	1 x 2
10.03.29	1 x 4
16.05.29	2 x 1
14.07.29	2 x 3
27.10.29	0 x 1
13.09.30	0 x 2
07.12.30	1 x 2
28.04.31	0 x 7
18.10.31	0 x 1
17.07.32	2 x 1
19.10.32	1 x 0
25.06.33	2 x 1
01.10.33	0 x 2
01.05.34	2 x 5
22.07.34	3 x 2
07.10.34	4 x 1
15.08.37	2 x 2
22.08.37	2 x 3
10.10.37	3 x 3
19.01.38	5 x 1
12.02.38	5 x 3
22.05.38	3 x 5
24.07.38	3 x 1
04.09.38	0 x 2
13.11.38	1 x 2
17.03.39	6 x 4
11.06.39	0 x 2
03.09.39	3 x 0
03.12.39	4 x 0
30.06.40	2 x 3
15.09.40	3 x 0
08.12.40	1 x 1
24.04.41	1 x 3
01.06.41	3 x 1
03.08.41	2 x 1
05.10.41	1 x 0
09.11.41	1 x 1
25.04.42	1 x 1
28.06.42	1 x 0
30.08.42	2 x 1
16.03.43	1 x 1
29.05.43	2 x 0
31.07.43	1 x 1
02.10.43	6 x 2
19.03.44	2 x 5
24.06.44	2 x 2
26.08.44	1 x 2
28.10.44	1 x 0
08.04.45	4 x 3
13.05.45	1 x 5
16.09.45	1 x 2
18.11.45	2 x 2
24.03.46	0 x 2
19.05.46	1 x 3
03.08.46	2 x 2
07.10.46	3 x 4
25.05.47	2 x 2
19.07.47	1 x 2
14.09.47	1 x 2
30.11.47	2 x 5
30.05.48	1 x 2
01.08.48	1 x 3
24.10.48	2 x 3
21.08.49	2 x 5
13.11.49	1 x 2
14.01.50	1 x 1
24.09.50	1 x 2
26.11.50	1 x 4
25.03.51	2 x 2
16.09.51	2 x 1
22.12.51	2 x 0
20.02.52	0 x 1
28.09.52	2 x 3
14.12.52	0 x 1
03.02.53	2 x 5
26.04.53	1 x 1

FLA X VAS

20.09.53	3 x 3
25.10.53	3 x 3
10.01.54	4 x 1
26.05.54	4 x 1
17.10.54	2 x 1
09.01.55	0 x 0
12.02.55	2 x 1
07.05.55	2 x 1
16.07.55	3 x 3
02.10.55	0 x 3
22.01.56	1 x 1
18.03.56	1 x 2
07.10.56	1 x 1
04.11.56	1 x 0
08.05.57	0 x 1
08.10.57	4 x 1
15.12.57	4 x 1
29.03.58	1 x 1
14.09.58	1 x 1
14.12.58	3 x 1
20.12.58	0 x 2
17.01.59	1 x 1
01.03.59	2 x 2
26.04.59	0 x 0
12.07.59	2 x 2
13.12.59	1 x 1
10.04.60	1 x 0
04.09.60	0 x 1
28.11.60	0 x 1
10.01.61	0 x 1
02.04.61	2 x 1
02.06.61	1 x 0
14.10.61	0 x 0
13.12.61	0 x 2
25.02.62	1 x 1
18.09.62	2 x 0
09.12.62	1 x 1
21.03.63	3 x 1
24.08.63	0 x 0
15.11.63	4 x 3
21.03.64	3 x 1
27.08.64	2 x 1
22.11.64	2 x 1
21.01.65	1 x 4
31.01.65	0 x 0
10.04.65	0 x 0
05.05.65	0 x 1
22.07.65	1 x 1
25.08.65	0 x 1
09.10.65	2 x 1
28.11.65	1 x 0
17.03.66	1 x 1
31.03.66	1 x 2
14.08.66	1 x 0

FLA X VAS

08.10.66	0 x 0
06.11.66	2 x 1
18.11.66	2 x 0
15.01.67	2 x 0
19.01.67	0 x 2
22.04.67	0 x 0
10.05.67	1 x 2
22.07.67	3 x 4
11.11.67	0 x 4
02.12.67	0 x 3
01.05.68	2 x 1
30.05.68	2 x 2
18.08.68	1 x 0
30.11.68	0 x 2
11.05.69	3 x 0
09.06.69	1 x 1
05.08.69	2 x 1
31.08.69	2 x 0
05.10.69	3 x 1
22.02.70	2 x 0
01.05.70	0 x 0
19.05.70	2 x 0
09.08.70	0 x 1
30.08.70	0 x 1
04.10.70	3 x 1
17.01.71	2 x 1
21.04.71	0 x 1
10.06.71	1 x 0
29.07.71	2 x 1
03.10.71	0 x 0
20.01.72	1 x 0
16.04.72	0 x 0
07.05.72	2 x 2
20.08.72	0 x 0
31.08.72	1 x 0
08.10.72	2 x 1
10.12.72	1 x 1
21.01.73	1 x 0
10.02.73	0 x 1
06.05.73	1 x 0
10.06.73	2 x 1
22.07.73	1 x 2
19.08.73	0 x 0
23.09.73	2 x 2
25.11.73	2 x 1
17.03.74	1 x 1
21.09.74	1 x 0
20.10.74	1 x 1
24.11.74	3 x 1
22.12.74	0 x 0
08.02.75	1 x 2
02.03.75	2 x 2
08.06.75	2 x 1
13.07.75	2 x 3

FLA X VAS

07.08.75	0 x 1
07.09.75	2 x 4
04.04.76	3 x 1
13.06.76	1 x 1
27.06.76	4 x 1
14.08.76	2 x 0
21.11.76	0 x 1
03.12.76	2 x 3
13.02.77	1 x 2
20.03.77	2 x 1
24.04.77	0 x 3
07.08.77	0 x 0
28.09.77	0 x 0
29.01.78	0 x 0
17.08.78	0 x 0
03.12.78	1 x 0
04.03.79	1 x 1
15.04.79	2 x 1
22.07.79	4 x 2
09.09.79	2 x 4
28.10.79	3 x 2
03.02.80	0 x 1
03.08.80	0 x 0
19.10.80	0 x 0
18.11.80	2 x 0
17.05.81	0 x 1
17.06.81	1 x 0
20.09.81	1 x 1
28.11.81	0 x 2
02.12.81	0 x 1
06.12.81	2 x 1
19.09.82	0 x 0
23.09.82	1 x 0
20.11.82	1 x 3
05.12.82	0 x 1
05.05.83	2 x 1
08.05.83	1 x 1
05.10.83	0 x 1
27.11.83	3 x 0
05.06.84	0 x 1
04.11.84	1 x 1
12.12.84	1 x 0
10.10.85	0 x 4
30.11.85	2 x 0
20.04.86	0 x 2
22.06.86	1 x 2
27.07.86	3 x 2
03.08.86	0 x 0
06.08.86	0 x 0
10.08.86	2 x 0
18.04.87	0 x 0
17.05.87	0 x 0
22.07.87	0 x 0
08.08.87	0 x 1
20.09.87	2 x 1
31.01.88	1 x 0
08.05.88	0 x 1
12.06.88	1 x 3
19.06.88	1 x 2
22.06.88	0 x 1
04.09.88	0 x 1
23.04.89	3 x 1
12.06.89	1 x 2
05.11.89	2 x 0
04.03.90	1 x 1
15.04.90	1 x 2
16.09.90	1 x 0
24.03.91	3 x 0

RETROSPECTO

285 jogos
101 vitórias do Flamengo
94 vitórias do Vasco
70 empates
373 gols do Flamengo
364 gols do Vasco

Flamengo 1 x Vasco 0 (4/12/1978)

As relações entre Rondinelli e o bola não eram exatamente cordiais — ele era pago para varrê-la da área rubro-negra, se preciso espanando os atacantes adversários. A partir daquele jogo, a torcida o chamava de Deus da Raça

Ninguém, nem a torcida do Flamengo, reparou quando Rondinelli deixou o seu posto de sentinela na nossa zaga e caminhou em direção à área do Vasco da Gama com um ar de quem estava com péssimas intenções. Eram 41 minutos do segundo tempo no dia 4 de dezembro de 1978, no Maracanã, e Zico ia bater aquele córner — talvez o último de um jogo duríssimo. O empate em 0 x 0 dava o título do retorno ao Vasco e obrigaria a um jogo extra. E jogo extra com o Vasco, vocês sabem como é — ou nós, flamengos, sabemos, já que ao Vasco nada parece importar mais neste mundo do que nos vencer, o que eles raramente conseguem.

Mas, enfim, Zico levantou a bola na área e, *out of nowhere*, Rondinelli penetrou como um pênis a defesa do Vasco, subiu mais que os orlandos e alfinetes que tomavam conta da Cruz de Malta e deu a testada mortífera contra o gol de Leão. Bola no barbante e, embora ainda faltassem quatro minutos, eu e a torcida do Flamengo sentíamos que uma nova *âge d'or* estava nascendo. O Vasco *nunca* iria empatar e acabava ali, no gol imortal de Rondinelli, o Campeonato Carioca de 1978. Era o primeiro campeonato do que seria o terceiro tri do Flamengo — conquistado em apenas dois anos porque, por uma dessas coisas de cartolas, houve dois campeonatos cariocas em 1979 e o Flamengo ganhou ambos. Foi também o começo da odisséia que nos levava a uma overdose de faixas e canecos: o primeiro Campeonato Brasileiro, a Libertadores da América, o Campeonato Mundial em Tóquio.

Rondinelli era zagueiro-central, um número 3 na melhor tradição de Pavão, o qual foi um dos heróis do tricampeonato de 1953/1954/1955. A exemplo de Pavão, as relações entre Rondinelli e a bola não eram exatamente cordiais — ele era pago

para varrê-la da área rubro-negra, se preciso espanando os atacantes adversários e passando sobre suas canelas como um rodo. A partir daquele jogo, a torcida o chamaria de Deus da Raça, e só o próprio sabe como Rondinelli teve de rebolar para fazer jus ao glorioso epíteto. Anos depois foi parar no Vasco, onde nunca foi deus, e foi bem feito. Mas, naquele dia, ele era o capitão do Flamengo, não por ser o seu melhor jogador (o qual, evidentemente, era Zico, no esplendor dos 25 anos), nem o seu cérebro (que era Carpegiani), nem os seus pulmões (que eram Toninho e Júnior), nem as suas molas (que eram Adílio e Tita), nem o seu artilheiro especialista (que era Cláudio Adão). Para nós, Rondinelli era a alma do time — e é engraçado como, no futebol, essa coisa incorpórea que chamam alma vive sendo personificada num sujeito que nitidamente tomou hectolitros de Toddy em criança, como Rondinelli.

Naquele campeonato, o Flamengo enfiara 4 x 0 no Fluminense, 5 x 0 no Campo Grande,

outros tantos no Olaria, 6 x 0 no São Cristóvão, 9 x 0 na Portuguesa e surrara a concorrência de modo geral, num total de 60 gols — *nenhum* deles de pênalti. Era uma ciranda de goleadas semanais, embora o Vasco tivesse passado o campeonato roendo os nossos tornozelos, um ou dois pontos atrás, se tanto. O melhor era que, desta vez, os vascaínos não podiam sequer gemer que Rondinelli se apoiara nos ombros de alguém, como disseram que Valido fez com um tal Argemiro na cabeçada que deu o primeiro tri ao Flamengo, em 1942/1943/1944, também no finzinho do jogo. Pois querem saber de uma coisa? Antes Rondinelli *tivesse* se apoiado e feito o gol com a mão, em escandalosa banheira!

Aí o juiz apitou, começou o longo carnaval rubro-negro no gramado e, enquanto arquibaldos e geraldinos ululavam, um repórter de vestiário recolheu a seguinte impressão sobre Rondinelli:

“Pô! O cara jogou como um leão durante 90 minutos, comandou o time, saiu de uma área à outra para fazer o gol da vitória, deu a volta olímpica carregando a taça, falou para duzentas rádios e foi tomar banho. E sabe como ele estava debaixo daquele chuva frio? De pau duro!”

ASSIM COMEÇOU A FESTA
O zagueiro Rondinelli vence a defesa vascaína e dá o título de 1978 ao Flamengo: fecho de uma grande campanha



Ruy Castro, 43 anos, é jornalista, autor do livro *Chega de Saudade e Flamengo* desde 1948

Vasco 2 x Flamengo 1 (15/4/1990)

Desesperada, a imprensa rubro-negra contrata Romário, Geovani, Maradona, mas Bebeto não pára de doer. O "chorão" é a lágrima rubro-negra. Pode não dividir, chutar pra fora. É nosso, é vascaíno, tá lá em casa!

Vasco e Flamengo não é jogo de 90 minutos de duração. Cada partida leva uma vida inteira. Não há intervalo. Os tempos não são marcados por início e fim. Mal o juiz apita, os lances de cada jogo, da mais banal cancelada ao lençol imaculado, passam ao repertório de um tempo mítico, no qual se refazem sem jamais se repetirem — como se Deus rebobinasse eternamente o tape dos momentos inesquecíveis no Paraíso. Ou no Inferno.

Uma vez, no Maracanã, o zagueiro Moisés fez o gol da vitória contra o Flamengo. Eu, na parte mais alta do estádio, olhava os trilhos da Leopoldina. O amigo que me encontrou nesse transe estranhou: "Ué, você não está vendo o jogo?" Estava. Eu estava vendo todos os outros jogos. Ou, melhor dizendo, vendo *O Jogo*. Minha vista alcançava campos distantes, onde Ademir, Chico, Tesourinha transformavam em golaços passes sagrados do príncipe Danilo. Válder Marciano surgia inteirinho das ferragens de um automóvel para bater espetacularmente uma falta. E converter. Hideraldo Luís Belini e Orlando guardavam a grande área. Em 1958, querendo de febre em Paquetá, eu ouvia de novo a voz da minha mãe: "Cal-

ma. O Vasco foi o Supercampeão, com um gol de Roberto Pinto, sobrinho do grande Jajá de Barra Mansa".

Desde a infância descobri que Vasco e Flamengo não é jogo pra se resumir em vitória ou derrota, assim como não se pode dizer que perdemos ou ganhamos da vida e da morte. Vasco e Flamengo é uma sequência de instantes mágicos, que podem ser ameaçadores e, se aparecem vestidos de Índio, Evaristo, Zico... mas também revivem alegrias, da grande defesa de Barbosa ao gol do Cocada.

E, já que falamos na alma do futebol, o gol, é hora de ver de novo o gol de Bebeto, calvário do André Cruz, gol apelidado pelo Sérgio Cabral de "Dois pra Lá, Dois pra Cá", tormento do Moacyr Luz, do João Nogueira, do Paulo Adário, do Jorge Benjor, do Apolinho etc.

Bebeto é uma grande vitória cruzmaltina, mesmo quando o Vasco perde. Pode o Flamengo se entregar ao cultivo (e à queima...) de pequenos carrascos, tipo Butica (é isso?), Trélio (tá certo?), aquele outro... como é o nome? Pois é. A cada gol desses cabeças-de-bagre, os rubro-negros voltam pra casa eufóricos e... choram: a partida foi ganha mas o ídolo continua perdido.

Desesperada, a imprensa rubro-negra contrata Romário, Geovani, Maradona, mas Bebeto não pára de doer. O "Chorão" é a lágrima rubro-negra. Pode não dividir, chutar pra fora o gol feito, não querer bater o pênalti. É nosso, é vascaíno, tá lá em casa!

Nunca mais o proverbial mulato flamenguista terá a mesma bossa. *Nunca mais*, na cervejinha de antes e depois da peleja, o emérito gozador sacaneará, com a antiga verve, o português atrás da máquina registradora: "E aí, galego? Diz alguma coisa, ô cutruco!"

O lusitano apenas sorri. Em seus olhos sereníssimos, lê-se: Bebeto. Dom Sebastião voltou d'Além-Mar num saveiro baiano para o merecido sossego. O rubro-negro treme, amarela e muda de assunto: fala mal do Renato e concentra seu ódio no Botafogo. É como o pé-de-valsas que se vê de cueca na gafieira; como o grande malandro que teve seu cordão de São Jorge afanado pelo otário; como o falastrão que, enquanto comemora na sala a conquista da mulher alheia, vê sua digníssima esposa dando no próprio quintal...

Bebeto é a imagem e o símbolo da Hora-Além-do-Tempo em que o Bacalhau come para sempre o Urubu pelas beiradas.



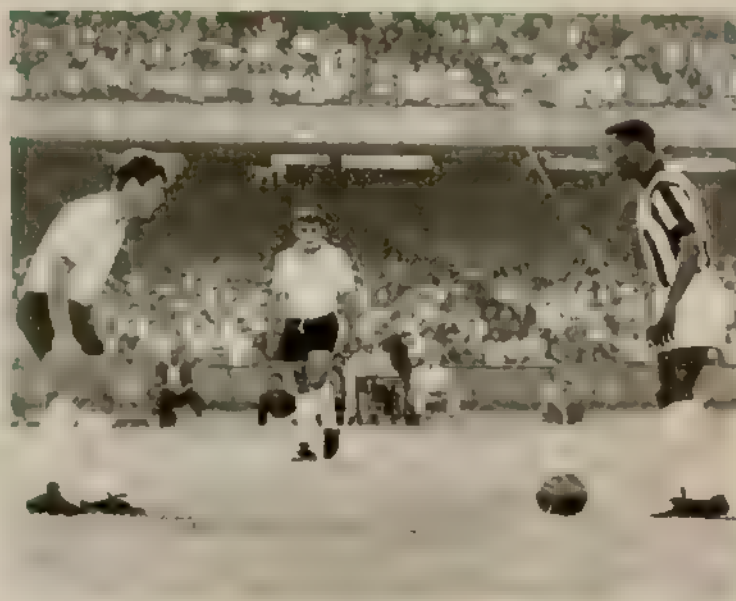
ANDRÉ PRA LÁ, BEBETO PRA CÁ
Com um drible seco e genial sobre o zagueiro André Cruz, o atacante Bebeto marca seu primeiro gol sobre o ex-time, o Flamengo. Foi pelo Carioca de 1990



Aldir Blanc, 44 anos e música, compositor e vascaíno raro

Corinthians X Santos

Um tabu para cada lado, muitos craques e um ódio recíproco transformaram o jogo entre o Timão e o Peixe em uma autêntica batalha. As armas, porém, sempre foram apenas os gols e o talento dos jogadores



ENCONTRO DE CRAQUES

Rivelino marca Pelé no Paulista de 1965: iriam jogar juntos cinco anos depois



DO OUTRO LADO

Com a camisa do Santos, em 1988,...



FINAL SANTISTA

Serginho marca em 1984: em duas decisões, só deu Santos



ALERGIA CORINTIANA

Com Edmar, em 1987, o Timão aplicou 5 x 1

UMA GUERRA FEITA DE BOM FUTEBOL

Por mais que seja visto em todo o mundo como um símbolo da paz e do amor, o branco é sinônimo de um sentimento muito diferente para a nação corintiana: ódio. Durante onze anos, entre 1957 e 1968, os corações dos torcedores do Corinthians se encheram de medo e rancor a cada vez que as camisas brancas do Santos entravam em campo. Não era para menos. Nesse período, o

time de Pelé, Pepe e companhia não apenas humilhou o rival, sem lhe permitir nenhuma vitória, como deu início a uma das mais ferozes rivalidades do futebol brasileiro.

O fim do tabu, com os 2 x 0 de 6 de março de 1968, só serviu para tornar o ódio recíproco. Principalmente porque, daí em diante, foi a vez de os corintianos não permitirem vitórias do adversário. Com verdadeiros esquadrões e o talento de jogadores como Sócrates, Palhinha e Zenon, o Corinthians passou sete anos sem conhecer o sabor de uma derrota para o antigo torturador. O grito de liberdade santista viria em 1983, curiosamente com os mesmos 2 x 0 com que se que-

brou o primeiro tabu, em 1968.

Mesmo assim, os corintianos ainda guardam a mágoa de nunca terem conquistado um título sobre o Santos. Os dois clubes disputaram duas finais e os santistas levaram a melhor em ambas. Em 1935, conquistaram seu primeiro Campeonato Paulista. Em 1984, impediram os corintianos de comemorar o quarto tetracampeonato de sua história. A maior goleada do clássico, porém, foi aplicada pelo Corinthians: 11 x 0, em 1920. Por isso, falar em Santos para um corintiano, ou o inverso, é dar início a um verdadeiro estado de guerra. Uma guerra marcada por ótimo futebol.



ORLANDO REISNER

...Sócrates também soube o que é vencer o clássico



GERALDO GUIMARÃES

DUPLA DA HISTÓRIA

Com gols de Flávio e Paulo Borges, o Corinthians quebrou o tabu em 1985

APESAR DO TABU, TIMÃO LEVA VANTAGEM

	COR	X	SAN
22/05/13	3	x	8
30/08/14	0	x	0
10/06/17	3	x	3
20/08/17	3	x	0
11/11/17	2	x	3
07/04/18	2	x	2
18/08/18	2	x	4
29/08/19	0	x	1
21/09/19	5	x	0
04/07/20	11	x	0
05/06/21	8	x	1
30/10/21	3	x	3
19/11/22	6	x	2
20/05/23	3	x	1
16/03/24	2	x	1
08/06/24	8	x	1
12/10/24	0	x	2
21/04/25	0	x	1
22/11/26	1	x	2
27/12/25	3	x	1
22/08/26	3	x	2
04/09/27	3	x	8
08/01/28	4	x	4
26/02/28	0	x	1
18/08/28	3	x	1
12/10/28	1	x	1
11/11/28	2	x	3
14/07/29	2	x	1
06/10/29	4	x	1
18/05/30	2	x	0
04/01/31	5	x	2
09/03/31	6	x	2
17/05/31	2	x	3
28/11/31	1	x	1
08/05/32	1	x	7
18/12/32	5	x	3
25/06/33	3	x	3
24/09/33	0	x	6
14/01/34	4	x	3
22/04/34	3	x	0
22/07/34	3	x	0
21/10/34	1	x	0
10/03/35	2	x	3
28/04/35	5	x	2
30/06/35	2	x	1
17/11/35	2	x	2
09/02/38	2	x	3
24/05/38	5	x	1
11/04/37	2	x	3
25/07/37	2	x	2
24/10/37	1	x	0
09/01/38	0	x	1
05/06/38	1	x	0
17/07/38	2	x	0
11/09/38	3	x	0
06/11/38	3	x	2
08/01/39	2	x	1
13/08/39	0	x	1
30/12/39	4	x	1
28/07/40	4	x	1
17/11/40	4	x	2
19/02/41	0	x	1
01/06/41	7	x	0
28/09/41	3	x	2
26/04/42	2	x	2
26/07/42	6	x	2
18/04/43	2	x	1
08/08/43	5	x	2
07/11/43	0	x	1
16/01/44	1	x	2
11/06/44	1	x	1
30/07/44	2	x	1
03/06/45	3	x	0
09/09/45	1	x	2
28/04/46	4	x	2
18/07/46	3	x	3
11/08/46	2	x	1
25/05/47	3	x	2
30/10/47	3	x	0
12/05/48	1	x	2
04/07/48	2	x	3
31/10/48	2	x	3
06/04/49	1	x	2
24/07/49	1	x	2
17/10/49	0	x	0
09/08/50	4	x	3
15/10/50	2	x	2
26/11/50	1	x	2
18/09/51	4	x	1



SEU VIO PORTO

1 x 0 Timão em 1990: sem Pelé é um hábito vencer o Santos

	COR	X	SAN		COR	X	SAN		COR	X	SAN
06/01/52	4	x	2	04/11/62	1	x	2	20/04/75	0	x	0
21/02/52	2	x	4	03/03/63	0	x	2	13/07/75	1	x	0
10/08/52	3	x	3	22/09/63	1	x	3	31/07/75	0	x	2
28/09/52	3	x	2	14/12/64	2	x	2	08/02/76	0	x	1
04/01/53	4	x	1	18/03/64	0	x	3	13/06/76	0	x	0
09/05/53	3	x	1	30/09/64	1	x	1	20/03/77	1	x	1
08/09/53	2	x	1	06/12/64	4	x	7	29/05/77	4	x	0
20/12/53	3	x	2	15/04/65	4	x	4	04/08/77	2	x	2
29/05/54	0	x	2	29/08/65	3	x	4	04/09/77	2	x	2
24/10/54	0	x	2	14/11/65	2	x	4	29/01/78	1	x	1
30/01/55	1	x	4	27/03/66	0	x	0	08/04/78	0	x	0
21/04/55	2	x	1	08/10/66	0	x	3	20/08/78	1	x	1
28/08/55	2	x	2	17/12/66	1	x	1	28/11/78	1	x	0
08/01/56	3	x	2	13/05/67	1	x	1	12/02/79	2	x	1
04/04/56	2	x	4	10/09/67	1	x	2	10/06/79	1	x	0
22/04/56	0	x	0	10/12/67	1	x	2	15/07/79	1	x	0
04/07/56	4	x	3	06/03/68	2	x	0	23/09/79	0	x	0
29/07/56	3	x	3	21/04/68	0	x	2	06/07/80	1	x	1
11/11/56	4	x	0	06/10/68	1	x	2	05/10/80	3	x	8
29/12/56	1	x	2	13/07/69	2	x	0	31/05/81	2	x	2
11/04/57	3	x	5	25/05/69	1	x	1	27/09/81	2	x	2
01/05/57	1	x	1	08/06/69	1	x	3	22/08/82	1	x	0
21/05/57	2	x	1	04/11/69	4	x	1	21/11/82	1	x	0
03/11/57	2	x	3	29/03/70	1	x	0	31/07/83	0	x	0
22/12/57	0	x	1	18/04/70	1	x	1	23/10/83	0	x	2
27/03/58	2	x	1	02/08/70	2	x	2	13/11/83	1	x	1
13/04/58	2	x	2	30/08/70	1	x	1	27/11/83	0	x	0
14/09/58	0	x	1	01/11/70	2	x	0	16/09/84	0	x	0
07/12/58	1	x	6	11/04/71	4	x	2	02/12/84	0	x	1
30/04/59	2	x	3	20/06/71	3	x	3	10/02/85	1	x	0
26/08/59	2	x	3	30/10/71	1	x	1	24/03/85	0	x	0
27/12/59	1	x	4	14/05/72	1	x	1	11/08/85	2	x	2
21/03/60	2	x	1	30/08/72	1	x	0	17/11/85	2	x	1
31/07/60	1	x	1	26/11/72	0	x	4	19/01/86	2	x	0
30/11/60	1	x	6	29/04/73	0	x	3	20/04/86	0	x	1
29/03/61	2	x	0	22/07/73	1	x	1	28/07/86	2	x	0
16/08/61	1	x	5	24/11/73	1	x	0	03/05/87	0	x	0
03/12/61	1	x	1	19/05/74	1	x	1	07/06/87	2	x	0
16/05/62	3	x	1	29/09/74	1	x	0	16/08/87	5	x	1
21/06/62	3	x	3	27/11/74	1	x	0	22/08/87	0	x	0
23/09/62	2	x	5	20/02/75	0	x	2	27/09/87	0	x	0

RETROSPECTO

226 jogos

97 vitórias do Corinthians

65 vitórias do Santos

84 empates

429 gols do Corinthians

350 gols do Santos

Corinthians 2 x Santos 0 (6/3/1968)

São 22 jogos e meio sem ganhar do Santos. Começa o segundo tempo e Rivelino chuta na trave. Aos treze minutos, no entanto, a explosão. Paulo Borges, de fora da área!

Ser corintiano é decidir que todo ano a gente vai sofrer, diz a letra da bela composição do poeta Gilberto Gil, estranha e lamentavelmente ainda inédita — apesar de feita há oito anos.

Porque é assim mesmo. A vocação alvinegra para o sofrimento é tanta que ao ser provocado sobre um Corinthians x Santos inesquecível logo me vem à cabeça uma derrota — e por 7 x 4! Como se a provocação fosse sobre um Corinthians x São Paulo eu me lembraria de outra tragédia, esta em 1957, quando miseráveis 3 x 1 deram o título ao tricolor. E do mesmo jeito em relação a Corinthians x Palmeiras. Como esquecer da decisão do Campeonato Paulista de 1974. 1 x 0 para os verdes, gol de Ronaldo, o primo de Tostão?

Pois é. Nos aludidos 7 x 4, em 1964, até apanhei da minha gente, na única briga em que me meti num estádio em mais de trinta anos de janela. É que os meus que me cercavam nas gerais do Pacaembu se sentiram enganados, ludibriados por aquele menino que torcia pelo Corinthians até a altura em que o jogo ficou 4 x 4, se calou no 5 e no 6 x 4 e aplaudiu em pé o sétimo gol santista, marcado pelo Rei, da intermediária, no ângulo, indefensável. Emoção fatal. A paixão pela bola falou mais alto que o coração corintiano e tome cascudo, bagaço de laranja na cabeça, ofensas das mais diversas até o rápido abandono do local.

Atávico sofrimento, talvez ainda resquício dos 22 anos de jejum de títulos. Nem mesmo as conquistas estaduais em 1977, 79, 82, 83 e 88, ou a façanha nacional em 1990, parecem suficientes para fazer do corintiano um torcedor seguro de que quando o time entra em campo a vitória é o mais provável. Pelo menos para os da minha geração, anos 50.

Mas é claro que o meu Corinthians e Santos inesquecível

não é o de 1964. E o de 1968, o que liquidou um tabu de onze anos sem vencer o time de Pelé. Que noite!

Quarta-feira, 6 de março. Dois dias antes, a maioria completada; e, então, o melhor presente do mundo

O Corinthians tinha Ditão, Luís Carlos, Édson, Rivelino, Buião, Paulo Borges, Flávio, Eduardo. O Santos tinha Pelé. Para não ser injusto, tinha também o goleiro Cláudio, tinha Carlos Alberto Torres, Ramos Delgado, Joel, Rildo, Lima, Negreiros, Toninho Guerreiro e Edu. Tinha até um ponta-direita japonês, de nome Kaneko. Em bom português, o time santista era suficientemente categórico

CINCO HOMENS E UM TABU

Em onze anos, muitos tentaram. Mas só Buião, Paulo Borges, Flávio, Rivelino e Eduardo, os atacantes daquela noite, conseguiram realizar um dos maiores sonhos da Fiel nos anos 60: derrotar o Santos

para que ninguém precisasse explicar o porquê de um tabu interminável. Era

Com Diogo no gol, Osvaldo Cunha e Maciel nas laterais, o Corinthians foi à luta, tendo como técnico o gordo Lula, durante anos treinador repleto de glórias do inimigo. Pacaembu lotado. Uma numerada que custava dez cruzeiros passou a valer 25 no câmbio negro. Termina o primeiro tempo: 0 x 0. São 22 jogos e meio sem ganhar do Santos. Começa o segundo. Rivelino chuta na trave. Aos treze minutos, no entanto, a explosão. Paulo Borges, que custara um milhão de cruzeiros na mais cara transação da época, faz o gol que valeria dez vezes mais. De fora da área. E de pé esquerdo, ele que era destro. Terna mais. Aos 31, o gaúcho Flávio termina de vez com a tensão, o medo, o pavor do empate. Recebe de Rivelino e não vacila. 2 x 0. Acabou. O povo se levanta e, soberano, reescreve a história: "Um dois três, o Santos é freguês!"



FOTOS ABRL



Juca Kfoury, 41 anos e corintiano e jamaquista porque antes era corintiano

Santos 3 x Corinthians 1

(nos tempos do tabu)

O Corinthians cresce, torcida grita, time se afoba. Bola fora, rente à trave. Emoção, berreiro da torcida, entusiasmo. E de repente Pelé, Coutinho, Dorval, Jair, Pepe. Que linha. Um a zero Santos

O jogo Santos F.C. de glórias mil e o Corinthians, que marcou mais fundo essa minha passagem pela Terra, foi realizado no Pacaembu. Que ano? Não lembro. Do que lembro é que fui assistir a essa partida por questão de ofício. Eu era nessa época repórter. E me liguei num torcedor do Corinthians. Fui lá pras quebradas do mundaréu. Estava frio. Chovia. Eu me encolhia embaixo de uma marquise e só espreitava os tipos que passavam. Queria ver um torcedor que me parecesse especial, ou melhor dizendo, um que encarnasse toda a torcida corinthiana. E não demorou a pintar a figura. Chapéu de feltro. Bandeira, mulato, meia-idade, desdentado, alegrão. Parou no ponto de ônibus, indiferente à chuva. Cheguei junto. Puxei papo.

Ônibus lotado. Meu personagem entra com bandeira e tudo. Se espreme pro meio do carro empurrando os passageiros. Cutuca gente com a bandeira. E eu atrás. Tem muita chiadeira, mas a bandeira é a do Corinthians. Por isso é tolerada. O Figura se explica.

— Fica firme, mano. Hoje a gente quebra a escrita. Tou com palpito.

Entramos. Jogo duro. Enrocamos na borboleta. Revista, umas apalpadelas. É outra batalha conseguir lugar, parada federal. Não tem espaço. É pior do que no ônibus, ninguém arrega um milímetro. Tem que fazer careta e empurrar. Mas é assim. Todos acabam encaixados. Eu e o Figura também. E lá está o jogo. O Santos F.C. de glórias mil todo de branco. O time do Parque São Jorge de camisa riscada e calção preto. Corinthians elétrico, nervoso, feroz, o Santos maneiro, toque, cozinhando o sin em água morna. Isso dá ilusão pra torcida corinthiana. Que grita, grita empurrando seu time. O Santos F.C. de glórias mil parece que não quer nada. O Co-

rinthians cresce, torcida grita, grita, time se afoba. Rivelino. Mirandinha. Nervos, afobação. Bola fora, rente à trave. Emoção, berreiro da torcida, entusiasmo. E de repente Pelé, Coutinho, Dorval, Jair, Pepe. Que linha. Um a zero Santos. Nova saída. E o Corinthians cresce em cima do Santos. Outra vez a torcida do alvinegro do Parque São Jorge berra animando o Timão. E o Corinthians cresce, cresce, e, de repente, Dorval, Jair, Coutinho, Pelé, Pepe. Que linha, dois a zero Santos.

Intervalo. O Figura sentou no chão duro da geral. Já não era o mesmo. Estava cansado. Desiludido. Parecia que tinha envelhecido muitos anos. Puxei papo de novo.

— Como é?

— Coisa feita. Amarraram nós na encruzilhada. É uma tia desse crioulo. Ela tem parte. Nem pai Jaú pode com ela. Dizem que o Jaú não quer saber. Jogou pra nós, foi fera. Negro brioso, mas quando mandaram ele embora se zangou. Acabou jogando pro Santos. Acho que ele não encara essas macumbas da tia do Pelé... mas também... se a gente tivesse aí um Teleco... Brandão... Naquele tempo nós era mais nós. É, em 54, Baltazar, Cláudio, Idário... Hoje o Riva... é bom... mas é nervoso...

Segundo tempo começa. O Figura fica em pé e abana a bandeira. Todo Corinthians no ataque. A torcida do alvinegro do Parque São Jorge se anima, berra, berra. O time pressiona. E Rivelino de falta mete na gaveta

do Peixe. O Laércio nem viu por onde a bola entrou, a terra treme. É a vibração da nação corinthiana. O Figura abana a bandeira com força. E assim que o Santos dá a saída ele senta. Enxuga a testa com a bandeira. Está rindo, mas está pálido. Pergunto:

— Tá bem? — Ele sorri.

— Estou. Agora vamos virar, com nós é assim. Não tem pra ninguém. E é só o Cláudio entrar. O Baltazar tá lá. Vai dar, tem que dar. Pau neles, Idário. Vai firme Goiano. Vai que dá

O Figura sua. Ele fala em Baltazar. Teleco. Brandão. Domingos. Dino, Carbone, é outro jogo o que ele vê. É a seleção corinthiana. Eu não sei o que fazer. Como socorrer o Figura. Tento conseguir ajuda com os torcedores, ninguém liga. Não sei como passar no meio daquela gente... O Figura delira... no seu delírio seu time vence. E de repente Dorval, Jair, Coutinho, Pelé, Pepe. Que linha, três a um pro Santos. Torcida do Peixe explode

O Figura tenta levantar. Não consegue. Eu abaixo perto dele. Está pálido, trêmulo, agarrado na bandeira, murmura.

— Não falei que ia dar nós? Quem foi? Baltazar? E vai ter mais.

Sorriu. Fechou os olhos. Por certo via uma seleção corinthiana correndo em campo. Um time vingador. Cláudio. Teleco. Baltazar. Brandão. Dino. Domingos... sorria.

Depois ele não viu mais nada. O estádio foi ficando vazio. Tudo ficou em silêncio. Pro Figura, pra sempre.



Plínio Marcos, 55 anos, é dramaturgo, escritor, autor teatral e torcedor do Santos F.C. de glórias mil



MEMORÁVEL
Com Dorval, Jair, Coutinho, Pelé e Pepe, o Santos levou os corinthians à loucura

Bahia X Vitória

O folclore do maior clássico baiano é rico em histórias de misticismo e malandragem, mas esta rivalidade só apareceu depois da inauguração da Fonte Nova, em 1950. Mesmo sendo o confronto de menor tradição, o Ba-Vi já conseguiu se firmar com jogos empolgantes como um dos grandes duelos do futebol brasileiro

APOSTAS MOTIVARAM O BA-VI

Dos grandes clássicos brasileiros, sem dúvida o Ba-Vi é o de tradição mais recente. Até a construção do estádio da Fonte Nova, em 1950, os baianos se empolgavam com as partidas entre Bahia, Ipiranga e Botafogo. Apesar de ter departamento de futebol desde 1902, o Vitória se dedicava mais aos esportes amadores, especialmente o remo. A história começou a mudar a partir de 1953, quando o empresário Luís Martins Catharino Gordilho elegu-se presidente rubro-negro, investiu no time e conquistou o campeonato.

O clássico se fortaleceu até o início dos anos 60, graças às artimanhas do dirigente do Vitória, que fazia apostas públicas com o presidente do Bahia, Osório Villas Boas, só para promover as partidas. Com a popularidade, não demoraram as histórias de misticismo. Conta-se que, em 1957, por exemplo, os rubro-negros contrataram um babalorixá que mandou todos os jogadores raparem a cabeça e gritarem "raio de prata!" três vezes ao entrarem em campo. Resultado: 1 x 0 para o rival



FESTIN TRICOLOR

O ponta-esquerda Biriba comemora o gol na campanha de 1963



AGORA É PRA VALER

O Vitória esquece o remo e começa a se dedicar ao futebol: campeões em 1957



O PRIMEIRO ANO

Os jogadores do Vitória posam com os do recém-formado Bahia em 1931

Jogador que falha em Ba-Vi está condenado. E não faltaram craques no clássico baiano: o rubro-negro Mário Sérgio, o tricolor Bobô e o ponta Osni, que atuou dos dois lados. Além dos centroavantes Beijoca e Dario, que defenderam o Bahia e encheram de histórias este clássico um tanto jovem, mas já rico em folclore e emoções



DOS DOIS LADOS

O pequenino ponta Osni e Mário Sérgio...



BEIJA-FLOR DADÁ
O atacante brilha na Bahia com gols e humor



... superam a rivalidade: ídolos nos dois times

O TRICOLOR ESTÁ DISPARADO NA FRENTE

BA X VIT	BA X VIT	BA X VIT
10-04-32 3 x 0	12-06-55 0 x 1	23-04-72 1 x 0
18-09-32 3 x 0	14-08-55 0 x 1	04-06-72 1 x 2
14-05-33 3 x 2	18-09-55 0 x 2	30-07-72 1 x 0
13-05-34 1 x 0	04-12-55 2 x 0	20-08-72 0 x 0
21-06-34 3 x 4	18-12-55 0 x 3	12-11-72 0 x 0
02-07-34 3 x 4	25-12-55 2 x 1	19-11-72 2 x 0
04-11-34 2 x 0	01-01-56 3 x 4	10-12-72 1 x 2
05-09-35 2 x 6	19-02-56 0 x 1	17-12-72 1 x 3
26-07-36 4 x 2	12-03-56 3 x 2	14-01-73 0 x 2
20-11-36 3 x 1	24-06-56 2 x 0	18-02-73 0 x 0
17-04-38 1 x 0	14-10-56 2 x 2	01-04-73 1 x 1
01-05-38 9 x 4	17-03-57 1 x 2	13-05-73 0 x 1
01-05-38 10 x 2	14-07-57 0 x 2	08-07-73 1 x 0
01-05-38 1 x 1	09-08-57 2 x 1	11-11-73 0 x 1
23-07-39 3 x 1	15-11-57 2 x 0	14-02-74 1 x 0
22-10-39 2 x 5	23-02-58 1 x 0	24-03-74 1 x 1
01-05-39 10 x 1	09-03-58 0 x 4	25-08-74 2 x 0
14-01-40 5 x 2	16-03-58 0 x 2	29-09-74 1 x 1
15-05-40 5 x 3	20-07-58 2 x 0	26-10-74 2 x 2
01-05-40 1 x 1	31-07-58 1 x 2	01-12-74 0 x 0
22-09-40 7 x 2	03-08-58 2 x 2	15-12-74 0 x 0
01-01-41 2 x 1	06-08-58 5 x 1	18-12-74 1 x 0
12-01-41 5 x 3	19-10-58 2 x 0	17-04-75 0 x 0
09-03-41 3 x 1	05-04-59 4 x 1	18-05-75 0 x 0
27-04-41 0 x 1	17-05-59 1 x 0	22-06-75 1 x 1
01-06-41 3 x 3	04-10-59 0 x 0	03-08-75 1 x 1
24-08-41 2 x 4	16-10-59 1 x 1	07-08-75 0 x 0
11-06-42 0 x 0	21-02-60 0 x 0	07-09-75 1 x 1
30-07-42 1 x 3	29-05-60 0 x 0	30-11-75 0 x 1
19-10-42 1 x 2	09-08-60 1 x 0	21-03-76 0 x 1
27-06-43 2 x 0	09-10-60 4 x 1	11-04-76 1 x 1
12-12-43 3 x 3	11-12-60 3 x 1	16-05-76 0 x 1
07-05-44 0 x 2	15-12-60 0 x 1	27-07-76 2 x 1
01-06-44 1 x 0	18-12-60 2 x 0	26-07-76 0 x 1
31-07-44 4 x 3	25-02-61 2 x 0	15-08-76 1 x 0
19-04-44 3 x 5	23-03-61 1 x 1	18-08-76 2 x 1
08-04-45 0 x 0	03-09-61 1 x 1	22-08-76 1 x 0
27-05-45 3 x 5	17-12-61 0 x 0	07-09-76 0 x 0
02-08-45 1 x 4	20-05-62 1 x 0	27-03-77 1 x 0
02-09-45 0 x 0	01-07-62 4 x 1	24-04-77 2 x 0
11-09-45 3 x 2	04-11-62 1 x 0	22-05-77 1 x 0
11-11-45 2 x 1	21-11-62 0 x 0	21-06-77 0 x 0
12-05-46 0 x 3	03-09-63 2 x 1	25-09-77 0 x 0
15-12-46 2 x 1	05-05-63 0 x 0	13-11-77 1 x 0
06-04-47 0 x 0	18-08-63 1 x 1	31-01-78 1 x 0
11-05-47 1 x 0	25-08-63 0 x 1	21-03-78 0 x 1
31-08-47 3 x 1	25-10-63 0 x 1	23-04-78 0 x 1
23-11-47 1 x 1	16-02-64 0 x 0	09-07-78 4 x 0
04-01-48 3 x 1	29-03-64 2 x 1	17-09-78 1 x 0
18-04-48 2 x 1	23-08-64 1 x 1	18-11-78 0 x 0
01-05-48 1 x 7	30-08-64 1 x 2	03-12-78 1 x 0
24-10-48 0 x 3	25-10-65 1 x 1	25-03-79 0 x 1
23-01-49 1 x 2	13-06-66 0 x 1	27-05-79 0 x 0
10-04-49 5 x 0	19-03-67 2 x 3	17-06-79 0 x 0
05-06-49 4 x 2	27-04-67 0 x 0	22-07-79 1 x 1
04-09-49 1 x 1	02-05-67 2 x 2	26-08-79 1 x 1
11-06-50 1 x 1	07-05-67 0 x 0	16-09-79 0 x 0
01-05-50 2 x 1	27-08-67 0 x 1	19-09-79 2 x 1
05-11-50 3 x 4	24-09-67 1 x 2	23-09-79 0 x 0
12-11-50 3 x 1	03-03-68 1 x 3	28-09-79 1 x 0
08-04-51 3 x 0	21-07-68 0 x 0	07-10-79 1 x 2
24-06-51 1 x 3	01-09-68 0 x 1	13-07-80 2 x 0
11-07-51 1 x 1	11-05-69 1 x 0	10-08-80 0 x 2
14-10-51 2 x 3	22-06-69 1 x 0	14-09-80 0 x 1
27-01-52 1 x 1	23-11-69 2 x 1	26-10-80 1 x 1
13-07-52 6 x 1	01-03-70 1 x 1	18-11-80 0 x 1
10-08-52 2 x 2	04-05-70 2 x 0	25-04-81 2 x 1
21-09-52 0 x 1	24-05-70 2 x 1	31-05-81 2 x 0
30-10-52 6 x 1	07-03-70 1 x 0	19-07-81 1 x 0
18-01-53 3 x 1	25-04-71 0 x 1	26-07-81 4 x 0
01-02-53 3 x 1	01-08-71 1 x 0	30-08-81 1 x 2
01-03-53 0 x 2	21-11-71 1 x 1	29-11-81 2 x 1
22-03-53 1 x 2	24-11-71 1 x 1	25-01-82 1 x 0
28-06-53 1 x 2	28-11-71 1 x 0	23-05-82 1 x 1
12-07-53 3 x 2	26-03-72 0 x 1	01-08-82 3 x 0
01-10-53 3 x 3		
14-03-54 1 x 3		
24-04-54 2 x 1		
24-06-54 0 x 1		
15-08-54 0 x 0		
12-09-54 2 x 0		
21-11-54 1 x 0		
19-12-54 1 x 1		
23-03-55 1 x 0		
03-04-55 3 x 1		
01-05-55 1 x 2		
22-05-55 2 x 0		



Charles é o estrela dos últimos tempos

BA X VIT
12-09-82 1 x 0
10-10-82 1 x 1
21-04-83 1 x 1
01-05-83 1 x 1
02-06-83 1 x 1
05-06-83 3 x 1
01-07-83 0 x 0
02-08-83 2 x 1
02-10-83 0 x 0
30-10-83 0 x 0
15-07-84 1 x 1
12-08-84 1 x 1
26-09-84 2 x 0
28-10-84 1 x 1
25-11-84 1 x 0
19-05-85 0 x 1
04-08-85 3 x 0
01-09-85 1 x 1
29-09-85 0 x 2
04-12-85 3 x 1
08-12-85 1 x 1
15-12-85 1 x 0
22-12-85 2 x 1
23-02-86 3 x 0
16-03-86 0 x 1
28-03-86 2 x 1
30-03-86 1 x 1
07-05-86 2 x 0
11-05-86 2 x 0
01-06-86 5 x 0
25-05-86 1 x 1
20-02-87 1 x 0
28-03-87 0 x 0
27-06-87 0 x 0
02-08-87 1 x 1
16-08-87 1 x 1
01-12-87 1 x 0
01-01-88 1 x 1
27-03-88 0 x 0
30-03-88 1 x 0
16-04-88 0 x 0
03-07-88 3 x 1
03-07-88 4 x 0
24-07-88 0 x 1
24-07-88 3 x 0
01-08-88 1 x 0
01-08-88 1 x 2
01-08-88 1 x 1
03-06-89 2 x 0
11-06-89 3 x 1
01-07-89 1 x 1
30-08-89 0 x 0
25-10-89 0 x 0
03-12-89 0 x 3
04-03-90 0 x 0
08-03-90 2 x 0
01-04-90 1 x 2
01-04-90 2 x 0
29-04-90 1 x 1
06-05-90 0 x 1
06-05-90 0 x 1
09-09-90 0 x 1
17-02-91 0 x 1

RETROSPECTO

- 303 jogos
- 130 vitórias do Bahia
- 79 vitórias do Vitória
- 94 empates
- 433 gols do Bahia
- 307 gols do Vitória

Bahia 1 x Vitória 3 (17/12/1972)

Eu estava voltando do exílio na semana da decisão de 1972 e o meu Bahia improvisou o lento Amorim para marcar André Catimba. Não deu outro

Em função da atitude hostil que o regime resolveu ter em relação a todo o conjunto artístico intelectual brasileiro, nós acabamos tendo problemas com o governo militar, fomos presos e expulsos do país, em 1969. Eu e Caetano Veloso fomos para Londres e só voltamos em 1972. Nesta volta ao Brasil e à Bahia, tinha muito o que colocar em dia, matar a saudade. Nunca fui bom de bola, mas batia meus baba's, minhas peladas, e nunca escondi meu grande amor pelo Bahia.

Na volta do exílio, Bahia e Vitória estavam disputando o título de 1972, meio conturbado por causa de ações na Justiça Desportiva. O certo é que a decisão ficou para o mês de dezembro, depois do Campeonato Nacional daquele ano. O Bahia jogava por um empate, e o Vitória tinha de vencer para provocar um jogo extra na decisão do título. Ganhou o primeiro por 2 x 1, e a decisão do título ficou para o dia 17 de dezembro. Eu estava lá, me lembro muito bem. Na época, Antônio Carlos Magalhães, torcedor do Vitória, também era o governador da Bahia, e estava na Fonte Nova. Eram dois grandes times. No Bahia, jogavam ídolos como Douglas, Roberto Rebouças, Baiaco, Eliseu e um goleiro argentino chamado Butice. Do lado de lá, André Catimba, Osni, Mário Sérgio, Jorge Valença, grandes jogadores para um clássico que levou mais de 30 mil torcedores à Fonte Nova. O árbitro era Garibaldi Mattos, um que chegou a

trabalhar no cinema e tinha muita fama no futebol brasileiro.

Eu estava no exílio, chegando ao Brasil, e na semana da decisão fizeram muita onda para esta partida. Tiraram Roberto Rebouças do time e fizeram uma improvisação com Amorim no meio da zaga. Um jogador lento para marcar André Catimba, no início de carreira, cheio de velocidade. Não deu outra. Logo no início do jogo, estouraram uma bola na defesa do Vitória e sobrou para André no ataque. Ele ganhou de Amorim na comêda, driblou o outro zagueiro, Onça, aquele que jogou no Flamengo, e fez o primeiro gol da decisão. Me lembro muito bem, porque sempre fui aos clássicos e aquele Ba-Vi de 1972 foi uma das grandes depressões que eu tive no futebol. Amarguei muito aquela derrota do Bahia, e saí do Estádio da Fonte

Nova completamente acabrunhado.

Mas o pior ainda estava por vir. Foi a vitória da lógica, da justiça dentro de campo, uma vitória merecida de uma equipe que há sete anos lutava pela conquista de um título baiano. A defesa do Bahia estava completamente desorientada, não conseguia marcar jogadores rápidos, velozes, como Osni, Gibira, André e Mário Sérgio, e o Vitória ainda fez mais dois gols, de penaltis, cobrados por Osni. Já no final do jogo, Natal fez o único gol do Bahia na derrota de 3 x 1, mas a torcida do Vitória já comemorava o título nas arquibancadas do Estádio da Fonte Nova, fazendo um grande carnaval.

Acredito que o fato de eu ter ficado três anos no exílio, de voltar à Fonte Nova pela primeira vez para ver o Bahia perder um título num clássico contra o Vitória, foi uma situação muito forte, que me fez jamais esquecer aquele clássico. Saí muito triste do estádio.

VITÓRIA ACIRRA A GUERRA

Em 1972, os rubro-negros ganharam o Ba-Vi, o campeonato e aumentaram o ódio tricolor



Gilberto Gil, 49 anos, cantor, compositor e ex-peladeiro das ruas de Salvador e também um ardoroso torcedor

Vitória 2 x Bahia 0 (14/7/1957)

O Vitória treinava pertinho lá de casa e a gente ia conversar com os jogadores. Para consolidar minha paixão, Quarentinha um belo dia esticou uma bola para mim na beira do campo e me chamou de campeão

Eram tempos sérios. Quem dissesse "pimba na gorduchinha" numa casa de família podia ser muito mal interpretado e não existiam essas frescuras de líbero, 4-2-4, cabeça-de-área, ponto futuro e similares. Time de futebol era um goleiro, dois beques, três ralfes (os da direita e da esquerda também chamados de "asas médias") e a linha de frente — dois pontas, dois meias e o centrefor. A formação era a famosa WM — em baianês, "dabliu-mê".

Os uniformes eram também sérios (aliás, o Vitória da Bahia é o primeiro rubro-negro do Brasil, fiquem vocês sabendo), goleiro não usava luvas, não havia anúncios nas camisas e, quando o time do Bahia deu para aparecer em campo exibindo à cintura umas suspetíssimas faixinhas vermelhas desfiadas nas pontas, até a torcida dele variava.

Havia diversos times de respeito e, de vez em quando, o Botafogo, o Ipiranga, o Galícia e até o Guarani levavam um campeonato. O Bahia, nem se fala. Na verdade, todo mundo tinha pelo menos um campeonatozinho de que se gabar, menos o Vitória. Time mais antigo da Bahia, o Vitória nunca havia sido campeão. Sempre rondando a taça e

sendo chamado de "grande", mas na última hora quebrando a cara, em decisões trágicas, emolduradas por uivos lancinantes nas arquibancadas, pileques definitivos e mortes passionais. Há quem diga que o fato de sua fundação haver ocorrido numa sexta-feira, treze, tem alguma relação com essa triste sina. Contudo, apesar de ser baiano e, por conseguinte, não poder descartar essa possibilidade, prefiro a tese do hino. Parece que agora mudaram o hino, mas o antigo era uma marcha fúnebre, uma nênia lúgubre e soturna, que transformava o véu da noiva num véu de viúva. Enquanto o hino do Bahia é até hoje dançado nas ruas, ao som de um estribilho vivaz e alegre, os ululos sinistros do hino do Vitória talvez tornassem o ambiente de uma missa de sétimo dia excessivamente tétrico.

Então, dentro desse panorama, por que eu, menino criado em Aracaju (time de fé: Confiança) que só voltou à Bahia aí pelos 10 anos de idade, escolheria logo o Vitória? Fatalidades, fatalidades. Fomos morar na Barra, bairro do Vitória, cujos jogadores se alcinhavam de Leões da Barra. Quando ouvi pela primeira vez o nome, achei lindo, quis logo ser um Leão da Barra também. E,

para piorar, o Vitória treinava pertinho lá de casa e a gente ia lá, conversar com os jogadores. Finalmente, para consolidar minha paixão, Quarentinha, o grande Quarentinha, mais tarde do Botafogo do Rio e da Seleção, um belo dia esticou uma bola para mim na beira do campo e me chamou de campeão.

Venho sofrendo muito, desde então. Meu clássico sempre foi o Ba-Vi, embora dolorosas experiências me façam esquecer certos Ba-Vis. Mas tive a glória de estar na Fonte Nova no dia em que o Vitória ganhou seu primeiro campeonato. Não posso dizer que assisti ao jogo. Eu era pequeno, o estádio estava lotado, o Vitória estava com a macaca e a torcida de pé não me deixava ver nada. Mas comemorei do mesmo jeito e até me molhei todo no banho de cerveja promovido pelos barraqueiros do Mercado da Barra. E, se não me falha a vã memória, ainda lembro que alinhamos o nosso triunfante dabliu-mê com Nadinho, Valvir e Alirio, Porunga, Gago e Joel; Tombinho, Alencar, Juvenal, Quarentinha e Ciro. Eu tinha uma bola assinada por todos os onze, mas ela sumiu numa mudança. Deve ser por isso que o Vitória nunca mais foi o mesmo.



João Ubaldo Ribeiro, 50 anos, é escritor e jornalista. Mesmo morando atualmente na Alemanha, não esqueceu seu amor pelo Vitória



LE BATAILLE COMMENCÉE
Comandados por Quarentinha, os rubro-negros liquidam o Bahia e animam o jovem torcedor

Botafogo X Fluminense

Se de um lado Flamengo e Vasco são os times do povo, Bota e Flu dividem a preferência das classes mais altas. Mas nem esta identidade é suficiente para unir os eternos rivais

ESSA BRIGA VEM DA ZONA SUL

Um dos rounds mais acirrados da eterna luta que Botafogo e Fluminense travam desde 1906, quando foi disputado o primeiro Clássico Vovô, só teve solução no ano passado. Depois de anos de disputa jurídica, finalmente decidiu-se que o Fluminense, e não o Botafogo, era o legítimo campeão de... 1907! Quem estranhar a importância que os tricolores deram ao final da pendenga, mesmo passando tanto tempo, por certo desconhece a força da rivalidade entre eles e seus abastados vizinhos de Zona Sul do Rio, os botafoguenses. Motivos para isso não faltaram, no decorrer dos anos.

Dois episódios, porém, permanecem especialmente vivos na memória de torcedores dos dois lados.

Quando em 1957 o Fluminense entrou em campo precisando de apenas um empate para vestir as faixas de campeão, poucos imaginavam que o Botafogo pudesse se superar. O alvinegro, porém, foi além de uma simples vitória — e massacrrou o adversário com um histórico 6 x 2, com direito a cinco gols de Paulo Valentim, um deles de bicicleta. Vingança, mesmo, só em 1971. No último jogo de um campeonato que o alvinegro liderou de ponta a ponta, o Flu é que acabou campeão, com um gol marcado pelo ponta Lula a dois minutos do fim do jogo. Pouco importa que os botafoguenses reclamem até hoje de uma falta de Marco Antônio no goleiro Ubirajara, no lance do gol. São detalhes de um clássico que prova: os ricos também torcem.



FEITA EM MEIO AO JEJUM

Nos difíceis tempos sem título, uma alegria para o Bota: 4 x 0 em 1979



MÁQUINA DE MARCAR

Rivelino comanda o Flu no bi de 75/76: vitória de 5 x 1 sobre o velho rival



6 X 2 NO PÔ-DE-ARROZ

Era o coro da torcida alvinegra depois do massacre na final de 1957



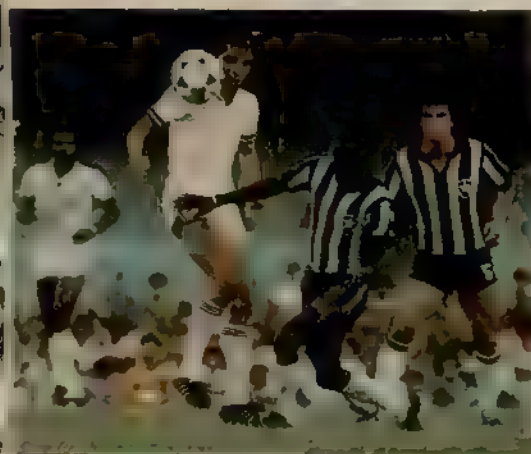
FERNANDO PIMENTA

HAJA CORAÇÃO!
Lula (à direita) fez o gol do Flu campeão



ALBERTO FERREIRA

VÍTIMA CONSTANTE
Garrincha avança contra o Flu, para variar



ALBERTO FERREIRA

MAIS QUE CAMPEAO
Melhor que o título de 1980 só este 4 x 0

DEZOITO VITÓRIAS SEPARAM OS RIVALS

	BOIA X FLU
13/05/06	0 x 8
14/06/08	4 x 2
02/09/06	0 x 3
30/09/06	0 x 6
22/09/07	4 x 2
19/08	4 x 4
02/11/08	2 x 2
09/05/09	2 x 2
22/08/09	1 x 2
22/06/10	3 x 1
25/09/10	6 x 1
31/08/13	3 x 0
01/11/13	0 x 3
21/06/14	1 x 0
08/11/14	2 x 2
04/07/15	2 x 2
12/10/15	1 x 4
25/06/16	2 x 7
26/11/16	3 x 3
15/08/17	2 x 4
18/11/17	2 x 1
14/07/18	0 x 0
29/08/18	1 x 2
20/07/19	1 x 2
23/11/19	2 x 5
18/07/20	1 x 3
07/11/20	2 x 1
22/05/21	1 x 1
25/07/21	1 x 0
21/05/22	2 x 1
18/07/22	0 x 0
06/05/23	5 x 3
08/07/23	1 x 2
18/05/24	0 x 1
17/08/24	0 x 2
03/05/25	2 x 2
27/09/25	1 x 2
02/05/26	1 x 3
18/07/26	3 x 4
05/05/27	1 x 3
14/08/27	1 x 1
22/04/28	1 x 3
05/08/28	2 x 3
14/07/29	0 x 1
26/10/29	0 x 2
14/09/30	3 x 2
07/12/30	2 x 2
07/06/31	1 x 0
29/11/31	1 x 2
29/05/32	1 x 1
26/08/32	2 x 0
14/11/37	0 x 1
02/01/38	1 x 2
16/10/38	3 x 0
25/12/38	0 x 2
21/05/39	4 x 3
13/08/39	2 x 1
12/11/39	2 x 3
09/06/40	3 x 3
08/09/40	2 x 2
01/12/40	1 x 3
01/06/41	2 x 3
03/08/41	3 x 2
12/10/41	0 x 2
17/11/41	1 x 2
17/05/42	1 x 1
19/07/42	2 x 1
20/09/42	1 x 1
04/07/43	0 x 1
04/09/43	3 x 5
22/07/44	0 x 1
24/09/44	1 x 1
22/07/45	1 x 1
07/10/45	1 x 0
28/07/46	3 x 2
29/09/46	4 x 2
30/11/46	1 x 3
22/12/46	0 x 1
28/09/47	2 x 1
14/12/47	2 x 2
01/08/48	5 x 2
24/10/48	2 x 2
28/06/49	0 x 1
10/11/49	1 x 2
15/01/50	0 x 2
16/09/50	0 x 1
24/11/50	3 x 3
27/10/51	1 x 2
18/12/51	3 x 1

MARCO CAVALCANTI



0 x 0 no Carioca de 90 foi o último empate entre os dois

BOIA X FLU		BOIA X FLU		BOIA X FLU	
09/02/52	2 x 0	31/03/65	3 x 0	18/11/73	0 x 0
26/10/52	0 x 2	12/05/65	2 x 7	02/08/74	1 x 0
13/12/52	1 x 3	01/08/65	1 x 1	11/08/74	2 x 2
03/05/53	2 x 2	29/08/65	2 x 0	19/10/74	1 x 0
02/08/53	1 x 2	26/09/65	1 x 3	07/12/74	0 x 0
22/11/53	3 x 1	13/11/65	3 x 1	21/04/75	1 x 2
02/01/54	0 x 1	27/02/66	2 x 3	15/06/75	2 x 0
15/05/54	0 x 4	06/06/66	0 x 0	06/07/75	0 x 2
25/09/54	2 x 3	29/10/66	0 x 1	17/08/75	1 x 0
15/01/55	1 x 3	13/11/66	0 x 0	05/10/75	1 x 3
27/01/55	3 x 3	15/04/67	3 x 4	23/11/75	0 x 2
22/10/55	0 x 1	11/08/67	2 x 0	02/05/76	1 x 3
20/11/55	2 x 2	07/09/67	1 x 0	20/06/76	1 x 0
12/05/56	1 x 2	10/12/67	1 x 1	14/08/76	1 x 5
02/12/56	0 x 2	24/03/68	1 x 1	25/08/76	0 x 0
09/05/57	3 x 3	25/05/68	3 x 1	07/09/76	0 x 2
29/09/57	0 x 1	01/09/68	1 x 0	27/03/77	2 x 0
22/12/57	0 x 2	14/09/68	1 x 2	07/09/77	1 x 2
13/01/58	2 x 1	23/03/69	1 x 1	11/12/77	0 x 1
23/01/58	2 x 0	22/06/69	3 x 1	07/08/78	3 x 2
16/03/58	1 x 1	02/08/69	0 x 1	02/12/78	0 x 2
10/05/58	1 x 0	13/08/69	1 x 0	15/03/79	0 x 1
13/09/59	1 x 2	23/11/69	1 x 0	11/04/79	2 x 2
20/12/59	3 x 3	11/04/70	1 x 1	15/07/79	1 x 4
27/03/60	2 x 2	17/05/70	0 x 2	19/09/79	0 x 0
24/07/60	0 x 1	05/07/70	0 x 0	21/10/79	4 x 0
27/11/60	1 x 1	23/09/70	2 x 1	02/08/80	1 x 1
09/03/61	4 x 3	12/11/70	1 x 1	31/08/80	0 x 4
24/09/61	2 x 2	18/04/71	1 x 0	16/11/80	2 x 2
15/10/61	2 x 2	27/06/71	0 x 1	14/06/81	1 x 1
14/12/61	1 x 0	29/07/71	1 x 0	30/08/81	2 x 0
18/02/62	1 x 0	26/09/71	0 x 0	21/11/81	3 x 1
15/09/62	2 x 0	09/04/72	0 x 1	11/09/82	1 x 1
08/11/62	1 x 0	14/05/72	0 x 1	14/11/82	0 x 3
07/03/63	2 x 2	30/07/72	1 x 0	04/09/83	1 x 1
17/08/63	1 x 0	18/11/72	2 x 1	20/11/83	1 x 1
10/11/63	3 x 0	25/03/73	2 x 1	09/09/84	1 x 3
19/04/64	2 x 0	26/07/73	0 x 2	18/11/84	4 x 2
06/09/64	0 x 2	15/08/73	0 x 1	29/09/85	0 x 1
28/11/64	1 x 0	02/09/73	4 x 0	23/11/85	0 x 2

RETROSPECTO

224 jogos
73 vitórias do Botafogo
91 vitórias do Fluminense
60 empates
312 gols do Botafogo
351 gols do Fluminense

19/04/86	4 x 1
08/07/86	0 x 2
18/04/87	1 x 2
19/09/87	1 x 1
17/03/88	2 x 2
17/04/88	0 x 2
03/09/88	1 x 1
16/04/89	0 x 0
21/05/89	2 x 2
12/11/89	0 x 2
11/02/90	2 x 0
01/04/90	0 x 0
24/09/90	1 x 0
24/11/90	2 x 0
01/05/91	0 x 1

Botafogo 6 x Fluminense 2 (22/12/1957)

Paulinho fez cinco gols e Mané o outro. Foi uma festa só, lá em casa papai, eu e Netinho fizemos o maior carnaval. É que, a partir daquele dia, o Botafogo tinha um novo torcedor: meu irmão

Fui buscar "em algum lugar do passado" um clássico inesquecível. Foi no ano de 1957. Eu tinha pouco mais de 6 anos. A vida começava a despertar. As paixões também. Uma delas, o futebol. O meu avô, o velho "Bastião" Braz, havia sido tudo no Uberaba Sport: de treinador a presidente. O papai contava gostosamente as histórias de seu tempo de jogador. E olhe que ele tinha muito o que contar. O seu espírito misterioso e brincalhão estava no seu próprio nome: Sherlock Holmes.

Papai levava a gente, eu e meu irmão, para ver os jogos do Uberaba Sport. É verdade que, com 6 anos, eu queria mais era esperar pela pipoca do intervalo. Mas na hora do jogo o coração já batia forte. E ele — o coração — palpitou de verdade quando descobriu o amor pelo Botafogo. E esse amor chegava pelo rádio. Foi uma descoberta diferente, papai, o velho Sherlock, era completamente surdo. A única maneira dele torcer pelo "seu" Botafogo era me colocar à frente do rádio. Os locutores iam dizendo os no-

mes dos jogadores e eu ia repetindo. Ele era "fera" na leitura labial. A fantasia do rádio me levava aos sonhos: era maravilhoso poder imaginar os incríveis dribles de Mané Garrincha, a classe de Didi, Nilton Santos. Os gols de Paulo Valentim. A cada gol a paixão ia crescendo em mim.

Cada vez que a bola chegava perto de nosso gol, meu coração quase saía pela boca. Eu morria de medo. Era duro levar um gol. Eu sabia que isso faria meu pai ficar triste. E eu, é claro, ficaria também. Mas, quando era ataque do Botafogo, sentia uma vontade enorme de empurrar os jogadores com minhas mãos de criança. Só que não era preciso. O time era tão bom, mas tão bom, que se empurrava sozinho. Era quase uma covardia! O Botafogo massacrava os adversários. Era puro prazer! E eu confesso uma coisa: até hoje esse gosunho de vitória é mais saboroso contra o Flamengo.

Lembro bem aquela decisão de 57: Botafogo e Fluminense. O meu irmão Netinho, um pouco mais velho do que eu, era tricolor. Não sei bem por quê. Acho

que nem ele. Mas a verdade é que ele sabia de cor o time do Fluminense. Altas, um timaço. Para o Botafogo, ser campeão era uma rotina. Mas aquele título de 57 foi memorável. Foi a primeira vez que eu — uma criança — me senti vencedor, uma sensação inesquecível. Com um minuto de jogo, já estava 1 x 0. Era um dia de Garrincha e Paulo Valentim. Sozinhos, eles destruíram o tricolor. No fim, Botafogo 6 x 2. Fora o show, como se dizia. Paulinho fez cinco gols e Mané o outro. Foi uma festa só, lá em casa, papai, eu e Netinho fizemos o maior carnaval. É que, a partir daquele dia, o Botafogo tinha um novo torcedor: meu irmão.

Hoje, 34 anos depois, tudo está muito diferente. Os tempos são outros. Mas, mesmo assim, não dá pra esconder a alegria quando meus filhos Fernando e Frederico vêm com aquele apelo irresistível a cada domingo de Maracanã: "Pai, leva a gente pra ver o Fogão". O amor está aí. E pensar que tudo começou, de verdade, naquele Botafogo x Fluminense de 57.



Fernando Vannucci, 40 anos, apresentador da TV Globo, desde criança já vibrava com os sucessos do Botafogo



SHOW DE PAULINHO
O atacante Paulo Valentim prepara-se para marcar o terceiro dos seus cinco gols na histórica goleada sobre o Fluminense em dezembro de 1957

Fluminense 1 x Botafogo 0 (27/6/1971)

Brincar contra o Fluminense durante um clássico não é recomendável. Porque quando o time é fraco e não joga, por ele joga a nossa camisa. A indigesta camisa tricolor

Um tricolor que se preze não poderá jamais esquecer de uma humilhação a nós imposta em pleno Maracanã. Nesse dia, o centroavante Paulinho, do alvinegro, arrebitou a pedradas a bem cuidada leiteria do São Castilho e perdemos feio: 6 x 2, se não estou enganado. Aquele placar ficou engasgado em nossas gargantas até que resgatamos — e com juro — derrota tão acachapante. Foi num jogo noturno e Tim era nosso técnico. Ganhamos de um Botafogo completinho, com Garrincha e Cia. Eles abriram o marcador e ficaram naquele um enquanto nós fizemos meia dúzia. Amoroso matou a pau e até Gilson Nunes entrou com bola e tudo num dos gols dessa fieira. Foi tão grande o estrago que Geninho, técnico na época, pediu o bonê e voltou para sua Minas Gerais.

É evidente, penso eu, que o jogo mais dramático e tenso ocorrido entre Botafogo e Fluminense foi aquele que acabou por nos dar o campeonato. Uma virada fantástica na tabela. Só nos interessava a vitória, faltavam poucos minutos. Um chuveirinho quente sobre a meta de Ubirajara — de pequena estatura — e, subindo com ele, o esguio e enorme Marco Antônio. Juro que não vi falta no lance, porém, depois, ela foi confessada pelo próprio Marco Antônio. Defendo uma tese: quando o goleiro é baixo, se acossado com perigo, nada como um belo soco para afastar a bola da pequena área. Ubirajara apelou para fazer pose, talvez tomado de uma euforia que levava todo o time do Botafogo a ensaiar um olé contra nosso timinho. Eles precisavam apenas do empate e já estávamos a menos de 5 minutos do final. Lembro-me do Paulo César Caju — que depois chorou copiosamente no vestiário — ensaiando embaixadas desmoralizantes contra toda nossa defesa.

Voltemos ao lance do campeonato. Do esbarrão ocorrido entre

Ubirajara e Marco Antônio, a bola ficou — se não me engano, e me engano quase sempre — entre o artilheiro Flávio e o ponteiro Lula. Mas com certeza foi ele quem desferiu o tiro de morte contra um Botafogo revoltado e estarecido. Brincar com o Fluminense durante um clássico não é recomendável. Porque quando o time é fraco e não joga, por ele joga nossa camisa. A indigesta camisa tricolor!

Não sei se acontece com outros tricolores o que ocorre comigo. Diferente deles — que elegeram o América por seu segundo time —, eu, se não fosse um tricolor total, certamente teria sido botafoguense. Muitos elos subjetivos me uniram ao Botafogo. Intimo do filho do presidente Eduardo Trindade, torci como

um desvairado para o Botafogo ser campeão de 1948 contra o Vasco. Assisti a esta decisão ao lado do meu amigo Carlos Alberto Trindade. Outros fatores tornaram o alvinegro simpático a mim. Meu querido primo Jardel Filho rompeu com o nosso Fluminense e foi ser atleta da Estrela Solitária. Dois outros amigos extracampo balançaram meu coreto. O irreverente Carlyle — de quem posteriormente herdei o apelido no futebol de praia — e o queridíssimo e eterno amigo Valdir Pereira, o Didi, de tantas e tão boas recordações.

O Fluminense para mim é algo indiscutível. Certa vez, ingenuamente, depois de uma derrota esmagadora, tentei virar a casaca. Eu finalmente passaria a ser botafoguense. Ledo engano. Quanto tentei “virar a casaca”, descobri que não era aquele traje que me vestia de Fluminense. Era a minha própria pele. Sou um tricolor de entra-nhas. Indevassáveis

O GOL QUE CAUSOU POLÊMICA
O juiz não marcou, mas o lateral Marco Antônio confessou depois que se apoiou no goleiro Ubirajara para dar a vitória ao Fluminense



Ronaldo Bóscoli, 61 anos, é compositor e torcedor do Fluminense

Em campo, palmeirenses e são-paulinos têm um código comum: odiar o outro acima de tudo, mesmo com o prejuízo de ambos. Subvertendo mandamentos e agitando as torcidas



ARMANDO CONFUSÃO

Mesmo agarrado pela camisa, Leivinha faz 1 x 1 na final de 1971. Mas o juiz, pressionado, anula o gol



MUITO MAIS QUE UMA RIVALIDADE

Qua rivalidade, é certo, pode extrapolar as linhas de um campo de futebol e, às vezes, atravessar os anos. Constatou-se isso sobre São Paulo e Palmeiras, quando se ouve o ex-goleiro alviverde Oberdan Cattani. A mágoa que o velho palestrino traz do arquiinimigo não se refere a inapeláveis derrotas sofridas dentro de campo, mas à atuação do tricolor no episódio da troca de nome do Palestra para Palmeiras. "Os dirigentes do São Paulo fizeram muita pressão", testemunha o ex-goleiro, evocando uma ferida aberta na alma palestrina.

Se as queixas de Oberdan referem-se a um episódio anterior ao fim da Segunda Guerra Mundial, as novas gerações de palmeirenses têm também seus motivos para não gostar do São Paulo. Não foi contra o tricolor que Armando Marques teria anulado um gol legítimo de Leivinha na decisão do Campeonato Paulista de 1971? E o gol de Serginho, nas semifinais do Paulistão de 1978, eliminando o Palmeiras da disputa do título contra o Santos no último minuto da prorrogação?

Mas, no outro lado deste clás-



SERGINHO DEVASTA O VERDE

Sem arroubos ecológicos e faltando um minuto, ele leva seu time à final

sico marcado por ressentimentos, a recíproca de ódio também é verdadeira. A "última" do Verdão pra cima do tricolor, são-paulino nenhum esquece. Nas finais do recente Campeonato Paulista de 1988, um gol do palmeirense Gérson Caçapa acabaria não só eliminando o São Paulo como — pasmem os dois lados entregando o título de bandeja para o Corinthians. Além do que, qualquer são-paulino sabe, o tricampeonato só não veio até hoje porque, em 1947, 50 e 72, o Palmeiras era a pedra no caminho. Motivos suficientes para tornar a frase preferida do ex-são-paulino Forlan — "Los mataremos" — a senha para o sucesso neste clássico



BIS NO NACIONAL

Apesar do 0 x 0, o bi brasileiro e verde



TARDE DE GALA
Em 1985, um surpreendente empate em 4 x 4



SURGE O ALVIVERDE
No primeiro jogo de nome novo: 3 x 1



UMA LIGEIRA SUPREMACIA TRICOLOR



O atacante Corcoca conduz o Palmeiras na 2 x 1 de outubro de 1990

	PAL	X	SP
25-10-36	3	x	0
14-03-37	0	x	0
25-07-37	1	x	0
05-06-38	4	x	2
10-07-38	3	x	0
27-10-38	2	x	1
22-12-38	1	x	0
26-03-39	0	x	8
02-07-39	9	x	1
15-10-39	1	x	2
14-03-40	3	x	1
11-06-40	3	x	1
08-12-40	4	x	1
15-06-41	0	x	0
05-10-41	1	x	2
14-03-42	1	x	1
14-06-42	2	x	1
09-07-42	0	x	1
20-09-42	3	x	1
13-06-43	1	x	2
27-06-43	0	x	0
05-10-43	0	x	0
01-03-44	1	x	2
04-06-44	3	x	3
17-09-44	3	x	1
11-03-45	1	x	0
22-04-45	0	x	1
23-09-45	1	x	1
17-03-46	2	x	1
21-07-46	1	x	1
10-11-46	0	x	1
14-05-47	1	x	2
17-08-47	4	x	3
14-12-47	1	x	1
15-06-48	1	x	2
26-11-48	3	x	3
05-02-49	1	x	2
24-07-49	1	x	5
23-10-49	2	x	4
21-01-50	3	x	2
24-05-50	0	x	0
06-08-50	2	x	2
15-10-50	2	x	0
13-01-51	3	x	0
28-01-51	1	x	1
18-02-51	2	x	0
27-05-51	3	x	2
23-09-51	0	x	1
13-01-52	3	x	0
12-03-52	1	x	1
02-07-52	1	x	0
15-08-52	1	x	1
07-09-52	1	x	2
12-10-52	1	x	2
28-12-52	2	x	2
13-01-53	1	x	2
15-03-53	4	x	0
12-04-53	1	x	1
13-09-53	1	x	3
07-02-54	1	x	2
16-05-54	1	x	0
18-07-54	1	x	1
10-10-54	1	x	2
16-01-55	1	x	1
05-05-55	1	x	0
04-09-55	2	x	0
08-01-56	2	x	2
18-04-56	2	x	0
23-05-56	1	x	2
30-09-56	0	x	3
10-11-56	0	x	5
27-12-56	3	x	5
07-02-57	0	x	1
05-04-57	3	x	3
08-05-57	1	x	1
04-08-57	0	x	0
10-11-57	2	x	4
22-12-57	0	x	1
12-03-58	2	x	5
26-06-58	4	x	3
17-09-58	1	x	1
06-12-58	2	x	2
03-04-59	3	x	0
23-04-59	3	x	4
09-08-59	2	x	0
20-12-59	0	x	2
06-04-60	4	x	1
01-06-60	1	x	0
24-07-60	2	x	2

	PAL	X	SP		PAL	X	SP		PAL	X	SP
19-10-60	2	x	0	01-04-70	1	x	1	14-08-77	1	x	3
19-03-61	1	x	1	21-04-70	1	x	1	03-09-77	0	x	0
20-08-61	0	x	0	29-07-70	0	x	1	06-11-77	2	x	0
22-11-61	0	x	0	23-08-70	1	x	0	23-04-78	0	x	0
03-03-62	1	x	2	20-09-70	2	x	0	08-07-78	1	x	1
08-03-62	1	x	1	21-03-71	1	x	2	10-09-78	0	x	0
13-05-62	0	x	1	27-08-71	0	x	1	01-04-79	2	x	0
20-09-62	2	x	3	23-10-71	1	x	1	09-05-79	0	x	1
19-12-62	0	x	1	24-02-72	0	x	0	17-06-79	0	x	1
14-03-62	1	x	2	21-05-72	0	x	0	06-08-79	1	x	1
14-02-63	1	x	2	03-06-72	0	x	0	06-10-79	0	x	2
25-06-63	1	x	3	22-11-72	0	x	5	05-07-80	0	x	1
17-12-63	1	x	0	18-12-72	0	x	2	05-08-80	0	x	4
23-04-64	3	x	0	20-05-73	0	x	0	12-10-80	0	x	3
30-08-64	0	x	0	17-06-73	0	x	0	17-05-81	3	x	0
15-11-64	2	x	5	15-07-73	1	x	1	02-08-81	0	x	1
27-02-65	2	x	0	25-11-73	1	x	2	04-10-81	2	x	6
19-05-65	5	x	0	20-02-74	0	x	0	06-09-82	2	x	0
08-08-65	1	x	0	24-04-74	1	x	2	17-10-82	3	x	1
24-10-65	2	x	1	30-04-74	0	x	2	24-07-83	1	x	1
26-03-66	2	x	4	12-05-74	1	x	0	30-10-83	1	x	2
09-10-66	4	x	2	05-10-74	1	x	1	20-11-83	2	x	2
15-12-66	3	x	0	10-11-74	2	x	1	25-11-83	0	x	1
08-05-67	1	x	1	25-05-75	0	x	1	28-04-84	1	x	0
27-08-67	1	x	1	20-07-75	1	x	1	23-05-84	2	x	0
03-12-67	0	x	0	03-08-75	0	x	0	09-08-84	2	x	1
14-03-68	1	x	2	12-10-75	0	x	0	25-11-84	1	x	1
26-05-68	1	x	0	08-02-76	0	x	0	16-03-85	4	x	4
12-10-68	1	x	1	12-05-76	1	x	1	08-02-85	2	x	2
03-11-68	2	x	3	04-07-76	1	x	0	14-07-85	2	x	3
23-02-69	1	x	3	15-08-76	1	x	0	10-11-85	3	x	1
27-04-69	3	x	0	17-10-76	2	x	1	06-04-86	1	x	1
11-06-69	1	x	0	13-03-77	3	x	2	27-07-86	1	x	5
05-11-69	1	x	2	15-05-77	1	x	3	02-11-86	0	x	0

RETROSPECTO

206 jogos
67 vitórias do Palmeiras
88 vitórias do São Paulo
71 empates
266 gols do Palmeiras
264 gols do São Paulo

Palmeiras 3 x São Paulo 3 (5/4/1957)

Se o São Paulo tinha Gino e Negri, o Palmeiras não ficava atrás. Sempre fui fã de Canhotinho e Lima, que jogava com um gominho na cabeça e infirmizava a vida das defesas adversárias.

Foi naturalmente no Pacaembu, o melhor lugar do mundo para se ver futebol, que aconteceu o jogo mais emocionante da minha vida, um 3 x 3 entre o meu Palmeiras e o São Paulo. Assim que cheguei da Itália, ganhei dois grandes amores: a cidade de São Paulo e o Palmeiras. E esse jogo me marcou muito porque acabei saindo do estádio sem camisa e todo ensanguentado.

Se o São Paulo tinha Gino, Negri e outros craques, o Palmeiras não ficava atrás. Sempre fui fã de Canhotinho e Lima, que jogava com um gominho na cabeça e infirmizava a vida das defesas adversárias. Para mim, eles eram mais que jogadores — tratava-se de verdadeiros artistas.

Nesse dia, houve tantas viradas no marcador que nem me lembro. Só sei que, hoje, meu coração já não aguentaria mais tantas e tão fortes emoções. Estávamos em um grupo de palmei-

renses, assistindo ao jogo da geral, no alambrado, que sempre foi meu lugar preferido. De lá, é como estar em um teatro, sempre na primeira fila. Tenho muitos amigos no São Paulo, mas, na hora do jogo, o fanatismo sempre fala mais alto.

Um mês antes já aguardávamos o dia da partida com ansiedade, e, como naquele tempo trabalhava também aos domingos no restaurante Gigetto, tive que trocar o dia livre por quatro plantões com um colega. Mas como valeu a pena! Foi tão emocionante que, em um dos gols do Palmeiras, de repente vi-me pendurado no alambrado, onde acabei deixando minha camisa.

Cheguei em casa todo sujo, ensanguentado, mas feliz. Os dois times haviam feito uma exibição de

gala. No entanto, entre eles, é mesmo o Palmeiras de Luís Villa e Valdemar Fiúme que não me sai da lembrança. No dia seguinte, em *A Gazeta Esportiva*, Tomás Mazzoni fez uma das mais belas crônicas da história do futebol sobre aquela partida. Os que dela participaram terão para sempre minha eterna gratidão — e é importante que cheguem às novas gerações os feitos daqueles vinte e dois heróis vestidos de verde e de tricolor.

Em especial os que defenderam o Palmeiras, exemplos de raça e dedicação. Eles souberam, naquele dia, elevar como nunca o nome do amor que escolhi assim que desembarquei da Itália. Mais que participantes de um jogo de futebol, eles estarão sempre presentes nos meus sonhos de alviverde. Sonhos que, por certo, podem se repetir a cada vez que onze camisas verdes entrarem em campo. Mas que nunca se apagarão de minha memória de torcedor apaixonado.

CRAQUES EM TARDE DE GALA

Zizinho e Valdemar Fiúme regem suas orquestras no Pacaembu, em 1957. Só podia dar empate



Giovanni Bruno, 57 anos, italiano de Salerno, é palmeirense desde que chegou ao Brasil em 1950.

São Paulo 1 x Palmeiras 0 (27/6/1971)

Os palmeirenses so se lembram daquela majestosa figura vestida de negro, assoprando um apito mais alto que a gritaria, o braço direito levantado e a mãozinha apontando o gol de mão de Leivinha

Lembrar um São Paulo x Palmeiras inesquecível é fácil. Todos os que ganharam são inesquecíveis. Aquele 6 x 2, por exemplo, quando o Mário Sérgio gastou a bola e acabou com o jogo. Mas não é desse que quero falar. Quero falar daquele 1 x 0 de 1971, que é gostoso dobrado. Primeiro, porque foi o 1 x 0 do bicampeonato 1970/71. Há quantos anos um palmeirense não sente o gostinho nem de ser campeão? O gostinho de sair da fila, comemorar? Quase 15 anos, isso já é vestibular de corintiano. É sofrimento grave, coisa séria. Segundo porque teve o Armando Marques, com olho de águia, anulando o gol de mão do Leivinha, pensava o que esse Leivinha, pensava que era o Maradona jogando contra a Inglaterra?

Os palmeirenses se lembram desse jogo quase mais do que os são-paulinos. E uma pedra no sapato, uma espinha na garganta, um cisco no olho. O São Paulo jogava pelo empate, eles não se lembram. Só se lembram daquela majestosa figura vestida de negro, assoprando um apito mais alto que a gritaria, o braço esquerdo colado ao corpo ereto, a barriginha apontando indiscreta no perfil atlético, o braço direito levantado em vertical perfeita e a mãozinha, ah, aquela mãozinha, a munheca ligeiramente quebrada e a mãozinha apontando o gol de mão do Leivinha. Nunca jamais em tempo algum palmeirense nenhum vai conseguir dormir em paz com essa visão povoando o seu sono. Para mim, no vetê da memória, não estão lá só os melhores momentos. Está lá em baixo, no gol, São Sérgio, para sempre seja louvado. Gérson já tncampeão do mundo, Pablo Forlan, Don Pedro Rocha, Mestre Osvaldo Brandão, Jurandir, Gilberto, Edson. Craques. Artistas. Terto, Paraná, heróis. Toninho Guerreiro, que fez o gol do bi, uma lenda em si mesmo: o único pentacampeão paulista. Tri

pelo Santos, 67/68/69. Bi pelo São Paulo, 70/71

Mas o gostoso mesmo de lembrar, o que dá saudade, o que parece que nunca vai voltar é que era um tempo diferente. Eu assisti a esse jogo do bi, com a minha namorada, hoje minha mulher, no Morumbi, no meio da torcida do Palmeiras. Decisão de campeonato, gol anulado, discussão, palavrão, mas sem briga. Dava coragem de ir ao estádio enrolado na bandeira do seu time, dando a maior bandeira. Parece que não havia risco de vida. Era um tempo de euforia com o futebol. Era um tempo em que, em pleno Parque Antártica, eu

morria de rir com o maior frango do futebol, servido pelo Roberto Dias ao Leão. E ninguém sequer me olhou feio

Passamos 20 anos de outros tempos. De República Nova e Brasil Novo. De TUP e Mancha Verde, quando passou a dar medo até de dar risada no sábado e na segunda-feira. Bem, parece que o Braga da Capitinga ressuscitou a civilidade da torcida nas competições. Quando o Telê deu uma aula de tática, Zetti, Leonardo, Antônio Carlos, Ricardo Rocha, Zé Teodoro, Raí e companhia bela deram uma aula de bola, o Braga deu uma aula de civilização. É só o Palmeiras aprender o futebol desse São Paulo vencedor e a boa educação do Braga, o mais inesquecível de todos os São Paulo x Palmeiras será o próximo.

DOIS REIS EM CHOQUE

Leivinha marcou um gol anulado por Armando Marques. O título ficou com o São Paulo de Gerson



Neil Ferreira, 48 anos, publiciano, tricampeão brasileiro e pai dos são-paulinos José Bento, de 13, e Juliana, de 10 anos



CÔNCAVO E CONVEXO



Conforto, requinte e privacidade são os grandes destaques deste motel moderno e bem equipado para oferecer a você momentos de prazer e sedução. Uma ótima opção para mergulhar nas mais românticas horas de amor.

Av. do Estado, 6600 - Cambuci
SP. - Tel.: (011) 274-7433

Oo

Fora de
de

POUSADA DO COWBOY



Com todos os ambientes que lembram o oeste americano, este motel supera todas as expectativas para quem espera encontrar um ambiente exótico e muito aconchegante. Suites decoradas com muita madeira e uma impecável cozinha que funciona 24 horas. Rua Taquari, 778 - Moóca - SP
Tel.: (011) 291-4766.

LE MOULIN



Se você acreditava que não havia mais nada para ser provado, Suíte LE MOULIN todo o requinte e a sofisticação com muito bom gosto. Ambiente finamente decorado para fazer do prazer a dois momentos inesquecíveis.
Via Anchieta, km 23 - Trevo da Volkswagen - São Bernardo do Campo - Telefone (011) 451-5155



Série São Paulo

COLONIAL PALACE



Ambientes distintos e com muito bom gosto, finamente decorados para proporcionar o máximo de prazer e conforto. Atendimento "Classe A". Não deixe de conhecer os deliciosos pratos da cozinha internacional.
Av. Abraão de Moraes, 966
Jardim da Saúde - SP - Tels.: (011) 577-6391 e 578-4602.



Botafogo X Flamengo

Ate os italianos já levaram Botafogo e Flamengo para jogar em Milão. Fruto do talento de Zico e Garrincha e de uma rivalidade que já dura quase 80 anos e ainda promete muito mais

UM JOGO QUE ATRAVESSOU FRONTEIRAS

De um lado, um anjo de pernas tortas. De outro, o Galinho de Quintino, que durante quase 20 anos enlouqueceu os torcedores no Maracanã. Se não houvesse mais nada para se falar sobre o clássico entre Botafogo e Flamengo, a simples presença dos dois deuses do futebol carioca — Garrincha e Zico — já seria suficiente para fazer desse jogo um dos mais empolgantes do futebol brasileiro.

A riqueza da história do clássico, porém, é tanta que foi capaz de fazer os italianos realizarem uma partida entre os dois gigantes em seu território. Foi assim em 1978, quando o Flamengo bateu o Botafogo por 2 x 0 no Torneio Cidade de Milão.

Em terras brasileiras, no entanto, o Glorioso já provocou grandes decepções aos rubro-negros. A começar pelos inesquecíveis 6 x 0 de 1972, no dia exato



VINGANÇA EM DOBRO
Após vingar os 6 x 0, em 1981, o Flamengo aplicou 6 x 1 em 1985

em que o Flamengo comemorava 77 anos de existência. Uma partida perfeita de Jairzinho e Fischer, que ficou marcada na memória dos flamenguistas a ponto de fazer todo o Maracanã empurrar o time de Zico em 1981 e conseguir os dois gols que faltavam para devolver o marcador de nove anos antes.

Mesmo assim, os rubro-negros jamais esquecerão a noite de 21 de junho de 1989, quando os botafoguenses comemoraram o fim de um jejum de 21 anos sem títulos,

com o gol do ponta Maurício, que vestia a mesma camisa 7 abençoada que um dia fora de Garrincha. Ali, o Flamengo treinado por Telê Santana perdeu a chance de dar o primeiro título a Zico contra o Botafogo e de fazer seu maior ídolo encerrar a carreira com mais uma conquista. Por isso, quem conhece a rivalidade e acompanhou a pressão da torcida para vingar os 6 x 0 de 1972 tem certeza: o Botafogo não perde por esperar. Afinal, os rubro-negros prometem vingança.



SHOW DO FLA
A torcida empurra e o time vinga os 6 x 0



FIM DO JEJUM
Maurício toca para as redes de Zé Carlos: depois de 21 anos, ..



FERNANDO PIMENTEL

O PRIMEIRO MALLACHI

Em 1972, o Bota faz os primeiros 6 x 0



ABRIL

TÍTULO DE GARRINCHA

Dois gols de Mané: o Bota é bi em 1962



AR SOMES

... o Bota é campeão

O EQUILÍBRIO PREDOMINA NA HISTÓRIA

13/05/13	1 x 0
16/10/13	0 x 0
05/07/14	2 x 2
12/02/14	2 x 1
20/05/15	1 x 2
19/09/15	0 x 0
05/05/16	1 x 1
29/10/16	3 x 3
29/06/17	0 x 5
25/11/17	3 x 0
17/03/18	1 x 5
13/05/18	1 x 2
18/08/18	3 x 0
08/06/19	2 x 0
05/10/19	2 x 2
11/07/20	1 x 2
15/09/20	1 x 3
05/09/21	2 x 2
21/08/21	1 x 3
21/04/22	0 x 0
11/06/22	2 x 2
27/05/23	1 x 4
05/08/23	1 x 4
29/06/24	5 x 0
12/12/24	0 x 3
31/05/25	0 x 3
25/10/25	2 x 3
30/05/26	5 x 3
15/08/26	1 x 8
29/05/27	9 x 2
07/08/27	5 x 3
06/05/28	1 x 3
05/07/28	1 x 1
19/08/28	2 x 4
05/05/29	2 x 4
16/08/29	5 x 1
04/05/30	2 x 1
19/10/30	2 x 0
12/04/31	5 x 1
04/10/31	1 x 3
13/03/32	7 x 1
10/04/32	3 x 0
22/05/32	1 x 0
21/08/32	2 x 2
08/08/37	2 x 2
28/08/37	2 x 3
07/11/37	2 x 2
12/12/37	2 x 2
01/05/38	2 x 1
03/07/38	2 x 2
09/10/38	0 x 5
16/12/38	0 x 2
16/04/39	1 x 4
09/07/39	5 x 1
06/10/39	3 x 2
05/05/40	2 x 3
01/09/40	2 x 3
24/11/40	1 x 1
22/06/41	3 x 1
24/08/41	1 x 1
28/09/41	2 x 1
02/11/41	3 x 2
12/04/42	1 x 1
21/06/42	2 x 2
23/08/42	0 x 4
19/03/43	1 x 4
18/04/43	2 x 2
20/06/43	1 x 4
22/08/43	2 x 4
08/03/44	6 x 2
09/04/44	4 x 2
09/07/44	1 x 4
10/09/44	5 x 2
28/03/45	1 x 0
23/06/45	0 x 2
26/08/45	3 x 1
28/10/45	2 x 0
30/03/46	1 x 1
02/06/46	6 x 4
18/09/46	2 x 2
26/10/46	2 x 3
23/11/46	1 x 0
14/12/46	2 x 1
18/05/47	0 x 1
07/08/47	2 x 2
23/11/47	4 x 2
25/04/48	0 x 2
05/09/48	2 x 1
28/11/48	5 x 3

MARCO CAVALCANTE



Bolas disputadas: o clássico é assim

DATA	BOTA X FLA	DATA	BOTA X FLA
01/05/49	0 x 3	27/12/58	4 x 2
04/09/49	2 x 1	14/01/59	2 x 2
27/11/49	1 x 2	07/05/59	2 x 3
11/02/50	2 x 2	04/10/59	2 x 1
05/08/50	4 x 2	05/10/59	2 x 6
15/10/50	1 x 0	24/03/60	1 x 3
03/12/50	4 x 2	07/08/60	0 x 0
01/05/51	1 x 1	30/10/60	4 x 1
26/08/51	2 x 1	22/03/61	3 x 0
06/01/52	2 x 1	10/09/61	2 x 2
05/03/52	2 x 2	26/11/61	1 x 1
14/09/52	2 x 3	28/12/61	3 x 0
10/01/53	3 x 6	01/03/62	2 x 3
28/03/53	0 x 3	14/03/62	1 x 0
04/04/53	3 x 1	23/09/62	3 x 1
07/09/53	3 x 0	15/12/62	13 x 0
01/11/53	1 x 1	03/03/63	12 x 1
20/01/54	0 x 1	21/07/63	1 x 3
23/03/54	1 x 4	13/10/63	0 x 0
17/08/54	2 x 1	11/04/64	2 x 1
07/11/54	1 x 1	20/09/64	0 x 1
12/12/54	2 x 3	13/12/64	1 x 0
09/02/55	0 x 2	17/04/65	1 x 1
05/05/55	0 x 0	08/05/65	1 x 0
04/09/55	0 x 1	18/07/65	2 x 0
04/02/56	1 x 2	22/08/65	1 x 0
29/09/56	5 x 0	31/10/65	0 x 2
16/12/56	1 x 0	18/12/65	1 x 0
22/05/57	1 x 4	02/03/66	1 x 2
01/09/57	3 x 3	20/08/66	0 x 0
17/11/57	1 x 1	15/10/66	0 x 0
20/03/58	0 x 4	04/12/66	1 x 1
30/08/58	2 x 2	12/04/67	2 x 4
08/11/58	3 x 2	28/07/67	1 x 0

RETROSPECTO

246 jogos

84 vitórias do Botafogo

87 vitórias do Flamengo

75 empates

377 gols do Botafogo

392 gols do Flamengo

22/10/67	2 x 1
30/11/67	1 x 0
14/04/68	1 x 0
02/06/68	1 x 0
08/08/68	0 x 0
18/09/68	4 x 1
02/12/68	0 x 0
20/04/69	2 x 0
21/06/69	1 x 2
13/07/69	1 x 1
17/08/69	1 x 1
09/11/69	1 x 1
07/03/70	0 x 0
24/05/70	1 x 2
15/08/70	1 x 1
12/09/70	3 x 0
25/10/70	0 x 0
14/03/71	2 x 0
02/05/71	1 x 1
12/06/71	0 x 2
11/07/71	1 x 0
15/08/71	1 x 1
08/01/72	1 x 1
26/03/72	0 x 0
16/07/72	1 x 2
06/08/72	1 x 2
15/11/72	6 x 0
03/02/73	1 x 1
15/04/73	0 x 0
20/05/73	2 x 0
11/08/73	2 x 0
09/12/73	0 x 1
09/05/74	0 x 2
15/09/74	2 x 2
27/10/74	0 x 0
17/11/74	1 x 2
06/04/75	1 x 0
05/05/75	2 x 2
20/07/75	0 x 4
18/04/76	0 x 1
11/07/76	2 x 0
07/08/78	1 x 2
17/04/77	1 x 2
18/09/77	0 x 2
28/05/78	1 x 1
02/07/78	1 x 1
27/08/78	0 x 2
08/10/78	1 x 1
19/11/78	0 x 1
18/03/79	0 x 3
29/04/79	2 x 2
03/06/79	1 x 0
18/09/79	1 x 2
04/11/79	0 x 0
27/07/80	1 x 1
12/10/80	1 x 1
22/11/80	1 x 3
16/04/81	0 x 0
19/04/81	3 x 1
12/07/81	0 x 0
26/09/81	2 x 1
08/11/81	0 x 6
14/08/82	0 x 3
18/10/82	0 x 1
14/08/83	3 x 0
30/10/83	0 x 1
15/07/84	0 x 1
14/10/84	2 x 3
10/02/85	2 x 1
24/03/85	1 x 6
08/09/85	0 x 1
03/11/85	0 x 2
02/03/86	0 x 2
11/05/86	2 x 1
28/03/87	0 x 0
10/05/87	0 x 1
24/10/87	0 x 1
08/03/88	0 x 0
15/05/88	1 x 1
02/10/88	2 x 2
26/02/89	1 x 1
07/05/89	3 x 3
18/06/89	0 x 0
21/08/89	1 x 0
20/09/89	0 x 1
11/03/90	2 x 1
28/04/90	2 x 0
30/09/90	1 x 0
28/04/91	0 x 0

Botafogo 5 x Flamengo 2 (10/9/1944)

O jogo transcorre numa sucessão de duelos: é Jarbas pelo Flamengo, Ivã pelo Botafogo; Heleno versus Nilton, Biguá contra Válter. Cada confronto direto põe a torcida em suspense. Sai faísca!

Cá estou eu de volta ao duro ofício de tentar converter em palavras a emoção de um jogo de futebol.

Lembro-me bem, era domingo: o mês, setembro, o ano, 1944 e o jogo, Botafogo x Flamengo.

Rapazola, mal chegado do interior, espremido no bolo das torcidas, olho para tudo em torno, meio apreensivo.

De repente, o estádinho explode num delírio só, celebrando, com gntos de guerra, a entrada no campo das duas equipes.

A essa altura, não adianta mais perguntar o que é que eu vim fazer aqui. Minha sorte está lançada.

Meu primo Carlos, que me trouxe ao campinho do Botafogo, vai me mostrando um a um os jogadores: aquele baixinho, entroncado, é o Biguá. O grandão é o Perácio, da Copa de 38... Aquele, de cabelo bem penteado, é o Heleno, a coqueluche do Botafogo.

Conheço de nome quase todos eles pelas transmissões da Rádio Nacional. O Perácio, então, já frequenta as minhas fantasias desde a Copa de 38, que eu ouvia pelo rádio. Ele quebrou o braço do Planika, goleiro da Tchecoslováquia. Um chute de 35 metros de distância!

Mas, vamos em frente que o jogo aqui já começou. A batalha é empolgante. A poucos metros do campo, vejo tudo, ouço tudo. o tamanho do palavrão, o suor escorrendo no rosto dos jogadores, o entrechoque de músculos em cada bola dividida. Nunca pensei que pudesse ser assim tão inflamada uma disputa de campeonato na cidade grande. É verdade que a cadência não me parece tão vertiginosa como fazia crer a trepidante narração do jogo feita pelo rádio.

Recrindo na voz do espíquer, o jogo que me chegava aos ouvidos, em Rio Branco, era intenso, angustiante, sem dúvida, mas não assustava como agora me assusta o fer-

vor com que se joga este clássico do futebol carioca. A própria bola, que sempre foi um ser de trato poético, rola pelo campo de cara amarrada como se não fosse ela apenas um brinquedo.

O jogo transcorre numa sucessão de duelos: é Jarbas pelo Flamengo, Ivã pelo Botafogo; Heleno versus Nilton; Biguá contra Válter. Cada confronto direto põe a torcida em suspense. Sai faísca! Mas sai gol também. Heleno de Freitas faz o primeiro e, dez minutos depois, Jaime de Almeida empata. É batalha de vida ou morte. Perder esse jogo é talvez perder de vista o Fluminense, que lidera o campeonato a três pontos do Flamengo e a quatro do Botafogo.

Outra vez, Botafogo. O autor do gol é um argentino chamado Valsek que joga no mesmo padrão do rubro-negro Perácio, um peso-pesado que quando entra na área intimida qualquer beque. Esse tipo de centroavante, o chamado "tanque", apaixona a torcida e certamente há de ser pelo desassombro de guerreiro com que se dá à disputa.

Confesso, porém, que gosto mais do estilo fidalgo, por sinal, muito bem-representado nesse campo pelo talento de Zizinho, Geninho, de Heleno e de Jaime. Se esses craques jogassem todos

no mesmo time é certo que eu já teria decidido por quem torcer. Mas eles estão divididos e, com eles, o meu desafiado coração.

Carlos é um botafoguense moderado. Até agora ele vinha respitando a minha inocente neutralidade. Mas, com o terceiro gol do Botafogo, o rapaz perdeu a linha. Exaltado, ele aperta com mãos de ferro os meus dois braços, perguntando, aos berros, se ainda tenho dúvida. E, querendo me seduzir de vez, me aponta a multidão de bandeiras efusivas no meio da torcida botafoguense.

A minha dúvida dura precisamente mais três gols: um do Flamengo e dois do Botafogo. Mal me rendo à euforia do meu primo, eis que o estádio é surpreendido por um lance insólito: o Flamengo rebela-se contra a arbitragem, o time inteiro senta no meio do campo, e sentado fica até o derradeiro apito do juiz, 14 minutos depois do gesto injustificável.

É uma cena constrangedora para o final de um jogo que até então tinha o fôlego heróico de uma epopéia.

Passados 47 anos daquele clássico, revivo hoje o instante do quinto gol do Botafogo — saudosos gol com o qual Heleno de Freitas cravaria pra sempre, no meu peito, a flama de uma estrela solitária.



O BRILHO DA ESTRELA

Heleno de Freitas consagrou a estrela no peito dos botafoguenses e passou à história



Armando Nogueira, 63 anos, jornalista e cronista esportivo, é botafoguense

Flamengo 6 x Botafogo 0 (8/11/1981)

O time pressionou, empurrado pelo nosso grito, até que, aos 42 minutos (4 + 2 = 6), Andrade, o camisa 6, fez o gol da vingança. Tive o ataque de riso mais demorado da minha vida. Durou uns dez dias

Em 1972, eu tinha 10 anos de vida. Estava começando a torcer de verdade, ficando fanático pelo meu Mengão. Foi quando eu comecei a ir ao Maracanã. No dia 15 de novembro, o Flamengo fazia o 77.º aniversário e enfrentava o Botafogo. O resto todo mundo já sabe comandado por Jairzinho, o time de General Severiano (na época) enfiou 6 x 0 no esquadrão rubro-negro. E olha que Prá e Rogério não tinham nem nascido! Mas não se iludam, esse não foi o Flamengo x Botafogo da minha vida, foi só um aperitivo para aquela que seria a maior vingança da história do futebol mundial.

Eu tive uma adolescência difícil. Tinha saúde, uma boa família, foi uma época em que a classe média vivia muito bem... enfim, eu tinha tudo para ser feliz, mas faltava alguma coisa. Aos 14 anos tive a minha primeira transa. A moça perguntou: "Foi bom pra você?" Foi ótimo, mas continuava faltando alguma coisa. E esse sentimento foi me acompanhando ao longo dos anos. Vocês não têm idéia do que é passar a fase de crescimento inteira sendo sacaneado por botafoguense. Eu perdi a virgindade, mudei de voz, tirei carteira de motorista e para onde eu olhava tinha um Cri-Cri me mostrando seis dedos das mãos. E olha que a torcida alvinegra não é chamada de cri-cri à toa. Eles parecem o bagageiro do Galeão, é uma concentração de malas impressionante! Basta dizer que o Agnaldo Timóteo e o Carlos Imperial são botafoguenses...

Mas nada disso foi capaz de matar minha paixão pelo futebol e pelo Mengão. Muito pelo contrário, passei a acompanhar o time aonde quer que ele fosse, fazendo parte da saudosa Fla-Geral. Vi o Márcio Braga, que na época ainda gostava mais do Flamengo do que da política, montar a maior equipe de clube de que se tem notícia. Um time diante do qual o Santos de Pelé tremeria.

Raul, Leandro, Júnior, Andrade, Adílio, Júlio César e aquele menino que foi jogar no Japão agora. Era muito craque para um time só. Enquanto isso, o Fogão atacava de Cremilson, Puruca e Tiquinho. Ganhamos tudo que tínhamos direito. Tricampeão carioca vencendo todos os turnos, campeão nacional, campeão da América e, finalmente, campeão do mundo! Mas continuava faltando alguma coisa... Nessa época vi o Flamengo ganhar muitas vezes do Botafogo, mas quando a gente ia sacanear... Lá estavam aqueles seis dedinhos fatídicos!

No dia 8 de novembro de 1981, Flamengo e Botafogo se enfrentavam mais uma vez. Fazia nove anos desde aquela humilhação. Reparem bem, nove é um seis invertido. Acordei às nove da manhã e comecei a ligar para os amigos. Sei que é difícil de acreditar, mas eu dizia: "Vamos lá que hoje é o dia da vingança!" Fomos cedo para o Maracanã. Na maior torcida do mundo, o ambiente era de festa. Afinal, nós tínhamos um timeço e eles um amontoado, cujo princi-

pal jogador era o vovô Jairzinho, o mesmo de nove anos atrás. O jogo começou tenso, como todo clássico, mas, logo aos seis minutos, Nunes, camisa número 9, fez 1 x 0. Aí começou a se cumprir o irremediável caminho do destino. Zico fez o segundo, Lico o terceiro e Adílio o quarto. Acabou o primeiro tempo. Foram quinze minutos de intervalo com a torcida toda gritando: "Queremos seis! Queremos seis!" O segundo tempo começou morno, afinal a partida já estava ganha. Mas, aos 30 minutos, Zicão, de pênalti, fez o quinto. Aí foi como se a galera entrasse em campo. O time pressionou, empurrado pelo nosso grito, até que, aos 42 minutos (4 + 2 = 6), Andrade, o camisa 6, fez o gol da vingança. Tive o ataque de riso mais demorado da minha vida. Durou uns dez dias.

Esse jogo foi importante, porque foi a primeira vez. Depois, em 1985, o Flamengo provaria que fazer seis gols no Foguinho tinha virado um hábito. Hoje, o Botafogo pode ser decacampeão carioca, pode vencer o Flamengo duzentas vezes, mas, sempre que um botafoguense chegar do meu lado, vai ver seis dedos levantados. Aquela sensação acabou. Agora não falta mais nada. Ser feliz é dar seis, sem tirar, na cachorrada!

A PARTIDA DA VINGANÇA

O Flamengo acaba com a pose dos botafoguenses em 1981: hoje quem mostra seis dedos são os rubro-negros



APRIL

Claudio Besserman Viana, o Bussunda, 26 anos, o humorista do Planeta Diário e Flamengo até morrer

Corinthians X São Paulo

Com sete finais disputadas em 56 anos, muitos craques e jogos memoráveis, Corinthians e São Paulo fazem valer o apelido dado ao clássico nos anos 40



O PACAEMBU APLAUDE

Em 1946, Leônidas marca o gol da vitória por 2 x 1



PEQUENO POLEGÃO

Luisinho: um dos deuses do clássico



A MAJESTADE DOS CLÁSSICOS PAULISTAS

Is corinthianos e são-paulinos das novas gerações que se acostumaram a ver seus times fazendo finais a cada ano não devem imaginar que isso é apenas uma fase passageira. Em 56 anos de história, Corinthians e São Paulo se acostumaram a decidir títulos. Ao todo foram cinco finais de Campeonatos Paulistas — 1938, 57, 82, 83 e 87 —, e uma de Brasileiro em 1990, além da decisão de 1931, quando o time do Morumbi ainda era chamado de São Paulo da Floresta.

Somente isso já seria suficiente para justificar o nome dado ao clássico nos anos 40 Majestoso. Cultuar um nome, porém, é muito pouco para um jogo marcado pela presença de craques como Sastre, Canhotinho, Teleco, Sócrates e tantos outros que deixaram a história dos dois clubes nos gramados por onde passaram.

O Pacaembu, por exemplo, chegou a receber 70 mil pessoas em 1942 — a capacidade oficial hoje é de apenas 40 mil — para ver o empate em 3 x 3 na estreia de Leônidas da Silva. Em 1957, os 3 x 1 que deram o título ao tricolor foram motivo para a maior briga da história do estádio, após o ter-



JOGO MIL

Em 1987, Müller marca na milésima partida do Morumbi

ceiro gol, marcado pelo ponta Maurinho. Como castigo, o São Paulo jamais voltaria a conquistar um título no Pacaembu e, mesmo no seu Morumbi, foi obrigado a ver o rival ganhar o bicampeonato em 1983, após 31 anos sem este título. O presente para o estádio tricolor viria com os 3 x 3 que comemoraram sua milésima partida, em 1987. Na ocasião, o clássico não podia ser mais bem escolhido. Afinal, para um estádio gigantesco, somente um clássico Majestoso



ÚLTIMA FINAL

Tupãzinho marca na final do Brasileiro: ...



GOLEADA HISTORICA
Serginho faz o primeiro dos 4 x 0 de 1980



TALENTO DE VENCEDOR
Pita comanda o tricolor campeão de 1987



...o Corinthians conquista seu maior título

DESDE 1936, DEU MAIS CORINTHIANS

DATA	COR	X	SP
23-03-36	3	x	1
06-09-36	3	x	0
29-11-36	3	x	2
29-08-37	1	x	0
26-09-37	1	x	1
25-08-38	0	x	3
04-09-38	3	x	1
20-11-38	3	x	1
23-04-39	1	x	1
16-07-39	1	x	2
29-10-39	1	x	0
02-12-39	3	x	0
03-03-40	2	x	1
24-03-40	4	x	1
25-09-40	2	x	3
22-12-40	3	x	0
06-04-41	2	x	1
10-08-41	3	x	0
18-10-41	2	x	0
07-03-42	3	x	3
24-05-42	3	x	3
05-07-42	2	x	1
30-08-42	2	x	4
02-05-43	2	x	1
24-08-43	1	x	1
05-09-43	0	x	2
08-03-44	2	x	3
02-07-44	1	x	0
15-10-44	0	x	4
14-03-45	4	x	4
06-05-45	2	x	3
12-08-45	2	x	1
01-01-46	1	x	5
13-03-46	2	x	3
09-06-46	1	x	2
29-08-46	1	x	2
15-04-47	5	x	1
27-04-47	3	x	2
14-09-47	1	x	1
04-01-48	1	x	1
10-06-48	1	x	3
11-07-48	0	x	2
07-11-48	0	x	2
28-08-49	2	x	3
11-12-49	3	x	3
28-12-49	4	x	1
21-05-50	1	x	2
06-11-50	0	x	1
17-12-50	1	x	1
11-03-51	3	x	1
26-08-51	4	x	0
16-12-51	4	x	1
06-02-52	2	x	1
29-06-52	0	x	3
16-11-52	2	x	1
09-02-53	3	x	2
12-03-53	3	x	2
19-04-53	1	x	3
21-06-53	1	x	1
04-09-53	0	x	1
26-10-53	3	x	1
31-01-54	1	x	3
04-07-54	0	x	1
25-07-54	2	x	3
07-11-54	2	x	1
13-02-55	3	x	1
28-04-55	3	x	4
02-10-55	3	x	2
11-12-55	1	x	1
07-04-56	2	x	2
30-05-56	1	x	3
07-07-56	2	x	0
18-09-56	4	x	3
21-10-56	1	x	1
01-12-56	2	x	2
16-05-57	0	x	0
25-06-57	2	x	3
25-09-57	2	x	1
20-10-57	1	x	1
29-12-57	1	x	3
20-03-58	1	x	1
16-04-58	5	x	1
04-08-58	0	x	1
13-08-58	2	x	0
26-11-58	1	x	1
01-04-59	1	x	2
07-05-59	2	x	2
03-10-59	0	x	1
05-11-59	0	x	4



Na era Neta, os des Corinthians, última vitória incolor e de 1988

DATA	COR	X	SP
10-04-60	0	x	0
22-05-60	1	x	1
15-09-60	3	x	1
23-11-60	1	x	4
11-01-61	2	x	1
22-03-61	2	x	3
24-05-61	3	x	2
19-07-61	0	x	1
08-11-61	0	x	0
25-01-62	2	x	1
11-02-62	4	x	2
27-02-62	1	x	1
27-06-62	0	x	2
26-08-62	1	x	1
02-12-62	3	x	2
14-03-63	1	x	2
02-06-63	1	x	2
04-08-63	3	x	0
17-11-63	1	x	0
09-04-64	3	x	0
15-08-64	0	x	0
01-11-64	2	x	0
19-01-65	0	x	1
07-03-65	2	x	2
24-04-65	1	x	2
13-07-65	2	x	1
03-10-65	1	x	1
19-03-66	2	x	0
28-06-66	2	x	1
10-07-66	4	x	4
18-09-66	0	x	3
04-12-66	1	x	2
22-04-67	1	x	0
13-08-67	3	x	3
17-12-67	1	x	1
31-03-68	3	x	2
01-05-68	1	x	1
08-09-68	2	x	1
02-03-69	4	x	2
01-06-69	0	x	2
15-06-69	2	x	3
01-10-69	2	x	0
07-03-70	2	x	2
24-04-70	1	x	1
19-07-70	0	x	1
13-09-70	0	x	1
11-10-70	2	x	1
04-04-71	1	x	1
06-06-71	1	x	0
17-10-71	0	x	2
21-11-71	0	x	1
04-12-71	0	x	0
19-03-72	0	x	0
06-08-72	1	x	1
18-10-72	1	x	3
24-02-73	1	x	0
15-04-73	0	x	0
10-06-73	1	x	1
19-08-73	2	x	1
09-09-73	1	x	0
02-12-73	0	x	0
09-06-74	1	x	1
09-10-74	1	x	0
01-12-74	0	x	3
02-02-75	2	x	2
29-03-75	0	x	2
10-08-75	1	x	2
19-10-75	1	x	0
05-02-76	0	x	2
07-03-76	3	x	2
23-05-76	1	x	2
08-08-76	1	x	0
17-04-77	1	x	0
21-05-77	1	x	0
28-06-77	2	x	1
02-10-77	2	x	1
04-12-77	2	x	0
05-11-78	1	x	1
10-12-78	0	x	0
05-05-79	2	x	2
26-08-79	2	x	0
16-09-79	1	x	1
21-11-79	2	x	1
13-07-80	0	x	1
10-08-80	0	x	4
28-06-81	1	x	2
04-08-81	1	x	1
20-09-81	1	x	1
25-10-81	0	x	2
15-11-81	1	x	0
12-09-82	2	x	0
05-12-82	2	x	3
08-12-82	1	x	0
12-12-82	3	x	1
17-07-83	1	x	1
02-10-83	1	x	0
11-12-83	1	x	0
14-12-83	1	x	1
22-07-84	2	x	2
14-10-84	0	x	1
14-02-85	2	x	0
27-03-85	1	x	2
04-08-85	0	x	1
15-09-85	1	x	1
17-05-86	1	x	1
20-07-86	1	x	2
10-05-87	0	x	0
09-08-87	3	x	3
26-08-87	1	x	2
30-08-87	0	x	0
04-10-87	0	x	0
28-02-88	2	x	1
28-06-88	2	x	2
10-07-88	1	x	1
04-09-88	0	x	1
07-05-89	2	x	0
24-09-89	2	x	1
08-04-90	0	x	0
23-09-90	1	x	1
12-12-90	1	x	0
18-12-90	1	x	0
07-04-91	1	x	1

RETROSPECTO

211 jogos
83 vitórias do Corinthians
83 vitórias do São Paulo
85 empates
315 gols do Corinthians
285 gols do São Paulo

Corinthians 1 x São Paulo 0

(16/12/1990)

O que vejo não é só mais um jogo de bola, mas o titânico confronto entre duas forças poderosíssimas: de um lado, a elite... do outro, a força popular. Embate de gigantes

Ando afastado dos campos de futebol. Sou torcedor comedido, caseiro. Sofro pela televisão. Divirto-me com os *Gols do Fantástico*. Se me perguntarem, errarei as escalasções dos times. Um sofredor a distância, incapaz de reproduzir um lance habilidoso, de efeito, nas rodas de amigos, no abrigo de um bar. E, no entanto, já fui torcedor fanático, na minha juventude. Rubro-negro feroz. Assistia a, praticamente, todos os jogos do Mengão, sem contar os treinos dos quais era frequentador assíduo. E, isso, morando no Cosme Velho. Abalava-me, cedíssimo, de lá até a Gávea, de bonde, numa época em que o Rio ainda não exibia os túneis que, hoje, encurtam a distância entre os dois bairros. Sabia tudo sobre o Flamengo e, naqueles tempos, era capaz de narrar, quase lance por lance, uma partida realizada na semana anterior. Por isso, era considerado, pelos meus amigos, consultor de máxima confiança em assuntos flamenguistas.

Deixei o Rio, mudando-me para São Paulo, três anos depois da Copa de 50 — à qual assisti, movido pelo maior e mais do que justificado entusiasmo. Placares dilatadíssimos, nossa Seleção um primor, até aquele dia aziago da final, verdadeira hecatombe, experiência ímpar. “não conseguia acreditar nos meus próprios olhos”, dor, choro, papel queimado, silêncio sepulcral, pedradas, filhos da p...! etc. Distante do Mengo, arrefeceu-se o fanatismo mas permanecia a paixão. Embora inteiramente absorvido por interesses novos, que acabaram por determinar minha vida, não deixava de me interessar pelo meu Mengão e também por um conhecimento maior e mais próximo dos times paulistas. Ao contrário do que poderiam indicar meu nome e sangue italianos, minhas simpatias não foram para o velho Palestra. Apesar de

verdadeiras campanhas de cooperação, não me sentia um palmeirense e cada vez mais passava a admirar o Coringão. O Timão ia me conquistando aos poucos. Resistia por uma questão de fidelidade ao meu clube carioca. Por fim, sucumbi. Declarei-me Corintrano! Afinal, havia tanto de Flamengo no Corinthians... A partir da similaridade das torcidas, havia muito de rubro-negro no Coringão.

Uma vez que meu coração escolheu meu time paulista, também descobri meu verdadeiro antagonista. Da mesma forma que, no Rio, meu antagonista era o Fluminense — sou do tempo dos memoráveis Fla-Flus —, na paulicéia ficou sendo o São Paulo Futebol Clube. Com perdão da talvez excessiva subjetividade, sempre notei muito de Fluminense no São Paulo. Por isso, o clássico que até hoje mexe comigo é, justamente, o Corinthians x São Paulo.

Nos meus anos dourados, assistia futebol na geral. Hoje vejo futebol no geral. Perdi por certo a velha chama. O que resta de paixão é saudosista e eis aí um traço que me desagrada. Paixão só pode ser sentimento do presente, evocando o passado será, quando muito, uma lembrança vibrante, ardente. Paixão jamais.

Contudo, diante do clássico Corinthians x São Paulo, tudo

em mim se mexe, a paixão já não é mais aquela, saudosista, que não é paixão. Vibro apaixonadamente como se estivessem decidindo os destinos do mundo, aqui e agora. Meu coração bate agitado em compasso com os da Fiel. Torcedor simplesmente, o que vejo não é só mais um jogo de bola, mas o titânico confronto entre duas forças poderosíssimas: de um lado, os mantenedores do *status quo*, a elite fortalecida pelo avanço tecnológico a que só ela tem acesso, arrogante e preconceituosa, altiva na exibição de sua habilidade e valores individuais; do outro, a força popular, procurando organizar-se, lutando para a conquista de união, conjunto, movida pela necessidade e garra, comprometida com a imensa geral, camisa preta de suor, humilhação, medo, fome, sangue, cachaça e força histórica desentranhada ao longo do tempo. Embate de gigantes. Não importa quem vença, pois a verdadeira luta se trava em outro campo. Apenas o gosto do que poderá vir a ser. Representação, ritual, catarse. O resultado do jogo influi na produção do dia seguinte quando se volta à realidade. Desaparece o torcedor que cede o corpo ao sofista. Dias, semanas de espera até a final, a verdadeira, decisiva, sem direito a empate.

Pois é, cada louco com sua mania!



TIMÃO VENCE NA RAÇA
Marcelo e Eliel na final do Brasileiro de 90. O Corinthians conseguiu uma das maiores vitórias



Gianfrancesco Guarnieri, 50 anos, ator e teatrólogo e corintrano apesar de sua origem italiana

São Paulo 3 x Corinthians 1 (29/12/1957)

Assisti ao jogo com a família, toda são-paulina, e os amigos, a grande maioria de con�hnanos. Eu dizia: "Taí a TV, vocês estão na minha casa, vejam lá como vão torcer". Mas não adiantava

Já nasci são-paulino, por-que meu pai, Kid Jofre, começou a trabalhar como profissional de boxe no São Paulo, assim que chegou da Argentina, e nunca mais largou o tricolor. Os irmãos Zumbano, meus tios, também lutavam boxe no clube, e por isso o São Paulo me acompanhou como uma religião por toda a vida.

Brigar por causa de futebol eu nunca briguei, sempre preferi ficar só na tiração de sarro. Também não tenho nenhuma bronca especial contra o Corinthians — se eles jogam contra um time estrangeiro, por exemplo, sou até capaz de transformar o preto e branco em verde e amarelo e torcer para o Timão. Mas é justamente de um São Paulo x Co-

rinthians, em que o São Paulo foi campeão, que trago minhas melhores lembranças.

Meu pai foi um dos primeiros a comprar televisão no nosso bairro, o Parque Peruche, quando o São Paulo foi campeão vencendo o Corinthians por 3 x 1, na final de 1957. Vou te contar — um time que, craque por craque, era talvez melhor que os campeões brasileiros deste ano. Zizinho, Maurinho, Gilno e o Canhoteiro, que mais de uma vez deixou o corintiano Idário dando trombadas nos companheiros, tonto com seus dribles. Eles

também tinham um grande time, é verdade, com o Cláudio centrando para o Baltazar fazer gol de cabeça em quase todo jogo. O Luisinho, então, até sentava na bola.

Mas naquele dia não deu. Assisti ao jogo com a família, toda são-paulina, e os amigos, a grande maioria de corintianos. Eu falava para eles: "Taí a TV, vocês estão na minha casa, então vejam lá como vão torcer, hem?" Mas não adiantava. Cada vez que o Luisinho dava um drible, era a maior tiração de sarro em cima de mim. Depois dos 3 x 1, foi a minha vez de mandá-los tirar sarro das negas deles. A corintiana-da saiu de cabeça baixa, sem argumentos. Dali para a frente, em casa de campeão, corintiano, para ver TV, só pagando aluguel.

TRICOLOR IRRESISTÍVEL

Com Zizinho lançando Canhoteiro, o São Paulo ganhou o jogo e o título em 1957



Éder Jofre, 55 anos, campeão mundial de boxe nos pesos gale e pena e vereador em São Paulo pelo PSDB, "é e vai morrer são-paulino"

PAULO R. BEPACOS

Atlético X Coritiba

Entre humilhações e conquistas inesquecíveis, como a atleticano de 1958 na casa coxa-branca ou a de 1978, quando Manga defendeu um pênalti para o Coritiba, uma lei predomina na história do Atle-Tiba: detestar e fazer o máximo possível pelo mal do adversário



O ESTADO DO PARANÁ

A ESCRITA CONTINUA

Paulo Vecchio marca o gol que prolongou o jejum atleticano em 1968

O ÓDIO ACIMA DE TUDO

Embora não esteja escrito textualmente nos estatutos de Atlético e Coritiba, qualquer torcedor desses clubes sabe: o primeiro mandamento para pertencer a um dos dois grupos é odiar os integrantes do outro acima de todas as coisas. E não podia ser diferente. Desde o começo da história do Atle-Tiba, em 1924, as provocações de lado a lado são uma constante. A começar pelo marcador da primeira partida: 2 x 0 para o recém-criado Atlético, em jogo válido pelo Torneio Início.

Perder para os calouros do futebol paranaense, porém, não foi a única vergonha pela qual passaram os coxas-brancos.

Logo em seu segundo campeonato, em 1925, os atleticanos arrebatarem o título estadual. Era tudo o que os coritibanos precisavam para começar uma verdadeira coleção de conquistas que inclui o Brasileiro de 1985 e 13 estaduais a mais que o rival

Humilhações de ambas as partes, no entanto, continuaram existindo. Basta lembrar 1958, quando o Atlético estragou a

SABOR DE DECISÃO

O Atlético enfia 5 x 1 no Coritiba em um ...

festa do 49.º aniversário do Estádio Belfort Duarte — hoje Couto Pereira —, pertencente aos coxas: 3 x 1 e o título da temporada.

Por isso, o Coritiba não teve o menor constrangimento em impedir a quebra de um jejum atleticano que já durava 10 anos, em 1968. Afinal, inimigos são inimigos. E humilhações são a melhor parte da história.



JOSE EUGENIO

DEFESA PARA A HISTÓRIA

Em 1978, Manga faz milagre: pega pênalti e dá o campeonato ao Coxa

AO LONGO DOS ANOS, O COXA É MELHOR

ATL X COR

20/04/24	2 x 0
08/06/24	3 x 5
26/04/25	0 x 1
14/06/25	3 x 0
08/09/25	1 x 1
13/12/25	1 x 1
23/05/26	1 x 3
05/12/26	2 x 2
22/02/27	4 x 4
20/03/27	0 x 1
10/07/27	0 x 2
25/12/27	2 x 1
05/02/28	2 x 0
06/05/28	3 x 1
20/07/28	2 x 1
27/01/29	2 x 2
01/09/29	4 x 4
05/01/30	2 x 1
20/04/30	0 x 2
18/05/30	3 x 2
07/09/30	1 x 1
23/11/30	4 x 7
28/12/30	3 x 2
13/08/31	0 x 1
03/01/32	1 x 1
08/05/32	3 x 2
07/08/32	1 x 5
05/02/33	2 x 5
09/04/33	0 x 4
14/05/33	1 x 0
21/05/33	2 x 1
30/07/33	1 x 2
29/04/34	2 x 0
02/08/34	1 x 1
09/12/34	2 x 1
19/05/35	2 x 3
03/11/35	0 x 1
10/05/36	1 x 1
04/10/36	1 x 0
20/06/37	1 x 2
26/10/37	2 x 1
29/11/37	2 x 2
03/04/38	3 x 3
08/04/38	6 x 2
19/06/38	1 x 2
24/07/38	4 x 5
21/05/39	1 x 2
03/09/39	4 x 1
14/01/40	2 x 3
18/05/40	4 x 1
08/09/40	2 x 0
10/11/40	4 x 2
16/02/41	2 x 1
30/03/41	0 x 1
01/05/41	2 x 1
24/08/41	0 x 2
19/10/41	1 x 3
26/10/41	0 x 1
12/04/42	1 x 0
26/07/42	0 x 2
20/09/42	0 x 3
02/05/43	0 x 2
25/07/43	1 x 1
12/12/43	3 x 3
09/01/44	3 x 2
16/01/44	3 x 2
19/03/44	1 x 2
23/04/44	2 x 3
04/09/44	1 x 3
03/09/44	1 x 0
18/12/44	1 x 1
22/04/45	2 x 3
15/07/45	4 x 2
25/11/45	1 x 2
16/12/45	1 x 2
23/12/45	5 x 4
30/12/45	2 x 1
10/03/46	0 x 1
02/06/46	4 x 2
01/12/46	1 x 1
23/02/47	1 x 2
27/04/47	4 x 1
10/08/47	1 x 1
05/10/47	0 x 3
09/05/48	0 x 0
27/06/48	1 x 2
25/08/48	1 x 1
26/12/48	4 x 3
14/02/49	3 x 1



No Paralelo do 88, das Atléticas: 2 x 0

ATL X COR

13/03/49	5 x 3
01/05/49	1 x 0
07/08/49	5 x 1
27/11/49	3 x 2
23/03/50	3 x 3
08/05/50	2 x 3
24/09/50	2 x 4
15/11/50	1 x 4
15/04/51	5 x 6
29/04/51	0 x 1
21/08/51	2 x 4
04/11/51	1 x 2
23/03/52	2 x 3
10/08/52	1 x 3
08/01/53	1 x 3
18/01/53	1 x 4
02/04/53	1 x 4
09/08/53	2 x 2
18/10/53	6 x 2
14/02/54	1 x 4
21/02/54	4 x 2
18/05/54	4 x 0
27/03/54	3 x 1
06/06/54	2 x 2
29/06/54	0 x 5
18/09/54	1 x 1
08/12/54	3 x 2
23/01/55	2 x 1
17/04/55	0 x 0
19/06/55	1 x 1
29/06/55	0 x 3
18/09/55	1 x 1
29/01/56	0 x 3
10/03/56	4 x 4
08/08/56	2 x 3
26/06/57	1 x 3
22/09/57	1 x 4
15/12/57	1 x 0
23/02/58	2 x 0
28/06/58	5 x 1
12/10/58	3 x 1
22/02/59	1 x 1
07/06/59	2 x 4
14/11/59	0 x 6
20/12/59	0 x 0
15/05/60	4 x 2
14/08/60	1 x 2
22/01/61	0 x 3
29/03/61	0 x 0

ATL X COR

25/06/61	0 x 1
12/11/61	1 x 2
12/05/62	0 x 2
25/11/62	1 x 1
10/02/63	4 x 3
12/05/63	0 x 0
07/07/63	3 x 1
27/10/63	1 x 1
10/05/64	0 x 1
09/08/64	2 x 1
08/04/65	1 x 3
10/07/65	1 x 3
24/10/65	3 x 0
12/12/65	1 x 1
12/06/66	1 x 0
20/11/66	1 x 1
01/04/67	1 x 2
04/08/67	2 x 2
17/09/67	0 x 5
14/04/68	0 x 1
07/07/68	0 x 0
25/08/68	1 x 2
28/08/68	1 x 1
08/12/68	2 x 2
20/04/69	0 x 1
20/07/69	0 x 0
11/08/69	2 x 0
21/01/70	1 x 2
01/03/70	1 x 0
31/05/70	2 x 2
12/06/70	1 x 1
23/08/70	0 x 1
08/09/70	0 x 0
14/03/71	4 x 3
18/04/71	0 x 0
01/05/71	1 x 1
30/05/71	0 x 1
07/07/71	1 x 2
06/02/72	1 x 1
16/04/72	1 x 1
18/07/72	0 x 2
13/08/72	1 x 0
30/08/72	0 x 1
03/09/72	0 x 0
11/03/73	0 x 2
27/05/73	0 x 1
15/07/73	0 x 0
06/08/73	0 x 0
14/11/73	1 x 2

ATL X COR

06/03/74	1 x 1
19/05/74	1 x 0
08/09/74	0 x 1
03/11/74	2 x 0
08/12/74	3 x 1
19/01/75	2 x 0
06/04/75	0 x 0
06/06/75	0 x 0
19/07/75	1 x 2
13/08/75	0 x 1
21/09/75	0 x 1
14/01/76	2 x 3
15/02/76	0 x 1
08/05/76	1 x 1
04/07/76	1 x 0
07/09/76	1 x 2
02/12/76	2 x 0
23/01/77	1 x 3
06/03/77	1 x 1
16/03/77	0 x 2
17/04/77	1 x 1
08/05/77	0 x 0
15/06/77	0 x 0
03/07/77	0 x 0
20/07/77	1 x 0
21/08/77	2 x 0
31/08/77	1 x 1
14/09/77	0 x 0
14/03/78	1 x 2
23/04/78	0 x 1
03/09/78	0 x 1
10/12/78	0 x 0
13/12/78	0 x 0
17/12/78	0 x 0
08/04/79	0 x 2
10/06/79	0 x 3
05/08/79	1 x 1
03/09/79	1 x 1
12/09/79	0 x 1
07/10/79	1 x 1
15/06/80	1 x 0
19/11/80	1 x 1
31/05/81	1 x 0
30/08/81	1 x 1
29/03/82	1 x 1
16/05/82	0 x 0
01/06/82	2 x 0
26/06/82	3 x 1
03/07/83	1 x 0
31/07/83	0 x 2
14/08/83	0 x 1
20/09/83	2 x 1
27/11/83	1 x 0
11/12/83	1 x 1
14/12/83	1 x 0
18/12/83	1 x 1
06/07/84	2 x 1
12/08/84	0 x 0
08/09/84	0 x 1
09/11/84	0 x 0
25/11/84	0 x 1
02/12/84	2 x 0
06/05/85	1 x 1
22/06/85	1 x 0
18/09/85	1 x 3
28/09/85	2 x 1
03/11/85	1 x 0
27/11/85	1 x 0
02/02/86	1 x 2
04/05/86	1 x 1
29/03/87	0 x 0
31/05/87	3 x 2
15/06/87	2 x 0
05/07/87	0 x 0
03/03/88	2 x 0
15/05/88	1 x 1
12/08/88	0 x 0
04/09/88	0 x 1
12/03/89	2 x 1
01/05/89	1 x 2
11/06/89	1 x 2
08/08/89	0 x 2
13/08/89	1 x 1
01/05/90	0 x 3
15/07/90	2 x 2
01/08/90	1 x 1
06/08/90	2 x 2
02/09/90	1 x 0
07/10/90	0 x 0

RETROSPECTO

276 jogos

84 vitórias do Atlético

105 vitórias do Coritiba

87 empates

372 gols do Atlético

421 gols do Coritiba

DELÍRIO ATLETICANO

Em 1983, o Atlético foi bi depois de 53 anos

Atlético 4 x Coritiba 3 (14/3/1971)

Futebol é moral e, iniciado o segundo tempo, estávamos com o jogo ganho, apesar do empate no marcador. A malta alviverde, recolhida ao silêncio, prenunciava a tragédia iminente

No fim do verão de 1971, quando todos nos éramos tricampeões e tínhamos o melhor futebol do mundo, reinavam alguns deuses no futebol brasileiro: Pelé, Tostão, Rivelino, Gérson, Jairzinho, Ademir da Guia... Em Curitiba, reverenciávamos dois eleitos dos céus: Zé Roberto e Sicupira. Ou melhor, eles — as coxas, torcedores do Coritiba — tinham o crioulo José Roberto Marques na conta de um anjo e consideravam Barcímio Sicupira Júnior, com seus longos e esvoaçantes cabelos negros, a própria encarnação do demônio. Nós — os atleticanos — pensávamos precisamente o contrário.

Naqueles dias, Curitiba estremeceu com um espetáculo histórico. No Belfort Duarte — era assim que se chamava o Estádio Couto Pereira — Atlético e Coritiba, quer dizer, Sicupira e Zé Roberto, protagonizaram o clássico do século. Cabe o exagero. O maior jogo — como o filme, a música, o jantar, a mulher de nossa vida — somos nós mesmos que elegemos. Definitivamente, portanto, não houve um Atle-Tiba como o de 14 de março de 1971.

Passados vinte rápidos, duros e ricos anos, pode-se olhar para trás e constatar, com algum orgulho, que Curitiba hoje está na moda. Nem sempre foi assim. Em 1971, ela ainda era alvo de ironias e incompreensões. Fria, esnobe, conservadora, fechada em si mesma — não faltavam acusações ao que, no fundo, representava a alma um tanto misteriosa de uma cidade diferente, do clima ao sotaque, de qualquer outra capital brasileira. Nesse cenário, sombreado por pinheiros e ipês, só uma coisa, aparentemente, conseguia nos tirar do sério: o Atle-Tiba. No Atle-Tiba, o maniqueísmo é absoluto. Nada de sutileza, meio-tom ou relativismo. De um lado fica a treva, o mal — eles. Do outro, as luzes, o bem — nós.

Naquele domingo, o jogo seria no campo deles. O chiqueiro, di-

zíamos. Não se tratava de uma decisão, mas de um jogo do meio do Campeonato Paranaense. E daí? Atle-Tiba é Atle-Tiba. Começou, 1 x 0 para eles. E pênalti para nós. O ponta-esquerda Nilson Borges, refinado no trato da bola, desperdiça a cobrança. Mais alguns minutos e Nilson se reabilita, marcando um golão que o juiz — ladrão — anula. O Coritiba aproveita-se da santa ira que nos deixou aparvalhados e faz 2 x 0. Partida liquidada, goleada à vista. Zé Roberto resolve fazer gracinhas e ensaia um olé Safado. Não perdem por esperar. Em sete minutos, numa escapada, Sicupira (quem mais?) diminui e Nilson, enfim, acerta o gol de Célio. Ah, o Célio, tinha 40 anos e, embora defendesse o Coritiba, era reconhecido por nós como um ótimo goleiro. Ufa, 2 x 2! No intervalo, nosso apaixonado presidente, o coronel Rubem Passerino Moura, já abraçava o técnico Djalma Santos. Futebol é moral e, iniciado o segundo tempo, estávamos com o jogo ganho, apesar do empate no marcador. A malta alviverde, recolhida ao silêncio, prenunciava a tragédia iminente. Naquelas arquibancadas frias de cimento, a nação rubro-negra pressentia a consagração. Entre os rapazes do ETA, o Esquadrão da Torcida Atleticana,

pepino rimava com Evangelino (o presidente deles, Evangelino da Costa Neves, cartola de inegável competência), entremeando as duas palavras com nomes escabrosos outrora inimagináveis no seio da família paranaense.

Não deu outra. No primeiro minuto, com um chute longo e fraco do mulato Valtinho que o bondoso Célio aceitou, afinal desempatamos. Perto do final do jogo, Nilson Borges marcou de novo: 4 x 2. Nos sete minutos finais, entretanto, o Coritiba mostrou — como normalmente tem acontecido nestes 67 anos em que nos enfrentamos — por que sempre soube valorizar nossas retumbantes vitórias. O técnico Mauro Ramos de Oliveira colocou em campo uma assombração, que atendia pelo nome de Paulo Vecchio. Na decisão de 1968, ele entrara, da mesma forma, nos chamados instantes derradeiros — para lhes dar um título imerecido com um estranhíssimo gol de cabeça aos 45 minutos do segundo tempo. Pois não é que o Paulo Vecchio diminuiu para 4 x 3? E que Zé Roberto em seguida perdeu um gol feito? E que segundos após não se sabe bem quem perdeu outro? Bem, foi só. Graças a Deus, terminou mesmo nos 4 x 3 — do contrário, não teria sido meu Atle-Tiba inesquecível.



Carlos Maranhão, 43 anos, é jornalista, editor executivo de Veja São Paulo e atleticano desde quando o Brasil era campeão do mundo, em 1958



OLÉ FORA DE HORA
O Atlético Paranaense segura e vence de virada o Coritiba: lição para o centroavante Zé Roberto (9), que tentou dar o gol quando estava 2 x 0

Coritiba 3 x Atlético 1 (4/6/1944)

Aos meus olhos de menino estavam, de um lado, vestidos de verde e branco, os representantes do bem. Do outro, com agressivas camisas listradas de negro e vermelho, os procuradores do mal.

Foi lá por 45 ou 46. O Caldeirão do Diabo estava botando gente pelo lado. Nada de mais. Afinal, a Baixada era tão acanhada naqueles tempos quanto nos dias de hoje. Aos meus olhos de menino recém-aprovado no exame de admissão do Liceu Rio Branco, estavam, de um lado, vestidos de verde e branco, os representantes do bem. Do outro, com agressivas camisas listradas de negro e vermelho, os procuradores do mal.

Passaram-se muitos anos para que o menino descobrisse que não era bem assim. Foi preciso que a vida lhe despertasse juízo crítico e que, nos muitos jogos do Coritiba, ele conhecesse a maldade de Miltonho e em outros tantos Atletibas testemunhasse a finura de um Jackson. Fora de campo foi difícil, porém possível, admitir Osires de Brito, João Xavier Vianna, Tiago Maranhão e João Saldanha como torcedores do Atlético.

Mas, naquele momento, o maniqueísmo era senhor de todos os sentimentos, e o menino se rendia a ele. A lenda de Pizatinho pairava no ar. Era uma saudade pungente do meia-esquerda a quem o menino nunca vira jogar, mas que já sabia, como sabe até hoje, que foi o melhor e o mais completo atacante do futebol paranaense, cuja elegância viria a ser comparada apenas à de Didi, o Príncipe de Ébano, muitos anos depois.

O clima era assustador. A rubro-negrada estava mais do que assanhada e suas gravatas já se apresentavam retorcidas — sim, atleticano que se prezava usava gravata até em dia de jogo. Dos poucos lugares do Caldeirão que sobraram para os coxas, só de raro em raro se ouvia um grito. O bar que ficava sob as árvores, nos fundos do estádio, nunca vendera tanta cerveja. Especialmente depois que o Atlético, por obra e graça de Lilo, marcou um gol.

(Por falar em Lilo, foi ele — e não Cireno, como geralmente se acredita — quem arrancou o boné

do Miro, expondo a careca do goleiro e provocando uma ira que o fez perseguir o "agressor" por várias voltas em torno do campinho do Palestra Itália, em busca da justa vingança.)

Virou o primeiro tempo com o desastroso 1 x 0. A derrota parcial poderia ser até maior. Mas Fedato estava lá, impondo calma e tranquilidade, e rebatendo todas (ou quase). No meio-campo, Tonico, Ferreira e Janguinho faziam misérias, abastecendo o ataque. Especialmente Neno, que, por desconhecer qualquer movimento em campo que não fosse a linha reta em direção ao gol adversário, perdia uma oportunidade atrás da outra, barrado por um semelhante, o zagueiro Zanetti, de redinha na cabeça para prender os cabelos lisos, a exemplo do ponta-direita Babi, coxa autêntico e ponta habilidoso, de cabeça baixa, correndo com os olhos presos à linha lateral.

Tantas investidas fez Neno que, lá pelas tantas — a polacada coxa-branca já com esperanças meio perdidas —, enfiou o "capotão" (era assim que os meninos chamavam, na época) no gol de

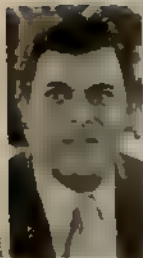
Laio. Os donos da casa acharam que era apenas um acidente. Que se repetiu poucos minutos depois. Silêncio de morte nas sociais do Joaquim Américo, o Caldeirão. Batido a poucos minutos do final, o time do Atlético foi todo para o ataque. Deu a lógica: tomou mais um. Três a um. Era um sonho.

O problema era sair do estádio sem afrontar a ira da rubro-negrada. Minoritários, acabamos saindo por último, disfarçando a alegria. A tempo de ver Caju, o maior nome produzido pelo Atlético em toda a sua história, defendendo bolas chutadas por garotos, como — soube depois — fazia quase todos os fins de tarde, ali onde hoje está o ginásio.

Os 3 x 1 robusteceram a natural convicção coxa-branca do menino, para quem todo jogo do Coritiba, daí em diante, passou a ser um Atletiba decisivo. Até mesmo este último, no Brnco de Ouro da Princesa, em Campinas, quando o Coxa foi simplesmente garfado em seu legítimo gol de empate contra o Guarani — que o remeteria ao seu lugar de direito na Primeira Divisão —, anulado por um bandeirinha mal-intencionado, estrábico ou brutalmente incompetente. O Coxa, acredite, está de volta à primeirona. Pelo menos no coração do menino. E existe lugar mais nobre?

DE VIRADA E NA CASA DELES

O Atlético saiu na frente, e o Caldeirão quase veio abaixo. Mas Fedato, Tonico & Cia. comandaram a reação coxa



Jairo Regis, 59 anos e já com a coxa branca e foi eleito de PLACAR entre 1971 e 1979



Fluminense X Vasco

Apesar do predomínio do Fluminense, que já venceu duas finais e impediu um tetracampeonato vascaíno, os corações tricolores ficam apertados a cada clássico com o Vasco. Um deles já sofreu até um enfarte em plena arquibancada do Maracanã, tamanha foi a emoção



AVANÇO NIKO

DOCE ILUSÃO

Os 3 x 3 de 1980 classificaram o Vasco para a final, mas na decisão venceu o Flu de Edinho: 1 x 0



FERNANDO PIMENTEL

UM JOGO QUE MEXE COM OS CORAÇÕES

Para a grande maioria dos vascaínos, o verde e o vermelho da bandeira portuguesa são sagrados em todos os instantes da vida. Menos em um: a hora de enfrentar o Fluminense. Nesse momento, todas as forças se unem para derrubar o pavilhão que, apesar de ter as cores de Portugal, sempre foi motivo para tristezas.

Foram os tricolores, por exemplo, que tiraram aquela que seria a maior glória da história do Vasco: o tetracampeonato de 1949, 50, 51 e 52, que só não se concretizou devido à má vontade do Fluminense, campeão em 1951. Outros dois campeonatos, porém, estão presos nas gargantas vascaínas até hoje. O Carioca de 1980, perdido graças a um gol de Edinho, e o Brasileiro de 1984, quando o paraguaio Romeiro marcou na primeira partida e o Vasco não teve forças para sair do 0 x 0 no segundo jogo.

Por isso, as vitórias expressivas do Vasco sobre o Fluminense são lembradas até hoje com



AGÊNCIA ESTADO

DE ALMATAVADA

Em 1979, Roberto marcou três nos históricos 4 x 1 sobre o Flu



RIC ARCO BELLI

O BRASIL SE CURVA

Em 1984, Vasco e Flu foram à final do Brasileiro

verdadeira adoração. Em especial os 6 x 0 de 1930 — a maior goleada do clássico — e os 4 x 1 de 1979, quando Roberto Dinamite vingou parte das tristezas vascaínas marcando três vezes. Motivos suficientes para tricolores terem enfartes em pleno Maracanã em jogos contra o Vasco, como aconteceu em 1981, com o jornalista Pasquale Amato. Afinal, um grande clássico é sempre capaz de mexer com o coração.



O CORAÇÃO NÃO RESISTE

Em 1981, deu Vasco com três de Roberto...



FERNANDO PIMENTEL

MASSACRE TRICOLOR
Em 1976, com Rivelino, o Flu fez 4 x 1



RICARDO LELI

... e nas arquibancadas um tricolor sofre um enfarte

O FLU TEM 11 VITÓRIAS A MAIS

FLU X VAS	
20.05.23	0 x 1
28.07.23	1 x 2
17.05.25	1 x 2
22.11.25	5 x 1
23.08.26	2 x 1
08.08.26	0 x 3
03.07.27	2 x 2
18.09.27	4 x 3
00.00.28	0 x 0
19.09.28	1 x 2
26.05.29	2 x 1
22.09.29	1 x 2
18.05.30	1 x 1
02.07.31	0 x 0
17.05.31	2 x 1
08.11.31	2 x 3
05.06.32	3 x 2
04.09.32	1 x 5
07.05.33	3 x 1
22.10.33	1 x 0
06.05.34	1 x 2
29.07.34	0 x 1
10.11.37	4 x 2
26.12.37	0 x 0
06.11.38	1 x 1
08.01.39	3 x 1
23.04.39	2 x 0
16.07.39	3 x 0
15.10.39	3 x 2
12.05.40	2 x 0
25.08.40	4 x 2
17.11.40	0 x 2
11.05.41	6 x 2
13.07.41	2 x 1
21.09.41	3 x 1
26.10.41	0 x 1
24.05.42	4 x 1
29.07.42	1 x 0
27.09.42	2 x 1
13.06.43	3 x 0
15.06.43	2 x 2
01.07.44	3 x 3
02.09.44	2 x 1
02.09.45	1 x 3
04.11.45	1 x 1
25.08.46	2 x 0
03.11.46	2 x 3
05.10.47	3 x 5
21.12.47	1 x 1
19.09.48	2 x 0
06.12.48	0 x 2
07.08.49	3 x 5
30.10.49	0 x 2
00.00.50	1 x 3
01.10.50	2 x 1
06.01.51	0 x 4
09.09.51	2 x 4
17.11.51	3 x 2
13.02.52	2 x 2
21.09.52	1 x 0
11.01.53	2 x 2
23.05.53	4 x 1
06.09.53	2 x 2
15.11.53	2 x 1
14.01.54	3 x 2
10.07.54	0 x 1
31.10.54	3 x 4
05.12.54	1 x 1
06.02.55	2 x 4
04.05.55	1 x 4
00.00.56	1 x 1
05.02.56	3 x 1
26.02.56	2 x 0
26.08.56	2 x 3
18.11.56	0 x 0
21.05.57	2 x 0
21.07.57	2 x 2
01.12.57	1 x 2
13.03.58	1 x 6
24.08.58	0 x 1
16.11.58	1 x 1
00.00.59	1 x 2
04.10.59	2 x 0
11.10.59	3 x 1
31.03.60	3 x 2
30.09.60	2 x 0
10.12.60	1 x 0
30.03.61	1 x 4
09.09.61	0 x 0



NET TON CLAUDINO

A última vitória do Vasco contra o Flu em 1990: 1 x 0

FLU X VAS		FLU X VAS		FLU X VAS	
08.10.61	2 x 1	16.06.71	2 x 0	08.04.79	0 x 0
08.12.61	0 x 1	15.08.71	0 x 1	27.05.79	1 x 4
10.03.62	3 x 4	19.03.72	0 x 1	15.09.79	1 x 0
09.09.62	0 x 1	21.05.72	0 x 1	03.11.79	2 x 3
02.12.62	2 x 1	12.08.72	0 x 1	11.05.80	1 x 1
13.02.63	1 x 1	03.09.72	2 x 0	05.10.80	2 x 1
28.07.63	3 x 1	26.11.72	0 x 0	26.10.80	1 x 1
21.10.63	2 x 1	08.04.73	0 x 0	23.11.80	3 x 3
14.03.64	0 x 0	08.07.73	0 x 0	30.11.80	1 x 0
13.09.64	0 x 1	25.07.73	1 x 0	09.04.81	0 x 2
06.12.64	1 x 1	01.08.73	0 x 1	12.04.81	3 x 2
20.02.65	1 x 2	08.12.73	0 x 1	04.07.81	0 x 3
24.04.65	1 x 1	21.04.74	2 x 1	27.09.81	2 x 3
19.09.65	1 x 1	08.09.74	5 x 1	01.11.81	2 x 2
07.11.65	2 x 1	29.10.74	1 x 1	08.08.82	1 x 2
05.03.66	0 x 2	10.11.74	0 x 2	17.10.82	2 x 3
19.10.66	2 x 1	30.03.75	1 x 2	21.08.83	3 x 1
03.11.66	1 x 1	01.06.76	1 x 0	06.11.83	0 x 2
01.04.67	2 x 2	27.07.76	1 x 2	24.05.84	1 x 0
21.10.67	2 x 1	10.08.76	1 x 1	27.05.84	0 x 0
19.11.67	2 x 0	26.10.76	0 x 1	13.09.84	0 x 0
13.04.68	1 x 3	21.04.76	0 x 0	13.11.84	1 x 2
12.05.68	0 x 0	07.07.76	4 x 2	09.12.84	2 x 0
17.11.68	1 x 2	08.08.76	3 x 0	16.02.85	3 x 5
21.04.69	2 x 1	29.08.76	2 x 2	17.03.85	3 x 2
25.05.69	0 x 0	03.10.76	1 x 0	01.08.85	0 x 0
21.09.69	2 x 2	14.11.76	3 x 0	27.09.85	2 x 0
19.07.70	1 x 1	08.05.77	0 x 1	13.04.86	0 x 0
20.09.70	2 x 0	25.09.77	0 x 2	20.07.86	1 x 1
01.11.70	3 x 1	24.09.78	2 x 0	12.04.87	3 x 0
21.03.71	3 x 1	26.11.78	0 x 2	03.05.87	0 x 0
25.04.71	1 x 1	17.03.79	0 x 1	23.07.87	2 x 0

RETROSPECTO

199 jogos
78 vitórias do Fluminense
67 vitórias do Vasco
54 empates
294 gols do Fluminense
265 gols do Vasco

Fluminense 2 x Vasco 1 (1/10/1950)

Foi a maior atuação de um goleiro que vi em toda a minha vida. Era Castilho saltando, Castilho mergulhando em pés vascaínos, Castilho mandando para comer com a ponta dos dedos, Castilho garantindo o placar até o fim

Foi no dia 1.º de outubro de 1950, um domingo de sol como costumavam ser os das melhores primaveras cariocas. Naquela época, nós, garotos não-vascaínos loucos por futebol, vivíamos sonhando com o time do Vasco. Ou melhor, tínhamos pesadelos com o time do Vasco. Era Barbosa fechando o gol, Eli baixando o sarrafo, Ipojuca fazendo embaixada, Danilo dominando a meia-cancha, Maneca inventando passes, Dejaír multiplicando dribles, Ademir marcando gols. Meus pesadelos eram mais com Ademir. Via-o passando como um raio pelos lerdos zagueiros tricolores e entupindo de bolas as redes do meu time. Ademir era um goleador infernal. Sempre que o Fluminense jogava com o Vasco, minutos antes de os times entrarem em campo, eu ficava rezando para que aquele pernambucano diabólico, de queixo comprido e futebol imenso, não estivesse entre nossos onze adversários. Quem sabe não teria torcido o pé, caindo da cama durante a noite? Quem sabe uma enxaqueca de última hora, uma dor de barriga repentina, algo assim que, por obra divina, impedisse Flávio Costa de escalá-lo? Mas Ademir estava sempre lá.

Naquele domingo, fui para o Maracanã certo de que viveria acordado, sobre o chão de cimento, meu pesadelo de véspera. O Vasco tinha aquilo que então se chamava de um *scratch*. E o Fluminense, mais que nunca, era um *timinho*. Não seria por acaso que acabaria em sexto lugar, atrás do Olaria, naquele primeiro Campeonato Carioca da era Maracanã. Sabem qual era a "linha média"? Osvaldo, Pé-de-Valsa e Jair. Nenhum time com aqueles três merecia vencer o Olaria, quanto mais o Vasco. E o ataque? Róbson improvisado de ponta-direita, Jerônimo deslocado para a esquerda, um branque-lo chamado Silas entre um

Carlyle e um Didi, que, dizia-se, tinham brigado na véspera (soube anos mais tarde que as brigas de Carlyle não eram com Didi, mas com Orlando, que na época estava injustamente barrado pelo Silas). Enfim, aquele time do Fluminense, dirigido por Otto Vieira (dos mais burocráticos treinadores de uma época de treinadores burocráticos), deveria ser triturado pelo Vasco da Gama, campeão invicto em 1949 e a caminho do bi em 50. Mas fui lá para ver. Como bom torcedor que naquele tempo era, gostava de sofrer. Ou achava que sofrer fazia parte do jogo.

Mas não foi um jogo. Muito menos um pesadelo. Em menos de 10 minutos, por inexplicáveis descuidos de Augusto e Wilson, o branque-lo Silas já tinha feito dois gols. O Vasco levou quase meia hora para refazer-se do susto. Aos 32 minutos, Ipojuca mandou Castilho com bola e tudo para dentro do gol. *Foul*, claro! Mas Carlos de Oliveira Monteiro, o Tijolo (juizinho ruim aquele...), apontou para o centro.

VÔOS DE SÃO CASTILHO

O Fluminense surpreende com os 2 x 1 sobre o Vasco: o empate só não saiu porque o goleiro Castilho fez milagres

A partir dali, foram 58 minutos de massacrante pressão vascaína. A bola não saía do campo do Fluminense. Se Barbosa quase cochilava lá atrás, Eli ainda baixava o sarrafo, Danilo dominava a meia-cancha, Maneca inventava passes, Dejaír multiplicava dribles. Ademir buscava o gol... mas Castilho defendia tudo. Foi a maior atuação de um goleiro que vi em toda minha vida. Foram 64 defesas — contadas por Mário Filho em sua crônica no *Jornal dos Sports* — e pelo menos meia dúzia com jeito de milagre. Era Castilho saltando, Castilho mergulhando em pés vascaínos, Castilho mandando para comer com a ponta dos dedos, Castilho voando, Castilho garantindo o placar até o fim. Naquele dia ele se transformou no maior ídolo da torcida do Fluminense. Torcedores alucinados fizeram o que se julgava impossível: descobriram uma tábua não sei onde, construíram com ela uma ponte entre a geral e o gramado e invadiram o campo para carregar Castilho nos ombros. Nunca, até então, o intransponível Maracanã fora invadido.

Naquela noite, em vez de pesadelo, sonhei que Ademir estava de joelhos rezando. No altar, São Castilho.



João Máximo, 59 anos, é jornalista, expert em música, mas gosta mesmo é de ouvir o Hino do Fluminense

Vasco 10 x Fluminense 0

(Certa vez, numa mesa de botão)

O menino, com o sentido de vingança despertado, segurou o inimigo e o esquadrão vascaíno pôde assim iniciar o inesquecível vareio de bola. Foi a única vez que vi o Fluminense enroscar-se como um cão aos pés do meu time

Quando meu filho estava com 9, 10 anos de idade, eu o surpreendi a jogar, sozinho, uma partida de futebol de botões, com narração apoteótica e desesperada, ao estilo do locutor José Silvério. O jogo solitário era comum na infância de filho único, porém eu jamais escutara antes tal alarido do esganado e improvisado locutor "Quem está jogando?", perguntei. "Vasco e Fluminense." Insisti: "Quem ganha?" Ele respondeu, aflito: "Zero a zero". Então, na dupla qualidade de pai e torcedor fanático do Vasco da Gama, fiz valer a experiência de tantos anos de emoção e ponderei: "O jogo não é de brincadeira? Por que o Vasco não vence logo de dez a zero?" Na vida real, vínhamos de mais uma derrota para o tricolor no Campeonato Carioca, com gol contra e tudo, de modo que o menino, com o sentimento de vingança despertado, "segurou" o inimigo e o esquadrão vascaíno pôde assim iniciar o inesquecível vareio de bola. Foi esta a única vez que vi o Fluminense enroscar-se como um cão aos pés do meu time.

É claro que o exercício da fantasia jamais há de refrescar um

coração sofrido e apaixonado, todavia não diviso outra arma nessa luta tão antiga quanto ingloria. É sabido, aqui e alhures, que o Vasco não ganha do Fluminense — ou não vence quando *deve* vencer. A torcida elegeu o Flamengo como adversário-padrão dos, com perdão da palavra, cruzmaltinos, porém esse merece apenas o nosso desprezo enquanto aquele nos tem ensinado a noção do medo. Clássico é isso — na concepção de guerreiros: o enfrentamento do pânico, que começa no enunciado da tabela e se reforça pelos torneos afora. Muito temos perdido. E quando falece ao inimigo a mais mínima competência, Deus ordena que Zé do Carmo nos humilhe com mais um gol contra. É, digo com autoridade, a mais ultrajante das emoções. Em 1946, quando frequentava o pré-primário desse Carmo, reza a lenda que Gentil Cordoso, técnico do Fluminense, teria proclamado aos diligentes: "Dêem-me Ademir e eu lhes darei o campeonato". O Vasco, que cevava em glórias uma equipe prodigiosa, dispensou seu gênio e isso nos custou o bicampeonato carioca e mais seqüelas na alma calejada. Tive um duro aprendizado, confesso,

e fiz PhD no seio da decepção.

Certa vez, tínhamos uma equipe forte, azeitada; o inimigo apresentava-se alquebrado, com Gerson em final de carreira, consumido pelas mazelas da idade, lá na frente, o ponta-direita Gil (lembra-se?) vagueava sua incompetência, ofendido e repudiado pela torcida. Dizia-se nas arquibancadas que guardara no vestário a passagem de ônibus, de volta a sua terra. Pois bem: Gerson esticou cinco bolas impossíveis para além das fortificações vascaínas e tomamos de cinco! Gil fez três e adiou o embarque desprezível. O Vasco é assim, capaz de exumar talentos, recuperar indigentes — basta que vistam a camisa tricolor. Alguns torcedores mais exaltados falam de sortilégios e quimbandas; considero no entanto tal fenômeno como simples missão dos vascaínos sobre a Terra, missão que procuramos cumprir com alguma resignação e a indispensável coragem. Afinal, um grande clube como o Vasco não se fez apenas das miangas do carnaval da vitória. A paixão verdadeira situa-se muito além do acaso e do transitório e fidelidade de torcedor exige certo espírito de renúncia

TRISTE SINA VASCAÍNA

Mesmo com Roberto Dinamite, o Vasco jamais soube superar o trauma: o rival Fluminense foi, e ainda é, o eterno fantasma



Moacir Japiassu, 48 anos, é jornalista há 30, chefe de redação da revista *Elle* e vascaíno há três gerações

FERNANDO PIMENTEL



Palmeiras X Santos

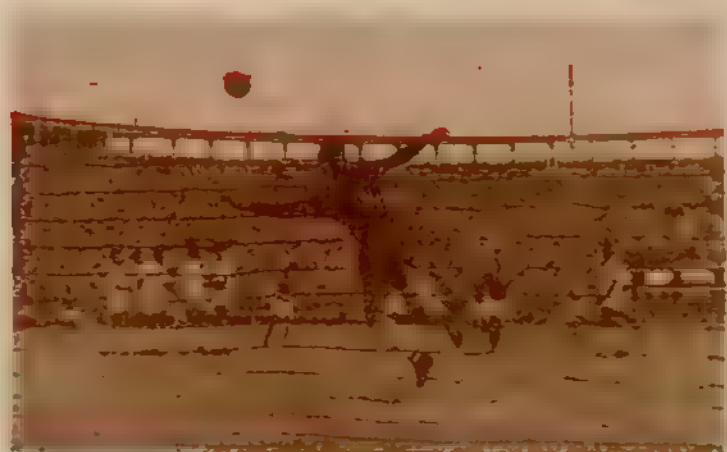
Os chutes mortais de Pepe e Romeiro, as defesas espantosas de Leão e Gilmar, a maestria de Ademir da Guia. E Pelé. Nada faltou, nos últimos 70 anos, para que se consagassem os clássicos Palmeiras x Santos, verdadeiras aulas de bom futebol

LIÇÕES DE COMO SE JOGA BOLA

Mais que um simples jogo de futebol, Palmeiras e Santos, pela qualidade dos craques que já vestiram suas camisas, protagonizaram verdadeiras obras-primas. Dignas de ocupar o lugar que lhes foi conferido por Paulo Mendes Campos na literatura brasileira com seu texto *Pelé Passa para Pepe*. "Aprofunda-se Pepe, como se passeasse pelo campo do Pacaembu; (...) Parada, parada, inexplicavelmente parada a equipe do Palmeiras", diz o autor

Talvez o poeta, botafoguense notório, estivesse se referindo à macreditável vitória santista por 7 x 6, pelo Rio-São Paulo de 1958. Naquele dia, Pepe marcou três gols para o Santos, que chegou a estar perdendo por 5 x 2 e 6 x 5

Mas material para registro em prosa ou verso era o que não faltava nos confrontos daquela época, a fase áurea do futebol brasileiro. Na final de 1959, vencida pelo Palmeiras, nada menos que seis jogadores já haviam estado



É SUPERCAMPEÃO!

Dois jogos extras e nada de campeão em 1959: no terceiro, Verdão 2 x 1



DUELO DE COBRAS

Dudu e Pelé no viveiro de craques

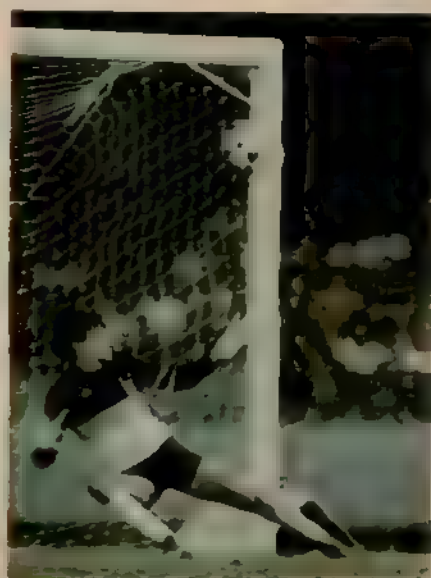
em Copas do Mundo defendendo a Seleção — Djalma Santos e Julinho, pelo Verdão, e Zito, Jair da Rosa Pinto, Pelé e Pepe, pelo Santos. E o passar dos anos só fez aumentar o desfile de craques: Gilmar, Carlos Alberto Torres, Clodoaldo, Ademir da Guia, Leão, Luís Pereira e outros cobras mantiveram acesa a chama do clássico. Que hoje, por causa do período em que nenhum dos dois vence um campeonato, vem perdendo um pouco em atualidade. Mas ainda ganha, de longe, em beleza sempre que comparado aos demais.



ANO LA, ANO CA

Entre 1958 e 1969, só Palmeiras e Santos foram campeões em São Paulo

88 PLACAR



ÁGUA NO CHOPE

Faltando 4 minutos, Enéas e Jorginho...



APRIL

VALEU, ARAGÃO
O empate do Palmeiras, com gol do juiz



NEO ESTEVES

...empatam um jogo quase perdido

NESTE DUELLO DE TÉCNICA, DÁ VERDÃO



NEO ESTEVES

César Sampaio e Junior revivem hoje os duelos no meio-campo

03-10-15	0 x 7
19-03-16	0 x 5
24-05-16	4 x 2
17-12-16	0 x 1
08-07-17	5 x 1
23-08-17	2 x 0
31-08-19	2 x 0
01-11-19	4 x 1
30-05-20	3 x 2
24-10-20	0 x 0
22-05-21	4 x 2
20-11-21	6 x 1
01-10-22	3 x 0
26-11-22	2 x 0
06-05-23	1 x 0
30-03-24	6 x 1
21-09-24	2 x 1
29-03-25	2 x 0
10-05-25	3 x 0
06-06-26	3 x 2
03-04-27	2 x 3
22-01-28	4 x 1
28-01-28	1 x 1
04-03-28	3 x 2
26-08-28	2 x 2
18-11-28	2 x 3
22-09-29	2 x 4
23-03-30	0 x 1
29-06-30	4 x 2
31-08-30	2 x 0
28-06-31	2 x 4
13-12-31	1 x 2
10-04-32	2 x 1
11-12-32	8 x 0
28-05-33	3 x 1
27-08-33	4 x 3
15-04-34	3 x 0
17-06-34	3 x 1
09-07-34	5 x 0
07-10-34	1 x 1
17-10-34	1 x 3
02-12-34	3 x 2
02-06-35	0 x 1
29-09-35	0 x 0
28-01-36	3 x 1
13-09-36	2 x 1
18-04-37	4 x 0
27-08-37	1 x 1
06-12-37	5 x 3
12-03-38	1 x 0
12-04-39	1 x 6
11-06-39	2 x 3
24-09-39	2 x 2
14-07-40	1 x 0
21-09-40	5 x 0
21-11-40	3 x 0
23-03-41	4 x 2
12-07-41	8 x 2
27-07-41	4 x 1
09-05-42	3 x 2
16-08-42	5 x 2
01-11-42	1 x 1
04-04-43	1 x 0
18-07-43	0 x 2
14-11-43	2 x 3
20-01-44	1 x 0
09-04-44	2 x 1
08-10-44	1 x 0
27-05-45	3 x 0
05-08-45	2 x 0
11-05-46	1 x 1
22-09-46	3 x 1
14-06-47	1 x 0
28-12-47	2 x 1
30-05-48	0 x 2
10-10-48	2 x 3
02-07-49	2 x 0
25-09-49	1 x 1
05-11-50	1 x 1
16-11-50	2 x 4
20-05-51	6 x 2
02-09-51	2 x 1
12-10-51	1 x 1
22-12-51	3 x 2
13-02-52	0 x 2
17-08-52	0 x 0
06-11-52	2 x 0
14-12-52	0 x 4
03-05-53	1 x 2

20-09-53	3 x 1	07-11-64	3 x 2	26-02-75	2 x 2
03-01-54	6 x 3	10-11-64	0 x 4	06-04-75	0 x 2
27-05-54	4 x 3	31-03-65	7 x 1	27-07-75	2 x 0
02-10-54	1 x 2	19-09-65	1 x 0	04-04-76	1 x 1
22-01-55	5 x 1	03-11-65	2 x 4	07-09-76	0 x 1
13-04-55	4 x 4	10-11-65	1 x 1	13-12-76	5 x 0
24-09-55	1 x 3	12-12-65	5 x 0	02-04-77	2 x 0
18-12-55	1 x 3	23-03-66	2 x 3	12-06-77	1 x 1
11-04-56	2 x 4	15-04-66	1 x 1	25-09-77	1 x 1
22-09-56	0 x 0	22-09-66	2 x 2	11-12-77	1 x 1
24-10-56	1 x 2	23-11-66	0 x 2	15-10-78	12 x 0
22-12-56	2 x 1	08-04-67	2 x 1	19-11-78	1 x 3
15-05-57	0 x 3	06-08-67	1 x 1	04-03-79	2 x 1
08-09-57	2 x 1	29-10-67	1 x 4	27-05-79	2 x 1
28-10-57	3 x 4	13-04-68	0 x 1	03-09-79	3 x 1
28-12-57	1 x 4	19-05-68	1 x 3	30-09-79	2 x 1
06-03-58	6 x 7	18-09-68	0 x 0	18-11-79	5 x 1
24-06-58	0 x 1	08-12-68	2 x 3	23-07-80	1 x 0
16-11-58	1 x 2	22-03-69	3 x 2	14-09-80	0 x 0
14-03-59	3 x 3	03-05-69	1 x 0	05-07-81	0 x 1
06-05-59	2 x 1	16-06-69	0 x 3	13-09-81	0 x 0
03-10-59	3 x 7	12-10-69	2 x 1	01-11-81	2 x 3
29-11-59	5 x 1	11-03-70	0 x 1	08-11-81	1 x 1
05-01-60	1 x 1	24-04-70	1 x 1	13-05-82	4 x 0
07-01-60	2 x 2	05-07-70	0 x 2	18-09-82	1 x 3
10-01-60	2 x 1	06-09-70	1 x 1	23-11-82	1 x 6
27-03-60	0 x 0	11-11-70	1 x 1	14-04-83	0 x 1
21-08-60	1 x 3	28-03-71	2 x 0	21-04-83	2 x 2
18-12-60	1 x 2	30-05-71	2 x 1	10-07-83	2 x 2
23-03-61	1 x 1	16-10-71	0 x 1	09-10-83	2 x 2
30-07-61	1 x 2	15-01-72	4 x 0	17-03-84	2 x 2
28-11-61	3 x 2	26-03-72	2 x 1	25-03-84	3 x 2
18-03-62	3 x 5	13-06-72	1 x 0	05-08-84	1 x 1
12-08-62	2 x 6	25-10-72	0 x 1	21-10-84	0 x 2
14-11-62	0 x 3	06-05-73	1 x 1	03-03-85	1 x 2
13-03-63	0 x 3	12-08-73	1 x 0	10-04-85	1 x 1
07-08-63	1 x 1	02-09-73	0 x 0	28-07-85	2 x 1
20-11-63	1 x 0	09-12-73	1 x 1	29-09-85	0 x 0
10-04-64	1 x 2	20-04-74	0 x 4	15-03-86	1 x 1
23-08-64	1 x 2	09-09-74	0 x 0	09-07-86	1 x 1
04-11-64	2 x 3	24-11-74	2 x 0	29-10-86	1 x 0

RETROSPECTO

226 jogos
96 vitórias do Palmeiras
71 vitórias do Santos
59 empates
408 gols do Palmeiras
344 gols do Santos

02-05-91	1 x 1
02-09-90	0 x 0
29-04-90	1 x 2
07-09-89	0 x 0
08-05-89	1 x 1
03-09-88	1 x 1
10-07-88	1 x 2
25-06-88	0 x 0
20-03-88	0 x 1
20-09-87	0 x 0
26-07-87	2 x 1
29-03-87	2 x 2
05-03-87	2 x 3
07-12-86	1 x 1
29-10-86	1 x 0
09-07-86	1 x 1
15-03-86	1 x 1
29-09-85	0 x 0
28-07-85	2 x 1
10-04-85	1 x 1
03-03-85	1 x 2
21-10-84	0 x 2
05-08-84	1 x 1
25-03-84	3 x 2
17-03-84	2 x 2
09-10-83	2 x 2
10-07-83	2 x 2
21-04-83	2 x 2
14-04-83	0 x 1
18-09-82	1 x 3
13-05-82	4 x 0
08-11-81	1 x 1
01-11-81	2 x 3
13-09-81	0 x 0
05-07-81	0 x 1
06-07-81	0 x 1
26-02-75	2 x 2

Palmeiras 6 x Santos 7 (6/3/1958)

"Milagre no Pacaembu", gritava Édison Leite, testemunhando o que classificava de "o maior espetáculo que já vi no futebol". Só que, diante da máquina do Santos, milagre tinha mesmo que durar pouco

A ilusão estava no ar, pronta para entrar em campo. Era uma noite quente, a noite de 6 de março de 1958, e, menino de 12 anos, habituado já a frequentar os estádios, não pude ir ao Pacaembu vencido por uma gripe incômoda.

E era noite de clássico, Santos x Palmeiras. Sem TV direta, o jeito era aproveitar a magia do rádio. Era do rádio a ilusão; a voz grave de Édison Leite, um locutor romântico, pedia aos repórteres as escalações das duas equipes. Lá vinha o Santos do gordo técnico Lula, o Santos que surgia como força emergente para atrapa-lhar a vida do chamado Trio de Ferro (São Paulo, Corinthians e Palmeiras), com seus meninos em busca dos gols: Manga, Hélio e Ivã; Fiotti, Zito e Urubató; Dorval, Jair — o velho Jajá —, Pagão, Pelé e Pepe. Contra essa máquina ousava lutar o Palmeiras, um time que vivia mais à custa de um centroavante apelidado de Diabo Loiro e Mazola. O Palmeiras surgia em campo com Edgar, Édson e Dema; Carabina, Fiúme e Formiga; Paulinho, Nardo, Mazola, Ivan e Urias.

Até aí, tudo normal. Ah, quem poderia prever o que estava para acontecer naquela noite? Quem começou a festa foi o Palmeiras, um gol de Urias, pontas-esquerda sem fama e que viera de Rio Preto. 1 x 0. Não tardaria a resposta do Santos — e veio com um gol do menino de 17 anos que, pouco mais de três meses depois, na Suécia, seria aclamado campeão do mundo e Rei do futebol: tratava-se, evidentemente, de Pelé, ainda um crioulinho das pernas finas que aceitava, humilde, as broncas do capitão Zito. E ainda no primeiro tempo, uma sequência impressionante de gols. Foi só Pagão fazer 2 x 1 para o Santos que, inflamado, o Palmeiras correu à frente para empatar (gol de Nardo) levando, em seguida, três golpes que pareciam mortais — como

num deboche, Dorval, Pepe e Pagão estabeleceram 5 x 2.

Vergonha, pura vergonha, resmungavam os palestrinos. Mas era noite de milagres. E quem treinava o Palmeiras? Simplesmente Brandão, Osvaldo Brandão, homem que não hesitava em tirar o cinto para bater em jogador que não corresse. Nem foi preciso tirar o cinto: Brandão apenas pediu vergonha na cara, trocou o goleiro (saiu Edgar, entrou o jovem Vítor) e colocou em campo a raça de um negro uruguaio, de nome Caraballo. Caraballo não era jogador de pose e nem de firulas, mas debochava da cara feia inimiga. Tendo um parceiro assim ao seu lado, Mazola transformou-se de verdade em Diabo Loiro e o milagre aconteceu: de perdedor de 5 x 2, o Palmeiras passou para 6 x 5! Com gols de Mazola, Paulinho, Urias e Ivan — este, um meia que tinha Palmeira como sobrenome.

"Milagre no Pacaembu!", gri-

tava Édison Leite, testemunhando o que classificava de "o maior espetáculo que já vi no futebol".

Só que, diante da máquina do Santos, milagre tinha mesmo que durar pouco. E lá se foi a esperança palestrina, de jeito inesperado. Não pelos gols de Pelé, mas pela ação fulminante de Pepe, um menino que ainda tinha topete à Tony Curtis e uma canhota tão poderosa que a ele dava a fama de Canhão da Vila. Só que Pepe nem precisou usar a esquerda para acabar com o milagre de Brandão, empatando — 6 x 6 — e dando a vitória ao Santos, balançando de novo as redes inimigas. E de cabeça, façanha rara na carreira de Pepe, o segundo maior artilheiro da história do Santos.

Santos 7, Palmeiras 6! Um placar incrível, a emoção ainda maior pintada com a ilusão do rádio, no clássico incomparável. Entre todos os duelos que vi, o maior mesmo foi esse que ouvi, em que tudo era uma aventura dos tempos em que sobravam os gols e os talentos.

TEMPESTADE DE GOLS

Pelé e Pepe fizeram, juntos, 4 dos 13 gols de Santos 7 x Palmeiras 6, em março de 1958



Roberto Avallone, 46 anos, é gerente de Esportes da TV Gazeta (SP) e acompanha futebol desde os 5 anos

Santos 1 x Palmeiras 2 (10/01/1960)

Foi a primeira vez que parei para ouvir futebol pelo rádio. Fiquei triste. Mas só naquele dia. Depois, o Santos e o rádio só me deram alegria. Como torcedor, locutor, sanista e jornalista.

O som mais gostoso do futebol é o do gol pelo rádio, eu ouvi pela primeira vez, algo incomodado, naquele 10 de janeiro de 1960. Ainda não era santista, muito menos jornalista. Tinha 8 anos, 5 meses e 4 dias de vida. Ao lado do inesquecível rádio "capela" de minha avó Beatriz, lá na minha terra, em Muzambinho (MG), ouvi claramente a palavra muito comprida que começava com "G" e era seguida por 23 "os" e 11 "eles": Gooooooooooooooooooooo oooooooooooooooooooooo deee Roooooooooooooooooooooooo!!! Enquanto o narrador Pedro Luiz detalhava o lance, decidi: o meu time é o Santos. É que, antes da cobrança de falta que deu o supercampeonato paulista de 1959 ao Palmeiras, o repórter de campo garantiu que Zito sequer encostara em Zequinha. Mas o árbitro Anacleto "Valussi" Pietrobom marcou a falta e o ponta-esquerda Romeiro cobrou aos 3 minutos do 2º tempo, vencendo o goleiro Laércio e decretando a vitória palmeirense por 2 x 1, de virada, depois de dois empates nos dois primeiros jogos decisivos.

Como em 1958 nada descon-
fiei sobre a Copa do Mundo da
Suécia ou qualquer outra compe-
tição de futebol — assunto que

ainda não havia descoberto —, aquele Santos x Palmeiras de 10 de janeiro de 1960 se tornou o grande marco da minha infância, a ponto de determinar minha própria profissão. O Santos entrou em campo com Laércio, Urubatan, Getúlio e Dalmo, Zito e Formiga; Dorval, Jair da Rosa Pinto, Pagão, Pelé e Pepe. O Palmeiras com Valdir, Djalma Santos, Waldemar Carabina e Geraldo Scotto; Zequinha e Aldemar; Julinho, Américo, Nardo, Chinesinho e Romeiro. Foi o primeiro jogo, o primeiro gol, a primeira emoção. E também a primeira vez que parei para ouvir futebol pelo rádio. Fiquei triste. Mas só naquele dia. Depois, o Santos e o rádio só me deram alegria. Como torcedor, locutor, santista e jornalista.

Muito mais importante do que meus sentimentos, porém, é a gloriosa história de Santos x Palmeiras. Dois clubes que caíram muito nos últimos tempos. É verdade. Mas vocês já notaram que, desde que Santos e Palmeiras — além do Botafogo do Rio — deixaram de ser o que eram, o futebol brasileiro nunca mais foi campeão do mundo?

O Santos, aliás, dominou o futebol de São Paulo, do Brasil e do mundo, com um time que

teve Pelé, um jogador que não será igualado enquanto houver uma bola rolando pelos campos do mundo. Mas até Pelé perdeu para o Palmeiras. Em 1959, 63 e 66 deu Verdão no Campeonato Paulista. Com Pelé e tudo!

Foram grandes jogos entre Santos e Palmeiras. Brilhou Chinesinho, liderou Zito, ficou na história Romeiro, jogaram dos dois lados Formiga, Dorval, Luécio. Jair da Rosa Pinto Aldear marcou Pelé melhor que qualquer outro. E até Copeu se transformava em Garrincha quando marcado por Rildo. Sobre Ademir da Guia, Coutinho, Pagão, Lufs Pereira, Djalma Santos e Carlos Alberto Torres nada precisa ser dito. Só um sorriso e um suspiro de saudade, respeito e gratidão. Lamento apenas que eles não joguem mais no rádio "capela" de minha avó Beatriz. Minha avó morreu, o rádio sumiu, já tenho 40 anos e três filhos são-paulinos, o Palmeiras não ganha mais nada e a camisa branca do meu Santos não ilumina mais os caminhos das pedras. Dentro delas não há mais aqueles crioulos que jogavam "sem tocar o pé no chão", como garantia o rádio esportivo de São Paulo naqueles anos 60 que não voltam mais. Que pena!



Milton Neves, 39
anos, industrial
e titular do
pianão esportivo
da jovem Pan SP
e socialista até
debaixo d'água



VIRA-VIRA
O ponta-direita
Julinho empata
o jogo da
decisão do
Paulista de 1959.
O canhoto
Romeiro iria
completar a virada



RARU'S

Todo o requinte de um 5 estrelas no ABC.
Ambiente de sonhos em 400 m². Triplex com lareira,
piscina termica, jacuzzi, sauna e cozinha internacional.
Av. Mano Serideli Demarchi, 956 - Saida 93 da Via Anchieta
São Bernardo do Campo, SP - PBX (011) 419-8355



OPIUM

Totalmente equipado, amplos espaços e piscinas termicas,
o Opium faz os melhores convites para quem exige
sophisticacao e comodidade.
Rça. Paschoa Martins, 54
Tel. (011) 825 5099 Barra Funda



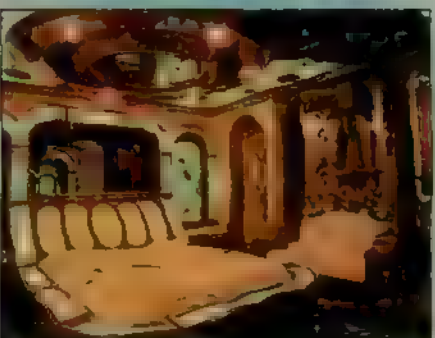
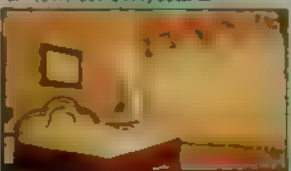
CARIBE

Para liberar as fantasias do prazer, o Caribe dispõe
de um ambiente único e sofisticado.
Ainda mais o clima, piscina termica, maximo conforto.
Av. ...
Tel. (011) 826-0488, Barra Funda



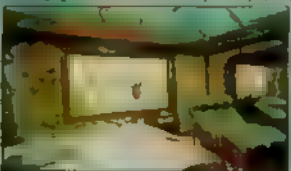
BARILOCHE

Na realidade do conforto, o Motel Bariloche
recreia no relax as melhores fantasias do prazer a dois.
E agora, em exclusivas mansoes, totalmente equipadas.
Rod. Raposo Tavares, Km 16,5
Tel. (011) 869-5477, Butantã



ROMAIN VILLE

Mergulhe na paixão. Camas com espelhos e vitrais, sauna,
video e as suítes Ouro e Eros com banheiras
hidrogêntes. Espaço para o amor e para as delicias
da hidromassagem. Romain Ville. Um classico.
Av. Marques de São Vicente, 1678, Tel. (011) 67-1753



OS MEL MO DE SÃO

HORES TEIS PAULO.

SWING

Dentro das ultimas novidades 5 estrelas do conforto e privacidade, o Swing reserva o bom gosto para voce em ambientes muito elegantes.
Av. Duquesa de Goiás, 430
Tel. (011) 531-9199 - Janto e Pte. do Morumbi



VEGAS

Para curtir os momentos agradáveis da vida, o VEGAS reservou para você suites com muito luxo e sensualidade, finalmente decoradas para fazer o prazer a dois ainda mais intenso. Cozinha Internacional.
Av. Nações Unidas, 16091 (Marg. Pinheiros) Tel. (011) 522-9222



MAYTÊ

Em tempo de velhos amores, novas emoções. Natureza e muito requinte, o MAYTÊ tem suites de luxo em chalés normandos, com muito verde e o charme da arte do Embû. Aceita cartões de credito.
Rod. Regis Bitencourt, km 21,5 PBX (011) 791-1066



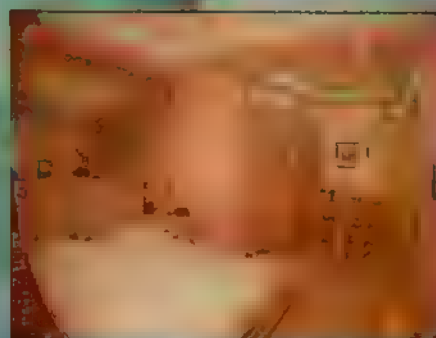
ÁLIBI

Pela categoria 5 estrelas, o Motel Alibi confirma seu conforto e sofisticação. Livre pernoite de domingo a 5º, após as 22h.
Av. Condessa Elizabeth Rubiano, 4810
Tel. (011) 293-9011, Penha



DESIRÉE

Suites com todo o requinte e sofisticação, clima aconchegante que deixa você mais do que a vontade. Decoração de bom gosto e almoço executivo.
Av. Ver. João de Lucca, 1215 - Tel. (011) 562-4855
R. Prof. José Leite e Oliveira, 97 - Te. (011) 531-2657



OBRAS-PRIMAS

Se você pudesse prever ou voltar no tempo, quanto pagaria para estar na arquibancada em determinadas partidas? Únicos em suas emoções, esses verdadeiros shows se tornaram exemplos clássicos do bom futebol brasileiro

Santos 2 x Bahia 3



Festa baiana na surpreendente Taça Brasil de 1959: 3 x 2 sobre o Santos de Pelé na Vila

01 dezembro 59

Local: V. la Belinoiro. Jui: Alberto da Gama Malcher. Renda: Cr\$ 868 930. Público: 23 000. Gols: Pelé 15 e Biriba 26 do 1º. Alencar 32, Pepe (pênalti) 32 e Alencar 44 do 2º.

SANTOS: Manga, Gardio, Urubasão, Formiga e Dalmo, Zito e Jair da Rosa Pinto, Dorval, Coutinho, Pelé e Pepe. Técnico: Dorval.

BAHIA: Nadinho, Leone, Henrique, Vicente e Beto, Flávio e Borabeiro, Manio, Alencar, Leo e Biriba. Técnico: Geninho.

Parecia impossível. Longe de Salvador e diante do Santos de Pelé, o Bahia vence o primeiro jogo da decisão da Taça Brasil de 1959. Sem se intimidar, a equipe baiana ainda saiu atrás no marcador, mas manteve a tranquilidade para tentar a reação. O gol de Alencar, aos 44 minutos do segundo tempo, garantiu a vitória em plena Vila Belmiro

Santos 2 x Cruzeiro 3



O Cruzeiro inicia a reação no Pacaembu. Tostão (de branco, à esq.) este superlame

7 dezembro 66

SANTOS 2 X CRUZEIRO 3

Local: Pacaembu (São Paulo). Jui: Armando Marques (SP). Renda: Cr\$ 65 142. Público: não divulgado. Gols: Pelé 23 e Tostão 15 do 1º. Tostão 19, Dirceu Lopes 28 e Natal 44 do 2º.

SANTOS: Claudio, Zé Carlos, Obenjan, Haroldo e Lima, Zito e Mengálvio, Amauri (Dorval), Tostão, Pelé e Edu. Técnico: Lula.

CRUZEIRO: Rauí, Pedro Paulo, William, Procópio e Neco, Piazza e Dirceu Lopes, Natal, Tostão, Evaldo e Hilton Oliveira. Técnico: Afonso Moreira.

Decisão da Taça Brasil de 1966. O Cruzeiro já tinha aplicado 6 x 2 no Mineirão, mas o Santos tinha Pelé e tentava o hexacampeonato. Em 25 minutos, os santistas já ganhavam por 2 x 0. Tudo parecia perdido até que Tostão, Dirceu Lopes & Cia., então um time com jovens craques, começaram a empolgante reação.

Cruzeiro 5 x Inter 4



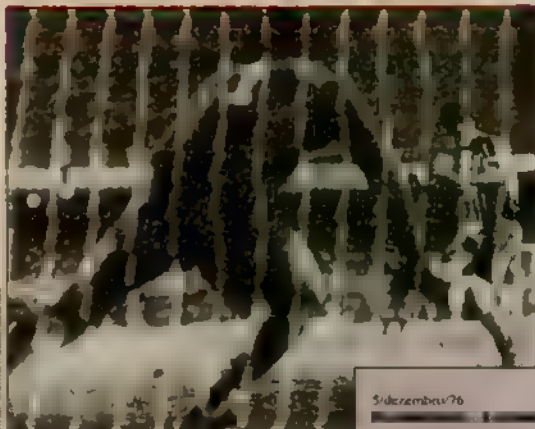
5 x 4 de 1976
vice-campeões
na Libertadores

Um show brasileiro na Libertadores. Os dois melhores times de 1975 se enfrentam no ano seguinte, ainda sob o efeito da decisão que deu o título ao Inter. Agora, no Mineirão, o Cruzeiro leva a melhor e vence por 5 x 4, mesmo com um jogador a menos. O centroavante Palhinha fora expulso no início do segundo tempo de um jogo dramático.

7 março/76

Local: Mineirão (Belo Horizonte), Jaz. Laís Pastorello (Argentina), Renda: Cr\$ 794 407. Público: 65 463. Gols: Palhinha 4 e 10, Lala 15, Joãozinho 21 e Valdomiro 39 do 1.º; Zé Carlos (contra) 6, Joãozinho 17, Ramón 25 e Nelinho (pênalti) 40 do 2.º. Cartão amarelo: Hermínio, Cláudio, Palhinha, Figueira e Vacaria. Expulso: Palhinha 12 do 2.º.
CRUZEIRO: Raul, Nelinho, Moraes, Durci e Vanderlei. Zé Carlos e Eduardo. Roberto Barata (Isidoro), Jussirinho, Palhinha e Escarim.
INTER: Manga, Cláudio (Valdir), Figueira, Hermínio e Vacaria, Caçapava e Falcão. Valdomiro, Escarim, Flávio (Ramón) e Lala. Técnico: Rubens Moutel.

Fluminense 1 x Corinthians 1



Pintinho perde o segundo pênalti, para a alegria dos corinthianos que invadiram o Rio

5 dezembro/76

Local: Maracanã (Rio de Janeiro), Jaz. Saul Mendes (BA), Renda: Cr\$ 4 027 250. Público: 146 043. Gols: Carlos Alberto Pintinho 18 e Ruço 29 do 1.º; Cartão amarelo: Rodrigues Neto, Mosses, Ruço e Vaguinho.
FLUMINENSE: Renato, Rubens Galvão, Carlos Alberto, Edinho e Rodrigues Neto. Carlos Alberto Pintinho e Cléber (Envelho), GB, Doval, Rivelino e Dircos. Técnico: Didi.
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Wladimir. Ruço e Giovanildo (Basilio), Vaguinho, Geraldo (Lance), Neca e Romeu. Técnico: Daque.

Mar corinthiano no Rio de Janeiro. Mais de 50 mil alvinegros invadiram as praias cariocas, levaram a chuva e trouxeram a vaga na final do Brasileiro de 1976. O Fluminense era melhor e tinha Rivelino, ex-ídolo e Garoto do Parque. Sofrida, bem ao estilo da Fiel de então, a vitória só veio nos pênaltis.

Inter 2 x Atlético-MG 1



O argentino Ortiz, goleiro do Galo, não pôde evitar a virada do Inter 2 x 1

28 novembro/76

Local: Beira Rio (Porto Alegre), Jaz. Sebastião Rufino (PE), Renda: Cr\$ 1 645 170. Gols: Vantur 30 do 1.º; Basílio 28 e Falcão 45 do 2.º. Cartão amarelo: Caçapava e Falcão.
INTER: Manga, Zé Maria (Escarim), Figueira, Marinho, Paulo e Vacaria. Cláudio, Caçapava, Falcão e Jair Batista. Dario e Lala. Técnico: Rubens Moutel.
ATLÉTICO: Ortiz, Alves, Márcio, Vantur, Zé Carlos, Breno, Gerson, Zé Carlos, Turinga (Paulinho), Marcelo, Paulo Isidoro e Bodo (Ângelo). Técnico: Barbatana.

Emoção até o último minuto. Com o gol mais bonito a que o Beira-Rio já assistiu, Falcão tabelou de cabeça com Escarim e classificou o Internacional aos 45 do segundo tempo para a decisão do Brasileiro de 1976. O Atlético, comandado por Toninho Cerezo e Paulo Isidoro, surpreendeu os gaúchos, que só partiram para a virada nos 20 minutos finais.

Corinthians 1 x Ponte Preta 0



Basílio põe fim ao jejum de 22 anos sem títulos do Timão 1 x 0 sobre a Ponte

13 outubro/77

CORINTHIANS 1 X PONTE PRETA 0
Local: Morumbi (São Paulo), Jaz. Delfino Wanderley Boschilia (SP), Renda: Cr\$ 3 325 470. Público: 86 677. Gols: Basílio 36 do 2.º. Cartão amarelo: Ângelo e Basílio. Expulso: Rui Rei 15 do 1.º. Ocor e Geraldo 40 do 2.º.
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir e Wladimir, Ruço, Basílio e Luciano, Vaguinho, Geraldo e Romeu. Técnico: Osvaldo Brandão.
PONTE PRETA: Carlos, Jair, Oscar, Polizzi e Ângelo, Vanderlei, Marco Aurélio e Didi, Lúcio, Rui Rei e Tula (Parraga). Técnico: Zé Durie.

O fim da agonia. O Corinthians levou 22 anos e mais 36 minutos do segundo tempo da terceira partida decisiva para chegar ao tão sonhado título. A resistência da Ponte Preta acabou nos pés de Basílio, e o Campeonato Paulista, conquistado pela última vez em 1954, voltou para o Parque São Jorge. O encontro entre os dois times se transformou num clássico do final dos anos 70.

OS JOGÕES

Flamengo 1 x Palmeiras 4



O Palmeiras de Telê Santana arrasa o Flamengo. Jorge Mendonça faz o primeiro dos 4 x 1.

9 de dezembro '79

FLAMENGO 1 X PALMEIRAS 4
Local: Maracanã (Rio de Janeiro). Juiz: Carlos Sérgio Rosa Martins (RS). Renda: Cr\$ 8.227.830. Público: 112.047. Gols: Jorge Mendonça 11 do 1º, Zico (pênalti) 9, Carlos Alberto Seixas 24, Pedrinho 31 e Zé Mário 45 do 2º. Expulsão: Beijoca. **FLAMENGO:** Cantarele, Toninho, Manguito, Dequinha e Júnior, Carpegiani, Adílio (Beijoca) e Zico. **Palmeiras:** Carlos Henrique, Cláudio Adão e Tita. Técnico: Cláudio Coutinho. **PALMEIRAS:** Gilmar, Rosemário, Beto, Fuscão, Poluzzi e Pedrinho, Pires, Mococa e Jorge Mendonça, Jorginho (Carlos Alberto Seixas), César (Zé Mário) e Barioninho. Técnico: Telê Santana.

Pintou o campeão. O Flamengo já começava a montar a equipe que seria a melhor do Brasil nos anos 80, mas o Palmeiras de Telê Santana surgia como o grande time de 1979. Uma multidão calada assistiu ao passeio alviverde, liderado por Jorge Mendonça. Uma vitória incontestável, que encheu de esperanças os torcedores palmeirenses.

Palmeiras 2 x Inter 3



11 de dezembro '79

PALMEIRAS 2 X INTER 3
Local: Morumbi (São Paulo). Juiz: Wilson Carlos dos Santos (RJ). Renda: Cr\$ 5.480.680. Público: 61.259. Gols: Barioninho 34 do 1º, Jair 3, Jorge Mendonça 10 e Faício 19 e 25 do 2º. **PALMEIRAS:** Gilmar, Rosemário, Beto, Fuscão, Poluzzi e Pedrinho, Pires, Mococa e Jorge Mendonça, Jorginho, Carlos Alberto Seixas (Zé Mário) e Barioninho. Técnico: Telê Santana. **INTER:** Semiteu, João Carlos, Mauro Pastor, Mauro Galvão e Cláudio Mineiro, Bonitã, Falcão e Jair, Valdomiro (Adilson), Bira e Mário Sérgio. Técnico: Euzébio.

Título decidido na semifinal. Os dois times eram superiores ao Vasco, o outro finalista, e quem passasse fatalmente chegaria ao Campeonato Brasileiro de 1979. Tudo foi resolvido no primeiro jogo, no Morumbi. Com uma atuação magistral de Falcão, o Inter virou a partida sobre o forte Palmeiras. Depois, um empate e o caminho aberto para o tri.

Flamengo 6 x Palmeiras 2



O centroavante Nunes completa a vingança 6 x 2 para o Flamengo sobre o Palmeiras.

15 de abril '80

FLAMENGO 6 X PALMEIRAS 2
Local: Maracanã (Rio de Janeiro). Juiz: Maurício José Santiago (MG). Renda: Cr\$ 5.672.260. Público: 70.389. Gols: Tita 13 e Zico 33 do 1º, Zico (pênalti) 6, Toninho 16, Tita 27, Barioninho (pênalti) 29, Mococa 36 e Nunes 43 do 2º. **FLAMENGO:** Raul, Toninho, Rondineil, Marinho e Júnior, Carpegiani, Andrade e Zico (Reinaldo), Tita, Nunes e João César (Adílio). Técnico: Cláudio Coutinho. **PALMEIRAS:** Gilmar, Rosemário, Beto, Fuscão, Poluzzi e Pedrinho, Pires, Jorginho (Carlos Alberto Seixas) e Wilson (Mococa), Lúcio, César e Barioninho. Técnico: Osvaldo Brandão.

Cinco meses depois da goleada palmeirense, o Flamengo foi à forra. Os times se encontraram no mesmo grupo na fase semifinal da Taça de Ouro de 1980 e os cariocas arrasaram. Zico e Tita brilharam na partida, que chegou a estar 5 x 0. A frágil reação alviverde ainda foi calada com o gol de Nunes, aos 43 minutos do segundo tempo.

Vasco 5 x Corinthians 2



Só dá Roberto na volta do gol ao Vasco. Jairo solta a bola e o craque faz o quarto gol.

4 maio '80

VASCO 5 X CORINTHIANS 2
Local: Maracanã (Rio de Janeiro). Juiz: Carlos Sérgio Rosa Martins (RS). Renda: Cr\$ 8.648.760. Público: 107.474. Gols: Caçapava 11, Roberto 13, 27, 37 e 39 e Sócrates (pênalti) 42 do 1º, Roberto 27 do 2º. **VASCO:** Maracópi, Paulinho 11, Juan (Vila), Leo e Paulo César, Pintinho, Guina e Edu, Wilson (João Luís), Roberto e Caniba. Técnico: Orlando Faria. **CORINTHIANS:** Jairo, Zé Maria, Mauro Amarel e Wladimir, Caçapava (Basilho), Buro-Buro e Sócrates (Djalma), Piter, Geraltão (Toninho) e Wilson. Técnico: Jorge Vieira.

O Corinthians foi vítima de uma paixão. Depois de uma frustrada experiência no Barcelona, da Espanha, o centroavante Roberto Dinamite retorna ao Vasco e dá a maior prova de seu amor ao clube: marca os cinco gols da goleada sobre os paulistas, quatro deles no incrível intervalo de 26 minutos. Uma avassaladora festa vascaína.

Flamengo 3 x Atlético 2



O atleticano Eder tenta o chute, acertado por Zico (10) logo de craques no Maracanã

1º junho 80

FLAMENGO 3 X ATLÉTICO 2

Local: Maracanã (Rio de Janeiro). Juiz: José de Assis Aragão (SP). Renda: Cr\$ 19 726 210. Público: 154 355. Gols: Nunes 7, Renaldo 8 e Zico 44 do 1º; Renaldo 21 e Nunes 37 do 2º. Expulsão: Renaldo e Nunes 37 do 2º.

FLAMENGO: Raul, Toninho, Manguito, Marinho e Júnior, Andrade, Carpegian, Adílio e Zico. Tita, Nunes e Juba César (Carlos Alberto). Técnico: Cláudio Coutinho.

ATLÉTICO: João Leite, Orlando (Silvestre), Osmar, Luizinho (Geraldo) e Jorge Valença. Chico, Toninho Cerezo e Paulinho. Pedrinho, Renaldão e Eder. Técnico: Procopio Cardoso.

Largada para Tóquio. Numa decisão empolgante, o Flamengo conquista o primeiro de seus quatro títulos nacionais e micra a caminhada para o Mundial Interclubes. Um duelo entre dois artilheiros: o atleticano Renaldo marcou o seu segundo gol machucado, mas Nunes levou seu time à conquista com um golaço.

São Paulo 3 x Botafogo 2



O centroavante Serginho marca o primeiro gol tricolor de 3 x 2 sobre o Botafogo, em

26 abril 81

SÃO PAULO 3 X BOTAFOGO 2

Local: Morumbi (São Paulo). Juiz: Britinho Zamotio (PR). Renda: Cr\$ 22 315 900. Público: 98 650. Gols: Jerson 10, Mendonça 18 e Serginho (pênalti) 44 do 1º; Everton 21 e 32 do 2º; Carlos amarelo. Oscar, Serginho, Paulo Sérgio, Zé Eduardo e Mendonça. Expulsão: Gaucho Lima.

SÃO PAULO: Waldir Peres, Gentilo, Oscar, Dario Pereyra e Marinho Chagas, Almir, Heriberto (Everton) e Renato (Assis). Paulo César, Serginho e Zé Sérgio. Técnico: Carlos Alberto Silva.

BOTAFOGO: Paulo Sérgio, Penvaldo, Gaucho, Zé Eduardo e Gaucho Lima, Rocha, Mendonça (Gimar) e Ademir Lobo. Ziza (Edson), Marcelo e Jerson. Técnico: Paurinho de Almeida.

Susto no Morumbi. O favorito São Paulo disputa a semifinal do Brasileiro de 1981 e aos 18 minutos do primeiro tempo já perde por 2 x 0 para o Botafogo. O técnico tricolor Carlos Alberto Silva arrisca tudo nos últimos 45 minutos e coloca o ponta-de-lança Everton no lugar do marcador Heriberto. Resultado: dois chutes e uma virada histórica.

Corinthians 4 x Flamengo 1



O Corinthians, de Sócrates, tinha de Flamengo por dois gols de diferença fez 4 x 1

6 maio 84

CORINTHIANS 4 X FLAMENGO 1

Local: Morumbi (São Paulo). Juiz: Arnaldo Cesar Coelho (RJ). Renda: Cr\$ 222 466 700. Público: 115 002. Gols: Biro-Biro 32 e Wladimir 38 do 1º; Edson 7, Ataliba 14 e Paulinho (contra) 21 do 2º.

CORINTHIANS: Carlos, Edson, Mauro, Jatinho e Wladimir, Paulinho, Sócrates (Wagner) e Zenon. Biro-Biro, Casagrande e Eduardo (Ataliba). Técnico: Jorge Vieira.

FLAMENGO: Fillof, Leandro, Figueredo, Mozer e Júnior, Bigu, Eder (João Paulo) e Lico (Nunes). Adílio, Edmar e Beberê. Técnico: Cláudio Garcia.

O alvinegro precisava ganhar por uma diferença de dois gols para chegar às semifinais do Brasileiro de 1984. Apesar da pressão, o primeiro gol só saiu aos 32 minutos do primeiro tempo. Ai começou o baile: Biro-Biro, Casagrande e Sócrates deram um show. Na fase seguinte, o Corinthians foi eliminado pelo Fluminense.

Guarani 3 x São Paulo 3



Depois de um 3 x 3 incrível o São Paulo vence o Guarani na decisão por pênaltis

SÉRGIO SADE

28 fevereiro 87

GUARANI 3 X SÃO PAULO 3

Local: Brinco de Ouro da Princesa (Campinas). Juiz: José de Assis Aragão (SP). Renda: Cr\$ 4 222. Público: 37 370. Gols: Nelsinho (contra) 2 e Bernardo 9 do 1º; Pita 1 e Marco Antônio Boia deiro 7 do 1º da prorrogação; João Paulo 2 e Careca 13 do 2º da prorrogação.

GUARANI: Sérgio Néri, Marco Antônio, Ricardo Rocha, Valdir Canoca e Zé Márcio, Tite (Wagner), Tostin e Marco Antônio Boia deiro, Celso (Chiquinho Carneiro), Evaré e João Paulo. Técnico: Carlos Garcia.

SÃO PAULO: Gilmar, Fonseca, Wagner, Dario Pereyra e Nelsinho, Bernardo, Silas (Manu) e Pita, Müller, Careca e Sidney (Rômulo). Técnico: Pepe.

Nem 120 minutos foram suficientes para definir o campeão brasileiro de 1986. O são-paulino Careca levou a decisão para os pênaltis, estabelecendo 3 x 3 aos 14 minutos do segundo tempo da prorrogação. Nas cobranças, vitória do tricolor por 4 x 3, repetindo a façanha de 1977.

22ª Bola de Prata

Nas rodadas finais, os jogadores de São Paulo e Bragantino saltam para as primeiras posições com toda a justiça. O volante Mauro Silva está perto de levar a Bola de Ouro. Veja na próxima edição o resultado final

GOLEIRO

1.º Ronaldo (Vit)	6,83 (18)
2.º Marcelo (Bra)	6,80 (20)
3.º Sérgio (San)	6,72 (18)
4.º Ricardo Pinto (Flu)	6,70 (20)
5.º Rafael (Atl-PR)	6,67 (12)
6.º Ronaldo (Cor)	6,59 (17)
7.º Ricardo Cruz (Bota)	6,58 (12)
8.º Gomes (Grê)	6,54 (13)
9.º Zetti (SP)	6,48 (21)
10.º Eduardo (Go)	6,38 (16)
Veiloso (Pal)	6,38 (16)
12.º Carlos (Atl-MG)	6,33 (21)
Sérgio Néri (Ba)	6,33 (15)

LATERAL-DIREITO

1.º Luiz Carlos Winck (Inter)	6,47 (15)
2.º Marlson (Ba)	6,43 (14)
3.º Gil Baiano (Bra)	6,37 (19)
4.º Odair (Pal)	6,26 (19)
5.º Ailton (Fla)	6,22 (17)
6.º Odemilson (Atl-PR)	6,11 (19)
7.º Giba (Cor)	6,06 (18)
Jairo (Vit)	6,06 (18)
9.º Levr (Nau)	6,00 (17)
10.º Cafu (SP)	5,94 (18)
11.º Paulo Roberto (Bota)	5,93 (14)
12.º Betão (Port)	5,87 (15)
13.º China (Grê)	5,83 (12)
Lopes (Spo)	5,83 (12)

ZAGUEIROS

1.º Márcio Santos (Inter)	6,88 (17)
2.º Marcelo (Cor)	6,67 (18)
3.º Ricardo Rocha (SP)	6,56 (16)
4.º Junior (Bra)	6,50 (18)
Crêber (Atl-MG)	6,50 (18)
6.º Missinho (Vit)	6,41 (17)
7.º Jorginho (Ba)	6,39 (18)
8.º Alexandre Torres (Flu)	6,29 (17)
Henrique (Port)	6,29 (14)
10.º Celio Silva (Inter)	6,20 (15)
11.º Richard (Go)	6,14 (14)
12.º Vladimir (Port)	6,13 (16)
13.º Nei (Bra)	6,10 (21)

LATERAL-ESQUERDO

1.º Leonardo (SP)	6,85 (20)
2.º Biro-Biro (Bra)	6,32 (19)
3.º Nonato (Cru)	6,00 (13)
4.º Ricardo (Inter)	5,92 (13)
Biro (Pal)	5,92 (13)
6.º Flavinho (San)	5,88 (16)
7.º Paulo Roberto (Atl-MG)	5,83 (18)
Jorge Batata (Go)	5,83 (18)
9.º Dago (Flu)	5,64 (14)



Mauro Silva, mais uma Bola para o Braga

VOLANTE

1.º Mauro Silva (Bra)	7,21 (19)
2.º Cesar Sampaio (San)	6,82 (17)
3.º Valdir (Atl-PR)	6,63 (16)
4.º Capitão (Port)	6,37 (19)
5.º Wallace (Go)	6,29 (17)
6.º Mulier (Nau)	6,18 (17)
7.º Chanes (Fla)	6,13 (15)
8.º Wilson Mano (Cor)	6,06 (17)
9.º Carlos A. Santos (Bota)	5,92 (13)
10.º Éder Lopes (Atl-MG)	5,84 (19)
11.º Ademir (Cru)	5,80 (16)
12.º Márcio (Cor)	5,73 (11)

ATAQUES

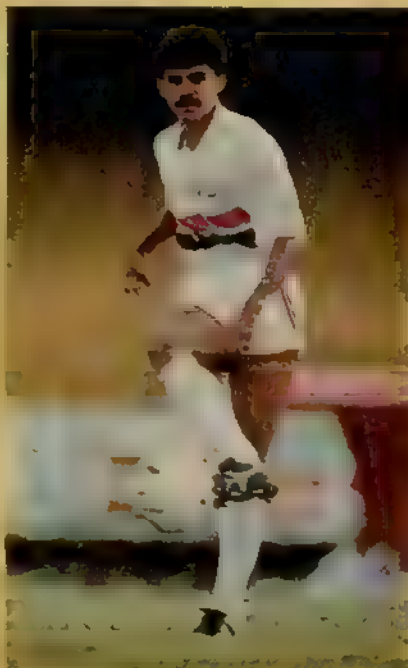
1.º Junior (Fla)	7,00 (15)
2.º Neto (Cor)	6,72 (18)
3.º Bonamigo (Inter)	6,71 (14)
4.º Luís Fernando (Inter)	6,69 (13)
5.º Luís Henrique (Ba)	6,68 (19)
André (Atl-PR)	6,68 (16)
7.º Luis C. Martins (Atl-PR)	6,67 (12)
8.º Cuca (Inter)	6,50 (12)
9.º Augusto (Nau)	6,36 (14)
10.º Rai (SP)	6,30 (20)
11.º Alberto (Bra)	6,24 (21)
12.º Edu (San)	6,21 (14)

ATACANTES

1.º Bizu (Nau)	7,07 (15)
2.º Tulio (Go)	6,81 (16)
3.º Careca (Pal)	6,79 (14)
4.º Mazinho (Bra)	6,68 (19)
5.º Mauricio (Grê)	6,67 (18)
6.º Paulo Sérgio (Cor)	6,64 (14)
7.º Paulinho (San)	6,60 (15)
8.º Naldinho (Ba)	6,58 (19)
9.º Sérgio Araújo (Atl-MG)	6,53 (19)
10.º Denner (Port)	6,50 (18)
Bobô (Flu)	6,50 (14)
12.º Helcanho (Inter)	6,46 (13)
13.º Renato Gaúcho (Bota)	6,44 (16)

BOLA DE OURO

1.º Mauro Silva (Bra)	7,21 (19)
2.º Bizu (Nau)	7,07 (15)
3.º Junior (Fla)	7,00 (15)
4.º Márcio Santos (Inter)	6,88 (17)
5.º Leonardo (SP)	6,85 (20)
6.º Ronaldo (Vit)	6,83 (18)
7.º César Sampaio (San)	6,82 (17)
8.º Tulio (Go)	6,81 (16)
9.º Marcelo (Bra)	6,80 (20)
10.º Careca (Pal)	6,79 (14)
11.º Neto (Cor)	6,72 (18)
Sérgio (San)	6,72 (18)



Ricardo Rocha disputa entre os zagueiros

Taboleiro

CAMPEONATO BRASILEIRO

45 REP A
FASE CLASSIFICATORIA

15.ª RODADA

24 abril/91

BANHIA 1 X SANTOS 0

Local: Fonte Nova (Salvador). Juiz: José Macielim (RS). Renda: Cr\$ 10.034.000. Público: 10.910. Gol: Jorgeinho 3 do 2.º. Cartão amarelo: César Sampaio, Malison, Pedro Paulo e Marcelo Jorge. **BANHIA**: Sérgio Néri(6), Mailson(8), Irineu(7), Wagner Basilio(7) e Gilvan(6). **SANTOS**: Sérgio(7), Índio(6), Camilo(7), Pedro Paulo(8) e Flavinho(5). **GOL**: César Sampaio(7), Zé Renato(4) (Mendonça sem nota) e Azeite(5). **AMARELO**: Sérgio Macielim(6) e Sérgio Santos(5). Técnico: Cabralzinho.

O JOGO: Embolado no meio de campo e sem criatividade nos 45 minutos finais. Mas bem disputado e emocionante em alguns momentos do segundo tempo, com o Bahia aproveitando sua chance e fazendo por merecer o resultado.

27 abril/91

ATLETICO-MG 2 X CORINTHIANS 0

Local: Mineirão (Belo Horizonte). Juiz: Renato Maraglia (RS). Renda: Cr\$ 21.652.500. Público: 31.260. Gol: Gérson 11 do 1.º. Alfinete 13 do 2.º. Cartão amarelo: Márcio Junior. Expulsão: Mauro 15 do 2.º.

ATLETICO-MG: Carlos(6), Alfinete(6) (Carlos sem nota), Cleber(7), Fernando(6) e Paulo Roberto(8). **ELU**(8), Amaury(7), Moacir(6) e Marquinhos(7) (Edu Lima sem nota). Técnico: Jair Pereira.

CORINTHIANS: Ronaldo(7), Gil(6), Marcello(5), Wilson Manoel(6) e Edson(5). **MARCELLO**: Ronaldo(7), Tupin(7) e Neto(5). **FABRINHO**: De-Neu(5) (Vitor sem nota). Técnico: Nelson.

O JOGO: O Atlético foi superior durante toda a partida, por sua aplicação no meio-campo e velocidade no ataque. Mereceu a vitória, e só não ampliou graças às boas defesas do goleiro.

FLUMINENSE 1 X CRUZEIRO 0

Local: Arapiranga (Rio de Janeiro). Juiz: José Aparecido de Oliveira (SP). Renda: Cr\$ 3.146.000. Público: 1.146. Gol: Renato 29 do 1.º. Pires 9 do 2.º. Cartão amarelo: Inês, Paulo Roberto, Paulo César, Marco Antônio, Bráulio e Marcello.

FLUMINENSE: Ricardo Pinheiro(6), Zé Renato(5), Valber(7), Alexandre Torres(6) e Paulo Roberto(5). **SERG**(6), Pires(7), Maciel(5) e Renato(7). **BOBÉ**(6) e Ezequiel(4). Técnico: Gilson Nunes.

CRUZEIRO: Paulo César(5), Ba-
h(5), Pautão(5), Adilson(5) e Di-
nho(4). **ADILSON**(6), Marco Antônio
Bráulio(4) e Celso(4) (Marci-
no(5), Ramon(6), Charles sem
nota). **HÉLTON**(5) e Luis Gustavo(6).
Técnico: Pedro Pires de Toledo.

O JOGO: O Fluminense conseguiu
uma incrível vitória. Poderia ter
sido mais dilatada se a super-
macia no jogo não se chocasse com a
má pontaria de seus atacantes.

28 abril/91

FLUMINENSE 1 X CRUZEIRO 0

Local: Maracanã (Rio de Janeiro).
Juiz: Claudio Cederia (RJ). Renda:
Cr\$ 50.875.500. Público: 50.646.
Cartão amarelo: Pichetti.

BOTAFOGO: Ricardo Cruz(6), Pau-
lo Roberto(6), André(6), De-
León(5) e Jefferson(6). **CARLOS**
Albino(6), Pingu(4) e Valdeir(6). **RE-
NATO**(7), Vitorino(6) e Pichetti(6).
Técnico: Valdir Espinosa.

FLAMENGO: Gilmar(7), Afonso(6),
Adilson(7), Wilson Goulard(7) e
Paulo(6) (Rogério(6)), Charles(6),
Junior(7), Marquinhos(5) e Mar-
cello(5) (Zé Renato(6), Capaci(6) e
Alcides(6)). Técnico: Wanderley
Lacerdão.

O JOGO: O Flamengo deixou de
aproveitar a má fase vivida pelo at-
lecinense Botafogo, mostrando-se
desinteressado pela vitória. Nem
parecia um time que ainda sonhava
com a Libertadores.

SÃO PAULO 3 X SPORT 0

Local: Morumbi (São Paulo). Juiz:
Marco Revende de Freitas (MG).
Renda: Cr\$ 19.024.500. Público:
18.285. Gol: Müller 42 do 1.º. Rai
10 do 2.º. Cartão amarelo: Márcio
Alcântara, Müller e Lopes.

SÃO PAULO: Zetti(6), Zé Tendo-
ro(7), Antônio Carlos(6), Ricardo
Rocha(5) e Leonardo(6). **RONAL-
DO**(5), Bernard(6) (Flavio(6))
Raf(7) e Elvécio(8). **MILLER**(6) e
Machado(6) (Mário Tili(6)). Técnico:
Telê Santana.

SPORT: Gilber(6), Givaldo(5),
Ailton(4), Marcus Alcântara(5) e
Glaucio(3). **DINHO**(6) (Mirand
nha(6)), Agnaldo(5), Ataides(5) e
Lopes(4). **MOURA**(6) e Hélio(3). **FÉ-
LIX**(4). Técnico: Arthur Bernardes.

O JOGO: Aproveitando a fragilidade
da defesa adversária, o São Paulo
partiu desde o início com a certeza
dos dois pontos. Com ataques rípi-
dos no ataque, só lhe faltou mais
verdade nas conclusões.

GRÊMIO 1 X BRAGANTINO 1

Local: Olímpico (Porto Alegre). Juiz:
José Roberto Wright (RJ). Renda:
Cr\$ 11.050.000. Público: 17.231. Gol: Sílvia 41 do 1.º. Nando 21 do 2.º. Cartão amarelo:
Vilson, Beto, Beto Júnior e Ivair.

GRÊMIO: Gomes(6), Chus(4) (Jo-
mar sem nota), João Marcelo(7), Vi-
tor(5) e Marquinhos(5). **JANDIR**(7),
Donato(5) e Mendonça(2) (Nan-
do(8)). **MAURICIO**(8), Curi(5) e João
Amoroso(6). Técnico: Dado Sati.

BRAGANTINO: Marcelo(5), Gil
Braz(6), Junior(7), Neri(7) e Beto-
Braz(7). **MAURO** Silva(7), Pineda(5) e
Alber(6). **MARINHO**(7), Sílvia(6)

(Marco Amoroso sem nota) e Ron-
do (Alfredo(6) (Luis sem nota)).
Técnico: Carlos Alberto Pereira.

O JOGO: O Grêmio, desesperado
com a ameaça de rebaixamento, foi
muito ofensivo, embora pouco ob-
jetivo. O Bragantino, cauteloso, lar-
gou no frente mas não conseguiu
segurar a vitória. Empate justo.

ATLETICO-PR 1 X PORTUGUESA 1

Local: Pinheiro (Curitiba). Juiz:
Pedro Carlos Bregada (RJ). Renda:
Cr\$ 3.740.000. Público: 3.568. Gol:
Vagner Mancini 18 do 1.º. Carlos
Amarelo (penalti) 15 do 2.º. Cartão
amarelo: Fido, Henrique, Cristiano
e Vladimir.

ATLETICO-PR: Matias(5) (To-
ninho(7)), Jorge Luis(4), Batista(6),
Luis(6) e Odair(6) (Vitor(7), Vaidir(7),
Luis Carlos, Marinho(8) e Hen-
rique(6)). **EDUARDO**(4) (Rafael(7)) Mo-
reiras(6) e André(7). Técnico: Edu.

PORTUGUESA: Rodolfo Rod-
ríguez(8), Betão sem nota (Che-
ro(6)), Vladimir(7), Henrique sem
nota (Cleber(6) e Fale(5)). **CAPU-
CÍ**(7), Denner(8) e Cristiano(7).
Técnico: Vagner Mancini(7).

O JOGO: O Fluminense conseguiu
uma incrível vitória. Poderia ter
sido mais dilatada se a super-
macia no jogo não se chocasse com a
má pontaria de seus atacantes.

O JOGO: Edm mostrou um time de
armadilha, que não rendeu no
primeiro tempo e foi surpreendido
nao contra-ataque. Veno o campe-
ões a Portuguesa veio para segurar
o resultado.

GOMAS 1 X INTERNACIONAL 0

Local: Serra Dourada (Goiânia).
Juiz: Ilson José da Costa (SP). Ren-
da: Cr\$ 6.779.000. Público: 6.685.
Gol: Tílio 41 do 2.º. Cartão amarelo:
Luis Carlos, Wince, Bonagim,
Ricardo, Boni e Richard.

GOMAS: Edmar(6) (Wilson(6),
Marcelo sem nota), Richard(7),
Bôni(7) e Jorge Batista(7). **WALLA-
CET**(7), Fagundes(6) (João(7) e La-
vaz(7)). **NIL**(6), Tílio(8) e Ca-
caci(6). Técnico: Zé Mário.

INTERNACIONAL 1 X VITÓRIA 1

Local: Carlos Wince(5). Célio Sa-
va(6). **MARCO** Santos(7) e Ri-
cardo(6). **SIMÃO**(6) (João César sem
nota) e Bonagim(7). **HELMER**(6)
Luna(7) e Luis Fernando(7). Técnico:
Enzo Andrade.

O JOGO: O gol de Tílio no final-
do primeiro o melhor desempenho
do Grêmio contra um Internacional
mediocre que chutou apenas duas
vezes a gol em noventa minutos.

NAUTICO 1 X VITÓRIA 1

Local: Afonso (Recife). Juiz: João
Paulo Araújo (SP). Renda: Cr\$
4.719.000. Público: 5.871. Gol:
João 13 e Rôbison 46 do 2.º. Cartão
amarelo: Ronaldo e Leo 11 do 2.º.

NAUTICO: Maurício(6), Levi(7), Bar-
ros(6), Freitas(6) e Roberto(5).
Müller(6) (Rôbison(7)). **LACIO** Sur-
bento(6) e Leoni(4). **NEWTON**(7),
Lac(6), Briz(6) e Pavi(6). Técnico:
Charles Muniz.

VITÓRIA: Ronaldo(6), Jairo(7),
Miguel(7), Celso(6) e Junior
Pi(7). **CACIO**(6) (Reginaldo(6) e
Amaral(6)). **BARBOSA**(5), Jairo(5) e
Dico Matos(6) (André Cas-
per(5)). Técnico: Paulo Emílio.

O JOGO: Os dois times lutaram de
superlativo para superar o fati-
sismo do rebaixamento, com pouca
técnica mas muita disposição. Os
barridos quase deixaram o Recife vi-
sionário, pois o Náutico salvou-se
em cima da hora com um gol disci-
vel — a bola teve entrada no não?

29 abril/91

LOCAL: Parque Anália (São Paulo)

Juiz: Wilson Carlos dos Santos
(SP). Renda: Cr\$ 22.648.000. Pá-

blco 18.473. Gol: Bismarck 28 e
Carmex 30 do 1.º. Soriano 15 e Car-
ca 28 do 2.º. Cartão amarelo: Cé-
sio, Zé do Carmo e Luisinho.

PALMEIRAS: Velloso(5), Odair(6),
Toninho(6), Eduardo(5) e Beto(6).
Laleano(6), Betinho(7), Jônico(6),
Lima(5) e Raniel(5) (Edval-
do(5)), Serginho(7) e Carca(8).
Técnico: Paulo César Carpegiani.

VASCO: Acácio(6), Ayupé(5), Síl-
veira(3), Jorge Luis(6) e Cássio(5).
Zé do Carmo(6), Luisinho(6), Wil-
liam(7) e Bismarck(7). **TIBÉ**(6) (Jo-
ninho(6) e Soriano(6) (Anderson sem
nota)). Técnico: Antônio Lopes.

O JOGO: Um verdadeiro clássico
com muita emoção. O Palmeiras foi
superior, criou boas chances mas foi
pouco objetivo. Já o Vasco procura-
va aproveitar as poucas oportuni-
dades que teve. Um jogo digno de
empate.

O JOGO: Cada equipe mandou em
um tempo da partida, mostrando
que estão bem preparadas para che-
gar às finais.

PORTUGUESA 1 X GOMAS 0

Local: Canindé (São Paulo). Juiz:
Edson Rezende (DF). Renda: Cr\$
3.965.000. Público: 3.840. Gol:
Betrinho 40 do 2.º. Cartão amarelo:
Vladimir, Eduardo, Jorge Batista e
Luisinho.

PORTUGUESA: Rodolfo Rod-
ríguez(6), Jossé(6), Vladimir(6), He-
nrique(7) e Charles(6). **CAPITÃO**(8),
Levi(6) e Cristiano(6). **DENEIR**(6),
Marcelino(6), Vagner Mancini(5) e
Amador(5) (Betrinho(6)). Técnico:
Cassiano Gonçalves.

GOMAS 1 X CORINTHIANS 1

Local: Pacaembu (São Paulo). Juiz:
Wilson Carlos dos Santos (RJ). Renda:
Cr\$ 29.918.000. Público:
25.873. Gol: João Amoroso 21 do
1.º. Neto 5 e 21 do 2.º. Cartão ama-
relo: Cato, Tupinzinho, Edson e
João Marcelo. Expulsão: Marqui-
nos 33 do 1.º.

CORINTHIANS: Ronaldo(8), Wilson
Manoel(5), Fernando(6), Márcio(4) e
Jacer(5) (Edson(6)). **EZEQUIEL**(6),
Tupin(6) e Neto(8). **FABRINHO**(6),
Dinei(6) (Vitor sem nota) e Paulo
Sérgio(7). Técnico: Nelson.

GRÊMIO: Gomes(6), Chus(7), João
Marcelo(6), Vitorino(6) e Marqui-
nos(4). **JANDIR**(5) (Dinei(6)). **DONATO**
ter(6) e João Amoroso(6). **MAURICIO**(7),
Cacé(6) e Nando(5). **LIAM**(5).
Técnico: Dado Sati.

O JOGO: Nervoso do início ao fim
por causa da situação, o jogo era de-
cisivo na tabela. O Corinthians usou
do para se classificar, e o Grêmio
para não cair. Como o jogo era em
São Paulo e Neto estava em campo,
o Timão levou a melhor.

VITÓRIA 1 X SÃO PAULO 2

Local: Fonte Nova (Salvador). Juiz:
Renato Maraglia (RS). Renda: Cr\$
4.485.500. Público: 5.826. Gol:
Rai 19 e Junior 14 do 1.º. Müller
34 do 2.º. Cartão amarelo: Jônir
II. Fia Dico, Macedo e Ricardo
Rocha.

VITÓRIA: Ronaldo(6), Agnaldo(4),
Miguel(6), Fui(6) (Sérgio Odi-
son sem nota) e Jônir(7). **CACIO**(6),
Tóbi(6) e Dico(7). **ARMAN-
DO**(5) (Marcelo Vitorino sem nota). **NA-
TOR**(6) e André Carpegiani(6). Técnico:
Paulo Emílio.

SÃO PAULO: Zetti(6), Cafu(6), An-
tônio Carlos(6), Ricardo Rocha(7) e
Leonardo(7). **RONALDO**(7), Flavio(6)
e Raf(7). **MILLER**(6), Macedo(5) (Mário Tili(6) e Elvécio(7)).
Técnico: Telê Santana.

O JOGO: A vitória teve chance de
ganhar no primeiro tempo, mas não
sabia aproveitar. Nos contra-ata-
ques o São Paulo garantiu o triunfo
em jogo bem disputado.

BRAGANTINO 1 X ATLETICO-MG 1

Local: Marcello Sáffari (Bragança
Paulista). Juiz: Claudio Cederia
(RJ). Renda: Cr\$ 9.290.000. Pá-
blco 8.585. Gol: Junior 6 e Edu
Lima 16 do 2.º. Cartão amarelo:
Prado, Mauro Silva, Alfinete e
Amaury.

BRAGANTINO: Marcelo(7), Gil
Braz(6), Jônir(6), Neto(6) e Beto-
Braz(6). **MAURO** Silva(6). **ALF**
to(6), Marinho(6) e Pineda(5). **SÍ-
LVIA**(5) e Ronaldo Alfinete(5). **JOÃO**
Santos(5). Técnico: Carlos Alberto
Pereira.

ATLETICO-MG: Carlos(8), Alfinete(8), Cleber(7), Fernando(6) (To-
biás(6)) e Paulo Roberto(6). **EDS**
Lopes(6), Amaury(6) e Moacir(7).
Sérgio Araújo(8), Gérson(6) e Mar-
quinhos(5) (Edu Lima(7)). Técnico:
Jair Pereira.

O JOGO: Cada equipe mandou em
um tempo da partida, mostrando
que estão bem preparadas para che-
gar às finais.

PORTUGUESA 1 X GOMAS 0

Local: Canindé (São Paulo). Juiz:
Edson Rezende (DF). Renda: Cr\$
3.965.000. Público: 3.840. Gol:
Betrinho 40 do 2.º. Cartão amarelo:
Vladimir, Eduardo, Jorge Batista e
Luisinho.

PORTUGUESA: Rodolfo Rod-
ríguez(6), Jossé(6), Vladimir(6), He-
nrique(7) e Charles(6). **CAPITÃO**(8),
Levi(6) e Cristiano(6). **DENEIR**(6),
Marcelino(6), Vagner Mancini(5) e
Amador(5) (Betrinho(6)). Técnico:
Cassiano Gonçalves.

GOMAS 1 X CORINTHIANS 1

Local: Pacaembu (São Paulo). Juiz:
Wilson Carlos dos Santos (RJ). Renda:
Cr\$ 29.918.000. Público:
25.873. Gol: João Amoroso 21 do
1.º. Neto 5 e 21 do 2.º. Cartão ama-
relo: Cato, Tupinzinho, Edson e
João Marcelo. Expulsão: Marqui-
nos 33 do 1.º.

CORINTHIANS: Ronaldo(8), Wilson
Manoel(5), Fernando(6), Márcio(4) e
Jacer(5) (Edson(6)). **EZEQUIEL**(6),
Tupin(6) e Neto(8). **FABRINHO**(6),
Dinei(6) (Vitor sem nota) e Paulo
Sérgio(7). Técnico: Nelson.

GRÊMIO: Gomes(6), Chus(7), João
Marcelo(6), Vitorino(6) e Marqui-
nos(4). **JANDIR**(5) (Dinei(6)). **DONATO**
ter(6) e João Amoroso(6). **MAURICIO**(7),
Cacé(6) e Nando(5). **LIAM**(5).
Técnico: Dado Sati.

O JOGO: Nervoso do início ao fim
por causa da situação, o jogo era de-
cisivo na tabela. O Corinthians usou
do para se classificar, e o Grêmio
para não cair. Como o jogo era em
São Paulo e Neto estava em campo,
o Timão levou a melhor.

VITÓRIA 1 X SÃO PAULO 2

Local: Fonte Nova (Salvador). Juiz:
Renato Maraglia (RS). Renda: Cr\$
4.485.500. Público: 5.826. Gol:
Rai 19 e Junior 14 do 1.º. Müller
34 do 2.º. Cartão amarelo: Jônir
II. Fia Dico, Macedo e Ricardo
Rocha.

VITÓRIA: Ronaldo(6), Agnaldo(4),
Miguel(6), Fui(6) (Sérgio Odi-
son sem nota) e Jônir(7). **CACIO**(6),
Tóbi(6) e Dico(7). **ARMAN-
DO**(5) (Marcelo Vitorino sem nota). **NA-
TOR**(6) e André Carpegiani(6). Técnico:
Paulo Emílio.

SÃO PAULO: Zetti(6), Cafu(6), An-
tônio Carlos(6), Ricardo Rocha(7) e
Leonardo(7). **RONALDO**(7), Flavio(6)
e Raf(7). **MILLER**(6), Macedo(5) (Mário Tili(6) e Elvécio(7)).
Técnico: Telê Santana.

O JOGO: A vitória teve chance de
ganhar no primeiro tempo, mas não
sabia aproveitar. Nos contra-ata-
ques o São Paulo garantiu o triunfo
em jogo bem disputado.

BRAGANTINO 1 X ATLETICO-MG 1

Local: Marcello Sáffari (Bragança
Paulista). Juiz: Claudio Cederia
(RJ). Renda: Cr\$ 9.290.000. Pá-
blco 8.585. Gol: Junior 6 e Edu
Lima 16 do 2.º. Cartão amarelo:
Prado, Mauro Silva, Alfinete e
Amaury.

BRAGANTINO: Marcelo(7), Gil
Braz(6), Jônir(6), Neto(6) e Beto-
Braz(6). **MAURO** Silva(6). **ALF**
to(6), Marinho(6) e Pineda(5). **SÍ-
LVIA**(5) e Ronaldo Alfinete(5). **JOÃO**
Santos(5). Técnico: Carlos Alberto
Pereira.

ATLETICO-MG: Carlos(8), Alfinete(8), Cleber(7), Fernando(6) (To-
biás(6)) e Paulo Roberto(6). **EDS**
Lopes(6), Amaury(6) e Moacir(7).
Sérgio Araújo(8), Gérson(6) e Mar-
quinhos(5) (Edu Lima(7)). Técnico:
Jair Pereira.

O JOGO: Cada equipe mandou em
um tempo da partida, mostrando
que estão bem preparadas para che-
gar às finais.

PORTUGUESA 1 X GOMAS 0

Local: Canindé (São Paulo). Juiz:
Edson Rezende (DF). Renda: Cr\$
3.965.000. Público: 3.840. Gol:
Betrinho 40 do 2.º. Cartão amarelo:
Vladimir, Eduardo, Jorge Batista e
Luisinho.

PORTUGUESA 1 X GOMAS 0

Local: Canindé (São Paulo). Juiz:
Edson Rezende (DF). Renda: Cr\$
3.965.000. Público: 3.840. Gol:
Betrinho 40 do 2.º. Cartão amarelo:
Vladimir, Eduardo, Jorge Batista e
Luisinho.

SANTOS 1 X PALMEIRAS 1

Local: Vila Belmiro (Santos). Juiz: Ilton José da Costa (SP). Renda: Cr\$ 18.244.000. Público: 15.203. Gols: Toninho 21 e Paulinho 32 do 2º. Cartão amarelo: Carlos Luis Carlos. Paulinho. Toninho e Júnior Santos. Sérgio (6). Índio (6). Carlinho (5). Luis Carlos (6) e Flávio (6). César Sampaio (7). Zé Renato (5) e Sérgio Muel (6). Almar (6). Paulinho (6) e Gláucio (5). Técnico: Cabralzinho.

PALMEIRAS. Velloso (6). Odair (6). Toninho (8). Eduardo (6) e Biro (6). Júnior (6). Galeano (6) e Betinho (7). Jorginho (6). Careca (5) e Edvaldo (5). (Sergio (6)) Técnico: Paulo César Carpegiani.

O JOGO: Para quem precisava da vitória, o Santos foi muito moroso — lento na saída de bola e sem criatividade no meio-campo. O Palmeiras, mais cauteloso porém com maior poder defensivo, merecia a vitória.

VASCO 3 X ATLÉTICO-PR 2

Local: São Januário (Rio de Janeiro). Juiz: Manoel Scarpim Filho (BA). Renda: Cr\$ 1.468.000. Público: 1.353. Gols: Soriano 10 e Moreno 25 do 1º; Serginho 12, Williams 14 e Bismarck 35 do 2º. Cartão amarelo: Luisinho. Ratinho. Zé do Carmo. Toninho. Serginho e Bismarck. Expulsão: Dedê 25 do 2º.

VASCO: Acácio (6). Jorge Raul (5). Sídney (5). Jorge Luis (6) (Dedê (sem nota)). César (5). Zé do Carmo (6). Luisinho (5). Williams (7) e Bismarck (6). Soriano (6). Anderson (5) e Júnior (5). Técnico: Antônio Lopes.

ATLÉTICO-PR: Tombo (6). Odemir (6). Batista (5). Fábio (5) e Ademir (6). Valerão (6) (Alceu (sem nota)). Luis Carlos Martins (6) e Moreno (6). Ratinho (6). Tico (5) (Oli (sem nota)). e Serginho (6). Técnico: Edu.

O JOGO: Boa vitória do Vasco, valorizada porque jogou com dez homens. Mostrando muita raça, sua equipe conseguiu uma vitória espetacular.

17ª RODADA

4 jun '91

PORTUGUESA X FLUMINENSE 3

Local: Caniê (São Paulo). Juiz: Aristóteles Cantalice (PE). Renda: Cr\$ 4.138.000. Público: 3.953. Gols: Renato 3, Cleber 6 e Elio 42 do 2º. Cartão amarelo: Jovian Frio. Charles e Pires.

PORTUGUESA: Rodolfo Rodi, guéz (7). Jostias (6). Vladimir (6) (Beninho (7)). Henrique (6) (Cleber (6)) e Charles (6). Caputo (7). Lú (5) e Cristóvão (6). Deemer (6). Vagner Mancini (5) e Amador (5). Técnico: Otávio Gonçalves.

FLUMINENSE: Ricardo Pinot (6). Zanata (6). Váber (6). Alexandre Torres (7) e Paulo Roberto (6) (Adão (6)). Serginho (6). Pires (6). Maculati (6) e Renato (7). Elio (6) e Márcio (6). Técnico: Gilson Nunes.

O JOGO: A Portuguesa não teve criatividade para furar o bloqueio defensivo do Fluminense e foi vítima de dois contra-ataques que permitiram a maior consciência do time.

5 maio 91

FLAMENGO 2 X CORINTHIANS 3

Local: Maracanã (Rio de Janeiro). Juiz: José Mocellim (RS). Renda: Cr\$ 12.784.000. Público: 12.807. Gols: Dinei 10, Wilson Goulado 20 e Neto 26 do 1º; Goulado 37 e Paulo Sérgio 45 do 2º. Cartão amarelo: Paulo Sérgio. Márcio. Tupacizinho. Zé Ricardo. Alando Dinei e Váber.

FLAMENGO: Gilmar (6). Charles (6).

Adilson (6). Wilson Goulado (6) e Didá (5). Zé Ricardo (5). Júnior (7) e Marquinhos (5) (Toninho (sem nota)). Alencar (6). Goulado (6) e Zinho (5) (Nelson (sem nota)). Técnico: Wanderley Luxemburgo.

CORINTHIANS: Ronaldo (6). Giba (5). Marcello (6). Wilson Manoel (6) e Jacenir (5). Márcio (5). Tupacizinho (6) (Jair (sem nota)). e Neto (7) (Violante (sem nota)). Fabinho (6). Dinei (6) e Paulo Sérgio (6). Técnico: Neyrinho.

O JOGO: Expressiva vitória do Corinthians em pleno Maracanã, já no tempo suplementar. Belo gol de falta de Neto, a aproximadamente 45 metros de distância.

PALMEIRAS 1 X BRAGANTINO 2

Local: Parque Antártica (São Paulo). Juiz: José Roberto Wright (SP). Renda: Cr\$ 32.757.000. Público: 27.687. Gols: Ronaldo Alfredo 43 do 1º. Ivair 10 do 2º. Cartão amarelo: Joeginho Ivair. Júnior. Mazinho e Aguirregaray.

PALMEIRAS: Velloso (6). Odair (6). Aguirregaray (5). Eduardo (6) e Biro (6) (Serginho (5)). Anderson (7). Galeano (5) e Betinho (6). Jorginho (5). Careca (6) e Ramel (5) (Lima (6)). Técnico: Paulo César Carpegiani.

BRAGANTINO: Mancini (6). Gil Basso (6). Júnior (8). Nei (7) e Biro-Biro (6). Mauro Silva (7). Ivair (7). Alencar (7) e Ronaldo Alfredo (6) (João Santos (7)). Silveira (6) (Marco Aurélio (sem nota)). e Marinho (7). Técnico: Carlos Alberto Pereira.

O JOGO: O Palmeiras reforçou a defesa cobrando o zagueiro André na cabeça de área, mas o ataque no meio-campo, onde deveriam ser criadas as jogadas de ataque. Por isso foi presa fácil para o combinado e eficiente Bragantino.

SÃO PAULO 1 X BOTAFOGO 6

Local: Pacaembu (São Paulo). Juiz: Dalmo Bozzano (SC). Renda: Cr\$ 39.526.000. Público: 13.552. Gols: Bernardo 18 do 1º. Cartão amarelo: Valdeir.

SÃO PAULO: Zeti (6). Cafu (5). Antônio Carlos (6). Ricardo Rocha (7) e Leonardo (6). Ronaldo (6). Demétrio (6) (Flávio (sem nota)). e Ralf (6). Macedo (7). Müller (7) (Mário Tico (6)). e Diel (6). Técnico: Telê Santana.

BOTAFOGO: Ricardo Cruz (6). Paulo Roberto (6). André (7). De Leoni (6) e Alencar (5). Carlos Aden (6). Pingo (5) e Valdeir (6). Renato Goulado (4). Vivinho (5) (Bujalini (sem nota)). e Prichetti (5) (Joaquim (5)). Técnico: Valdir Espinoza.

O JOGO: Por alguns momentos esteve de volta futebol arte creditado às equipes treinadas por Telê. Depois, na virada, o Botafogo equilibrou, mas os ataques rápidos e jogadas criadas com inteligência mostradas pelo São Paulo no primeiro tempo valeram-lhe uma boa vitória.

GRÊMIO 0 X CRUZEIRO 0

Local: Olímpico (Porto Alegre). Juiz: Cláudio Garcia (RJ). Renda: Cr\$ 9.569.500. Público: 11.259. Cartão amarelo: Pereira. Marco Antônio Bonadim e Hélder.

GRÊMIO: Garmet (6). Chini (5). João Marcelo (6). Vilson (5) e Hélder (6). Jandir (7). Domagala (3) (Dinei (4)) e João Antônio (3). Maurício (5). Nilson (6) e Nando (6). Técnico: Dado Sani.

CRUZEIRO: Pereira (7). Raul (7). Paulão (7). Adilson (8) e Nonato (5). Ademir (7). Marco Antônio Bonadim (6) e Luis Fernando (6). Hélder (5). Charles (4) e Luis Gustavo (3). Técnico: Pedro Pires de Toledo.

O JOGO: Uma partida de desesperados. O Cruzeiro armou uma cetrilha e arrancou um empate que deu xua a Grêmio a um passo da Segunda Divisão.

BAHIA 1 X INTERNACIONAL 1

Local: Fonte Nova (Salvador). Juiz: Joaquim Gregório dos Santos (CE). Renda: Cr\$ 15.510.500. Público: 16.563. Gols: Adíl (penalti) 17 do 1º. Zé Carlos 42 do 2º. Cartão amarelo: Maílson. Célio Silva e Nildo. Expulsão: Dinei e Jairo 12 do 2º.

BAHIA: Sérgio Nêr (6). Maílson (6). Paulo César (sem nota). Nildo (6). Wágner Basílio (8) e Gilvan (6). Paulo Rodrigues (7). Lima (5) e Gil (6). Naldinho (8). Luis Henrique (6) e Adíl (6) (Edemilson (6)). Técnico: Candinho.

INTER: Fernando (6). Célio Lima (7). Celso (6). Márcio Santos (6) e Daniel (5). Jilho (4). Bonamigo (8) e Luis Fernando (6) (Paulinho Crescêncio (sem nota)). Zé Carlos (7). Lima (6) e Helinho (6) (Alex (7)). Técnico: Ênio Andrade.

O JOGO: O Bahia foi melhor e merecia a vitória parcial de 1 x 0 até a expulsão dos dois jogadores do Inter. Depois os gols não mostraram raça, empataram e mereciam até valer o jogo.

NAUTICO 0 X VASCO 0

Local: Afonso (Recife). Juiz: Edson Revêdo (DF). Renda: Cr\$ 7.171.200. Público: 8.719. Cartão amarelo: Tibá e Bismarck.

NAUTICO: Mauri (7). Cafetinho (7). Barros (7). Freitas (6) e Levi (5). Müller (7). Lúcio Surubim (8). Possi (6) (Angelito (5)) e Fábio Oliveira (7) (Robson (5)). Lari (6) e Biro (7). Técnico: Charles Muniz.

VASCO: Acácio (7). Rudnei (6). Sídney (7). Jorge Luis (7) e Ayup (5). Zé do Carmo (7). Franca (6). Jânio (6) (Anderson (5)) e Williams (7). Tibá (8) (Roberto Gaudin (7)) e Bismarck (7). Técnico: Antônio Lopes.

O JOGO: O bom futebol foi prejudicado pelo gramado encharcado dos Afonso. Isso favoreceu o Náutico que mesmo assim não conseguiu marcar.

GOLÁS 3 X SPORT 1

Local: Serra Dourada (Goiânia). Juiz: Márcio Resende de Freitas (MG). Renda: Cr\$ 9.230.500. Público: 9.321. Gols: Neto (penalti) 7. Tábá 16 e 27 e Jorge Basso 30 do 2º. Cartão amarelo: Adilson. Gilbeto. Marcus Vinícius. Fagundes. Richard e Jorge Basso.

GOLÁS: Cleber (5). Wilson (7). Richech (7). Bonifá e Jorge Batista (6). Wallace (7). Fagundes (7) e Luvaton (6). Nili (6) (Joni (sem nota)). Túlio (8) e Cacau (6). Técnico: Zé Mário.

SPORT: Gilbeto (5). Lopes (6). Afonso (6). Márcio Alcantara (7) e Neto (7). Dinho (6). Marcus Vinícius (6) (Alencar (sem nota)). Aladei (6) e João (7) (Mirandinha (sem nota)). Moura (7) e Sérgio Alvest (6). Técnico: Anhur Bernardes.

O JOGO: Depois de um primeiro tempo arrasador e de abrir o marcador no início da segunda etapa, o Sport não resistiu ao melhor nível técnico do meio-campo golás. Além disso, Túlio estava em campo para desequilibrar.

ATLÉTICO-PR 3 X VITÓRIA 1

Local: Panhinho (Curitiba). Juiz: Edmundo Lima Filho (SP). Renda: Cr\$ 2.221.000. Público: 2.105. Gols: Tico 26 do 1º; Moreno 10, Tico 20 e Caco 24 do 2º. Cartão amarelo: Misinho. Ratinho. Ademir. Jairo. Júnior B. Serginho e Tonho. Expulsão: Reginaldo 32 do 2º.

ATLÉTICO-PR: Toninho (6). Odemir (7). Fábio (5). Alceu (5) e Ademir (4). Luis Carlos Martins (8). Moreno (5) e André (7). Ratinho (6) (Eduardo (sem nota)). Tico (8) e Serginho (6). Técnico: Edu.

VITÓRIA: Ronaldo (5). Jairo (4). Cel-

so (6). Missinho (6) e Júnior (8). Cacau (6). Agnaldo (5) (André Carpes (sem nota)). e Tóbi (6). Barboza (5). Júnior (5) e Amador (4) (Reginaldo (sem nota)). Técnico: Paulo Fmílio.

O JOGO: Luis Carlos Martins mostrou que é peça fundamental no esquema do Atlético e ajudou seu clube a garantir sua permanência na Primeira Divisão.

6 maio 91

ATLÉTICO-MG 4 X SANTOS 1

Local: Mineirão (Belo Horizonte). Juiz: Cláudio Cereira (RJ). Renda: Cr\$ 29.482.400. Público: 41.501. Gols: Edu 5, Paulo Roberto 22 e Paulinho 35 do 1º; Alfinele 16 e Fernando 35 do 2º. Cartão amarelo: Sérgio Araújo. Fernando Flávio e Luis Carlos.

ATLÉTICO-MG: Carlos (6). Alfinele (7). Cleber (7). Fernando (7) e Paulo Roberto (8). Eder Lopes (6). Moacir (7) e Marquinhos (7) (Adilson (sem nota)). Sérgio Araújo (6). Maurício (4). Gerson (4) e Edu (5). Técnico: Jair Pereira.

SANTOS: Sérgio (6). Índio (5). Pedro Paulo (4). Luis Carlos (5) e Flávio (6). César Sampaio (6). Zé Renato (3) (Axel (4)). Edu (5) e Sérgio Manoel (5). Almar (4) e Paulinho (6). Técnico: Cabralzinho.

O JOGO: O Atlético foi aplicado o suficiente para jogar nos erros do adversário, que não soube conter o ímpeto dos atacantes.

18ª RODADA

11 maio 91

SANTOS 3 X ATLÉTICO-PR 0

Local: Vila Belmiro (Santos). Juiz: Leo Feldman (RJ). Renda: Cr\$ 2.136.000. Público: 2.044. Gols: Paulinho 16 e Almar 31 do 1º. Paulinho 18 do 2º. Cartão amarelo: César Sampaio. Alceu. Luis Carlos Martins. Sérgio. Fido e Pedro Paulo.

SANTOS: Sérgio (7). Índio (6). Paulo Paulo (5). Luis Carlos (5) (Camilo (sem nota)). e Marcelo Veiga (6). César Sampaio (7). Zé Renato (5) (Axel (5)) e Edu (6). Almar (7). Paulinho (7) e Sérgio Manoel (7). Técnico: Cabralzinho.

ATLÉTICO-PR: Tombo (5). Odemir (5). Márcio (5). Alceu (4) (Pedrogl (5)) e Ademir (5). Ratinho (4). Luis Carlos Martins (6) (Oliveira (6)) e Eduardo (6). Tico (6) e Moreno (5) (Fernando (sem nota)). Técnico: Edu.

O JOGO: Ao contrário do que pode parecer pelo resultado, o Atlético não foi presa tão fácil para o Santos. Sua defesa e a sempre eficiente atuação do artilheiro Paulinho foram responsáveis pelo marcador justo que se verificou na Vila.

JOGO ADIADO DA 16ª RODADA

10 maio 91

CRUZEIRO 0 X FLAMENGO 2

Local: Mineirão (Belo Horizonte). Juiz: Antônio Pereira da Silva (GO). Renda: Cr\$ 4.122.700. Público: 9.283. Gols: Nêlio 10 do 1º. Nêlio 42 do 2º. Cartão amarelo: Marco Inho.

CRUZEIRO: Pereira (4). Dinho (4). Paulão (4). Adilson (3) e Nonato (5). Ademir (4). Luis Fernando (4) e Ramon (5) (Marquinho (3)). Hélder (4) (Paulinho (3)). Charles (3) e Luis Gustavo (6). Técnico: Pedro Pires de Toledo.

FLAMENGO: Gilmar (6). Afonso (6). Adilson (6) (Rogério (5)). Wilson Goulado (6) e Didá (6). Marquinhos (6). Charles (5) e Djalmir (3) (Zé Ricardo (4)). Marcelino (5). Nêlio (6) e Zinho (6). Técnico: Wanderley Luxemburgo.

O JOGO: Ainda que o Flamengo es-

tivesse sem motivação, o Cruzeiro não conseguiu tirar proveito dessa vantagem. Errou tudo o que tinha direito e o resultado, devido às suas próprias falhas, foi justo.

18ª RODADA

11 maio 91

BAHIA 1 X CORINTHIANS 1

Local: Fonte Nova (Salvador). Juiz: Aristóteles Cantalice (PE). Renda: Cr\$ 7.351.500. Público: 7.939. Gols: Luis Henrique (penalti) 2 e Neto 19 do 2º. Cartão amarelo: Wágner Basílio Lima. Adíl. Wilson Manoel. Jacenir e Paulo Sérgio.

BAHIA: Sérgio Nêr (7). Maílson (7). Jorginho (7). Wágner Basílio (6) e Gilvan (5). Paulo Rodrigues (7). Gil (6) e Lima (6). Naldinho (7). Luis Henrique (8) e Edemilson (6) (Adilson (sem nota)). Técnico: Candinho.

CORINTHIANS: Ronaldo (7). Giba (6). Marcello (7). Wilson Manoel (6) e Jacenir (5). Jairo (5). Tupacizinho (6). Deque (5) e Neto (7). Fabinho (6). Dinei (5) (Edson (sem nota)). e Paulo Sérgio (6). Técnico: Nelsonho.

O JOGO: Uma partida válida pelo segundo tempo, quando os dois times mostraram disposição e velocidade. O resultado refletiu o equilíbrio do jogo.

PALMEIRAS 0 X INTER 0

Local: Parque Antártica (São Paulo). Juiz: Edson Revêdo (DF). Renda: Cr\$ 16.668.000. Público: 14.429. Cartão amarelo: Lima. Odair. Simão. Toninho e Canica.

PALMEIRAS: Velloso (6). Odair (6). Toninho (6). Eduardo (6) e Biro (7). Jorginho (6). Ramel (7). Galeano (6) e Betinho (6). Jorginho (5). Careca (7) e Edvaldo (5). Técnico: Paulo César Carpegiani.

INTER: Fernando (8). Jairo Carlos. Winck (6). Celso (6). Márcio Santos (7) e Ricardo (6). Simão (7). Bonamigo (7) e Luis Fernando (6). Zé Carlos (7). Lima (6) e Helinho (6). Técnico: Ênio Andrade.

O JOGO: O único jogador criativo do meio-campo palmeirense Betinho não foi bem. Por isso, o Palmeiras dependeu de jogadas de bola parada, facilitando o trabalho da defesa colorada e do bom goleiro berrande.

12 maio 91

SÃO PAULO 2 X CRUZEIRO 1

Local: Morumbi (São Paulo). Juiz: José Roberto Wright (SP). Renda: Cr\$ 16.482.000. Público: 16.213. Gols: Ralf 11 e Charles 15 do 1º. Antônio Carlos 12 e Leonardo 34 do 2º. Cartão amarelo: Ademir. Ricardo Rocha. Cafu e Rogério Lage. Expulsão: Zetinho 2 do 2º.

SÃO PAULO: Zeti (6). Cafu (6) (Zé Teodoro (sem nota)). Antônio Carlos (7). Ricardo Rocha (6) e Leonardo (6) (Cláudio (sem nota)). Ronaldo (6). Hívito (6) e Ralf (7). Mário Tico (6). Macedo (6) e Elivelton (7). Técnico: Telê Santana.

CRUZEIRO: Pereira (6). Balu (6). Paulão (7). Adilson (6) e Nonato (6). Ademir (6). Marco Antônio Bonadim (6) e Luis Fernando (7). Paulinho (5) (Luis Gustavo (6)). Charles (7) e Marinho (6) (Rogério Lage (sem nota)). Técnico: Pedro Pires de Toledo.

O JOGO: Depois de um primeiro tempo fraco, o São Paulo colocou velocidade no ataque e deixou desorientada a defesa cruzeirense mantendo um tabu de derrota anos sem derrotar para o time mineiro.

FLUMINENSE 3 X SPORT 0

Local: Laranjeiras (Rio de Janeiro). Juiz: Dalmo Bozzano (SC). Renda: Cr\$ 6.494.000. Público: 6.231. Gols: Márcio 46 do 1º. Elio 3 e Renato 37 do 2º. Cartão amarelo:



Neto marcou o gol da vitória sobre o Náutico, mas não conseguiu evitar a desclassificação do Corinthians

Renato, Marquinhos, Márcio Alencar, Ailton e Dinho

FLUMINENSE Ricardo Pinto(7), Zanetti(4), Valbert(6), Alexandre Torres(7) e Dagoberto(5), Serginho(5), Macular(6) e Marçal(7), Renato(7), Lúcio(6) e Marcelo Gomes(6) Técnico Gilson Nunes

SPORT Paulo Vaz(5), Marquinhos(5), Ailton(5), Márcio Alencar(5) e Neco(5), Dinho(5), Agnaldo(6) e Marcus Vinícius(5) (Sergio Alencar sem nota) (Jocou sem nota) (Mourão(5), Helio(6) e Alencar(4), Técnico Arthur Bernardes)

O JOGO: O Fluminense jogou o ideal para garantir os dois pontos mostrando um futebol simples e eficiente contra um adversário fraco

BRAGANTINO X GOIÁS

Local: Marcello Sefiani (Bragança Paulista), Juiz: Claudio Garcia (RJ), Renda: Cr\$ 8.540.000 Público: 7.661 Gols: João Santos 16 do 1.º Cartão amarelo: Nei, João Santos e Richard

BRAGANTINO Marçal(7), Gil, Barreto(6), Júnior(6), Nei(5) e Beto, Beto(6), Mauro Silva(8), Ivair(7) e Ailton(6), João Santos(7), Sôcio(6) e Ronaldo Alfredo(6) (Marco Aurélio sem nota) Técnico: Carlos Alberto Pereira

GOIÁS Eduardo(7), Wilson(5), Beto(5), Jorge Barata(5) e Richard(5), Walter(6), Fagundes(6) e Lúcio(6), Nilinho(6) (Paulo César(6), Túlio(6) e Casca(6) Técnico: Ze Mário

O JOGO: O Bragantino não jogou bem, mas fez o suficiente para superar um adversário que deu muito trabalho. Motivado por prêmios extras oferecidos por outros clubes em concessão ao resultado, os jogadores perderam muitos gols

ATLÉTICO-MG X BOTAFOGO

Local: Mineirão (Belo Horizonte), Juiz: Joaquim Gregório dos Santos (CE), Renda: Cr\$ 53.542.000 Público: 53.542 Gols: Paulo Roberto 13 e Vitorino 43 do 1.º Vitorino 10

do 2.º Cartão amarelo: Fernando e Jefferson

ATLÉTICO-MG Carlos(5), Carlos(5), Cleber(6), Fernando(4) e Paulo Roberto(5), Eder Lopes(4), Moacir(5) e Marquinhos(5), Sérgio Araújo(4), Amaral(4), (Edu Lima(3) e Gerson(3) Técnico: Jair Pereira

BOTAFOGO Ricardo Cruz(6), Paulo Roberto(7), André(5), De Leão(6) e Jefferson(6), Djair(5), Juninho(6) e Valdeir(6), Renato Gaudêncio(6), Buiçá(5), Vivinho(6) e Pichetto(5) (Carlos Alberto Diano(4) Técnico: Valdir Espinosa

O JOGO: O Botafogo fez uma partida perfeita unicamente marcou com precisão e se aproveitou dos momentos que foi à frente

GRÊMIO X VASCO

Local: Olímpico (Porto Alegre), Juiz: Márcio Revende de Freitas (MG), Renda: Cr\$ 8.994.500 Público: 12.043 Gols: China 6 e Caio 10 do 1.º Nando 13 do 2.º Cartão amarelo: Jandir e Sidnei

GRÊMIO Gomes(8), China(6) (Norberto(6)), João Marçal(7), Vilson(7) (Hélio(6) e Helio(5)), Jandir(7), Donizete(7) e João Antônio(8), Maurício(6), Caio(8) e Nando(7) Técnico: Dino Sani

VASCO Carlos Germano(6), Jorge Raposo(4) (Ayuse(5)), Sidnei(6), De Leão(4) e Cassio(5), Franca(4), Lúcio(6) e Wilton(4), Tiba(7), Júnior(4) (Tosão(6) e Anderson(3) Técnico: Antônio Lopes

O JOGO: Jogando sua primeira boa partida em todo o campeonato, o Grêmio usou de agressividade e objetividade para fazer logo 3 x 0 e manter chances de escapar da Segunda Divisão. Para isso contou também com a ajuda do Vasco, que desperdiçou dois pênaltis

FLAMENGO X VITÓRIA

Local: Camo Martins (Niterói), Juiz: Ailton José da Costa (SP), Renda: Cr\$ 1.114.000 Público: 1.087 Gols: Djalminha 5, Barbosa 20 e

Marcelinho 40 do 2.º Cartão amarelo: Luis Carlos Ze Ricardo e Paulo Roberto

FLAMENGO Gilmar(6), Ailton(5), Wilson Gontard(6), Rogério(7) e Dinho(5), Ze Ricardo(4), Carlos(5) e Djalminha(6) (Jocou sem nota), Akindor(6) (Marcelinho(6)), Nélcio(5) e Zimbo(5) Técnico: Wanjerley Luxemburgo

VITÓRIA Romário(5), Jairo(5), Missinho(5), Sérgio Odilon(6) e Paulo Roberto(5), Cacau(4), Agnaldo(4) e Luis Carlos(4) (Trinham sem nota), Barbosa(6), Júnior(5) e Dico Maradona(4) (Antônio Carlos(4) Técnico: Paulo Emílio

O JOGO: Muito tempo no primeiro tempo quando não foi criada nenhuma situação de gol. Jogando com maior empenho na segunda etapa, o Flamengo justificou a diferença final a seu favor

NÁUTICO X PORTUGUESA

Local: Afonso (Recife), Juiz: Lúcio Antônio Lisboa (PI), Renda: Cr\$ 5.486.500 Público: 6.920 Gols: Lúcio Surubim 13 do 2.º Cartão amarelo: Lúcio Surubim, Augusto Henrique e Cristóvão

NÁUTICO Maurício(6), Cafazinho(7), Barros(7), Freitas(7) e Leão(7), Lúcio Surubim(8) (Leocsem nota), Müller(7) e Augusto(6), Newlon(5), Beto(6) e Possi(6) (Laocsem nota) Técnico: Charles Muniz

PORTUGUESA Rodolfo Rodrigues(7), Betão(7), Edier(7), Henrique(7) e Charles(6), Capitão(7), Cristiano(6) e Wagner Mancini(7), Denner(5) (Tocou sem nota), Beninho(5) e Amador(5) (Diego Aguirre sem nota) Técnico: José de Assis Aragão

O JOGO: Depois de um primeiro tempo trancado, o Náutico voltou para a etapa final disposto a se despedir de sua torcida com uma vitória. A competente defesa da Portuguesa, que parecia ter assegurado o empate, foi surpreendida por uma cabeçada do meia Lúcio Surubim

19.ª RODADA

INTERNACIONAL X SÃO PAULO

Local: Bica-Rio (Porto Alegre), Juiz: Luís Carlos Abreu (PR), Renda: Cr\$ 2.933.100 Público: 2.800 Gols: Alex 33 do 2.º Cartão amarelo: Luiz Carlos Winck, Jôlio, Ze Carlos, Alex, Antônio Carlos e Ivan

INTER Mascena(7), Luiz Carlos, Winck(6), Célio(6), Márcio Santos(8) e Ricardo(6), Bonamigo(6), Jôlio(7) e Ze Carlos(7) (Alex(7)), Helinho(5), Cuci(5) e Paulinho Crencinha(7) Técnico: Elói Santana

SÃO PAULO: Zetti(6), Ze Teodoro(7), Antônio Carlos(6), Ivair(6) e Leonardo(7), Ronaldo(6), Flávio(6) e Elcio(5) (Rinaudo(5)), Miro Tiuco(4), Macedo(5) e Elvélton(4) Técnico: Telê Santana

O JOGO: O São Paulo, já classificado, jogou com pouco entusiasmo. Disse aproveitou-se o Inter para se despedir do campeonato com uma vitória

FLUMINENSE X VITÓRIA

Local: São Januário (Rio de Janeiro), Juiz: Renato Marsiglia (RS), Renda: Cr\$ 2.729.000 Público: 2.515 Gols: Gerson 12 do 1.º, Ze do Carmo 35 do 2.º Cartão amarelo: Jorge Luís, Ze do Carmo, Carlos Alencar, Fernando Marquinhos e Joelton

VASCO: Carlos Germano(6), Jorge Raposo(6), Dedet(6), Jorge Luviz(6) e Eduardo(5) (Cássio sem nota), Ze do Carmo(7), Luvizinho(6), Wilton(6) e Bismarck(7), Sorato(6) e Bebet(4) (Tiba sem nota) Técnico: Antônio Lopes

ATLÉTICO-MG: Carlos(8), Alencar(6), Cleber(6), Fernando(6) e Paulo Roberto(5), Eder Lopes(6), Mourão(6), Amaral(6) e Marquinhos(7), Sérgio Araújo(7) (Ailton sem nota) e Gerson(6) (Jocou sem nota) Técnico: Jair Pereira

O JOGO: A partida só valeu alguma coisa para o time mineiro, que soube segurar o empate graças à boa atuação do goleiro Carlos

CORINTHIANS X NÁUTICO

Local: Pacaembu (São Paulo), Juiz: Manoel Serapiao Filho (BA), Renda: Cr\$ 36.559.000 Público: 31.884 Gols: Neto 18 do 1.º Cartão amarelo: Gena, Müller, Viola e Jacimar, Expulsão Biza 32 do 1.º

CORINTHIANS Ronaldo(6), Gêbar(6), Marçal(7), Wilson Mourão(6) e Jacimar(6) (Ailton sem nota), Ezequiel(6) e Neto(7), Fabiano(6), Volante(6) (Edson(6) e Dinho(7) Técnico: Nelsinho

NÁUTICO: Maurício(6), Cafazinho(6), Barros(7), Freitas(6) e Leão(6), Muller(7), Fábio Henriques(5) e Gena(6), Newton(6), Biza(5) e Possi(6) Técnico: Charles Muniz

O JOGO: O Corinthians começou no ataque e logo chegou ao gol. Depois se acomodou e permitiu que a partida seguisse em ritmo morto até o final. O azar foi seu — o saldo de gols insuficiente acabou separando-o da classificação

VITÓRIA X FLUMINENSE

Local: Fonte Nova (Salvador), Juiz: Joaquim Gregório dos Santos (CE), Renda: Cr\$ 14.309.000 Público: 24.534 Gols: Júnior 38 do 1.º, Pires 7 e Eze 13 do 2.º, Cartão amarelo: Dico, Jairo e Barbosa

VITÓRIA Ronaldo(7), Jairo(6), Missinho(6), Sérgio Odilon(5) e Paulo Roberto(4), Cacau(5), Agnaldo(3) e Tóbia(4), Marcelo Vitorino(5) (Barbosa(5), Júnior(5) e Dico(4) (Antônio Carlos(4) Técnico: Paulo Emílio

FLUMINENSE Ricardo Pinto(8), Zanetti(6), Valbert(6), Torres(7) e Dagoberto(5), Serginho(7), Macular(7) e Beto(8), Marçal(6) (Denilson sem nota), Eze(7) (Marcelo Vitorino sem nota) e Pires(6) Técnico: Gilson Nunes

O JOGO: Na raça o Vitória assustou o Fla no primeiro tempo. Mas na arte com o futebol de Bobó os cariocas liquidaram os baianos no segundo classificando-se para as finais e rebaixando o Vitória

BOTAFOGO X GRÊMIO

Local: Camo Martins (Rio de Janeiro), Juiz: Ailton José da Costa (SP), Renda: Cr\$ 895.000 Público: 880 Gols: Pichetto 10 do 1.º, Pichetto 1 Chiquinho (pênalti) 5 e Buiça 38 do 2.º, Cartão amarelo: João Marçal, Hélio, Pichetto e Chiquinho, Expulsão: Jandir 42 do 2.º

BOTAFOGO Ricardo Cruz(7), Paulo Roberto(6), André(7), De Leão(6) e Jefferson(7), Carlos Alberto(5), Pingot(5) e Valdeir(5) (Buiça(6)), Vivinho(5) (Renato Martins sem nota), Juninho(5) e Pichetto(8), Técnico: Valdir Espinosa

GRÊMIO: Gomes(6), Chiquinho(6), João Marçal(5), Vilson(5) e Hélio(5), Jandir(4), Donizete(5), Darci(5) e Caio(5), Maurício(6), Nando(5) e João Antônio(4) (Nilson(5)) Técnico: Dino Sani

O JOGO: Com esta merrecada vitoriosa do Botafogo, o Grêmio caiu para a Segunda Divisão. Os cariocas despediram-se apressadamente um futebol não visto há muitas rodadas

SPORT X FLAMENGO

Local: Ilha do Retiro (Recife), Juiz: Edson Revende (DF), Renda: Cr\$ 5.806.650 Público: 7.747 Gols: Júnior (contra) 19 do 1.º, Moura 10 e Marcelinho 30 do 2.º, Cartão amarelo: Wilson Gontardo, Marcelinho, Zimbo, Alcindo, Glauco e Neco, Expulsão: Gatocho 35 do 2.º

SPORT: Paulo Vitorino(6), Givato(7), Ailton(6), Lopes(7) e Glauco(7), Agnaldo(7), Dinho(7) e Joe-

cio(7) Ataíde(6); Moura(7). Fábri(5) (Mirandinha(7)) e Neco(7). Técnico: Arthur Bernardes

FLAMENGO: Gilmar(5) Ailton(7). Wilson Göttsche(6) Rogério(5) e Didal(5). Charles(6). Djalma(4) (Marcelinho(7)) e Júnior(3). Nélio(7). Gaúcho(3) e Zinho(6) (Alcindo(5)). Técnico: Wanderley Luxemburgo

O JOGO: Só um milagre garantiria a permanência do Sport na Primeira Divisão. Quando aos 19 do 1º tempo Júnior fez um incrível gol contra o milagre se concretizou

GOIÁS 3 X SANTOS 0

Local: Serra Dourada (Goiânia). Juiz: Tolstói Batista (DF). Renda: Cr\$ 6.656.500. Público: 7.061. Gols: Cacá 33 e Tólio 39 do 1º. Tólio 36 do 2º. Cartão amarelo: Tólio e Balu

GOIÁS: Cléber(7), Wilson(7), Beto(7), Jorge Batista(6) e Lira(6). Wallace(7), Fagundes(5) (Lopes(5) sem nota) e Luvizotto(6) (Marcelo Borges(5) sem nota). Técnico: Zé Mário

SANTOS: Sérgio(6), Índio(6), Pedro Paulo(5), Luís Carlos(5) e Marcelo Vergato(5). Sérgio Santos(5) (Ulisses(7)), Zé Renato(6) (Mendonça(5) sem nota) e Edu(5), Almir(6), Paulinho(7) e Azeite(6). Técnico: Carlos Costa

O JOGO: Enquanto os santistas se perdiam em campo, os goianos davam um espetáculo criando grandes chances de gol. O goleiro Sérgio ainda salvou o time paulista de uma goleada histórica

PORTUGUESA 1 X BAHIA 0

Local: Camilândia (São Paulo). Juiz: Cláudio Candeia (RJ). Renda: Cr\$ 1.640.000. Público: 1.598. Gol: Eder 21 do 1º. Cartão amarelo: Jussara. Gols: Lima

PORTUGUESA: Rodolfo Rodrigues(6), Beto(6), Cléber(6), Eder(7) e Josias(6). Capitão(7). Vagner Malcin(5) e Cristóvão(6). Denner(6). Bexinho(5) (Suave(6)) e Pereira(5). Técnico: Otacílio Gonçalves

BAHIA: Sérgio Nêto(6), Mailson(6), Jorgeinho(7), Wagner Bastião(6) e Gilvan(6). Paulo Rodrigues(7). Gil(6) e Lima(6). Edemilson(5) (Marcelinho(6)), Luis Henrique(6) e Naldinho(5) (Ronaldo Silva(6)). Técnico: Caudinho

O JOGO: O Bahia entrou em campo disposto a empatar mas foi surpreendido por um gol da Portuguesa na metade do primeiro tempo e não teve forças para reagir

CRUZINEIRO 2 X PALMEIRAS 0

Local: Independência (Belo Horizonte). Juiz: José Roberto Wright (SP). Renda: Cr\$ 3.982.000. Público: 3.982. Gols: Nonato 28 e Marcelo Antonio Bradeiro 40 do 2º. Cartão amarelo: Paulinho, Charles e Toninho

CRUZINEIRO: Pereira(4), Balu(5), Paulão(5), Adilson(6) e Nonato(7). Regino Lage(6). Iuri Fernando(5) e Marco Antonio Bonadeiro(6). Paulinho(5), Charles(6) e Mercinho(5) (Quarinho(5) sem nota). Técnico: Pedro Pires de Toledo

PALMEIRAS: Velloso(6), Odair(5), Toninho(5), Eduardo(4) (Aguirre(5) sem nota) e Ranielli(5). Jorgeinho(5). Betinho(5) e Eder(4). Técnico: Paulo César Carpegiani

O JOGO: Nem parecia que o Palmeiras precisava da vitória para escapar de uma vaga na semifinal. O Cruzeiro mesmo sem jogar bem marcou dois gols depois de dominar o adversário sem dificuldades

ATLÉTICO-PR 1 X BRAGANTINO 2

Local: Pinheirão (Curitiba). Juiz: Wilson Carlos dos Santos (RJ). Renda: Cr\$ 2.823.000. Público: 2.725. Gols: Sívio 11. Moreno 20 e Sívio 24 do 1º

ATLÉTICO-PR: Todeschini(6), Odemilson(7), Bausta(6), Alceu(4) e Ademar(6). Valdir(7), Serginho(6) e André(7). Batistão(5) (Alexandre(3)), Tico(7) e Moreno(8). Técnico: Edu

BRAGANTINO: Marcelo(8), Gil Baiano(7), Júnior(7), Nei(8) e Biro-Biro(7). Mauro Silva(8), Ivair(8) e Alberto Mazinho(7). Sívio(9) (Luís Müller(5) sem nota) e João Santos(6) (Franklin(5)). Técnico: Carlos Alberto Pereira

O JOGO: O Atlético esperava um Bragantino cauteloso por já estar classificando. Errou na marcação. O time do interior paulista jogou a maioria já no primeiro tempo com futebol forte, rápido e objetivo

SEMI-FINAIS

JOGOS DE IDA

23/março/91

ATLÉTICO-MG 1 X SÃO PAULO 1

Local: Mineirão (Belo Horizonte). Juiz: José Mocellin (RS). Renda: Cr\$ 10.102.000. Público: 53.700. Gols: Mário Tinho 26 do 1º; Cid 6 do 2º. Cartão amarelo: Cléber, Moacir, Leonardo e Cafu. Expulsão: Antônio Carlos 18 do 1º

ATLÉTICO-MG: Carlos(6), Alfinete(5), Cléber(7), Tobias(6) e Paulo Roberto(4). Eder Lopes(5). Moacir(5) (Amari(4)) e Marquinhos(4). Sérgio Araújo(3) (Maurício(5) sem nota). Gerson(3) e Edu Lima(5). Técnico: Jair Pereira

SÃO PAULO: Zetti(6), Cafu(6), Antônio Carlos(2), Ricardo Rocha(6) e Leonardo(7). Ronaldo(4), Bernardo(5) e Raul(5). Mano Trivelpy(2). Teodoro(5) sem nota. Macedo(4). Flávio(5) sem nota. Ezequiel(5). Técnico: Telé Santana

O JOGO: Faltaram talento e inspiração ao Atlético para vencer a partida. O São Paulo, mais consistente administrado, resultou, 1 a 1

FLUMINENSE 0 X BRAGANTINO 1

Local: Maracanã (Rio de Janeiro). Juiz: José Roberto Wright (SP). Renda: Cr\$ 77.712.000. Público: 74.781. Gol: Franklin 43 do 2º. Cartão amarelo: Torres e Franklin

FLUMINENSE: Ricardo Pinto(7), Zanatta(4), Valber(6), Torres(6) e Gó(4). Marcelo Gomes(5). Serginho(5). Pires(5). Macaúba(5) e Renato(4) (Márcio(5) sem nota). Bobô(5) e Ezequiel(5). Técnico: Gilson Nunes

BRAGANTINO: Marcelo(7), Gil Baiano(6), Júnior(7), Nei(6) e Biro-Biro(6). Mauro Silva(8), Alberto(6) e Mazinho(6). Ivair(6). Sívio(4) (Luís Müller(5) sem nota) e Ronaldo Alfredo(6). Franklin(7). Técnico: Carlos Alberto Pereira

O JOGO: Indiscutível vitória do Bragantino em pleno Maracanã, enfrentando o melhor time carioca. A equipe de Bragança Paulista mostrou determinação e bravura valorizando o triunfo e sua passagem para a disputa das finais frente a São Paulo ou Atlético-MG

JOGOS DE VOLTAS

1º junho/91

BRAGANTINO 1 X FLUMINENSE 1

Local: Maracanã (Rio de Janeiro). Juiz: Wilson Carlos dos Santos (SP). Renda: Cr\$ 21.043.500. Público: 14.159. Gols: Ezequiel 11. Franklin 18 do 2º. Cartão amarelo: Sandro

BRAGANTINO: Gabriel(5), Gil Baiano(6), Júnior(5), Nei(6) e Biro-Biro(6). Mauro Silva(8), Ivair(5)

(5) (Luís Müller(6)), Alberto(6) e Mazinho(7). Sívio(7) e Ronaldo Alfredo(5) (Franklin(6)). Técnico: Carlos Alberto Pereira

FLUMINENSE: Ricardo Pinto(7). Carlinhos(6), Sandro(6), Alexandre Torres(6) e Paulo Roberto(5). Serginho(5). Macaúba(5). Renato(6) e Pires(6). Bobô(6) e Ezequiel(7). Técnico: Gilson Nunes

O JOGO: Já classificado para a final, o Bragantino deu outro espaço ao Fluminense no primeiro tempo. No segundo, trocou a tática e o uniforme, reencontrando parte do futebol que o qualificou como finalista

SÃO PAULO 0 X ATLÉTICO-MG 0

Local: Morumbi (São Paulo). Juiz: Joaquim Gregório dos Santos (CE). Renda: Cr\$ 91.572.500. Público: 37.923. Cartão amarelo: Bernardo, Tobias, Edu Lima, Alfinete e Paulo Roberto

SÃO PAULO: Zetti(7), Cafu(6), Ricardo Rocha(8), Ronaldo(6) e Leonardo(7). Flávio(6). Bernardo(6) e Raul(6). Mário Tinho(6) (Sérgio(5) sem nota). Macedo(5) e Flávio(6). Técnico: Telé Santana

ATLÉTICO-MG: Carlos(6), Alfinete(6), Fernando(7), Tobias(6) e Paulo Roberto(6). Eder Lopes(7), Amari(6) (Alfinete(6)) e Marquinhos(6). Sérgio Araújo(6), Gerson(5) e Edu Lima(7). Técnico: Jair Pereira

O JOGO: O São Paulo foi lento na saída para o ataque e desperdiçou quando criou oportunidades de gol. O Atlético não soube se aproveitar disso e perdeu a classificação para jogar a final contra o Bragantino

Artilheiros

Paulinho (Sant) 15; Tólio (Goi) 13; Neco (Cor) e Charles (Cru) 11; Ezequiel (Flu) e Beto (Nau) 10; Gerson (Atl-PR) 9; André (Atl-PR), Raul (SP) e Sorato (Vas) 7; Mazinho (Bta), Lima (Inter), Caraca (Pal), Nélio (Sport) e Júnior (Vit) 6; Alberto (Bta), Bobô (Renato) (Fla) e Macedo (SP) 5; Edu (Atl-MG), Moreno (Eder) (Atl-MG), Adin, Luís Henrique (Bta), Buica, Renato Gaúcho (Bta), Gaúcho, Nélio (Fla), Caraca (Goi), Betinho (Pal) e Vagner Mancini (Port) 4; Marquinhos, Moacir (Atl-MG), Jorginho, Naldinho (Bta), Valdeir (Bta), Giba (Cor), Marcelinho, Nélio (Fla), Caca, Helei-

abo (Inter), Müller (SP), Zé do Carmo, Bebeto (Vas) e Barbosa (Vit) 3

Artilheiros negativos

Ademar, Jorge Luís (Atl-PR), Nei (Bta), Paulão (Cru), Júnior (Fla), Richard (Goi), Luiz Carlos Wundt (Inter), Barros (Nau) e Jorge Luís (Vas) 1

Expulsões

Bobô (Flu) 3; Marcelo Jorge (Bta), Paulo Roberto (Bta), Jaceir Márcio e Mauro (Cor), Ademir (Cru), Wilson (Goi), Daniel (Inter), Beto (Vit) 2; Ailton, Cléber, Edu Marquinhos, Maurício e Paulo Roberto (Atl-MG); Eduardo (Atl-PR); Paulo César (Bta); Renato Martins (Bta), Biro-Biro, Franklin, Gil Baiano, Ivair, Mauro Silva e Mazinho (Bta); Fabinho, Guimé e Jairo (Cor), Andrade, Luís Fernando e Paulão (Cru), Gaúcho (Fla), Macaúba e Zanatta (Flu), Beto (Goi), João Marcelo, Dami, Donizete, Jandir e Marquinhos (Grê), Caca, Heleiabo, Nélio, Luís Fernando, Luiz Carlos Wundt e Márcio Santos (Inter), Ezequiel, Leo e Newton (Nau), Bruno Galcano, Júnior e Ransel (Pal), Charles e Henrique (Port), Edu e Flávio (Sant), Antônio Carlos, Cafu e Ezequiel (SP), Givaldo (Sport), Dudá, Emerson, Jorge Luís e Luciano (Vas), Agnaldo, Barbosa, Cacá, Dima e Reginaldo (Vit) 1

Melhores médias de renda (Cr\$)

1.º Corinthians	21.218.888
2.º Atlético-MG	21.086.081
3.º Botafogo	19.633.594
4.º Flamengo	18.953.892
5.º São Paulo	18.558.203
6.º Internacional	16.186.771
7.º Palmeiras	15.829.076
8.º Cruzeiro	13.647.263
9.º Vasco	13.622.532
10.º Fluminense	13.313.933
11.º Bragantino	11.481.938
12.º Grêmio	10.809.487
13.º Bahia	10.544.650
14.º Vitória	10.119.242
15.º Sport	9.435.770
16.º Santos	8.370.940
17.º Náutico	8.573.513
18.º Portuguesa	8.296.489
19.º Atlético-PR	8.100.810
20.º Goiás	7.868.179

COLOCACÃO - FASE CLASSIFICATÓRIA

CLASSIFICAÇÃO	PG	J	V	E	D	GP	GC
1.º São Paulo	26	19	11	4	4	26	14
2.º Bragantino	26	19	9	9	2	27	14
3.º Fluminense	24	19	10	4	5	28	19
4.º Atlético-MG	24	19	8	8	3	29	19
5.º Corinthians	24	19	8	8	3	23	17
6.º Palmeiras	22	19	7	8	4	20	19
7.º Inter	20	19	5	10	4	19	16
8.º Santos	19	19	7	5	7	23	20
9.º Flamengo	19	19	7	5	7	19	24
10.º Portuguesa	19	19	5	9	5	14	15
11.º Vasco	19	19	4	11	4	22	26
12.º Botafogo	18	19	6	6	7	19	21
13.º Bahia	18	19	5	8	6	16	18
14.º Náutico	17	19	7	3	9	19	25
15.º Goiás	17	19	6	5	8	27	24
16.º Cruzeiro	16	19	5	6	8	23	28
17.º Atlético-PR	15	19	5	5	9	27	29
18.º Sport	13	19	4	5	10	15	30
19.º Grêmio	12	19	3	6	10	15	24
20.º Vitória	12	19	3	6	10	17	27

Melhores

médias de público

1.º Atlético-MG	23.117
2.º Corinthians	19.456
3.º Flamengo	19.417
4.º Botafogo	19.026
5.º São Paulo	16.837
6.º Cruzeiro	16.500
7.º Internacional	15.066
8.º Fluminense	14.031
9.º Palmeiras	13.976
10.º Vasco	13.173
11.º Grêmio	11.563
12.º Bahia	11.255
13.º Bragantino	11.154
14.º Vitória	11.088
15.º Sport	10.894
16.º Santos	10.583
17.º Goiás	9.135
18.º Náutico	9.021
19.º Portuguesa	8.485
20.º Atlético-PR	8.157

SEGUNDA FASE

JOGOS DE VOLTAS

28/abril/91

Sampaio Correa 0 x ABC 0

(No penalti: ABC 4 x 1)

Ceará 1 x Paysandu 1

Americano 4 x CSA 0

Santa Cruz 4 x Desportiva 0

Nordestino 2 x Noroeste 0

Londrina 1 x Paraná 1

Botafogo SP 1 x Guarani 1

Quartas-de-final

JOGOS DE IDA

1º maio/91

ABC 1 x Paysandu 0

Americano 1 x Santa Cruz 0

Paraná 1 x Coritiba 1

Guarani 1 x Nordeste 1

JOGOS DE VOLTAS

5/março/91

Paysandu 3 x ABC 1

Santa Cruz 3 x Americano 2

Coritiba 4 x Paraná 0

Nordeste 1 x Guarani 2

JOGOS DE IDA

5/março/91

Paysandu 1 x Americano 0

(Nos penaltis: Paysandu 5 x 4)

Guarani 1 x Coritiba 0

(Nos penaltis: Guarani 5 x 4)

FINAL

1.º JOGO

19/março/91

Guarani 1 x Paysandu 0

2.º JOGO

26/março/91

PAYSANDU 2 X GUARANI 0

Local: Alair Nunes (Bocim). Juiz: Manoel Serapião Filho (BA). Renda: Cr\$ 30.428.500. Público: 34.192. Gols: Cacá 22 e Dudinho 36 do 2º. Cartão amarelo: Mauchito e Jerson. Expulsões: Jura Julmar, Valmir, Biro-Biro, Edson e Zé Roberto 36 do 2º

PAYSANDU: Luiz Carlos, Paulo Cruz, A. Leo e Pedrinho, Edgar Oberdan e Maurício (Jorginho Macapá), Cacá, Dudinho e Jerson. Técnico: Joel Martins

GUARANI: Marcos Garga, Jura, Vladimir (Zé Roberto), Julmar e Valmir. Biro-Biro, Edson, Nenê, Adriano e Vander Luis. Volme e Claudinho. Técnico: Pepe

O JOGO: Após segundo gol do Paysandu, seis jogadores do Guarani saíram sendo expulsos. O Guarani acabou encerrando a partida aos 36 minutos de segundo tempo

COPA DO BRASIL

QUARTAS-DE-FINAL

1.º JOGO

8/março/91

Corinthians 1 x Grêmio 1

SEMIFINAL

1.º JOGO

12/março/91

Remo 0 x Criciúma 1

QUARTAS-DE-FINAL

2.º JOGO

15/março/91

Grêmio 2 x Corinthians 1

SEMIFINAL

2.º JOGO

19/março/91

Criciúma 2 x Remo 0

QUARTAS-DE-FINAL

1.º JOGO

22/março/91

Coritiba 1 x Grêmio 1

2.º JOGO

25/março/91

Grêmio 1 x Coritiba 0

FINAL

1.º JOGO

30/março/91

Orcinho 1 x Criciúma 1

2.º JOGO

2/junho/91

Criciúma 0 x Grêmio 0

Local: Helder Hulse (Criciúma);

Juiz: Cláudio Cordeira (RJ); Renda:

Cf\$ 21 359 000; Público: 19 525;

Cartão amarelo: Sarandi, Altair,

Soares, Chiquinho, João Marcelo e

Donizete; Expulsão: Gélson e Mau-

ricio 7 do 2.º

CRICÍUMA: Alexandre, Sarandi,

Vilmar, Altair e Itá; Roberto Cava-

lo, Gélson e Grizzo (Vanderlei); Zé Roberto, Soares e Jairo. Técnico: Luis Felipe

GRÊMIO: Sidmar, Chiquinho, João Marcelo, Vilson e Hélio; Norberto, Donizete e João Antônio; Maurício, Nando (Darcy) e Caio. Técnico: Dino Sani

Com esses resultados, o Criciúma, campeão da Copa do Brasil, será um dos representantes do Brasil na Taça Libertadores da América em 1992.

AMISTOSO INTERNACIONAL

28/março/91

BRASIL 3 x BULGÁRIA 0

Local: João Havelange (Überlândia); Juiz: José Roberto Wright (Brasil); Renda e Público: não divulgados; Gols: Neto 18 e João Paulo 24 do 1.º, Neto 24 do 2.º

BRASIL: Sérgio, Mazinho (Odair), Wilson Götardo, Márcio Santos (Júlio César) e Branco (Lina); Márcio, Valdir e Neto (Denner); Almir (Luis Henrique), Careca e João Paulo (Vanderlei); TCHINKU, TANKO

BULGÁRIA: Nikolov (Kanshev), Dimitrov, Stulin Angelov, Slavichev e Dimov; Georgiev, Todorov, Mescov e Demian; Kirov e Jordanov (Alexandrov). Técnico: Christo Andonov

TACA LIBERTADORES

OITAVAS-DE-FINAL
JOGOS DE VOLTA

24/abril/91

Nacional (Uru) 1 x Bolívar (Bol) 1

Colo-Colo (Chi) 2 x

Universitário (Peru) 1

Cerro Porteño (Par) 2 x

Oriente Petrolero (Bol) 0

Corinthians (Bra) 1 x

Boca Juniors (Arg) 1

Flamengo (Bra) 5 x Tachira (Ven) 0

25/abril/91

América (Col) 3 x

Concepción (Chi) 3

Nacional (Col) 2 x

Liga Universitaria (Eq) 0

26/abril/91

Olimpia (Par) 2 x Colegiales (Par) 1

QUARTAS-DE-FINAL

JOGOS DE IDA

1.º/março/91

Flamengo (Bra) 2 x

Boca Juniors (Arg) 1

2.º/março/91

Nacional (Col) 0 x América (Col) 0

Olimpia (Par) 0 x Cerro

Porteño (Par) 1

3.º/março/91

Colo-Colo (Chi) 4 x Nacional (Uru) 0

JOGOS DE VOLTA

1.º/março/91

Boca Juniors (Arg) 3 x

Flamengo (Bra) 0

Nacional (Uru) 2 x Colo-Colo (Chi) 0

Cerro Porteño (Par) 0 x

Olimpia (Par) 3

10/março/91

América (Col) 0 x Nacional (Col) 2

SEMIFINAIS

JOGOS DE IDA

16/março/91

Boca Juniors (Arg) 1 x

Colo-Colo (Chi) 0

Nacional (Col) 0 x Olimpia (Par) 0

JOGOS DE VOLTA

22/março/91

Colo-Colo (Chi) 3 x

Boca Juniors (Arg) 1

23/março/91

Olimpia (Par) 1 x Nacional (Col) 0

FINAL

JOGO DE IDA

29/março/91

Olimpia (Par) 0 x Colo-Colo (Chi) 0

CAMPEONATO ITALIANO

34.ª RODADA

20/março/91

Torino 0 x Atalanta 0

Cagliari 1 x Bari 1

Napoli 3 x Bologna 2

Cesena 0 x Fiorentina 4

Lecce 0 x Inter 2

Genoa 2 x Juventus 0

Milan 0 x Parma 0

Pisa 0 x Roma 1

Lazio 3 x Sampdoria 3

CLASSIFICAÇÃO FINAL

1.º Sampdoria 51; 2.º Milan e Inter

46; 4.º Genoa 40; 5.º Parma e Torino

38; 7.º Juventus e Napoli 37; 8.º Roma

36; 10.º Atalanta e Lazio 35; 12.º

Fiorentina 31; 13.º Bari e Cagliari 29;

15.º Lecce 25; 16.º Pisa 22; 17.º Cesena

19; 18.º Bologna 18

COPAS EUROPEIAS

SEMIFINAIS

JOGOS DE VOLTA

24/abril/91

COPA DOS CAMPEÕES

Olympique (Fran) 2 x Spartak

Moscou (URSS) 1

Estrela Vermelha (Ing) 2 x

Bayern (Ale) 2

RECOPA

Juventus (Ita) 1 x Barcelona (Esp) 0

Manchester United (Ing) 1 x

Legia Varsóvia (Pol) 1

COPA DA UEFA

Roma (Ita) 2 x Brondby (Din) 1

Internazionale (Ita) 2 x

Spartak (Mos) 0

Final

COPA DA UEFA

JOGO DE IDA

22/março/91

Internazionale (Ita) 2 x Roma (Ita) 0

RECOPA

Final

13/março/91

Local: Roterdã (Holanda)

Barcelona (Esp) 1 x

Manchester United (Ing) 2

COPA DA UEFA

JOGO DE VOLTA

22/março/91

Roma (Ita) 1 x Internazionale (Ita) 0

COPA DOS CAMPEÕES

FINAL

29/março/91

Local: Bari (Itália)

Olympique (Fran) 0 x

Estrela Vermelha (Ing) 0

(Nen pênalti, Estrela

Vermelha 5 x 3)

Com esses resultados, a Internazionale

conquistou a Copa da UEFA; o Man-

chester, a Recopa; e o Estrela Ver-

melha sagrou-se campeão da Copa dos

Campeões da Europa e disputa no dia

8 de dezembro, em Tóquio, a final do

Mundial Interclubes, contra o cam-

peão da Libertadores.

TORCEDOR ROXO, VISTA A CAMISA DO SEU TIME.

A Foot Sport tem os uniformes oficiais dos grandes clubes do Brasil e do Exterior. Além disso, oferece uma ampla linha de produtos esportivos. Não fique fora dessa jogada. Preencha em letra de forma o pedido de compra até a data de validade e receba pelo correio a sua encomenda do seu time do coração.

OS PRODUTOS FOOT SPORT

ENTÃO ENCOMENDE

NESTES CLUBES/SELEÇÕES

CLUBES NACIONAIS

SÃO PAULO

S.E. PALMEIRAS

C.R. FLAMENGO

C.R. VASCO DA GAMA

BOTAFOGO

FLUMINENSE F.C.

E.C. CORINTHIANS P.

C.A. MINERIO

A.A. PORTUGUESA DESP.

SANTOS F.C.

E.C. BAHIA

CRUZEIRO E.C.

INTERNACIONAL PA.

GRÊMIO F.P.A.

C.A. PARANAENSE

CORITIBA F.C.

CLUBES INTERNACIONAIS

OLYMPIQUE MARSEILLE

PARIS SAINT GERMAIN

BARCELONA

REAL MADRID

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA

BARCELONA



PEDIDO DE COMPRA

SIM, QUERO ADQUIRIR O(S) PRODUTO(S) FOOT SPORT RELACIONADOS ABAIXO, PAGANDO QUANDO RECEBER A ENCOMENDA PELO REEMBOLSO POSTAL.

QUANT.	MODELO, COR, TAM.	N.º DAS COSTAS, CLUBE	VALOR C=
1			00
2			00
3			00
4			00
5			00
6			00

INFORMAÇÕES E PEDIDOS: FAX (0192) 70.40.86

FONE (0192) 70-2088 TELEX (019) 1685

TOTAL C= 00

NOME _____

ENDEREÇO _____ N.º _____

CIDADE _____ ESTADO _____ CEP _____

FONE _____ ASSINATURA _____

CPF _____ VALIDADE DESTA OFERTA: 28/07/91

13900 - AMPARO - SP

FOOT SPORT

CARTÃO-RESPOSTA

MÃO E NECESSÁRIO SELAR

ISR - 40-3248/84
U.P. - AMPARO
DR/SÃO PAULO

FOOT SPORT
INFORMAÇÕES E PEDIDOS:
FONE: (0192) 70-2088
TELEX (019) 1685

VALIDADE DESTA OFERTA: 28/07/91

N.º	PRODUTO	VALOR C=
1	BONÉ PERSONALIZADO	3.800,00
2	BOLA JÚNIOR N.º 5 PERSONALIZADA	8.800,00
3	CAMISA REGATA	6.800,00
4	AGASALHO OFICIAL	29.900,00
5	CAMISA OFICIAL MANGA LONGA	12.900,00
6	CAMISA OFICIAL N.º 1 e 2 MANGA CURTA	8.800,00



O catarinense Ozildo sonha com este poster

Poster do campeão da Copa do Brasil

Compro poster do Flamengo, campeão da Copa do Brasil de 1990, Ozildo S. dos Reis Av. Ganchos, 687 Gov. Celso Ramos, SC

O pedido do Clube do Torcedor

Como membros do Clube do Torcedor de Florianópolis, pedimos a volta urgente das edições semanais de PLACAR.

Leandro Goulart
Adalberto Jorge Kluser
Florianópolis, SC

Coletor de livros sobre futebol

Compro livros e revistas brasileiras sobre futebol ou futebol de salão.

Jesus Diez Gomes
Santander, Espanha

Solidariedade entre tricolores

Quero manifestar minha solidariedade à torcida do Grêmio devido à má campanha da equipe no Campeonato Brasileiro. Sou simpatizante do Fluminense e vivi situação semelhante no ano passado. Apóiem seu clube e cobrem dos dirigentes times competitivos no futuro.

Márcio José C. dos Santos
Brasília, DF

Um escudo para os botanistas

Por que vocês não voltam a publicar os escudinhos para times de futebol de botão? Sugiro que inicialmente sejam publicados escudos de clubes estrangeiros. Não apenas eu, mas todos os amantes do futebol de mesa iriam adorar.

Rodrigo Lestrade Pedrosa
Santos, SP

Aguarde, Rodrigo. Em breve, PLACAR voltará a atender os desejos dos jogadores de futebol de botão. Para início de conversa, vai aí o escudo da Sampdoria, campeã italiana desta temporada.



Sampdoria

O Atlético tem mais torcida que o Coritiba

Sou torcedor do Atlético-PR e quero manifestar meu protesto contra a edição especial das maiores torcidas do Brasil sobre o Coritiba. A torcida atleticana é muito maior do que a coxa-branca e também merecia uma revista.

Marcelo Schiavoy
Curitiba, PR

Acróstico ao maior

Bola na rede adversária é sempre uma rotina
Ontem, hoje e sempre respeitado e temido
Trajetória constante de grandes conquistas
Abençoado pelo Cristo que ilumina a "Cidade Maravilhosa"
Família alvinegra campeã desde mil novecentos e sete
Orgulho de toda uma geração
Glorioso Fogão, não podes perder, perder pra ninguém...
Ostentando a bandeira vitoriosa em todas as competições

De Mal. Hermes a Gal. Severiano; do Caio Martins ao Maracanã
Emocionando cada vez mais a sua imensa galera

Festa no Mourisco: é mais uma vitória do Bota!
Um grito aqui, outro acolá, o Brasil se veste de preto e branco
Torcidas organizadas: a camisa doze incansavelmente fiel
Eternizado e imortalizado pelos dribles do "Seu Mané"
Bola na rede, bola na cesta, bola na quadra...
Ontem, hoje e sempre
Liderando em diversas modalidades

Estrela solitária sempre viva e brilhante

Rio, de janeiro a dezembro é um grito só: Fogo!!!
Explode de alegria a torcida da Academia carioca
Grandes craques, grandes ídolos
Atemorizando e infernizando a vida dos adversários
Títulos inéditos e inesquecíveis
Agosto de mil novecentos e quatro
Surge então o imponente e glorioso BOTAFOGO.

Namir Chaves Souto
Poços de Caldas, MG



Editora Abril

PLACAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

SÃO PAULO

Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Fleury
Gomes, 61, Brooklin, CEP 04573-3, Caixa Postal 2372, tel.: (011)
534-5344, Telex (011) 57357, 57359 e 57382, FAX: (011)
534-5838, Telegramas: Editabril/Abrilpress, Administração:
Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511,
532-3011/0115

BRASIL

Belo Horizonte: av. Marília de Dirceu, 226, 6.º e 7.º andares,
Bairro de Lourdes, CEP 30170, tel.: (031) 275-2388, Telex
(031) 1085, FAX: (031) 337-2168

Blumenau: av. Martin Luther, 111, Edifício Master Center
Empresarial, sala 709, CEP 89010, tel.: (047) 31-22-4377

Brasília: SCN - Quadra CN 1, Lote C, Edifício Brasília Trade Center,
14.º e 15.º andares, CEP 70710, tel.: (061) 321-8855, Telex
(061) 1464-1136, FAX: (061) 226-7532, Telegramas: Abrilpress

Campinas: r. Sacramento, 125, 13.º andar, conj. 131/133,
Centro, CEP 13013, tel.: (019) 33-7100, Telex (019) 3311,
FAX: (019) 22-3381

Carapicuíba: r. Ametista, 85, Cooperápolis, CEP 79000,
Caixa Postal 57, tel.: (067) 387-3685

Cuiabá: r. Castelo Branco, 123, CEP 78020, Caixa Postal 445,
tel.: (065) 321-0821 e 322-7466

Duritiba: av. Cândido de Abreu, 851, 7.º e 12.º andares,
Bairro Centro Cívico, CEP 80530, tel.: (041) 252-6956,
Telex (041) 20123, FAX: (041) 254-3455, tel.: (atendimento ao
assinante) (041) 262-6566

Florianópolis: av. Oamar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, conj.
101, Centro, CEP 88015, tel.: (048) 22-7626, Telex (048)
1004, FAX: (048) 22-7626

Fortaleza: av. Santos Dumont, 3080, salas 418-420-422, Al-
deota, CEP 80150, tel.: (085) 244-0410, Telex (085) 1607

Goiânia: r. 25, n.º 55, Setor Marista, CEP 7410, tel.: (062)
257-1915

João Pessoa: av. Epitácio Pessoa, 201, sala 206, Centro,
João Pessoa - PB, tel.: (083) 221-9328

Novo Hamburgo: av. Santa Gonçalves, 2637, 7.º andar, sala
704, CEP 93510, tel.: (051) 93-9891

Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 305,
Bairro Menino Deus, CEP 90080, tel.: (051) 29-4177/29-5899,
Telex (051) 1052, Telegramas: Abrilpress, FAX: (051) 29-4857

Recife: av. Dantas Barreto, 1188, 8.º andar, conj. 901 e 904,
Bairro São José, CEP 50000, tel.: (081) 424-3333, Telex (081)
1184, FAX: (081) 354-3885

Ribeirão Preto: av. Presidente Vargas, 1033, Alto da Boa Vista,
CEP 14020, tel.: (016) 623-4262/4291, Telex (016) 4457,
FAX: (016) 623-2789

Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º e 11.º andares, Bota-
fogo, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674,
FAX: (021) 275-8347, Telegramas: Editabril/Abrilpress

Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Edifício Omega, 3.º e 5.º
andares, salas 303 e 502, Bairro Piruba, tel.: (071) 371-4999,
Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583

São José dos Campos: r. Francisco Barling, 143, Centro, CEP
12245, tel.: (012) 21-1125

Vitória: r. Alberto Oliveira Santos, 42, 10.º andar, sala 1011,
CEP 29010, tel.: (027) 222-3185, FAX: (027) 222-6219

EXTERIOR

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, NBR 3403,
New York, N.Y. 10165-3403, Phone: (001) 212 557-5990-5993,
Telex (001) 237870, FAX: (001) 212 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (0033)
42 66 21 18, Telex (0042) 680731 ABRILPA, FAX: (0033)
42 66 13 59

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral

VEJA • GUIA RURAL
ALMANAQUE ABRIL • SUPERINTERESSANTE

Economia e Negócios

EXAME

Automobilismo e Turismo

QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes

PLACAR

Masculinas

PLAYBOY

Femininas

CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA
MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHIO
MAXIMA

Decoração e Arquitetura

CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

PUBLICAÇÕES DA EDITORA AZUL

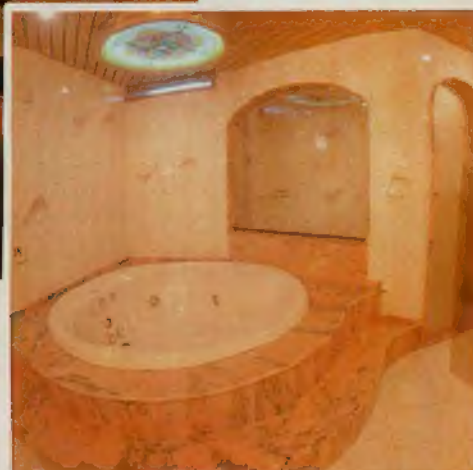
BIZZ • BOA FORMA • BODYBOARD
CARICIA • CONTIGO • FLUIR • HOROSCOPO
INTERVIEW • SAUDE • SET • SEMANÁRIO
SKATING

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL JOVEM

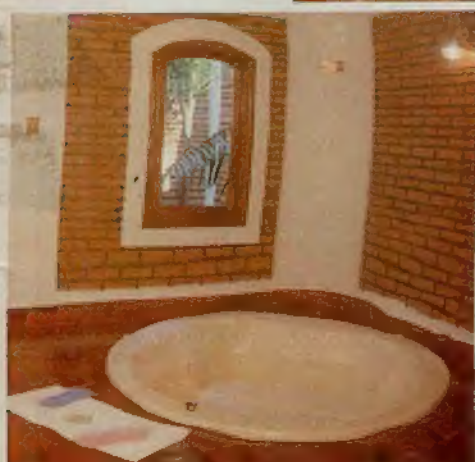
PATO DONALD • MICKEY • ZÉ CARIOCA
TIO PATINHAS • MARGARIDA • URTIGAO
DISNEYLANDIA • ALMANAQUE DISNEY
SELEÇÃO DISNEY • EDIÇÃO EXTRA
DISNEY ESPECIAL • ALEGRIA ESPECIAL
BRINQUE COMIGO • MINI CRUZADAS
LIGA DA JUSTIÇA • GRAPHIC MARVEL
SUPER-HOMEM • SUPER-HEROÍNAS MARVEL
HOMEM ARANHA • HULK • OS CAÇADORES
SPIRIT • GROO • CONAN REI • STORM
CONFLITO DO VIETNAM • GRAPHIC NOVEL
CONAN • MENINO MALUQUINHO
TOM E JERRY • DOLINA • LULUZINHA
OS TRAPALHÕES • ALMANAQUE DO GUGU

PUBLICAÇÕES DA
FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA
NOVA ESCOLA • SALA DE AULA

Suite
Imperador



Duplex
Master



Suites finamente decoradas e com muito bom gosto.
A melhor opção para quem exige comodidade e sofisticação.
Libere suas fantasias.

Colonial Palace Av. Prof. Abrão de Moraes, 966 (cont. da Av. Ricardo Jafet)
Telefones (011) 581-0666 - 578-4602 - 577-6391

NATURA

SUGAR FREE

SAÚDE E BOA FORMA



GINSENG GILTON SANTE-U®
ENERGIA VITAL DO GINSENG GILTON SANTE-U® é bioestimulante, combate o stress, a debilidade orgânica e restaura as energias.

APRESENTAÇÕES:

Pó - Caixas com 25 e 50 sachets
Cápsulas - Frascos com 150
Xarope - Frasco com 150ml
Registro M.S. nº 1.0324.0014
Certificado de Marca nº 814.247.911
e 814.247.920.



AKHAUMA GILTON® - Elaborado a base de quatro plantas medicinais. Indicado como sedativo, regulador do sistema nervoso, auxilia na hipertensão e no combate a insônia.

APRESENTAÇÕES: Líquido - Frasco com 100ml

Drágeas - Frascos com 30
Registro M.S. nº 0324.0038.002-0
Certificado de Marca nº 814.247.920



GUARANÁ GILTON® -

Puro Guarana de Maués (Amazonas), potente revigorante, ativa as funções vitais e combate o Stress. Fonte natural de energia.

APRESENTAÇÕES:

Pós solúvel - Caixa com 50 sachets

Pastilhas - Caixa com 60
Xarope - Frasco com 150ml
Registro M.S. nº 0324.0024
Certificado de Marca nº 810.843.340,
780.213.556 e 810.843.358.



NATURAL GELATIN GILTON® - Gelatina Natural de alta potência e qualidade. Contém 247 bloms, onde são encontrados todos os aminoácidos necessários à célula proteica. Evita o envelhecimento precoce,

unhas quebradiças e a fragilidade muscular. Recomendado para o aumento da massa muscular, melhor desempenho físico e pleno vigor.

APRESENTAÇÃO: Frasco plástico com 60 e 180 cápsulas.

Registro M.S. nº 4.9020.0006.01.1
Certificado de Marca nº 790.249.910



SPIN® - CENTAUREA MINUS. QUALITY, Spirulina Food Grad Blue-Green, Algagilton® Emagrecimento com saúde sem rascos necessários. SPIN® é um micro alga moderna cientificamente completa como suplemento alimentar e igualada com qualquer outro alimento.

SPIN® é uma forma moderna de manter-se fisicamente bem disposto, esbelto e dentro do peso ideal, proporcionalmente a idade e altura. SPIN® é uma dieta introduzida recentemente nos mais desenvolvidos países do mundo com total êxito.

APRESENTAÇÃO: Frasco com 100 Cápsulas.
Registro M.S. nº 2.0987.0025
Certificado de Marca nº 814.247.911.



LEVEDO DE CERVEJA GILTON® - Fonte natural de todas as vitaminas do Complexo B, de Sais Minerais e de Aminoácidos, inclusive com a garantia de moderna técnica de fabricação Européia.

Usado nos tratamentos de pele, de perturbações nervosas e do intestino.

Levedo de Cerveja Gilton® é fonte natural de saúde.

APRESENTAÇÃO: Frasco com 100 comprimidos.

Registro M.S. nº 2.500.0074.689
Certificado de Marca nº 813.342.414

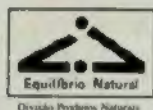


JURUBEBA ATIBAIA (EXTRA FORTE) Elaborado de planta medicinal previamente selecionada. Tônico geral. Estimula a normalização das funções digestivas, regularizando a atividade do fígado, estômago, vesícula e os intestinos.

É ideal para a recuperação geral e aumento de vitalidade.

APRESENTAÇÃO: Vidro com 300ml.
Registro M.S. nº 12.804.457

Certificado de Marca nº 078.213.556.



Equilíbrio Natural



Divisão Produtos Naturais



Kamé
Símbolo Longa Vida

MANTENHA SUA SAÚDE NATURAL.

PRODUTOS ISENTOS DE AÇÚCAR E ADITIVOS - SUGAR FREE, OS PRODUTOS ACIMA SÃO FABRICADOS PELA GILTON DO BRASIL INDÚSTRIA QUÍMICA E FARMACÉUTICA LTDA, PELA SUA DIVISÃO DE PRODUTOS NATURAIS E TAMBÉM PELA CENTAUREA MINUS LTDA - QUALITY. OS PRODUTOS SÃO ENCONTRADOS NAS MELHORES FARMÁCIAS DO BRASIL. EM SÃO PAULO: DROGARIA DO ONOFRE, DROGARIA DA SE, REDES DROGASIL S/A E DROGÃO. SE DESEJAR RECEBER FOLHETO COM MAIORES EXPLICAÇÕES DO PRODUTO, ESCREVA PARA: GILTON DO BRASIL INDÚSTRIA QUÍMICA E FARMACÉUTICA LTDA, RUA CLÁUDIO FURQUIM, 21/24 - CEP 03072 - SÃO PAULO - SP.